



PUC RIO

GLÓRIA SEDDON

A ÉTICA DA ERÓTICA

DISEERTAÇÃO DE MESTRADO

Departamento de Psicologia

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, 30 de março de 1991.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
<http://www.puc-rio.br>

N. Chamada: 150 / S447 / TESE UC

Título: A ética da erotica /



0 0 5 1 0 6 5

Ex 1-CENTRAL

1658

GLORIA GEORGINA SEDDON

A ÉTICA DA ERÓTICA

Dissertação de mestrado apresentada
ao Departamento de Psicologia da
Pontifícia Universidade Católica do
Rio de Janeiro, como parte dos requi-
sitos necessários para a obtenção do
título de Mestre em Psicologia

Orientadora: DRA. CIRCE NAVARRO VITAL BRAZIL

Departamento de Psicologia

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 30 de março de 1991

A Georgina Renau e Juan Seddon, que me ensinaram, com amor, a andar pelos caminhos criativos e não convencionais da vida.

A André Seddon Markwald e a Pablo Seddon Markwald, porque sua sensibilidade, amor e inteligência são o atual estímulo para recriar e amadurecer.

Agradecimentos.

À professora Doutora Circe Navarro Vital Brazil que, com sua confiança, respeito, sabedoria e carinho, tanto me ajudou neste trabalho;

aos professores do Mestrado do Departamento de Psicologia da PUC pela grande colaboração;

a CAPES e ao CNPq, pela ajuda econômica durante o curso;

o Eduardo Mascarenhas, pelo empurrão inicial; o Antônio Quinet, pelo troço permanente e o Eduardo Vidal pelo estimulante leitura final;

aos entrevistados pela valiosa contribuição;

aos meus alunos do CEPDOP-USU, pela instigação intelectual;

aos meus pacientes pela troca rica e permanente;

aos meus amigos, sem cujo carinho, estímulo e ajuda, não teria sido possível a realização deste trabalho: Ricardo Vieiralves, Cláudia Carvalho, Sylvia Lucano, Alberto Sprecher, Elsa e Alberto Goldín, Paulo Próspero, Felisa González, João Moura, Suelly Anderson, Gregório Barembliitt, Norma Nogueira, Homero Dias, José Cebej, Rosa Araújo e Renato Dória.

RESUMO

Ouvindo uma sugestão de Lacan e um antigo desejo nosso, empreendemos uma viagem pelos obscuros caminhos da erótica, ainda tão inexplorados, desde uma perspectiva psicanalítica freudiana e lacaniana.

A erótica foi colocada por Freud no âmago da vida psíquica. É o ser humano próximo ao bebê, numa relação erótica com ele, que marcará para sempre seu psiquismo. O encontro mítico do bebê com o outro, que Freud denomina "das Ding", vai reger todos os encaminhamentos posteriores do desejo.

O ser humano correrá a vida toda atrás de um objeto que lhe lembre aquele que lhe proporcionou o gozo primevo característico do primeiro encontro.

Mas esta busca será em vão. Esse objeto está perdido para sempre pela intervenção da Lei, que introduz a frustração do desejo e a dimensão ética no ser humano. A consequência será o eterno mal-estar, fruto da civilização.

Na realidade, os encontros com o próximo, estarão fadados a serem incompletos, pela natureza dividida do ser humano já que, segundo Freud e Lacan a relação sexual é impossível e o amor é sempre impotente.

O homem parte então, à procura de soluções que sirvam de remédio para seu mal-estar. As soluções que encontra podem estar dentro de uma perspectiva da ética do caráter aristotélica, que se detém frente às exigências da sociedade; da ética do prazer freudiana, que se detém perante o sofrimento ao próximo; ou da ética do desejo- da busca do desejo inconsciente- apresentada por Lacan, que transgride a lei, indo de encontro ao gozo com esse

próximo, em quem se vivencia o "das Ding", se defrontando com seu próprio mal. O mal que habita o ser humano.

A erótica está permeada por uma ética e se expressa através de uma estética própria. Ao longo da evolução da erótica observamos diferentes eróticas permeadas por diferentes éticas e expressadas através de diversas estéticas. Detivemo-nos em particular na erótica ocidental burguesa do casamento monogâmico e na erótica contemporânea. A primeira está cheia de promessas ilusórias de bens e de belezas que funcionam como barreiras para o acesso ao gozo. A erótica contemporânea, consequência de dois fluxos de mudanças, -o individualismo e a liberação sexual da mulher- apresenta um elemento que já é expressão da mudança, o nível da erótica, produzida nos últimos tempos: a incorporação do amor-paixão no casamento. A erótica contemporânea está guiada pela ética do desejo e diz respeito ao homem e à mulher -um novo fato na história da erótica. Suas manifestações estéticas são infinitas e fazem parte da ordem do cinismo ou da tragédia. Todos dois transgridem a Lei, como é próprio da erótica, isto é, ir além da Lei.

Concluimos que esta erótica, representa uma resposta de alto nível ao mal-estar, não de fulano ou de sicrano, como diz Lacan, mas da civilização, porque vai até o fundo das paixões humanas à procura dos desejos inconscientes, sem se deixar inibir pelas barreiras do Bem e da Beleza.

Por um lado, por meio da "Verleugnung", que é a renegação da realidade, o desejo, se defrontando com a morte, à procura de Outra Coisa, transgride a Lei. Por outro lado, através do processo da "Verdichtung", que é o de produção poética o nível da obra prima, o desejo produz novas significações, que implicam numa resposta criativa ao mal-estar.

ABSTRACT.

Responding to a suggestion from Lacan and following an old wish of my own, I set off on a journey through the obscured paths of erotics, still almost unexplored according to a freudian and lacanian psychoanalytic perspective.

Erotics was placed by Freud at the core of psychic life. It is human being close to the baby, in an erotic relationship which shall permanently impress human psychism. The mytic encounter between the baby and this other person, that Freud designates "das Ding", shall rule all paths of the desire later on in life.

The human being shall always seek an object capable of recalling this which offered him the primeval orgasm characteristic of the first encounter.

But this search shall be in vain. This object is forever lost, through the intervention of Law, which introduces the frustration of desire and the dimension of ethics in the human being. Its outcome will be an eternal malaise, fruit of civilization.

The encounters with fellow creatures in reality are doomed to be incomplete given the divided nature of the human being, since according to

Freud and Lacan, sexual relationship is impossible, and love is always impotent.

The human being sets off in search of solutions that can heal his discomfort. The solutions found may follow an aristotelian perspective of ethics, of the character that holds itself before the requirements of society; or that of freudian pleasure, where the individual refrains in face of the other's suffering; or yet that of the ethics of desire, the search for unconscious desire, presented by Lacan, which transgresses the Law pursuing orgasm with one's fellow, in whom one lives "das Ding", confronting its own evil, which actually lies in all human beings.

Erotics is permeated by an ethic and is expressed through its own aesthetic. During evolution of erotics we observe different erotics, permeated by different ethics and expressed through various aesthetics. I have concentrated particularly on western bourgeois erotics of the monogamic marriage and on contemporary erotics. The former is full of misleading promisses of objects and beauty, which work as barriers to orgasm.

Contemporary erotics, a result of two trends of changes- individualism and women's sexual liberation- presents an element, which is a turning point in erotics recently: The incorporation of love-passion in marriage.

Contemporary erotics, transposed by the ethic of desire and refers to man and woman -a new fact in the history of erotics. Its aesthetic manifestations are infinite, and belong to the realm of either cynism or tragedy. Both break the Law, as is with erotics, that goes beyond the Law.

I conclude that this erotic represents a high level answer to malaise , not of Dick or Tom, as says Lacan, but of civilization , because it runs to the depths of human passion in search of unconscious desires, without letting itself be refrained by the barriers of Good and Beauty.

On one hand , through 'Verleugnung', which is the denial of reality, the desire facing death, pursuing the Other Thing, transgresses the law. On the other side , through the process of 'Verdichtung', -which is that of poetic production on a masterpiece level-- the desire acquires new meanings, which lead to creative response, to malady.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1. A ERÓTICA NA ORIGEM DA ÉTICA.....	6
1.1.0 surgimento do ser ético.....	6
1.2.0 surgimento do ser desejante.....	22
1.3.0 surgimento do ser pulsional.....	23
1.4.0 surgimento do ser sexuado.....	24
1.5.0 surgimento do ser falante.....	24
1.6.A dimensão intersubjetiva.....	25
1.7.Conclusões.....	38
CAPÍTULO 2.A VIDA ERÓTICA E SEU MAL-ESTAR.....	39
2.1.Introdução.....	39
2.2.Troca dos corpos.....	40
2.2.1.o perverso polimorfo.....	40
2.2.2.a bissexualidade.O ideal d'OHomem e d'A Mulher.....	45
2.2.3.Os caracteres sexuais e os traços da pulsão de Morte.....	49
2.2.4.O Homem e a Mulher como significantes.....	53
2.2.5.O mito da existência da relação sexual.....	54
2.3.Da troca dos corpos `a troca pela palavra. Corrente sensual e afetiva.Amor-Eros e Amor-Paixão.....	60
2.3.1.Corrente de ternura: O Amor.....	69
2.3.2.o narcisismo do amor.....	71
2.3.3.A troca pela palavra.....	74
2.4. O registro do imaginário e do simbólico na intersubjetividade.....	74
2.5. Intersubjetividade entre o "homem" e a "mulher".....	80

2.5.1. Posição de segundo grau na ordem simbólica da mulher em relação ao homem. A posição da mulher é conflitual e sem saída.....	84
2.5.2. A situação sem saída?.....	90
CAPÍTULO 3. A ÉTICA.....	90
3.1. Do desejo, da Lei e do Gozo. Freud e o mal-estar do desejo na civilização.....	90
3.1.1. Função da ética: terapêutica.....	91
3.1.2. A procura da felicidade.....	92
3.1.3. O mito freudiano sobre o surgimento da Lei, do desejo e da ética.....	96
3.1.4. O desejo surge da interdição ao gozo.....	100
3.1.5. O mínimo de satisfação direta.....	102
3.1.6. Da repressão ao recalçamento.....	103
3.1.7. Conflito ético e "ética selvagem".....	107
3.2. As diferentes perspectivas éticas: Ética do caráter. Ética do prazer. Ética do desejo.....	111
3.2.1. A primeira virada no campo da ética: De Aristóteles a Freud.....	111
3.2.2. A virada de Lacan a Sade.....	122
CAPÍTULO 4. A ERÓTICA: Ética e Estética.....	131
4.1. A Erótica.....	131
4.2. A Ética da Erótica.	
O aspecto económico. O aspecto quantitativo.....	131
4.2.1. A Lei estruturante do ser humano.....	136

4.2.2.A Lei do respeito ao Princípio de Realidade.....	139
4.2.3.Lei da transgressão da Lei.Sade. Lacan.....	141
4.3.A Estética da Erótica.....	142
4.3.1.O início mítico da erótica.No centro:das "Ding".....	147
4.3.2.A Verdade.Barragem imposta pela espécie humana.....	149
4.3.3.As neuroses.A "Verdrangung". A "Verneinung". O discurso dis-corrente.....	152
4.3.4.Formas imaginárias que a sociedade oferece para aliviar o mal-estar. As falsas ilusões. As "neuroses" sociais.....	162
4.3.5.A barragem dos bens.O Amor-Agape.....	165
4.3.6.A retenção na barreira do belo:a esté- tica.O Amor-paixão.....	172
4.3.7.O Amor-Eros.O Amor-Sensual.A barreira da sexualidade exacerbada. A via das transgressões aceitas pelo sistema. A ilusão de tê-las todas.....	181
4.4.Conclusões.....	183
CAPÍTULO 5.A EVOLUÇÃO DA ERÓTICA.A ERÓTICA CONTEMPORÂNEA.....	185
5.1.Introdução.....	185
5.2.A Erótica contemporânea.....	189
5.2.1.A individualismo e o questionamento da posição assimétrica da mulher.....	189
5.2.2.A ilusão do Amor-Paixão e do Amor-Eros ingressando no casamento.190	
5.2.3. No Brasil.O modelo importado.....	191

5.3. O jogo de sedução e conquista.....	192
5.3.1. O jogo de poder	192
5.3.2. O jogo de adivinhação e saber	194
5.3.3. A sedução.O sedutor.O seduzido.O que seduz.....	195
5.3.4. O namoro tradicional no Brasil.....	198
5.3.5. O namoro dos anos 60.....	201
5.3.6. O cortejo dos dias de hoje: a cantada dos anos 80.....	202
5.4. O relacionamento.....	215
5.4.1.O companheirismo dos anos 60.....	215
5.4.2.Anos 80.A nova estética:a queda do companheirismo.....	218
5.5.As técnicas eróticas contemporâneas.....	222
5.5.1.Desejo de duração da relação:Projetos.....	223
5.5.2.Duração de fato, da relação:Stabilitas.Separação.....	225
5.5.3.Distribuição do tempo com o parceiro.....	226
5.5.4.Espaço físico. a questão da coabitação.....	230
5.5.5.Espaço sexual.Poligamia.Monogamia.Dupla Moral.....	234
5.5.6.Espaço Psíquico.Franqueza vs.Mentira.....	253
5.5.7.Conclusões.....	260
CONCLUSÕES.....	265
BIBLIOGRAFIA.....	278

INTRODUÇÃO

Uma indagação guiou nosso trabalho: Poderia-se falar de uma ética e de uma estética da erótica contemporânea?

Vários autores, entre eles sociólogos, historiadores, romancistas, tem questionado a erótica contemporânea, que segundo eles, não possuiria nem ética -- seria amoral e antiético--, nem estética --não possuiria as virtudes estéticas, por exemplo, do amor cortês. Estes autores qualificam alguns comportamentos que consideram próprios da vida erótica contemporânea --o descompromisso, o cinismo, a promiscuidade, a destruição da família--, como formas degradadas em relação a uma vida erótica considerada como normal e a favor da comunidade.

Empreendemos este trabalho, não como educadores -para educar-, nem como religiosos -para guiar espiritualmente-, nem como juizes -para julgar-, e menos ainda como policiais -para castigar. Empreendemos nossa viagem como psicanalistas, orientados em nossa busca pela ética da psicanálise.

Segundo Lacan, "a dimensão da pastoral nunca está ausente da civilização e nunca deixa de se oferecer como um recurso a seu mal-estar", mas algo resiste a ser assimilado a essa dimensão, segundo o autor, e é disso que trata a ética da psicanálise. (Lacan,59-60,113). A questão da erótica, propriamente dita, tem sido pouco explorada pela psicanálise.

Se interroga Lacan:

"Por que a análise, que forneceu uma mudança de perspectiva tão importante sobre o amor, colocando-o no centro da experiência ética, que forneceu uma denotação

original, certamente distinta do modo pelo qual o amor até então fora situado pelos moralistas e pelos filósofos na economia da relação inter-humana, por que a análise não foi mais longe no sentido da investigação daquilo que deveremos chamar, propriamente falando, de uma erótica? Isto é coisa que merece reflexão." (Lacan, 1959-60, 18).

Seguindo um antigo desejo nosso, que por acaso coincide com a sugestão de Lacan, nos propomos refletir dentro da vida erótica, sobre o que se chama a erótica propriamente dita.

Partimos da hipótese de que toda erótica possui uma ética e uma estética, e que ambas cumprem uma função da ordem da ética. A ética e a estética de cada erótica, são próprias de cada época e lugar, mesmo que a sua função se mantenha a mesma: "Deveremos talvez fazer o luto de toda e qualquer inovação efetiva no âmbito da ética." (Lacan, 59-60, 25).

Em relação à evolução da erótica, sugere Lacan, deter-se nela:

"Temos que explorar o que o ser humano, ao longo dos tempos, foi capaz de elaborar que transgredisse essa Lei, colocando-o numa relação com o desejo que ultrapassasse esse vínculo de interdição, e introduzisse, por cima da moral, uma erótica." (Lacan, Sem 7, 106).

Escolhemos a erótica contemporânea, para demonstrar nossa hipótese de que toda erótica possuiria uma ética e uma estética, que frente a uma análise superficial, não os possuiria.

Para atingir nosso objetivo, nos propomos fazer uma análise, desde o ponto de vista psicanalítico, de como se organiza a erótica contemporânea, isto

é, qual é o ético que o rege e quais são suas manifestações estéticas. A análise da erótica contemporânea, também não tem sido muito estudada pela psicanálise. Lacan, no seu Livro 7, sugere estudar as seguintes questões, que não poderão ser abordadas por ele, nesse Seminário:

"Alguma coisa deverá permanecer aberta no que se refere ao ponto que ocupamos na evolução da erótica e ao tratamento a fornecer, não mais a fulano ou a sicrano, mas à civilização e a seu malestar." (Lacan, 59-60, 25).

O talvez de Lacan abre um ponto, por onde nos enveredamos. Fazemos este trabalho com a convicção, de que como diz Lacan "quanto mais próximos estamos da Psicanálise divertida, mais se trata da verdadeira Psicanálise. (Lacan, 53-54, 94). E para isto, recorreremos a entrevistas, realizadas por nós.

No primeiro capítulo abordamos o surgimento do ser humano, como sendo em sua essência, um ser ético. O ser humano se constitui como tal, a partir da vida erótica, num encontro mítico com um outro --próximo--, que vai lhe proporcionar o gozo primevo, que se perde para sempre: o que Freud denomina o "das Ding" ou o "objeto perdido".

No segundo capítulo tratamos do mal-estar devido a que, tanto a nível do corpo -das pulsões-, quanto da palavra -da demanda-, o ser humano se vê impossibilitado de achar o "objeto perdido". Ainda neste capítulo nos detemos na relação entre o homem e a mulher, concluindo com a impossibilidade da relação sexual.

No terceiro capítulo, desenvolvemos os caminhos éticos, que o ser humano, desde sua incompletude, empreende na busca do seu "objeto perdido" na realidade externa. Num primeiro momento, vemos como se desenvolve a instância moral dentro de si; num segundo momento, analisamos as diferentes perspectivas éticas, num percurso indicado por Lacan, e que não pretende exaurir a questão da Ética, que é um grande capítulo da Filosofia. Assim, partindo de Aristóteles, passamos por Freud, e chegamos à visão de Lacan, que se apóia para explicar seu ponto de vista em Kant.

No quarto capítulo, abordamos a questão de como a erótica, vem substituir, vem dar um tratamento a esse mal-estar, produto da impossibilidade sexual. A erótica, se põe a circular através de estruturas ficcionais do desejo --nível da estética--, este desejo, guiado por uma determinada ética. A função da erótica é da ordem ética, porque está em permanente contato com a Lei, e com o "das Ding" --que se faz presente pela Lei--, com o objetivo de remediar o mal-estar, produto da impossibilidade da relação sexual. Esta é uma função da ordem da ética. Tanto a ética quanto a estética cumprem a mesma função: demorar o objetivo de se fundir no "das Ding", para sempre, isto é, evitar que o encontro com o gozo primevo, seja total e definitivo. A erótica, cumpre sua função transgredindo a Lei. Nos detemos nos diferentes níveis de erótica pelos que o ser humano se passaria: os da ordem da espécie, os da ordem das exigências sociais, os da ordem das doenças--neuroses--, que estão todas regidos pela ética aristotélica ou do prazer.

No último capítulo, analisamos a erótica guiada pelos desejos inconscientes, que é mais freqüente em sociedades mais liberais

sexualmente. Estudamos , então a erótica contemporânea com suas formas estéticas próprias e com sua ética do desejo.

Concluimos finalmente, que existe uma ética da erótica , como assim também uma estética . Elas são produto de uma época e local determinado, mas sempre cumprem a mesma função de tentar sarar o "dano", a "falta", o que o ser humano está condenado, tentando por meio da transgressão da lei, transformá-lo em sua "dama", como brinca Lacan.

CAPÍTULO I. A ERÓTICA NA ORIGEM DA ÉTICA.

1.1. Introdução.

Freud se interessa desde os primeiros escritos pela questão da ética do ser humano, construindo modelos hipotéticos para dar conta do funcionamento do aparelho psíquico, isto é da sua estrutura fundamental.

O que diferenciaria radicalmente o funcionamento mental do ser humano do funcionamento animal? A cada momento da obra freudiana, nos deparamos com uma luta titânica do autor para estabelecer conceitos que dêem conta das causas do alto desenvolvimento humano -de sua ética- e das causas do mal-estar próprio da civilização -traduzido em neuroses, guerras etc.

Como sugere Lacan: "Freud ...partiu de uma intuição central, que é da ordem ética."(Lacan,"Semin.7", 59-60, 51). E nesta via nos encaminhamos para a erótica.

Como primeira aproximação, podemos dizer que as relações do ser humano com o real é o que denominamos de ética. Que real é esse com o que se relaciona o ser humano? Evidentemente, o dos seus semelhantes. Nos diz Freud:

"O superego cultural desenvolveu seus ideais e estabeleceu suas exigências. Entre estas, aquelas que tratam das relações dos seres humanos uns com os outros estão abrangidas sob o título de ética". (Freud,"Mal-estar na civilização",1930,167).

A ética se refere à forma pela qual se regulam os relacionamentos mútuos entre os homens de um modo geral, incluindo os relacionamentos com o próximo como objeto sexual.

Mas é evidente que o conflito do ser humano é fundamentalmente consigo próprio, o que não invalida a afirmação de Freud. O outro, o semelhante, ou melhor dizendo, "uma outra pessoa pré-histórica, inesquecível, que nunca é

igualada por nenhuma outra posterior" (Freud.S, "Carta 52" a Fliess, 1896, 324), ou o Outro como o denomina Lacan, o constitui em sua dialética intersubjetiva fundamental.

Isto é, o centro da experiência ética gira como bem o diz Freud, em torno de outro pré-histórico. O campo de batalha se trava no psiquismo do indivíduo.

Trata-se de um conflito que diz respeito a exigências originadas em instâncias intrapsíquicas diferentes, ou melhor, entre processos psíquicos diferentes.

O conflito, justificado às vezes pela existência de algum mandamento, "encontra-se no centro de uma interrogação, ela mesma universal." (Lacan, op.cit., 17). Este conflito é o que aparece de forma mais evidente no neurótico obsessivo.

Lacan nos diz :

"Contrariamente ao que é admitido, acredito que a oposição entre o princípio do prazer e o princípio de realidade, a do processo primário e do processo secundário sejam menos da ordem da psicologia do que da ordem da experiência ética propriamente falando.

...O conflito se encontra aí em primeiro plano e ...desde o início o conflito é, vamos dizê-lo, massivamente de ordem moral." (Lacan, op.cit., 49).

Lacan considera que mesmo os idealistas que questionaram a realidade, já que sua medida seria dada pelo ser humano, ficaram numa posição confortável, se comparados a Freud. "Nenhuma filosofia, até então, levou as coisas tão longe nesse sentido" (Lacan, op. cit., 43).

"O conflito é introduzido aqui na base, na origem mesmo de um organismo que parece, afinal, vamos dizê-lo, sobretudo destinado a viver. Nunca ninguém, nunca nenhum sistema de reconstituição

da ação humana fora tão longe na acentuação desse caráter fundamentalmente conflituoso. Nenhum sistema levava mais longe a explicação a ser dada do organismo no sentido de uma inadequação radical, na medida em que o desdobramento dos sistemas é efetuado para ir contra a profunda inadequação de um dos dois." (Lacan, op. cit., 40).

Lacan se refere à realidade como sendo precária, na medida em que o acesso a ela é parcial. Desta forma, qualquer moral provinda da realidade se tornará tirânica para o sujeito. Existe uma defesa primária, constituinte do ser humano, que coloca para fora do mundo significativo, uma parte insuportável da realidade.

Freud imagina uma situação mítica de gênese desse aparelho, no projeto de uma psicologia para neurologistas, no capítulo 7 da "Interpretação dos sonhos" (1900) e em muitos outros trabalhos. Acompanharemos estas construções.

Freud imagina um aparelho psíquico, que se encontra necessariamente ligado à realidade externa. Sua primeira estrutura parecia-se com a de um arco reflexo:

"...qualquer excitação sensorial a chocar-se com ele podia ser prontamente descarregada ao longo de uma via motora." (Freud, "Interpretação dos sonhos", 1900, 602).

O teorema principal do aparelho psíquico consiste em que a função primordial do aparelho psíquico é manter o mesmo livre de quantidades, ou tensões. O princípio que rege o aparelho é o Princípio de Inércia neurônica e consiste em que "os neurônios tendem a se desfazer de Q". Mais tarde, vai denominar este

princípio como de Prazer, já que quando o aparelho consegue se livrar de estímulos, se encontra numa situação prazerosa.

Se o princípio que rege o aparelho psíquico é se ver livre de tensões, a relação do ser humano com "a realidade externa" será conflitiva desde o nascimento já que não nasce pronto para satisfazer suas necessidades instintivamente nela, e, por conseguinte, vai sofrer excitações desde um primeiro momento das quais não poderá se ver livre imediatamente. Desde o início, então, o ser humano padece de uma situação insuportável, acima de suas possibilidades. Todo ser humano sofre de uma perda de "realidade" ou de "real". O aparelho psíquico humano tenta se defender do mundo externo, sendo que o sucesso nunca será total.

O psiquismo do neném consegue desvencilhar-se com certa facilidade dos estímulos provindos do mundo externo, por meio do mecanismo de fuga, mecanismo primitivo, de afastamento do perigo. Já frente ao afluxo incessante e inevitável das "exigências da vida" (Not des Lebens), provindas do mundo interno (Qn), ele se vê obrigado a inventar novas e mais engenhosas soluções. Os estímulos endógenos criam as grandes necessidades que são a fome, a respiração e a sexualidade, e que exigem uma satisfação.

"Imaginemo-nos na situação de um organismo vivo quase inteiramente inerte, até então sem orientação no mundo, que esteja recebendo estímulos em sua substância nervosa. Esse organismo muito em breve estará em condições de fazer uma primeira distinção e uma primeira orientação. "(Freud, "Os instintos e suas vicissitudes", 1915 a, 139).

O desamparo em que o filhote humano nasce , isto é, a passividade em que se encontra , o deixa na dependência dos outros seres humanos para realizar a ação específica , isto é, a atividade que satisfará as exigências da vida.

A sexualidade precoce, o interesse sexual pelo outro, deve-se à dependência decorrente da situação biológica de desamparo inicial à qual está condenado o ser humano ao nascer.

Para ele se tornar um indivíduo desejante, sexualizado , falante e ético , com uma subjetividade própria, não basta apenas uma maturação do sistema nervoso , mas é necessária a mágica presença de um outro , um semelhante - "Nebenmensch"- a mãe, que, inserido no universo simbólico humano , lhe abra as portas ao mesmo.

Mesmo quando é um outro quem suprirá essas exigências, o sistema nervoso deve aprender a lidar com uma quantidade de tensão suficiente, "o enchimento dos neurônios nucleares em psi" , que levará à descarga motora. "Foi, efetivamente , dessa última obrigação que , devido às exigências da vida, surgiu a necessidade de um desenvolvimento biológico maior", já que, "sob a pressão das exigências da vida, o sistema nervoso se viu forçado a guardar uma reserva de Qn "(Freud ,"Projeto", 1895, 404 e 402), aumentando o número de neurônios. "Aqui Psi está à mercê de Q, e é assim que no interior do sistema surge o impulso que sustenta toda a atividade psíquica. Conhecemos essa força como vontade -o derivado das pulsões [Triebe] ". (Freud,op. cit. 1895,421).

Freud se refere também em outros momentos de sua obra às pulsões , como as propulsoras do desenvolvimento de psiquismo. Em 1915 afirma:

"Podemos portanto concluir que as pulsões , e não os estímulos externos, constituem as verdadeiras forças motrizes por detrás

dos progressos que conduziram o sistema nervoso , com sua capacidade ilimitada, a seu alto nível de desenvolvimento atual.”(Freud, op. cit., 1915 a ,140).

Se o grito adquire a função de comunicação é porque a criança já está inserida no circuito desejante da mãe. O grito torna-se , então uma mensagem para a mãe . A criança demanda atenção , amor . O desejo é posto a nível do verbal , na demanda:

“O organismo humano é, a princípio, incapaz de levar a cabo essa ação específica . Ela se efetua por meio de assistência lheia, quando a atenção de uma pessoa experiente é atraída para o estado em que se encontra a criança, mediante a condução da descarga pela via de alteração interna, por exemplo, pelo grito da criança. Essa via de descarga adquire assim a importantíssima função secundária da comunicação, e o desamparo inicial dos seres humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais”(Freud, op.cit.,1895,402) .

O próximo atraído pelo nenê desamparado , satisfaz as necessidades desta, se realizando a nível do organismo dele , uma primeira experiência de satisfação , que implica numa descarga de tensão interna.

Trata -se de uma experiência de prazer .A experiência de satisfação tem as conseqüências mais decisivas para o desenvolvimento das funções individuais.

“Um componente essencial desta ‘experiência de satisfação’ é uma percepção particular (a de nutrição , em nosso exemplo) cuja imagem mnemônica permanece associada , daí por diante , ao traço de memória da excitação produzida pela necessidade. Estabelece-

se, então, uma facilitação ("Bahnung") entre essas catexias e os neurônios nucleares." ... "Assim, a experiência de satisfação leva a uma facilitação (encadeamento) entre as duas imagens mnêmicas e os neurônios nucleares que ficaram catexizados durante o estado de urgência"(Freud, 1895, 422, e 424).

Esse primeiro traço, se refere, por um lado à lembrança do objeto que satisfaz a pulsão, produzindo um primeiro gozo inesquecível. Por outro lado, se refere à lembrança do estado de satisfação que produziu esse gozo, isto é, esse encontro mítico.

Surge assim o desejo, que é o impulso psíquico que vai ocupar o lugar que antes ocupavam as necessidades ou "exigências de vida", que ficam perdidas para sempre. Ele procura restabelecer a situação de satisfação original, através do caminho mais curto possível.

Esta ativação produz "algo idêntico a uma percepção -ou seja, uma alucinação". (Freud, "Projeto", 1895, 424).

O aparelho, por não poder discriminar ainda entre a percepção no mundo externo do objeto e a alucinação do objeto, põe em funcionamento a realização do ato motor reflexo, isto é, a sucção. A consequência será a decepção. A decepção se dá devido a que "...o objeto não é real, estando presente apenas como idéia imaginária."(Freud, 1895, 430)

Quando o sistema fica exposto a Q muito grandes, se rompem os dispositivos de tela em Fi e se produz a dor. A dor produz em Psi um aumento de nível que é sentido como desprazer em w. Há uma propensão à descarga e um

encadeamento entre a descarga (grito) e uma imagem mnêmica do objeto que acentua a dor . Diz Lacan a respeito:

"O objeto enquanto hostil , diz-nos Freud, só é sinalizado no nível da consciência na medida em que a dor faz o sujeito soltar um grito...O grito cumpre aí uma função de descarga no nível do qual algo do que ocorre pode ser pego e identificado na consciência do sujeito. Esse algo permaneceria obscuro e inconsciente se o grito não lhe viesse conferir , no que diz respeito `a consciência , o sinal que lhe confere seu valor, sua presença, sua estrutura- da mesma feita , com o desenvolvimento que lhe é conferido pelo fato de que os objetos mais importantes em questão para o sujeito humano são objetos falantes, que lhe permitirão ver, no discurso dos outros, revelarem-se os processos que habitam efetivamente seu inconsciente."(Lacan, op.cit.,1959-60, 45).

Se apreendemos o inconsciente na medida em que está articulado em palavras, conclui Lacan, é porque este tem uma estrutura de Linguagem.

Ao ser recatexizada a imagem mnêmica do objeto hostil, surge um estado, não de dor , mas de desprazer, e uma tendência `a descarga que vai levar `a dor . Já existiriam neurônios secretores , 'neurônios -chave' , que liberariam tensão desde o interior do corpo.

Os resíduos dos dois tipos de experiência são os afetos e estados de desejo.

"O estado de desejo causa uma espécie de atração positiva pelo objeto desejado, ou, mais precisamente , pela sua imagem mnêmica; a experiência de dor leva a uma repulsa , a uma aversão por manter a imagem mnêmica hostil. Eis aqui a atração de desejo

primária e a defesa [repúdio, "Verwerfung"] primária "(Freud "Projeto", 1895, 427).

Lacan, referindo-se à precariedade da realidade, diz que o processo que leva o homem para o real exige do homem inscrever-se primeiro em termos defesa, defesa esta necessária para o recalque poder se formular. (Lacan, Sem. 7, 43).

Estas primeiras experiências de satisfação e de dor, levam a uma divisão tanto a nível do ego primitivo, quanto do objeto que o satisfaz, num primeiro momento, para decepcioná-lo depois.

Freud postula um ego primitivo dividido em duas partes: uma porção permanente e uma porção variável, que é um complexo. Mas esta divisão do ego é simultânea a outra que ocorre a nível do objeto. O complexo do ser humano se divide em duas partes, das quais uma pode ser compreendida, julgada como atributo. Lacan esclarece que esta parte poderia ser julgada, por meio do sistema de representações primitivas ("Sache-Vorstellung"), regidas pelo princípio do prazer, isto é pelo fato de se produzir ou não prazer. A outra parte é "uma estrutura que persiste coerente como uma coisa" ["das Ding"]. (Freud, 1895, 438).

Lacan aponta para um erro na tradução: coerente por coesa. E acrescenta que o "das Ding" é o estranho ("Fremde") e até o hostil, por ser o primeiro exterior.

"O que chamamos coisas são resíduos que se esquivaram ao juízo." (Freud, 1895, 441)

Lacan acrescenta :

"Das Ding" é originariamente o que chamamos de o fora-do-significado. É em função desse fora-do-significado e de uma relação patética a ele, que o sujeito conserva sua distância e constitui-se num mundo de relação, de afeto primário, anterior a todo recalque."(Lacan, Sem. 7,59-60, 71).

"Das Ding" seria o primeiro estranho, como diz Freud na carta 52 a Fliess, "uma outra pessoa pré-histórica, inesquecível, que nunca é igualada por nenhuma outra posterior."(Freud, 1896,324).

Ao se produzir a primeira experiência de satisfação se produziu um "encontro" entre o ego e o objeto, que foi o primeiro "encontro" do ego com o real. O objeto que vem do real foi vivido pelo ego simultaneamente como sendo, em parte, como da ordem do gozo (satisfação da pulsão pelo objeto), e como tal, em parte, como da ordem do insuportável.

Alguma parte do real se perdeu, tanto a nível do objeto como do ego. Na procura por uma situação de prazer, se apresenta ao ego um outro ser humano. É nos seres humanos que o ser humano aprende a reconhecer, porque "um objeto semelhante foi, ao mesmo tempo, o primeiro objeto satisfatório [do sujeito], seu primeiro objeto hostil e também sua única força auxiliar".(Freud, "Projeto",1895, 438).

É por esse motivo que é em seus semelhantes que o ser humano aprende a (re)conhecer.

"Uma criança recém-nascida ainda não distingue o seu ego do mundo externo como fonte das sensações que fluem até ela ...Ela deve ficar fortemente impressionada pelo fato de certas fontes de excitação, que posteriormente identificará como sendo seus

próprios órgãos corporais , poderem provê-la de sensações a qualquer momento , ao passo que , de tempos em tempos , outras fontes lhe fogem- entre as quais se destaca a mais desejada de todas, o seio da mãe-, só reaparecendo como resultado de seus gritos de socorro. Desse modo, pela primeira vez , o ego é contrastado por um 'objeto' , sob a forma de algo que existe 'exteriormente' e que só é forçado a surgir através de uma ação especial."(Freud,"Mal-Estar",1930,84).

O ego , tenta lançar para fora tudo que possa vir a tornar-se fonte de desprazer e cria um puro ego em busca de prazer.

"Desse modo o ego se separa do mundo externo. Ou , numa expressão mais correta, originalmente o ego inclui tudo [ego de realidade original]; posteriormente, separa, de si mesmo, um mundo externo [ego de prazer]..." "Entretanto, algumas das coisas difíceis de serem abandonadas , por proporcionarem prazer, são, não ego, mas objeto, e certos sofrimentos que se procura extirpar mostram-se inseparáveis do ego, por causa de sua origem interna."(Freud,Mai-Estar, 85).

Em 1925, Freud, no artigo sobre a denegação , coloca que a função de julgamento é, num primeiro momento , de atribuição, da ordem do que dá prazer e do que não dá prazer, e num segundo momento , de existência na realidade:

"Expresso na linguagem dos mais antigos impulsos pulsionais-ou orais-o julgamento é: 'Gostaria de comer isso', ou 'gostaria de cuspi-lo fora'. Isso equivale dizer : 'Estará dentro de mim' ou 'estará fora de mim'. Como demonstrei em outro lugar, o ego-prazer original deseja introjetar para dentro de si tudo quanto é bom , e ejetar de si tudo quanto é mau. Aquilo que é mau , que é estranho ao ego, e aquilo que é externo , são, para começar , idênticos."(Freud,1925,297).

A outra espécie de decisão tomada pela função do julgamento quanto à existência real de algo, de que existe uma representação (teste de realidade) - é um interesse do ego - realidade definitivo, que se desenvolve a partir do ego-prazer inicial."(idem) ...Nos diz Freud que o objetivo do teste de realidade é:

"não encontrar na percepção real um objeto que corresponda ao representado, mas reencontrar tal objeto, convencer-se que ele está lá."(Freud, 1925,298), e "a pré-condição para o estabelecimento do teste de realidade consiste em que objetos, que outrora trouxeram satisfação real, tenham sido perdidos. Julgar é uma continuação, por toda a extensão das linhas da conveniência, do processo original através do qual o ego integra coisas ou as expelle de si, de acordo com o princípio do prazer."(Freud,"A negativa",297).

Hyppolite, no seu "Comentário falado sobre a *Verneinung* de Freud", aponta o que este artigo de Freud traz de interessante sobre o surgimento do juízo em suas origens, como mito:

"Me parece que para comprender su artículo, hay que considerar la negación del juicio atributivo y la negación del juicio de existencia como más acá de la negación en el momento en que aparece en su función simbólica. En el fondo, no hay todavía juicio en ese momento de emergência, hay un primer mito del fuera y del dentro."(in Lacan, "Escritos",863).

Haveria uma "Behajung", afirmação original que seria uma "simbolização primária", e uma "Ausstossung". Ambas as operações, a atração do desejo e a

defesa primária , constituem um primeiro processo de ingresso do sujeito ao registro simbólico, da Linguagem .

Na resposta a Jean Hyppolite , Lacan discute a terceira corrente que aparece no caso do Homem dos Lobos, dizendo que ela se limitou a rejeitar a castração , sem emitir julgamento algum sobre a sua realidade.

O expulso fica, então , fora de toda simbolização. Segundo Lacan, os significantes forcluídos não se encontram integrados no inconsciente do sujeito , e então podem voltar não do 'interior' do sujeito , mas do seio do real, do 'exterior.' Enquanto o recalque implica ter reconhecido alguma coisa como tendo existência real, para depois recalca-la, a rejeição implica na ausência de todo juízo de existência.

A primeira experiência de satisfação determina a entrada do sujeito numa intersubjetividade , que Freud , vai desenvolvendo nos diferentes modelos metapsicológicos. O primeiro traço ("Niederchrift") da experiência de satisfação implica , por um lado, uma inscrição simbólica e, por outro, numa expulsão para sempre , que vai funcionar como uma referência, uma orientação , como nos diz Freud , para o encadeamento ("Bahnungen") do desejo.

"Esse organismo por inteiro parece feito não para satisfazer a necessidade , mas para aluciná-la. Convém , portanto , que outro aparelho, que se oponha a ele , entre em jogo para exercer uma instância de realidade e se apresente, essencialmente , como um princípio de correção , de chamada `a ordem.'"(Lacan, Sem7,40).

É o processo secundário que vai permitir distinguir as novas percepções , do primeiro traço , a idéia imaginária , como o denomina Freud, que coincide com o primeiro traço da primeira experiência de satisfação.

O aparelho, ao encontrar-se num novo estado de desejo, recatexiza em primeiro lugar a marca da experiência de satisfação e a hostil, para poder distinguir a percepção da idéia, produzindo então uma inibição da liberação de desprazer.

Os processos psíquicos primários trabalham com a alucinação e podem levar o aparelho ao esgotamento da defesa por excesso de produção de desprazer. Os processos que se tornam possíveis mediante uma boa catexia do ego e que representam versões atenuadas dos mencionados processos primários são os processos secundários.

Os estados de 'atração de desejo' e de propensão à repressão indicam que em Psi se estabeleceu uma organização, que se chama 'ego' a partir dos neurônios Psi nucleares, devido a uma permanente catexização ou encadeamento. Lacan, se refere ao ego como "um sistema investido uniformemente" (Lacan, Sem.7, 59-60, 65).

Freud diz no "Projeto", que o ego corresponde ao portador da reserva requerido pela função secundária.

Lacan acrescenta que esse investimento ("Besetzung") caracteriza a função reguladora que o ego desempenha. Contrariamente aos trilhamentos, que são regidos pelo princípio de prazer e que tem uma tendência à descarga, o ego tem uma função de reserva, de regulação de quantidades. O ego, como parte do sistema Psi nuclear é basicamente inconsciente a não ser pela sua ligação com o sistema w.

A consciência possibilita a percepção de uma ampla gama de qualidades cuja diferença é possível em função de suas relações com o mundo externo.

Além da série de qualidades sensoriais, encontra-se na consciência a série de sensações prazer-desprazer, que Freud identifica com a tendência primária à inércia, o desprazer coincidindo com um aumento de Qn (quantidade interna ou

urgência) e o prazer coincidindo com uma descarga de tensão. Como o sistema W e Psi funcionam como vasos comunicantes, os processos quantitativos ocorridos em Psi alcançariam a consciência como qualidades. Se houvesse uma extinção da catexia, se produziria a indiferença. Os neurônios Psi também possuem período de movimento, mas este é monótono. Os desvios de período em Psi se traduzem como qualidades diferentes em Psi.

Em 1896 na carta 52 a Fliess, Freud postula um aparelho neurônico em que o que há de mais arcaico inconsciente na estratificação de registros psicológicos se situa a nível de estrutura entre a percepção ("Wahrnehmung") e a consciência ("Bewusstsein"):

Perc-Primeiro traço de percepção-Inconsciência-pré-consciência-consciência.(Freud, 1896, 317).

A impressão do mundo chega ao aparelho neurônico como um traço de inscrição ("Niederschrift"), como um signo da ordem da escrita.

Diz Lacan:

"...é na medida em que a estrutura significativa interpõe-se entre a percepção e a consciência que o inconsciente intervém, que o princípio do prazer intervém, não mais enquanto "Gleichbesetzung" -função da manutenção de um certo investimento- mas na medida em que ela concerne as "Bahnung"-trilhamentos. A estrutura da experiência acumulada reside aí e permanece escrita".(Lacan, Sem.7, 67).

Como propõe Freud na referida carta, houve uma tradução de um registro para o outro. De quantidades provindas do mundo externo, passa a haver inscrições.

Lacan aponta para o fato de que a tradução de "Bahnung" não seria bem facilitação, mas trilhamento, encadeamento, cadeia, constituição de uma via

de continuidade, articulação, e a aproxima do seu conceito de cadeia de significantes. Lacan nos chama a atenção para o fato de que Freud "diz que a evolução do aparelho Psi substitui a quantidade simples pela quantidade mais a "Bahnung", ou seja, a sua articulação".(Lacan,59-60,53). Desse modo, a quantidade em Fi se expressa por complexidade em Psi. Os trilhamentos ("Bahnung") são regulados pelo Princípio do Prazer , que é um princípio de Inércia , isto é, uma tendência `a descarga.

A organização do aparelho vai permitindo que ele emita , cada vez mais, respostas mais bem organizadas -ações-específicas- que se produzem apenas frente `a percepção de objeto que possa satisfazer `as necessidades , como a fome. Mas o aparelho vai guiar seu desejo, guiado pelo primeiro gozo.

O processo secundário está aí para ajudar ao processo primário a atingir melhor suas metas , não fugindo do desprazer , mas elaborando situações que lhe permitam lidar melhor com a realidade.

O sujeito se funda como tal , marcado pela exclusão de uma parte da realidade para fora de si , expulsão esta que, por sua vez, orienta todos os posteriores trilhamentos.

Existem outras tentativas de Freud de explicar a constituição do ser humano , na mesma linha que a do "Projeto". Em todas, existe uma exclusão para fora - "verwerfung" original, expulsão, ou, nas palavras de Lacan, "forclusion" . O "das Ding", nas palavras de Lacan, é uma parte do real primordial, tanto o real do sujeito , quanto o real com que ele lida , que a partir desse momento passam a padecer do significante.(Lacan,"Ética", 1959-60,149).

É o que fica fora da possibilidade do juízo ou do pensamento. No modelo apresentado no "Projeto" , o que é posto' para fora' do juízo , é o encontro, da pulsão com o objeto (o semelhante, "Nebenmensch"), que produz um gozo

primordial , que é o que Freud denomina "das Ding". O "das Ding" é a condição para o recalque , isto é, a instituição de um inconsciente estruturado como uma linguagem .A partir do "das Ding" , se instaura o desejo inconsciente , encadeado ("Bahnungen") a esse primeiro 'fora-do juízo'. E o "das Ding" levou consigo pedaços do ego real originário e pedaços do complexo do semelhante, e a partir desse momento vai orientar o desejo a ele amarrado para sempre , vai referenciá-lo , para esse real interiorizado , para esse exterior-interno , que se encontra no centro do sujeito , e que é um vazio que atrai , que faz com que o ser humano esteja referenciado mais para "atrás" e para o real de "dentro" do que para a realidade "externa". Funciona como um abismo, um redemoinho. O desejo trabalha regressivamente, voltando, repetidamente, pela compulsão à repetição, a esse "das Ding" , que funciona como uma referência que orienta a cadeia ("Bahnung") de pensamento do desejo inconsciente.

1.2.0 surgimento do ser desejante.

No texto sobre a "Interpretação dos sonhos" de 1900, o perdido para sempre seria a primeira experiência de satisfação, situação de satisfação original. Na sua ausência, uma "imagem mnemônica permanece associada , daí por diante , ao traço de memória da excitação produzida pela necessidade".

O desejo é um impulso que, cada vez que a necessidade (fome) despertar, vai tentar, antes de qualquer coisa restabelecer a situação original: realização do desejo , alucinatoriamente , por meio de uma "identidade perceptiva". Como a satisfação da necessidade não se produz -a necessidade- há uma decepção , com o desprazer em que isso implica. O aparelho inibe a regressão, desistindo de catexizar o traço de satisfação original. Organiza-se o pensamento antecipado e a motricidade mais eficiente , o que levará a uma ação específica , que permita eliminar o desprazer acarretado pela fome. Este processo

secundário se põe a disposição do primeiro , na medida em que colabora para acabar o desprazer , restabelecendo a situação de prazer primeira, mesmo incompleta , já que nenhum prazer será jamais igual `aquele primeiro.

1.3.0 surgimento do ser pulsional

No texto de 1905, "Três Ensaios sobre uma teoria sexual" fala -nos Freud de uma época pré-histórica , de sexualidade infantil , depois esquecida por amnésia.

"Numa época em que os inícios da satisfação ainda estão vinculados `a ingestão de alimentos , a pulsão sexual tem um objeto sexual fora do corpo do próprio infante , sob a forma do seio da mãe. Somente mais tarde é que a pulsão perde esse objeto, bem na época, talvez , em que a criança pode formar uma idéia total da pessoa a quem pertence o órgão que lhe está dando satisfação total...Há, portanto , bons motivos para que uma criança que suga o peito da mãe se tenha tornado o protótipo de toda relação de amor. O encontro de um objeto é , na realidade , um reencontro dele."(Freud, 1905, 229).

Nesse texto Freud coloca a mesma questão em outros termos, isto é, lugar denomina de "encontro do objeto" ao que antes denominava como "das Ding", a Coisa .

Neste texto , ele se refere ao surgimento do ser pulsional, ficando para trás toda possibilidade natural instintual. Isto é , Freud se refere ao ser pulsional e por conseguinte perverso em relação ao instinto.Trata-se do surgimento do ser pulsional.

1.4.0 surgimento do ser sexuado.

Em 1900, Freud já tinha se referido ao mito de Sófocles , Édipo rei, como um destino ao qual não podemos escapar . Édipo , cumprindo o destino vaticinado pelo oráculo de Tebas , mata seu pai e casa com a mãe. "Enquanto o poeta , `a medida que desenreda o passado , traz `a luz a culpa de Édipo , ele está , ao mesmo tempo , compelindo-nos a reconhecer nossas próprias mentes internas.."(Freud, "Int. Sonhos", 276).

O destino ao que não podemos escapar é o amor incestuoso em relação aos nossos pais. A criança tem sentimentos ambivalentes para com ambos. Do complexo de Édipo , surge a criança pois identificada em maior ou menor grau com a mãe ou com o pai ,enquanto sua definição sexual, o que determinará as suas escolhas sexuais. Da resolução do complexo de Édipo surgirá um ser sexuado , que procurará outros seres para amar. A definição enquanto a escolha de "homens" ou "mulheres" , veremos no segundo capítulo que não é tão simples assim.

1.5.0 surgimento do ser falante.

Ao sofrer a criança a primeira restrição, como, por exemplo, por meio da castração exercida pelo pai no complexo de Édipo, surge ela como ser humano e falante. O primeiro contato com o real já inscreve um traço no seu psiquismo. Este traço se deixará orientar pela "Bahnung" e, através do discurso , se porá em funcionamento. O Inconsciente , conceito central de toda a teoria freudiana, é estruturado como uma linguagem , lembra Lacan. Mas foi Freud que assim o entendeu desde os seus primeiros textos , como podemos observar. O inconsciente está formado por "Sache-Vorstellung", a partir de um primeiro

traço, "das Ding", primeiro significante, dirá Lacan, perdido, mas ao qual fica ligada toda a estrutura da fala, que é constituída de "Wort-Vorstellung".

1.6. A dimensão intersubjetiva.

Em 1914, Freud nos apresenta um modelo de psiquismo, no texto "Introdução ao narcisismo", onde a intersubjetividade alteritária aparece claramente como constituinte. Desta explicação vai surgir toda sua concepção metapsicológica do ano seguinte. Neste artigo, Freud vai introduzir o conceito de narcisismo, "libido do ego" e "libido objetal", o que vai possibilitar a introdução do conceito de 'ideal do ego' e do agente auto-observador, relacionado com ele.

Freud utilizou uma série de categorias psicanalíticas para pensar o aparelho psíquico. São os instrumentos que nos permitirão avançar no nosso trabalho. Freud tenta explicar o funcionamento psíquico, criando modelos teóricos que levem em conta o ponto de vista metapsicológico, quer dizer, topográfico, econômico e dinâmico.

Para explicar a relação desse sujeito com o meio que o rodeia, com o real, Freud nos remete, em vários artigos, às "três grandes polaridades que dominam a vida mental: a do ego-mundo externo como a real, a do prazer-desprazer como a polaridade econômica; e, finalmente, a de atividade-passividade, como a biológica. Encontramos que é possível fazer um paralelo entre estas três polaridades e o que Freud denomina o enfoque metapsicológico.

Parece-nos existir uma equivalência entre o ponto de vista topográfico, que diz respeito à divisão do aparelho psíquico do sujeito em instâncias ou "lugares psíquicos" e a polaridade que Freud denomina de real que se refere à

relação ego - mundo externo , isto é , que trata dos "lugares" entre o ego e o mundo externo .

O ponto de vista econômico da metapsicologia trata de quantidades, tensões de necessidade, energias ou catexias intrapsíquicas e rege o funcionamento psíquico. O "teorema fundamental do aparelho psíquico" consiste em que o aparelho psíquico é regido pelo Princípio de Inércia , mais tarde denominado Princípio do Prazer , cuja função é manter o mais baixo possível o nível de tensão. A polaridade que consideramos correspondente a esta , é a de Prazer-Desprazer , no nível, não já intrapsíquico , mas nessa relação com o real. Isto está relacionado por sua vez , com o processo primário e secundário .

O ponto de vista dinâmico pode ser equiparado à polaridade atividade-passividade. A primeira se refere às mudanças pelas que passam os elementos que compõem o aparelho psíquico : Como se produz o recalque e o retorno do recalçado do representante representativo ; como se suprime um representante afetivo , isto é como mudam de lugares psíquicos ou instâncias os diferentes elementos . Na denominada primeira tópica , Freud se refere a tres "topos" ou "lugares psíquicos" : Inconsciente, Pré-Consciente e Consciente. Na segunda tópica constroi novas instâncias , que incluem as anteriores : Id, ego , super-ego . A polaridade atividade -passividade se refere à maneira em que o sujeito pulsional se aproxima do real , de um modo ativo ou passivo.

Estas polaridades e registros metapsicológicos , Lacan os apresenta de uma forma nova e mais complexa com os registros do real , do simbólico e do imaginário , que dizem respeito à relação do sujeito com o mundo que o rodeia e consigo mesmo .

Esclarece , o autor , que se bem Freud não nomeia estas funções como tais - real, simbólico e imaginário-, as mesmas são achadas a cada momento, na sua obra. Freud utiliza as palavras real ,imaginário e simbólico, mas não chega a outorgá-las um status de registro , de referências , de categorias, como a elas se refere Lacan. Os tres registros encontram-se ,desde o início na constituição do sujeito.

Lacan , diz no seminário 1 , que não é possível praticar psicanálise nem um segundo , se não aplicar-mos a concepção metapsicológica. "Este fato é verdadeiramente estrutural de nossa atividade."(Lacan,Sem.1, 53-54, 131). Traz-nos ainda, que para encontrar a estrutura que articula a relação narcísica , a função do amor em toda sua generalidade , é preciso lidar com categorias novas , três sistemas de referências.

No artigo sobre o narcisismo, Freud traça uma distinção entre o que se passa na neurose e na psicose. Em ambos se produz um afastamento do mundo exterior.

"Mas a análise demonstra que ele [o neurótico] de modo algum corta suas relações eróticas com as pessoas e as coisas. Ainda as retém na fantasia; isto é , ele substitui , por um lado , os objetos imaginários de sua memória por objetos reais , ou mistura os primeiros com os segundos , e,por outro , renuncia `a iniciação das atividades motoras para a obtenção de seus objetivos relacionados `aqueles objetos."(Freud, 1914, 90)

Neste caso poder-se-ia falar em introversão da libido.

Na neurose de transferência , o recalque vai impedir a tradução da representação proibida para a consciência , evitando a ligação das "Sache-Vorstellung" com as "Wort-Vorstellung".

A hipercatexia que caracteriza o processo secundário é deslocada para outra representação menos dolorosa substituta ,isto é , há um recurso `a fantasia . Nos diz Lacan : "Há aí função , o que no vocabulário de Freud só pode reenviar ao registro imaginário ." (Lacan, Sem.1,53-54, 138).

"Sabemos como as pessoas e as coisas do meio do neurótico mudam inteiramente de valor, e isso em relação a uma função que nada impede de designar - sem procurar para além do uso da linguagem - como imaginária. Imaginária reenvia aqui, primeiramente, `a relação do sujeito com as suas identificações formadoras, é o sentido pleno do termo imagem em análise- em segundo lugar , `a relação do sujeito ao real, cuja característica é ser ilusória , é a face da função imaginária mais frequentemente valorizada." (Lacan, op.cit., 138).

Diz-nos Freud , no artigo "O Inconsciente", que na esquizofrenia a catexia da palavra é retida ["Wort-Vorstellung"] e tratada não pelo processo secundário, mas pelo processo primário. Ele tenta por esse caminho recuperar o objeto perdido. Mesmo com o psicótico investindo as palavras, não podemos falar de simbólico nem de imaginário. Lacan fala de 'simbólico marcado pelo irreal' ou de 'irreal simbólico'. O psicótico ao perder a realização no real , não encontra nenhuma substituição imaginária.

"Com o parafrenico a situação é diferente. Ele parece realmente ter retirado sua libido de pessoas e coisas do mundo externo, sem substituí-las por outras na fantasia. Quando realmente as substitui, o processo parece secundário e constitui parte de uma tentativa de recuperação, destinada a conduzir a libido de volta aos objetos."(Freud, 1914, 90)

Nos esquizofrênicos, a megalomania surge como consequência do afastamento da libido dos objetos, e o retorno da mesma para o próprio ego do indivíduo, o que dá lugar ao que Freud denomina de atitude narcisista.

Diz-nos Lacan que enquanto o anacoreta se retrai do mundo exterior sublimando, o esquizofrênico se encontra totalmente iludido.

No seminário 1, Lacan desenvolve teórica e graficamente um aparelho de óptica proposto anteriormente por Freud, na "Interpretação dos sonhos" e no "Esboço". Este aparelho vai permitir-lhe explicar como funciona o "aparelho subjetivo", inteiramente construído com a ajuda de um x e de um y, que habitam o domínio em que vive o sujeito, quer dizer a linguagem." (Lacan, 53-54, 93).

Ele tenta, através do clássico experimento do "bouquet invertido", mostrar a intrincação que existe entre o mundo imaginário e o mundo real na economia psíquica. Segundo o autor, o olho representaria o símbolo do sujeito; a caixa onde repousam as flores, o corpo; as flores, os instintos e desejos; e o espelho côncavo, a consciência. Para Lacan a vista da forma total do corpo humano dá ao sujeito um domínio imaginário do seu corpo, prematuro em relação ao real. Existiria uma antecipação à finalização da maturação biológica que dará um estilo ao domínio motor. Toda a sua vida de fantasia estará estruturada por

essa dimensão , própria do ser humano, que lhe permite ver-se , refletir-se e conceber-se como outro .

Para Lacan , quando a criança se encontra ainda numa situação de desamparo, os seus desejos, seus instintos , os objetos , tudo se lhe apresenta de uma forma caótica, nem boa , nem má . A criança emite juízos de atribuição , e, em função disso , pode dar os juízos de existência. Isto é , ou bem é ou bem não é. A criança, ainda impotente a nível motor e dependente para se nutrir, consegue numa idade entre seis e dezoito meses num estado de júbilo, captar uma imagem -imagem- no espelho . A alegria que manifesta levou a que Lacan concluísse que a matriz simbólica se precipita , se joga numa forma , numa imagem primordial , antes da dialética de identificação com o outro, e antes da entrada do sujeito `a ordem da linguagem ter acontecido . Essa forma, essa imagem é ela mesma mais constituinte do que constituída. Ela , ao mesmo tempo que preanuncia a simbolização do eu do sujeito , se apresenta como alienante , num fantasma.

Lacan salienta a importância do espaço e sua significação. O ser humano tem uma relação com o espaço real , sempre intermediada por esse outro, próximo , e sempre de discórdia. Lacan denomina de "discórdia primordial" a relação do recém-nascido com a realidade externa, e que se deve a sua prematuração específica. A forma ou imagem situa a instância do eu , numa linha de ficção para sempre. O ser humano vai se relacionar com esse espaço externo subjetivamente, e para sempre de uma maneira ficcional, poderíamos dizer criacionista , como Lacan vai denominar este fato no Seminário da Ética. Em relação `a dialética temporal, o estágio do espelho

"es un drama cuyo empuje interno se precipita de la insuficiencia a la anticipación; y que para el sujeto, presa de la ilusión de la identificación espacial, maquina las fantasías que se sucederán desde una imagen fragmentada del cuerpo , hasta una forma que llamaremos ortopédica de su totalidad..."(Lacan,"El estadio del espejo",1949, 90).

O corpo fragmentado é a projeção da própria agressividade do infante . A libido narcisista tem uma relação com a função alienante do eu . Nesse momento se libera toda a agressividade , por defusão das pulsões , sobre o outro e depois rebate sobre si mesmo. O estágio do espelho, Lacan o entende como um caso particular da função da imago.

"Para que a ilusão se produza , para que se constitua , diante do olho que olha , um mundo em que o imaginário pode incluir e , ao mesmo tempo, formá-lo , em que o real também pode incluir e , ao mesmo tempo , situar o imaginário, é preciso que uma condição seja realizada - eu o disse a vocês , o olho deve estar numa certa posição , deve estar no interior do cone. Se estiver no exterior do cone, já não verá o que é imaginário , pela simples razão de que nada do cone , de emissão, virá bater nele. Verá as coisas no seu estado real, inteiramente nu, quer dizer , o interior do mecanismo , e um pobre vaso vazio, ou flores isoladas , segundo os casos."(Lacan , Sem.1, 97).

Imagem , em óptica é definida em relação ao objeto do qual provém: a cada ponto do objeto deve corresponder um ponto da imagem e todos os raios saídos de um ponto devem se recortar em algum lugar, num único ponto. Para que o olho do observador , - que representa aqui o sujeito ,no registro do imaginário

no qual nos encontramos-, consiga ter a ilusão de realidade do vaso , Lacan introduz um espelho plano entre o vaso real e o espelho côncavo.

Aparece então o rosto do observador num lugar onde não está, e , ainda, num ponto simétrico ao ponto em que está a imagem real, aparece a imagem real como imagem virtual.

O narcisismo original é o que dá unidade ao sujeito , aquela unidade antecipada. Esta unidade se projeta infinitamente. É a fonte imaginária do simbolismo. A través dela o simbolismo se liga ao sentimento que o ser humano tem em relação ao próprio corpo. Esse primeiro narcisismo está situado ao nível da imagem real , no esquema , já que ela é a que permite organizar o conjunto da realidade de uma maneira pré-formada. Enquanto no animal há um "Umwelt" uniforme(forma originária), no ser humano , a reflexão no espelho abre uma possibilidade infinita de "reflexões" no espelho e introduz o narcisismo secundário.

O ser humano organiza sua própria imagem , em relação ao outro . Este outro tem um valor cativante , pela antecipação que representa da própria imagem.

"O sujeito localiza e reconhece originalmente o desejo por intermédio não só da sua imagem, mas também do corpo de seu semelhante. É exatamente aí , nesse momento , que se isola , no ser humano , a consciência enquanto consciência de si. É na medida em que é no corpo do outro que ele reconhece o seu desejo que a troca se faz. É na medida em que o seu desejo passou para o outro lado, que ele assimila o corpo do outro e se reconhece como corpo".(Lacan, Sem.1 , 53-54, 172-73).

Lacan nos lembra o tema de Hegel:O desejo do homem é o desejo do outro.

É o momento do estágio do espelho, e o momento de descolamento do homem em relação a sua própria libido. O desejo é bem diferente da satisfação de uma necessidade. O desejo é negatividade, apreendida no outro. É a partir do investimento desejante da mãe , do corpo do infante, que o corpo se sexualiza, saindo para sempre da ordem da natureza e ingressando na ordem simbólica da cultura.

"O que ele [o infans] reconhece e fixa nessa imagem do outro é um desejo despedaçado."(Lacan, Sem.1, 173).

A criança , no entanto, vê o outro , como corpo perfeito, estátua. O outro é visto sob uma imagem de Mestre absoluto, imagem da morte. Lacan se refere a isto dizendo que a libido , sendo forçada a passar por uma etapa imaginária, faz com que o instinto de morte adquira uma significação.

Ao atingir um acabamento total de sua libido , antes de encontrar seu objeto, se introduz no ser humano uma falha especial , eterna em relação ao outro , que adquire um valor mortífero.

O outro , o "alter-ego" se confunde durante a vida toda com o Ideal do eu." O sujeito vê o seu ser numa reflexão em relação ao outro, isto é , em relação ao Ich-Ideal."(Lacan, Sem.1, 53-54, 148).

O eu no ser humano , por um lado estabelece a relação com a realidade ; por outro lado, ele tem como função possibilitar a passagem por essa alienação fundamental.

Esse objeto de amor adquire todas as perfeições do eu- real primordial, que é um eu-Ideal. Com o desenvolvimento do eu ,o eu ideal primitivo torna a nova forma de Ideal do eu. Produz-se um afastamento do narcisismo primário, por meio de um deslocamento da libido para um ideal do eu imposto pelo mundo externo. O eu se coloca em relação ao ideal do eu , como antigamente se

colocava em relação às figuras protetoras e nutridoras. Essa idealização implica um recalçamento, uma passagem para o simbólico. A sublimação é possibilitada por esse recalçamento, mas se passa no plano imaginário. É assim que se produz a estruturação.

No imaginário existe então o recurso à fantasia. Lacan nos mostra como o imaginário reenvia, por um lado, a relação do objeto com as imagens identificatórias primeiras; por outro, a relação do sujeito ao real, caracterizada pelo caráter ilusório. Na psicose não é possível para o sujeito, ao se perder o objeto, reencontrar nenhuma substituição imaginária.

Se o animal faz coincidir um objeto real com a imagem que está dentro dele, no ser humano o que encontramos é que as manifestações da função sexual são extremamente desordenadas.

"Não há nada que se adapte. Essa imagem em volta da qual nós, psicanalistas, nos deslocamos, apresenta, quer se trate das neuroses ou das perversões, uma espécie de fragmentação, de explosão, de despedaçamento, de inadaptação, de inadequação. Há aí como que um jogo de esconde-esconde entre a imagem e seu objeto normal- se é que adotamos o ideal de uma norma no funcionamento da sexualidade." (Lacan, Sem.1, 162)

O eu investe a imagem do eu e as imagens simétricas à imagem do eu. Por outro lado, o eu realiza comportamentos sexuais. Diz Lacan: "Os comportamentos sexuais são especialmente lográveis." (Lacan, Sem.1, 1953-54, 145).

Mas como essa função imaginária se faz possível, dentro de tanta imprecisão e desordem? Tudo se passa como se a inclinação do espelho que permite uma

correção das imagens -do imaginário- estivesse comandada pela voz do outro, isto é pela relação simbólica. Esta relação simbólica se define por meio da lei, da troca de símbolos. Trata-se do que Lacan denomina da outra dimensão do para além do imaginário, do transcendente. É o ideal do eu quem vai reger o jogo de relações consigo mesmo e com os outros. A imagem do real é investida pela libido, na medida em que coincidem com a imagem do objeto imaginário que levamos em nós. Quando há investimento libidinal, o objeto real se torna desejável.

É a posição do sujeito, isto é o seu lugar no mundo da palavra, do simbólico, a que vai definir a relação do imaginário, do real e da constituição do mundo. A distância. Este é um conceito que Lacan valoriza a partir do seu aparelho, e que nos parece da maior importância. Voltaremos a ele com a erótica. Destaca Lacan: "A alma do nosso aprofundamento é a idéia seguinte- o que, numa experiência, é sempre o mais bem-visto é o que está a uma certa distância"(Lacan, 53-54, 107). Esta distância é dada pela função simbólica, isto é pela função da palavra. O que liga os seres humanos é a troca simbólica. O homem se torna humano ao entrar na relação simbólica.

E esta é eterna, porque o símbolo introduz um terceiro elemento de mediação, que produz mudanças concretas. Faz passar toda a situação para outro plano. Isto não quer dizer que necessariamente, deva haver três pessoas para que a passagem à ordem simbólica se produza.

"A dialética do eu ao outro é transcendida, colocada num plano superior, pela relação ao outro, pela simples função do sistema da linguagem, enquanto é mais ou menos idêntico, em todo o caso fundamentalmente ligado ao que chamaremos a regra, melhor ainda, a lei."(Lacan, Sem. 1, 183).

No amor , fenômeno que se passa a nível imaginário , a confusão instaurada impede toda e qualquer regulação do aparelho . O aparelho fica louco, descontrolado, fora de si. A troca , neste caso, se dá a nível do registro imaginário. É a troca "que se produz entre a imagem do sujeito e a imagem enquanto libidinizada, narcisizada na situação imaginária." (Lacan, Sem.1, 179). A regulação do aparelho se dá, então , pela intervenção das relações da linguagem , que produz pequenas mudanças de ângulo do espelho , que mostrarão para o sujeito, no outro, formas diferentes do seu desejo. Existe uma relação entre a dimensão imaginária e simbólica no sujeito e um desenvolvimento histórico que permite ao sujeito se reconhecer no passado e no futuro , desde o futuro , isto é, desde o momento atual: "Todos os seres humanos participam do universo dos símbolos. Estão incluídos aí e o suportam, muito mais do que o constituem. São muito mais suportes do que agentes ." (Lacan, Sem. 1,53-54, 184).

Enquanto a função do eu é de desconhecimento , é uma função imaginária e seu mecanismo característico a "denegation", a função do Ideal do eu é de regulação simbólica desse imaginário produzido pelo eu.

O eu se constitui numa experiência de linguagem , em relação ao tu, a partir das manifestações de ordens, de desejos, do outro. A criança não pode expressar seus desejos , porque deles nada sabe.

A criança ignora , o qual é uma posição diferente da de desconhecer, que já implicaria uma posição do sujeito enquanto fala , e que implica uma série de afirmações e de negações sobre alguma coisa. Há um certo conhecimento , que permite que haja o desconhecimento.

Este desconhecimento- reconhecimento, vai surgir de um movimento de báscula, de troca do infans com o outro. É assim que a criança vai se reconhecer como corpo, no corpo do outro. Da mesma maneira, ela aprenderá a conhecer seus desejos, pelo símbolo invertido no outro.

Antes da linguagem aparecer, o desejo só existe na relação imaginária, projetado, alienado no outro. É a alienação primordial, da qual a criança só pode sair por meio da rivalidade e da agressividade com o outro. Há um "desejo de desaparecimento do outro, enquanto suporte do desejo do sujeito." (Lacan, Sem. 1, 198). A criança ao colocar o seu desejo para fora, coloca então seu desejo de morte, desaparecimento do outro. Daí Lacan concluir "a impossibilidade de toda coexistência humana" (Lacan, Sem. 1, 198).

É o mundo simbólico que vai permitir o reconhecimento do desejo do outro, por meio da fala, e assim a superação da rivalidade. Sempre vai haver a possibilidade de reversão do desejo, assim que o sujeito volte a ser cativado por um dos seus semelhantes, e se não for possível o retorno verbalizado do desejo, se produz a exterminação imediata. A palavra é que matando a Coisa, permite tomar distância simbólica do objeto. É o que a criança faz no jogo do Fort-Da. A criança, numa pro-vocação, isto é pela voz, chama o objeto quando este está ausente, tornando-o presente no símbolo, depois mandando-o embora, quando está presente. Isto é, antecipa sua ausência, tornando-se mestre da Coisa, ao destruí-la. O símbolo permite essa inversão que abre o mundo da negatividade, que constitui o discurso do sujeito humano. É aqui que se situa o masoquismo primordial. O desejo é então reintegrado numa forma verbal, de nominação: O Nome-do -Pai. Essa intervenção produz a separação.

Lacan, então, nos apresenta uma dialética dos espaços e, também dos tempos, tomando como na primeira, seu 'aparelhinho' de espelhos e reflexões, de suma

importância para a explicação de qualquer caso clínico ou de questões como a que nos interessa. Ao entrarmos no assunto da erótica propriamente dito, vai ser possível apreciar a importância dessa dialética dos espaços e dos tempos que Lacan, tão magistralmente apresenta. Em relação aos tempos consideramos que Freud faz um aporte que vai ser de grande importância, para podermos abordar a questão que nos interessa, quando se refere ao círculo curto e ao círculo longo de busca do prazer, com sua metapsicologia, de um modo geral, e as antíteses antes apresentadas.

1.7. Conclusões.

Concluindo, na origem da gênese do ser humano como ser ético, encontramos a vida erótica, isto é, o primeiro encontro mítico, com o próximo. Por outro lado, o modo como essa vida erótica vai se orientar dependerá da ética. Existe uma interrelação entre ambos. A relação com o mundo exterior estará orientada necessariamente pelo traço que o encontro com o "Nebenmensch", o próximo, deixou, isto é com o "das Ding". Por se tratar de uma marca de gozo.

O ser humano se constitui numa intersubjetividade com o próximo, que se encontra em seus fundamentos no campo do imaginário. A regulação das distâncias e a intervenção da palavra nesse campo imaginário é dado pelo registro simbólico, que é a introdução da Lei, do campo da ética.

A maneira com que o ser humano irá se aproximar do "das Ding", vai ser a sua originalidade, a sua marca registrada, seu estilo, seu posicionamento ético perante o seu desejo. Ela dependerá, também, de sua posição de passividade ou de atividade em relação ao próprio desejo. Nisto intervêm de maneira fundamental a conceitualização dos três registros que Lacan estrutura.

CAPITULO 2. A VIDA EROTICA E SEU MAL-ESTAR.

2.1.Introdução.

O ser humano constituído como ser pulsional sexuado, ser falante, ser desejante, parte à procura do gozo "perdido" que nunca houve.

Ele conta com seu corpo pulsional e com a palavra, que é portadora, em parte de seus desejos para dar início a sua procura. Claro que esta procura não é simples. Ela não tem regras que a guiem, nem fórmulas para atingir a "felicidade" que se supõe que esse encontro proporcionaria.

Lacan chama a atenção em seu Seminário 7, para o fato de que a palavra "felicidade" possui em muitas línguas uma correlação direta com a palavra "encontro"; por exemplo em inglês, happening e happiness.

Como já vimos, toda tentativa de concretização na realidade, seja lá de pulsões, de fantasias e de desejos, se defronta com a dificuldade de que os contatos com a realidade, no ser humano estão mediados pela aparelhagem que se interpõe entre o sujeito e a realidade. "A realidade é abordada com os aparelhos do gozo".(Lacan, Semin.20, 1973,76).

Os seres humanos, todos, estão inseridos numa realidade linguística, que todos eles suportam.

Tanto o corpo quanto o psiquismo estão submetidos às leis sociais que implicam numa estrutura, numa rede de significações, que transcende a cada sujeito. A lei, é a que permite a regulação primeira do ser humano, do que se processou a nível imaginário, narcísico ou especular.

Tanto as pulsões provindas do corpo, quanto toda a produção psíquica do ser humano está permeada por esse registro simbólico, que implica numa prévia organização dos registros do imaginário e do real.

Lacan explicita como essa função do simbólico se processa a nível do funcionamento social.

"É isto que o estruturalismo moderno soube precisar da melhor maneira , mostrando que é no nível da aliança , enquanto oposta `a geração natural , `a linguagem biológica , que são exercidas as trocas fundamentais —no nível portanto do significante — e é aí que reencontramos as estruturas mais elementares do funcionamento social, a inscrever nos termos de uma combinatória."(Lacan, Sem . 11, 1964, 143).

2.2.Troca dos corpos . Seu mal-estar.

2.2.1. O polimorfo perverso.

O homem , ao se tornar humano , isto é , depois de passar pelo regístro simbólico, da palavra ou da Lei, fica dividido. Por um lado o eu (moi), da consciencia , por outro, o eu("jê"),o sujeito do inconsciente.

A nível corporal , perde a possibilidade existente no restante do reino animal , de encontrar um parceiro adequado, que o complemente, e de atingir uma finalidade sexual - préfixada pela espécie - como o é a união sexual dos genitais entre os dois sexos , com fins da reprodução .

O instinto e suas prefixações próprias dos animais - a de objeto e a de finalidade - ficam perdidas para sempre no primeiro encontro com o mundo simbólico humano.

Freud rompe definitivamente com uma concepção natural e evolutiva do ser humano . A sua 'mitologia das pulsões' rompe de forma radical com a concepção de instinto, que aplicada ao ser humano iria desembocar numa psicologia moralista de corte natural.

Parece-nos importante fazer um pequeno parêntese , para pontuar as diferenças entre "Instinkt" e "Triebe", que muitas edições omitiram, restringindo então ambos significantes ao termo instinto.

"O Instinkt , na língua de Freud se refere a um comportamento preformado , cujo esquema está hereditariamente fixado e que se repete segundo as modalidades relativamente adaptadas a um certo tipo de objeto."(Laplanche, Vida e Morte em Psicanálise, 17).

Esclarece o autor : " Se Trieb vem de Trieben , empurrar , Instinkt vem do latim (instinguere) significa incitar , empurrar. Ambos os termos têm relação entre si e até poder-se-ia pensar numa derivação dos termos entre si do Triebe a partir do instinto (idem). Isto, tem levado a muitos enganos no campo da psicanálise , já que muitos autores quiseram ver uma continuidade entre instinto e pulsão , abordando o problema desde um ponto de vista evolutivo .

O ser humano parte para sua aventura libidinal individual desde um lugar onde houve uma fixação, um primeiro ponto de amarras , pela intervenção do simbólico no seu imaginário. As consequências da inclusão desse ser no mundo humano produz :

- no seu psiquismo , um primeiro traço " das Ding"- que será o primeiro nó ou ponto de partida , que implica a divisão e o esquecimento de uma das partes para sempre.

- no seu corpo, as marcas de uma sexuação , de uma divisão do ser humano em dois . O corpo fica submetido ao registro do real, do imaginário e do simbólico.

O corpo foi a sede das primeiras exigências , e ao mesmo tempo da impotência inicial para resolvê-las . Essas exigências acima das possibilidades do ser humano recém nascido e desamparado - as pulsões- permitiram o desenvolvimento avançado do ser humano em relação ao resto do mundo animal.

Freud define a pulsão como sendo "uma medida da exigência de trabalho feita `a mente." (Freud, "Três ensaios", 1905, 171).

Em relação `as pulsões, Freud nunca abriu mão da relação conflitual que existe entre as pulsões. Primeiro foram as pulsões de autoconservação e as pulsões sexuais; depois, a partir de 1914, foram as pulsões de ego e pulsões objetais. A partir de 1920, com o artigo "Além do princípio do prazer", introduz a concepção de pulsões de vida e pulsões de morte. Nunca aderiu ao monismo pulsional proposto por Jung, que teria fechado as portas `a distinção, por exemplo das neuroses e das psicoses etc., dessexualizando a libido, isto é, acabando com a marca registrada da psicanálise.

As fontes das pulsões, Freud as denomina zonas erógenas e inclui os buracos - isto é, boca, ânus, narinas, uretra, os órgãos internos e a pele toda - a zona erógena por excelência segundo o autor.

Foi pelo corpo, pelo grito - a voz, que ele fez saber a esse Outro das suas 'urgências' e de seu desamparo.

A percepção a visão lhe permitiu enxergar o próximo que o pregnou com sua imagem para sempre, que se tornou a forma para ver antecipadamente o próprio corpo e se saber diferente dele, por meio dessa distância que a Lei introduz.

Os ouvidos lhe fizeram conhecer o mundo da palavra, das significações que, mesmo antes de entendê-lo, lhe permitiram se reconhecer, a partir da antecipação e da alienação no desejo do Outro.

Em nota de rodapé de 1915, acrescentado ao texto "Três ensaios" Freud conclui: "...fui levado a atribuir a qualidade de erogeneidade a todas as partes do corpo e a todos os órgãos internos." (Freud, 1905, 188).

No texto "El estadio del espejo como formador...", de 1949, Lacan nos apresenta o conceito de 'corpo fragmentado' que corresponde `a fantasia, colocada em

imagem , que a criança se faz do seu próprio corpo , e que está relacionada com a agressividade contida nele, com o instinto de morte. O corpo da criança se encontra despedaçado em seu imaginário , já que esta é a imagem revertida sobre o próprio corpo , dos seus impulsos agressivos.

O mundo da linguagem expulsa o ser humano para sempre do "paraíso" do mundo instintual das satisfações certas , para jogá-lo no mundo caótico , desarrumado e incerto do polimorfismo perverso e aberrante. As pulsões , cada uma por si , tentam conseguir de uma maneira autônoma seu prazer auto-erótico e marcado pela compulsão à repetição. A imagem que Freud nos deixou sobre a pulsão é a dos lábios da criança , querendo se beijar a si próprios.

Antes de 'eu' , o ser humano é corpo pulsional , corpo que clama por gozo, o que Freud denomina de "prazer do órgão" .(Freud, "Os instintos e suas vicissitudes" ,1915,160).

Em 1960 , Lacan retoma o conceito de pulsão , em relação à questão da ética da psicanálise, que lhe ocupava na época. Considera que, mesmo no caso duvidoso de que as pulsões caíssem sob o primado da genitalidade , elas , 'as comoções pulsionais sexuais' se comportariam de uma maneira plástica, como uma rede , como canais comunicantes preenchidos por um líquido, como indica Freud no texto da "Introdução à psicanálise". Isto então não permitiria que as pulsões , todas elas, se juntassem numa síntese que fosse dar numa única representação "(Vorstellung)" , sem contradições. Alguns pós -freudianos permaneceram nessa visão que implica a síntese das pulsões sob a hegemonia da pulsão genital , colocando-se numa concepção da sexualidade moralizante e normalizadora.

Lacan destaca como a "originalidade da dimensão freudiana" , o fato de :

- ".....a libido ser considerada....." com seus aspectos paradoxais , arcaicos , ditos pré-genitais , com seu polimorfismo eterno, com esse mundo de imagens ligados aos modos pulsionais dos diferentes estados, orais, anais e genitais. E que

- " todo o microcosmo não tem absolutamente nada a ver com o macrocosmo e não engendra um mundo senão na imaginação." (Lacan, Sem. 7, 59-60, 117).

Lacan considera que Freud colocou o mundo inteiro no lugar certo , isto é em nosso corpo. A fonte , diz marca um ponto limite. Ele se refere ao conceito de "das Ding", ao qual nos referimos no primeiro capítulo como a *causa* , 'a causa da paixão humana mais fundamental'. Esse "das Ding" estaria situado a nível do Real-Ich :

"Com efeito , para examinar o que é do Trieb, refere-se Freud a algo cuja instância se exerce no nível do organismo em sua totalidade ? Em seu estado de conjunto , faz o real aqui sua irrupção? É o vivo que está interessado aqui? Não. Trata-se sempre especificamente do próprio campo freudiano , na forma , na forma mais indiferenciada que Freud lhe tenha dado de começo, que é nesse nível- para nos reportarmos ao *Esboço* que eu designava há pouco - do Ich , do Real-Ich. O Real - Ich é concebido como suportado , não pelo organismo inteiro , mas pelo sistema nervoso." (Lacan, Sem. 11, 156).

Em relação ao "desenvolvimento" das pulsões , implicando numa passagem das pulsões orais, para as anais , e logo a seguir as genitais, trata-se em psicanálise de uma concepção estrutural . Muitos tem querido entendê-la como uma maturação evolutiva. Mas em verdade , trata-se de uma "intervenção de algo que não é do campo da pulsão - pela intervenção, o reviramento , da demanda do Outro." (Lacan, Sem. 11, 171).

O ser humano conservaria , para sempre , mesmo em sua vida chamada adulta, seu polimorfismo perverso.

2.2.2. A bissexualidade

O ideal d'O Homem e d'A mulher.

Na época em que Freud construía a teoria psicanalítica, a opinião popular se fazia uma idéia muito precisa do que era ser homem e do que era ser mulher. Essa diferenciação era definida exclusivamente pelos caracteres sexuais primários, quer dizer, pelos órgãos genitais.

O homem e a mulher , como seres acabados dentro de uma concepção evolutiva dos instintos, poderiam ser considerados como a fonte de onde partem os instintos . Desta forma , uma mulher seria a fonte de instintos femininos que naturalmente procurariam ~~satisfazer-se~~ sexualmente com um homem . Um ser humano que possuísse órgãos genitais masculinos , isto é , que anatomicamente fosse masculino, seria um homem e se sentiria atraído por uma mulher.

Freud se ocupou de varrer com esta elementar aproximação `a questão. Em 1905, nos "Três ensaios para uma teoria sexual" , Freud chega `a conclusão de que no desenvolvimento normal, ocorre um certo grau de hermafroditismo anatômico : "Esses fatos anatômicos, há muito conhecidos, nos levam a supor que uma disposição física originalmente bissexual modificou-se ao longo de sua evolução e se transformou em unissexual , deixando apenas vestígios do sexo que ficou atrofiado"(Freud.1905,142).

Entretanto, não consegue explicar pela existência do hermafroditismo somático o hermafroditismo psíquico. Também não consegue achar uma

relação direta entre o hermafroditismo psíquico e a procura "invertida" do objeto sexual (em relação ao que a opinião popular considera normal).

Ele encontra uma certa regularidade nas mulheres invertidas, nas quais, de um modo geral, ocorreria uma inversão do caráter. Nos homens, a mais completa masculinidade psíquica pode combinar-se com uma procura "invertida" de objeto.

Esta teoria do hermafroditismo psíquico, pressuporia que o objeto sexual de um invertido seria sempre o oposto ao de uma pessoa "normal". Mas Freud chama a atenção para o fato de que não existiria uma característica universal da inversão, como tinha sugerido em 1897, quando levantou a hipótese de que o elemento que sempre se encontra recaiado fosse o feminino :

"Não pode haver dúvida de que uma grande parte dos invertidos masculinos conserve a qualidade mental da masculinidade, que eles possuem relativamente poucas características secundárias do sexo oposto e que o que realmente procuram em seu objeto sexual são traços mentais femininos."(Freud, "Três Ensaio", 1905).

Em 1913, num acréscimo ao texto, Freud equipara o que normalmente se denomina como "masculino" e "feminino" as qualidades de "atividade" e "passividade" na psicanálise, e coloca como um dos postulados que, a associação das pulsões ativas e passivas na vida mental reflitam a bissexualidade do ser humano. E, ainda, que o objeto sexual reflete a própria natureza bissexual do indivíduo.

Em 1915, acrescenta que:

"a pesquisa psicanalítica descobriu que todos os seres humanos são capazes de fazer uma escolha de objeto homossexual e que na realidade o fizeram no seu

inconsciente...A psicanálise considera que a escolha de um objeto , independentemente , de seu sexo , — que recai igualmente em objetos femininos ou masculinos — tal como ocorre na infância , nos estágios primitivos da sociedade e nos primeiros períodos da história , é a base original da qual , como consequência da restrição num ou noutro sentido , se desenvolvem tanto os tipos normais quanto os invertidos.”(Freud, “Três Ensaos”, 1905).

Desta forma, Freud conclui que há uma total independência entre os traços anatômicos primários , os traços anatômicos secundários e os traços psíquicos na esfera sexual (sentir-se do mesmo sexo ou do oposto, ao sexo anatômico-heterossexual ou homossexual): “todo indivíduo ... revela uma mistura de traços de caráter , pertencentes a seu próprio sexo e ao sexo oposto , e mostra uma combinação de atividade e passividade , concordem ou não estes últimos traços de caráter com seus traços biológicos ”(Freud, “Três ensaios, 1915, 226).

Em 1915 enriquece o texto, explicando os conceitos de masculino e feminino, pelo menos em três sentidos diferentes: no sentido biológico, que se refere à existência ou não de órgãos primários masculinos ou femininos; no sentido sociológico , que diz respeito ao comportamento psicológico de um indivíduo a nível social e , finalmente, no sentido de atividade- passividade .

Uma concepção que é sem dúvida revolucionária é a de Freud ter considerado a libido como masculina em todos os casos, mesmo quando se dirige a um fim passivo , já que isto se afasta totalmente de uma concepção naturalista. A mesma requeriria uma discussão mais profunda, que retomaremos em parte , no final do capítulo, ao tratar da posição dissimétrica da mulher em relação ao homem e as interpretações psicanalíticas em torno da questão.

No texto “As pulsões e seus destinos” do mesmo ano, Freud, se referindo às antíteses a que o “amar” está sujeito , detém-se no par ativo-passivo, que até se ver fundido com o par masculino — feminino não possui qualquer

significado psicológico. Esta junção nos defronta com um fato biológico, nos aponta Freud, mas isto não ocorreria de uma forma nem completa, nem exclusiva. Por exemplo, na escopofilia ou no sadismo, a antítese cobra um novo sentido, produzindo-se uma reversão que afeta a finalidade da pulsão. Voltando ao caso que citamos anteriormente, de "amar", a finalidade ativa seria substituída pela passiva: ser-amado. Isto é, o fato biológico estaria submetido à questão da atividade-passividade.

Em 1919 no artigo "Uma criança é espancada", Freud apresenta a teoria da bissexualidade de Fliess, que antes tinha deixado de lado se surpreendendo de que a mesma não se tenha imposto na literatura sobre o assunto. Esta teoria, segundo Freud nos apresenta, consiste em que o sexo dominante, ou seja, o mais desenvolvido, recalca no inconsciente a representação mental do sexo menos desenvolvido. O núcleo do inconsciente está constituído pelo lado dele mesmo que caracteriza o sexo oposto. Freud a analisa criticamente, já que considera que, segundo esta teoria é a formação dos genitais em última instância, o que determina o sexo de uma pessoa, isto é, a anatomia, teoria da qual Freud está tentando se afastar por achar insuficiente e não científica. Há, porém, um aspecto dessa teoria que ele resgata:

"Em último recurso, só podemos verificar que, tanto no homem como na mulher encontram-se impulsos pulsionais masculinos e femininos e que cada um igualmente pode muito bem ser submetido ao recalçamento e assim, tornar-se inconsciente". (Freud, op.cit., 251).

Discutindo sobre o desenvolvimento sexual infantil, Freud introduz uma nova fase que é a fase fálica. Em acréscimo aos "Três ensaios", em nota de rodapé de 1924, se referindo à fase fálica, diz que nela haveria uma convergência

dos impulsos sexuais sobre um objeto . Mas o que caracteriza esta fase é que a criança só conhece apenas um sexo , o masculino.

Na fase sádico-anal, não existe ainda a possibilidade de falar de uma significação psicológica do masculino e do feminino. O que domina esta fase é a antítese do ativo e do passivo. No estágio seguinte, a fase fálica , existe significação psicológica do masculino, mas não do feminino. A antítese é entre possuir o órgão masculino, o pênis , que é elevado ao nível de Falo e não possuí-lo , ou ser castrado de pênis,ou, melhor dizendo, de Falo.

Neste momento , em 1924 , Freud nos apresenta outro dos ideais da vida amorosa, que consistiria na fundição da antítese ativo-passivo com a de masculino -feminino , que só se tornaria possível " após o desenvolvimento haver atingido seu completamento na puberdade ": "A masculinidade combina [os fatores de] , sujeito-atividade , e posse do pênis; a feminilidade encampa [os de] objeto e passividade . A vagina agora valorizada , como lugar de abrigo do pênis ingressa na herança do útero" (Freud,1923, 184) .

De certa maneira, Freud está falando respeito `a possibilidade da existência do homem e da mulher, como um ideal a ser atingido.

Mas em 1925, conclui que todos os indivíduos humanos devido `a sua disposição bissexual e a herança cruzada , apresentam características masculinas e femininas , restando `a "masculinidade "e `a "feminilidade", um lugar teórico (Freud,1925,320).

2.2.3.Os caracteres sexuais e os traços da pulsão de Morte.

Lacan no Seminário "Mais , Ainda" , retomando o fio de Freud , e indo mais longe, ainda afirma:

"O amuro é o que aparece em signos bizarros no corpo. São esses caracteres sexuais que vêm do além, desse local que temos acreditado podermosocular no microscópio sob a forma de germen - a respeito do qual farei vocês notarem que não se pode dizer que seja a vida, pois aquilo também porta a morte, a morte do corpo, por repeti-lo. É de lá que vem o *mais*, o em-corpo, o *Ainda*. É portanto falso dizer que há separação do soma e do germen, pois, por alojar esse germen, o corpo leva seus traços. Há traços no amuro." "Muito bem, são traços apenas. O ser do corpo, que é sexuado, mas é secundário, como se diz. E como a experiência o demonstra, não é desses traços que depende o gozo do corpo, no que ele simboliza o Outro."(Lacan, Sem. 20, 13).

O corpo, então está marcado pela divisão dos sexos, que traz junto com ela a morte, a pulsão de morte, o amurar.

No dicionário Aurélio, encontramos uma relação entre as palavras amarar e amurar:

amarar: [cf. amores ... pl. de amor e amurar].

amurar: amuralhar [cf. amarar]

Mais adiante diz Lacan:

"Vocês logo vêem aonde vamos-aqueles que falam, certamente, não são não importa quem, são seres que estamos habituados a qualificar de vivos e, talvez, é muito difícil excluir, daqueles que falam, a dimensão da vida. Mas logo percebemos que essa dimensão faz entrar ao mesmo tempo a da morte, e que daí resulta uma radical ambiguidade significante. A única função pela qual a vida pode definir-se, isto é, a reprodução de um corpo, não pode ela própria intitular-se nem como vida nem como morte, pois, como tal, enquanto sexuada, ela comporta as duas, vida e morte."(Lacan, Sem. 20, 1972-73, 43).

O ser sexuado leva sempre então as marcas do amuro; isto é, do amor-morte, amar-te, que tem a ver com o surgimento do símbolo, com o simbólico. O corpo leva as marcas da pulsão de morte. O que se passa a nível do psiquismo, em termos de significações, grava o corpo, o esculpe.

Interessariam os dois sexos , na medida em que fosse possível a relação entre eles. Mas essa relação sexual é da ordem da impossibilidade .

"É claro que o que aparece nos corpos , com essas formas enigmáticas que são os caracteres sexuais- que são apenas secundários - faz o ser sexuado. Mas ,o ser é o gozo do corpo como tal, quer dizer, como assexuado, pois o que chamamos de gozo sexual é marcado , dominado , pela impossibilidade de estabelecer , como tal , em parte alguma do enunciado , esse único Um que nos interessa, o Um da relação sexual."(Lacan, 72-73, 15).

No gozo dos corpos , o gozo sexual teria "o privilégio de ser especificado por um impasse."(Lacan,op. cit. , 16).

Lacan fazendo uso de sua topologia , como de uma geometria, fala assim do gozo. Haveria uma heterogeneidade do lugar. Isto diz respeito a um lugar do Outro, de um sexo como Outro, como Outro absoluto.

Para Lacan "o discurso analítico só se sustenta pelo enunciado de que não há, de que é impossível colocar-se a relação sexual. É nisto que escoram os avanços do discurso analítico , e é por isso que ele determina o que é realmente do estatuto de todos os outros discursos."(Lacan, op. cit.17).

" O gozo , enquanto sexual, é fálico , quer dizer, ele não se relaciona ao Outro sexo como tal."(Lacan, op.cit.18).

Pela topologia , ele coloca o espaço do gozo sexual como "um espaço circundado, fechado no caso ..."(Lacan, op. cit.18) Estes espaços podem ser tomados um a um, ou melhor , já que a questão está sendo analisada desde o ponto de vista do gozo

gozo fálico , podem ser tomadas uma a uma. Isto é o que, segundo o autor , faz Don Juan. Ele as tem , as mulheres , uma a uma .

O gozo do corpo é para Lacan assexuado , e representa ao mesmo tempo a condição sem a qual o sexo da mulher não significa nada para o homem.

Isto remete à erótica , que trataremos no capítulo 4.

"É o que demonstra o discurso analítico , no que , para um desses seres como sexuados, para o homem enquanto que provido do órgão dito fálico _ eu disse dito _ , o sexo corporal, o sexo da mulher_ eu disse da mulher , embora justamente não exista a mulher, a mulher não é toda _ o sexo da mulher não lhe diz nada , a não ser por intermédio do gozo do corpo."(Lacan, op. cit.15)

E fala da objeção , da restrição da seguinte maneira :

"O discurso analítico demonstra _ permitam-me dizê-lo desta forma _ que o Falo é a objeção de consciência, feita por um dos dois seres sexuados , ao serviço a ser prestado ao outro . E que não me falem dos caracteres secundários da mulher , porque , até nova ordem , são os da mãe que primam nela . Nada distingue a mulher como ser sexuado senão justamente o sexo."(idem).

"Tudo gira ao redor do gozo fálico. É precisamente o de que dá testemunho a experiência analítica , e testemunho de que a mulher se define por uma posição que apontei como não- toda no que se refere ao gozo fálico....Vou um pouco mais longe_ o gozo fálico é o obstáculo pelo qual o homem não chega , eu diria , a gozar do corpo da mulher, precisamente porque o de que ele goza é do gozo do órgão ."(Lacan, op. cit.15) .

O gozo corporal seria o gozo do órgão , que é o gozo fálico e que é assexuado. O gozo sexual , da relação sexual, não existe, cada um dos dois sexos gozando assexualmente do gozo do órgão . O gozo sexual, da relação sexual, não existe.

2.2.4.0 Homem e a Mulher como significantes.

Lacan considera que toda a realidade humana é discursiva, já que nasce a partir da existência do simbólico, e a inscrição neste. Antes do discurso, nada há que possamos considerar do campo do humano. Por conseguinte, tudo que nós manejamos, é da ordem do discurso. Nós, alienados no Outro, não passamos também de significantes. Diz Lacan que homens, mulheres e crianças são apenas significantes, ligados ao uso corrente - ou discorrente, como o autor a ele se refere - da linguagem.

O discurso analítico, segundo Lacan, demonstra que não há relação sexual. Mas esta fórmula só poderá ser compreendida dentro da articulação do discurso analítico. "A mulher só entra em função na relação sexual enquanto mãe".

(Lacan, Sem. 20, 72-73, 49).

A escrita é uma suplência sobre o qual repousa o gozo da mulher "para esse gozo que ela é não-toda, quer dizer, que a faz em algum lugar ausente de si mesma, ausente enquanto sujeito, ela encontrará, como rolha, esse ϕ que será seu filho." (Lacan, Sem. 20, 49).

O homem entra na relação sexual, se esta pudesse se escrever, como significante, em relação com o gozo fálico. A relação sexual não poderá jamais ser escrita num discurso.

Há um gozo fálico, que está ligado à castração, isto é a alguma coisa que diga não à função fálica. Só dessa forma é que o homem faz amor, goza da mulher, ou antes, goza do gozo fálico, do corpo.

"O ato de amor é a perversão polimorfa do macho." (Lacan, Sem. 20, 98).

A mulher não há, por ela, por essência não ser toda, em relação à função fálica...por ser não-toda, ela tem, em relação ao que designa de gozo a função fálica, um gozo suplementar" (Lacan, Sem. 20, 99). Esse gozo suplementar é

um gozo para além do falo, do qual a mulher, que não existe, nada sabe, a não ser que o experimentaria, em alguns casos. Seria um gozo próximo do gozo místico, do mais além.

Se há uma libido que é masculina, como postula Freud, significa que há um campo ignorado: o campo de todos aqueles que assumem o estatuto da mulher.

O Outro é aquilo com o qual a mulher tem relação. Com o significante desse Outro. Nada se pode dizer da mulher.

A questão do gozo do que Lacan denomina de gozo do macho e de gozo da mulher, não coincidem necessariamente com a anatomia dita feminina ou masculina.

O mito da complementariedade dos sexos ao chegarem à idade adulta, cai por terra, com as aproximações que Freud e Lacan fazem do assunto.

2.2.5.0 mito da existência da relação sexual.

Por um lado Freud nos faz pensar numa situação de normalidade ideal a ser atingida, um estado em que as pulsões parciais convergeriam sob a hegemonia da pulsão genital, a serviço da reprodução, transformando-se a criança, de polimorfa perversa, em adulto, deixando desta forma, aberta uma brecha para possíveis interpretações moralistas que, infelizmente, como sabemos, não foram desaproveitadas. Um exemplo relacionado com o assunto em questão é a seguinte assertiva do autor:

"O resultado final do desenvolvimento sexual está no que se conhece como vida sexual normal do adulto, em que a busca do prazer fica sob a influência da função reprodutora e em que as pulsões parciais, sob o primado de uma única zona erógena, realizam uma firme organização dirigida para um objetivo sexual ligado a algum objeto estranho".(Freud, 1905, 203).

Por outro lado, e de uma forma muito sutil e dialética, levanta a hipótese de uma disposição universal para as perversões própria do ser humano.

"Assim a disseminação extraordinariamente grande das perversões nos força a supor que a disposição para as perversões não é em si muito rara, devendo constituir parte do que se passa como constituição normal." e ainda "...Torna-se impossível não reconhecer que esta mesma disposição para as perversões de toda espécie é uma característica humana e fundamental."(Freud.1905,196).

"Numa classe de casos (as perversões), estas raízes podem transformar-se nos veículos reais de atividade sexual; em outros, podem ser submetidas a uma supressão (recalcamento) insuficiente e assim ser capazes, de forma indireta, de atrair uma considerável parcela de energia sexual para elas, como sintomas; enquanto, nos casos mais favoráveis, que se situam entre estes dois extremos, elas podem, por meio da restrição afetiva e outras espécies de modificação, produzir o que se conhece como vida sexual normal."(Freud.1905,174)

Aqui Freud abre as portas para uma concepção moralista de tipo "natural".

Lacan remonta o pensamento de Freud, no que tem de mais ousado e subversivo

Em 1964, no Sem. 11, Lacan, seguindo a linha traçada por Freud de divisão entre a corrente sensual e a corrente de ternura, apresenta, por um lado a questão da pulsão, desmontando-a; e por outro, a do amor.

"A realidade do inconsciente ... é a realidade sexual"(Lacan, Sem. 11, 143)

Por que esta afirmativa? Freud já tinha falado do corte radical no ser humano com tudo e qualquer coisa que lembrasse ao instinto animal. Como mostramos antes, os "Três ensaios" foram escritos por Freud para demonstrar que a pulsão não tem nem uma finalidade pré-fixada, nem um objeto que a satisfaça.

Freud faz um estudo de uma teoria da biologia pela qual nos seres mais primários, a manutenção da espécie se dá através de um processo de partenogênese que permite que a substância do indivíduo que se parte em dois para dar continuidade à espécie, se mantenha 'ad eternum'. Por outro lado, a introdução da divisão sexual no reino animal colocou o indivíduo na incômoda situação de ser apenas um portador das células germinais, ele mesmo se transformando em um ser morto, a todos os efeitos, desde o início.

Entre os seres humanos, é claro que existe uma divisão dos sexos a nível anatômico. Lacan argumenta: "Sabemos que divisão sexual, na medida em que reina sobre a maior parte dos seres vivos, é o que garante a manutenção do ser de uma espécie." (Lacan, Sem. 11, 1964, 143) A mola da reprodução está fundamentada nisto. Mas isto não seria tão claro quando vai se pesquisar o psiquismo humano.

A relação sexual só é possível onde existem os sexos, macho - fêmea. Isso entre os seres humanos, a nível psíquico, não existe como vimos logo acima. Não há nenhum sinal de que exista, nem sequer significação a nível psíquico, do que é masculino e do que é feminino. O que se encontra é representação de atividade-passividade localizado a nível das pulsões, e a antítese fálico-não fálico, que é da ordem do fictício, do significante. Lacan afirma que a realidade do inconsciente é a realidade sexual. Este raciocínio está em linha direta com o que Freud tinha falado da não-existência de dois sexos, o homem e a mulher, e toda a discussão em torno e, principalmente, com a concepção de que tudo que era da ordem do instintivo, se perdia. Ficaria então perdido, a nível do inconsciente, podendo se pôr em discurso, por meio da intermediação das pulsões parciais. E é por essa realidade sexual que o significante chegou ao mundo humano. Ele encontra legitimada esta afirmação pelas descobertas de genética, ciência nova na época, que estudando os processos de meiose que

ocorrem quando as células sexuais amadurecem , para depois poder formar um novo ser , descobriu o duplo processo de redução , e por conseguinte de perda. Produz-se uma combinatória , com a conseguinte expulsão de restos.

Se a nível biológico existe uma combinatória , redução e perda de restos, coisa parecida se poderia pensar em relação `a constituição do sujeito do inconsciente, submetido `as leis do significante. Lacan, traz esta colocação a nível de hipótese:

O objeto da pulsão. O objeto causa de desejo. A pulsão contorna o "das Ding" ou o objeto a , causa de desejo. O objeto é indiferente.

Nos diz Lacan, em relação ao objeto, se utilizando dos fundamentos narcísicos da teoria freudiana .

"O objeto - uma vez que especifica as direções , os pontos de atrativo do homem em sua embocadura, em seu mundo, uma vez que o objeto lhe interessa por ser mais ou menos sua imagem, seu reflexo -esse objeto lhe interessa por ser mais ou menos sua imagem, seu reflexo- esse objeto, precisamente , não é a Coisa, na medida em que ela está no âmago da economia libidinal."(Lacan, Sem. 7, 140).

A sublimação eleva um objeto `a dignidade da Coisa, nos disse Lacan no Sem. 7.

"Na análise o objeto é um ponto de fixação imaginário dando, em qualquer registro que seja , satisfação a uma pulsão ."(Lacan, Sem. 7,143). Está se referindo aos registros do Real, do Simbólico e do Imaginário.

Lacan introduz seu conceito de objeto a , resto da operação que levou `a constituição do sujeito . Operação que consiste numa alienação primeira , e numa separação - se parere-, da qual além de surgir o sujeito dentre os significantes, se engendra um resto , o "objeto a " objeto causa do desejo.

Lacan situa a pulsão sexual num ponto de interseção entre o campo da realidade sexual e o campo do desenvolvimento do inconsciente. "Esta imagem nos permite figurar o desejo como lugar de junção do campo da demanda, onde se presentificam as síncopes do inconsciente, com a realidade sexual". (Lacan, 1964, 149).

As pulsões são basicamente um fator econômico. O Real-Ich, eu real, funciona como um sistema que garante uma homeostase das tensões internas.

"É em razão dessa realidade do sistema homeostático que a sexualidade só entra em jogo em forma de pulsões parciais. A pulsão é precisamente essa montagem pela qual a sexualidade se deve conformar com a estrutura de hiância que é a do inconsciente." (Lacan, 1964, 167).

Ele sustenta que a pulsação do inconsciente está ligada à realidade sexual e que o ponto nodal, de articulação se chama desejo. E ainda, que :

"...o desejo se situa na dependência da demanda- a qual por se articular com significantes deixa um resto metonímico que corre debaixo dele, elemento que não é indeterminado, que é uma condição ao mesmo tempo absoluta e impegável, elemento que se chama desejo." (Lacan, 1964, 146).

"A função do desejo é resíduo último do efeito do significante no sujeito. *Desidero*, é o *cogito* freudiano. É daí, necessariamente, que se institui o essencial do processo primário." (Lacan, 1964, 147).

Lacan diz que a satisfação da pulsão é impossível, coisa que já vimos em Freud. Acrescenta que o caminho do sujeito passa entre duas muralhas do impossível, que são o real, que seria aquilo contra o qual se choca o princípio do prazer, e em segundo lugar, porque nenhum objeto de necessidade pode satisfazer a pulsão. Não existe objeto que possa satisfazer; o objeto é indiferente.

Diz E.Vidal: "O desejo não é desejo de um objeto, senão desejo dessa falta do Outro...O Outro é elevado, pela ação da demanda à posição de privilégio de dar o

que não tem, o que se denomina amor. Toda demanda é demanda incondicional de amor"(Vidal,"A questão do objeto..."in O Objeto na teoria..."coord.Birman,73, 133-135)

Lacan faz uma lista dos diferentes objetos que vão ocupar o lugar desse objeto δ , causa do desejo.São estes o seio , as fezes , o falo , o olhar e a voz.

A pulsão contorna o objeto causa do desejo , escamoteando o próprio objeto.

Este traçado do ato é a essência da pulsão . É em si uma função erótica , já que a pulsão não se dirige ao objeto , mas o contorna.

O recalco original é um significante . Os fundamentos, e todo o que se edifica por cima é o andaime de significantes. Sua estrutura é inscrita em termos sincrônicos, de metáfora. É a estrutura do recalque e do sintoma.

Na outra extremidade está o desejo , cuja estrutura é metonímica.

No intervalo Lacan localiza a sexualidade , cuja legibilidade é possível retroativamente.

Diz Lacan : " É, a saber, que em relação `a instância da sexualidade , todos os sujeitos estão em igualdade, desde a criança até o adulto- que eles só têm a ver com aquilo que , da sexualidade , passa para as redes da constituição subjetiva , para as redes do significante-que e sexualidade só se realiza pela operação das pulsões parciais, parciais em relação `a finalidade biológica da sexualidade."(Lacan, 1964, 167).

Consideramos a pulsão , cindida em dois sentidos , no que se refere ao objetivo ou fim. Por um lado pelo processo de sublimação , por outro lado , pelo processo de idealização , o que vai resultar no surgimento das correntes sensual e afetiva da pulsão por um lado e das correntes de prazer e de desprazer ou de repulsa do outro.

2.3. Da troca dos corpos à troca pela palavra.

Corrente sensual e afetiva. Amor Eros e Amor Paixão.

Desde os primeiros escritos Freud se refere 'a pulsão como dividida numa corrente sensual e numa corrente afetiva. O primeiro processo - de sublimação- transforma o "drang", a tendência da pulsão, qualitativamente, ao mudar o objetivo da mesma, ao desviá-la de seus objetivos sexuais. Diz-nos Freud:

"Os historiadores da civilização parecem unânimes em admitir que poderosos componentes são adquiridos para toda espécie de realização cultural, por este desvio das forças pulsionais sexuais dos objetivos sexuais e sua orientação para objetivos novos -processo que merece o nome de "sublimação". (Freud, S. 1905, 182).

No curso da obra, Freud, vai diferenciar o amor, de fazer amor.

Ele distingue, junto com seus colaboradores, a excitação sexual, a emoção psíquica, e o ato sexual, que podemos considerar como a primeira abordagem 'a questão da divisão da pulsão em duas correntes.

Em 1893, Breuer escreve:

" Uma transição entre esses aumentos endógenos de excitação e as emoções psíquicas, no sentido mais estrito, é proporcionado pela excitação sexual e pela emoção sexual. A sexualidade surge, na primeira dessas formas, como uma elevação de excitação. 'A medida que o desenvolvimento se processa, esta elevação endógena de excitação, determinada pelo funcionamento das glândulas sexuais, torna-se firmemente vinculada (no curso normal das coisas) 'a percepção ou idéia do outro sexo, e, na realidade, 'a idéia de um outro

indivíduo em particular, quando ocorre o maravilhoso fenômeno de ficar apaixonado. Essa idéia absorve toda a quantidade de excitação liberada pela pulsão sexual. Torna-se uma "idéia afetiva"; vale dizer, quando se acha ativamente na consciência, põe em movimento o aumento de excitação que, de fato, se originou de outra fonte, a saber, as glândulas sexuais". Quando a excitação se torna muito intensa, o encadeamento de idéias fica perturbado e no orgasmo chega a desaparecer. (Breuer, "Considerações teóricas" 1893, 253-254)

Em 1894, em suas Cartas a Fliess (Freud, 1894), Freud, define o afeto sexual de uma maneira ampla, como uma excitação de quantidade definida ou como uma tensão físico-psíquica.

Freud utiliza o termo "afeto sexual", às vezes de uma maneira ampla que inclui tensão física e libido psíquica. Ele considera que quando a tensão física atinge certos níveis, desperta a libido psíquica que orientaria o processo no sentido da consumação sexual ao coito. Se a reação específica que conduziria ao ato sexual não se concretizar, "a tensão físico-psíquica, o afeto sexual", aumenta desmedidamente.

Às vezes o utiliza num sentido mais restrito:

"...Podemos supor que a tensão endôgena cresce ou continuamente ou de modo intermitente, mas em todo caso, só é percebida quando atingir um certo limiar. É somente acima desse limiar que a tensão passa a ter significação psíquica, que entra em contato com determinados grupos de idéias que, com isso, passam a buscar soluções. Assim, a tensão sexual física acima de certo nível desperta a libido psíquica que então induz ao coito." (Freud, 1894, 265).

Freud fala de uma tensão física que ao se acumular, exige uma solução. Existe uma relação entre as duas tensões. O aparecimento de uma depende da intensidade da outra. Até o momento, trata-se principalmente de quantidades.

Há um comportamento parecido ao que em física se entende por sublimação , embora Freud não o denomine desta forma ainda.

A partir de um certo nível de excitação ,se produz uma transformação qualitativa que se traduz , no aparelho psíquico, como 'significação psíquica'. Quando alguma coisa falha nos fatores psíquicos tornando-se a ligação psíquica insuficiente , a tensão física aumenta sem conseguir ligar-se psiquicamente, transformando-se então em ansiedade e não se produzindo então a indução ao ato sexual com a conseguinte descarga. A libido psíquica se depreende da excitação física , e a resolução desta depende da primeira. A excitação somática leva , a partir de certo limiar , a transformação qualitativa, em libido psíquica , que por sua vez possibilita a descarga somática . Houve então no meio um processo de tradução, a outra língua , a outra qualidade , que possibilitou que a função primordial de descarga do aparelho psíquico se exercesse .

Durante a descarga sexual, o pensamento , a formação de idéias libidinais que o fizeram possível , se nubla . O trabalho psíquico fica perturbado durante o ato sexual.

2.3.1. Corrente de ternura; O Amor.

Nos melancólicos , há um acúmulo de tensão erótica psíquica , um grande anseio de amor , que não apresenta a necessidade de relação sexual.

É no texto "Três ensaios sobre a sexualidade" , que Freud se refere ao surgimento das duas correntes da vida sexual num contexto de transformações que se operam na criança e que determinam a passagem para a puberdade. Freud aponta para um processo difásico da escolha de objeto. A primeira fase , que se

caracteriza pela natureza infantil dos objetivos sexuais, ocorre entre os dois e os três anos de idade, se vê interrompida pelo período de latência, após o qual, com o reflorescimento da excitação sexual, surge a segunda fase, a puberdade. A corrente afetiva é resultante de uma atenuação da vida sexual infantil e produto do recalque com que se inaugura o período de latência. Entendemos que há neste processo um desvio das pulsões em relação ao objetivo primeiro.

Freud identifica o que a criança sente por aqueles que dela cuidam, como amor sexual. (Freud, S. 1905, 226.) Embora os inícios da satisfação sexual ainda estejam vinculados à ingestão de alimentos, a pulsão sexual tem um objeto sexual fora do corpo do próprio infante, sob a forma do seio da mãe, antes de perdê-lo, tornando-se a pulsão auto-erótica.

A relação da criança sendo amamentada pela mãe seria para ele o protótipo de toda relação de amor.

Na adolescência, devido ao aparecimento das forças repressoras da sociedade, constroem-se as barreiras contra o incesto, que excluíram as pessoas mais próximas de sua escolha sexual. (Freud, 1905, 232).

A corrente de ternura é produto de uma fixação da libido em objetos infantis.

O desvio em relação ao objetivo sexual se produz justamente à raiz das restrições impostas pela sociedade, e conduzem à formação da corrente afetiva ou de ternura. O desvio é possível graças, segundo entendemos, ao processo de sublimação. A excitação sexual, investindo na idéia de afeto, isto é, se detendo na idéia psíquica já atenuada, passa pelo processo de sublimação, impedindo a concretização do ato sexual.

Há uma frase de Freud que é muito esclarecedora.

"A pulsão (em si) não tem qualidade, e no que concerne à vida psíquica deve ser considerado apenas como uma medida da exigência de trabalho feita à mente". (Freud, S.).

Freud está se referindo ao processo de transformação da excitação sexual em estrutura de pensamento, em desejo. Em compensação, a libido tem um caráter qualitativo. E ainda, diz Freud: "Esta libido do ego, contudo, só é convenientemente acessível ao estudo analítico quando tiver sido usada para dotar os objetos sexuais de energia libidínica, isto é, quando se tiver tornado libido de objeto." (Freud, "Três ensaios" 1915, 223).

Segundo a nossa opinião, a corrente de ternura, que surge na puberdade, é produto dos processos de sublimação e de idealização. Por um lado, sublimação da pulsão; por outro, idealização dos objetos incestuosos. Diz Freud a respeito:

"Só a investigação psicanalítica pode mostrar que atrás desta afeição, admiração e respeito estão ocultos os velhos anseios sexuais das pulsões parciais infantís, que agora se tornaram inúteis." (Freud, op.cit. 206).

Em 1912, Freud refere-se à origem desta corrente. Ela se constituiu às expensas das pulsões de auto preservação, e é dirigida aos membros da família e aos que tomam conta da criança.

Existe outra maneira, ainda, de entender essa corrente de ternura, isto é, como pulsões "inibidas em seu objetivo", e a emoção que delas se depreende, de "afetuosa". (Freud, S. 1912, 141).

Em relação à "corrente sensual", tanto o amor sexual como o que aparentemente é não-sexual se alimentam da mesma fonte: a sexualidade polimorfa infantil. Freud coloca que, durante o período puberal, a pulsão se vê obrigada "a abrir mão dos objetos da infância", e, devido ao acréscimo sexual da puberdade, recomeçar como corrente sensual (Freud, S. 1905, 206).

Na puberdade, "o novo objetivo sexual dos homens consiste na descarga dos produtos sexuais. O anterior, a consecução do prazer, não lhe é de forma alguma estranho; ao contrário, o mais alto grau de prazer está ligado a este ato

alguma estranho; ao contrário, o mais alto grau de prazer está ligado a este ato final do processo sexual."(Freud,S.1905,213)

Esta corrente sensual vai se pôr em ação dirigindo-se a um objeto fora do circuito familiar. Em 1921,(Freud,S. 1921,141), se referindo ao amor de uma maneira ampla, define o amor sensual comum, como uma catexia de objeto cujo objetivo é uma satisfação diretamente sexual, que expira ao alcançar seu objetivo.

A corrente sensual isolada, uma vez realizada a descarga da tensão sexual através do ato sexual, se esvai, não deixa inscrições psíquicas, como acontece com a corrente afetiva. Poderíamos dizer que se trata de um impulso mudo, sem palavras, sem representação psíquica.

Freud considera que uma vida sexual normal implica a confluência de ambas as correntes sobre o mesmo objeto sexual. (Freud,S.1905,206).

Este seria um dos ideais da vida sexual, a convergência das correntes sensual e de ternura a serviço da reprodução.

Existe uma interrelação entre ambas as correntes, como já vimos antes. A corrente sensual é a que leva à vinculação da catexia à idéia afetiva, ao desejo e por sua vez é este que desperta a excitação sexual. Diz-nos Freud: "Como sabemos, a pulsão sexual não é despertada somente por excitação direta da zona genital, o que chamamos afeição, infalivelmente mostrará seus efeitos, um dia também nas zonas genitais" (Freud,1905,230).

Se a pulsão sexual fora na infância auto-erótica, quando a corrente sensual encontra um objeto fora do circuito incestuoso, aparece um novo objetivo sexual que é a reprodução, e para atingí-lo, qual, as pulsões parciais se combinam sob a hegemonia da zona genital.

O prazer, objetivo mais geral da pulsão sexual, ficaria ligado então a esta nova função da reprodução.

"O novo objetivo sexual dos homens consiste na descarga dos produtos sexuais. O anterior, a consecução do prazer, não lhe é de forma alguma estranho, ao contrário, o mais alto grau de prazer está ligado a este ato final do processo sexual. A pulsão sexual está agora subordinada à função reprodutora, tornando-se por dizer assim altruístico." (Freud, 1905, 213).

E ainda: "Uma vida sexual normal só é assegurada pela exata convergência da corrente sexual e o objetivo sexual...É como a conclusão de um túnel cavado através de uma montanha, a partir de ambos os lados." (idem).

O amor familiar ou Amor-Agape está baseado nesta concepção moralista e naturalista que leva em consideração, antes a espécie humana, do que os desejos do indivíduo. Em certas épocas e dependendo do crescimento demográfico, a civilização exige que a reprodução se converta num objetivo da relação amorosa. O que se observa em análise, em muitos analisandos, é que longe de convergerem as duas correntes sobre um único objeto, há uma "divisão do amor": "Quando amam não desejam, e quando desejam não podem amar." (Freud, 1912, 167). A atividade sexual destas pessoas se vê facilmente perturbada e não é acompanhada de muito prazer. A escolha de objeto se vê restrita a evitar a corrente afetiva, canalizando a sensualidade sobre objetos que não precisem amar, que não lembrem os objetos primordiais de amor proibidos. Estudando a impotência sexual de origem psíquica, Freud chega à conclusão de que certo grau de impotência psíquica caracteriza o amor do todo homem civilizado.

Na ordem dos comportamentos amorosos, isto leva à dupla moral, habitual nos homens.

Lacan distingue o Amor-Eros do Amor-Égape, fundamentado na existência dos dois narcisismos aos quais se referiu Freud, no texto "Introdução ao narcisismo".

Denominaremos, a partir de agora, o que Lacan denomina Amor-Eros como amor -paixão ou amor-platônico, reservando o termo de amor- Eros , para o amor -sensual , carnal.

O amor-paixão é aquele no qual o objeto amado é estritamente equivalente ao Ideal do eu . É por isso que se produz no amor , como na hipnose , como na sugestão, uma dependência , que seria "uma verdadeira perversão da realidade pela fascinação pelo objeto amado e sua sobrestimação." (Lacan, Semin.1, 53-564, 149). Estaria fundado na escolha narcísica de objeto a que Freud se refere em "Introdução ao narcisismo", isto é, a escolha feita segundo o modelo do objeto sexual primitivo que é ele mesmo - a própria criança. Como tal se produz no registro imaginário. O narcisismo produz um fascínio por se tratar de um mundo fechado em si mesmo, satisfeito , pleno .

O amor -paixão tem exigências muito específicas . Comparando-o com o amor de transferência , Lacan diz que a diferença estaria radicada ,no seguinte: para o amor-paixão, são necessárias condições de coincidência entre a imagem do objeto guardada (das Ding) e a imagem do objeto real , enquanto que na transferência o amor se produz universalmente sem tantas condições , e, inclusive, antes de que a análise tenha começado.

Lacan chama a atenção para o abismo que existe entre esta visão do amor e aquela outra em que , usando-se um critério de "normalidade" em relação a pautas de comportamento sexual na realidade, se coloca como objetivos de saúde mental atingir a fase genital, como produto de uma maturação afetiva , e pondo-se a serviço da reprodução. Este amor , Lacan o define como Amor-Agape, e estaria relacionado à libido objetal e ao narcisismo secundário. Estaria relacionado com a escolha anaclítica de objeto, isto é baseada no modelo daquela que alimentou - a mãe - e daquele que protege - o pai - Lacan

deixa claro que esta escolha não se produz menos no registro imaginário do que a outra. Está fundada, também, numa inversão da identificação.

Diz Lacan: "...o que eu digo do amor é certamente que não se pode falar dele." (Lacan, Sem., 20, 21)

"O amor, certamente, faz signo, e ele é sempre recíproco." (Lacan, Sem., 20, 12). E acrescenta Lacan que ele é sempre recíproco e que é "por isso que se inventou o inconsciente.- para se perceber que o desejo do homem é desejo do Outro, e que o amor, se aí está uma paixão que pode ser ignorância do desejo, não menos lhe deita toda a sua poja. Quando se olha para lá mais de perto, vêem-se as devastações." (Lacan, 1972-73, 12).

Lacan diz que o amor demanda amor: "...o amor demanda o amor. Ele não deixa de demandá-lo. Ele o demanda ...mais ...ainda.[faz o seguinte jogo:en-core, en-corps, no corpo] Mais, ainda, é o nome próprio dessa falha de onde, no Outro, parte a demanda de amor." (Lacan, Sem., 20, 13).

Pergunta-se Lacan se o amor tende a fazer um:

"Do que é que se trata então no amor? O amor, será que — como promove a psicanálise com uma audácia tanto mais incrível quanto mais vai contra toda sua experiência, e quanto mais ela demonstra o contrário— o amor, será que é fazer um só? Eros, será ele tensão para o Um?" ..."o desejo só nos conduz à visão da falha, quando se demonstra que o Um só se agüenta pela essência do significante. Há uma divisão entre o Um e algo que se prende ao ser e, por trás do ser, ao gozo..A análise demonstra que o amor, em sua essência, é narcísico, e denuncia que a substância do pretense objetai-papo furado- é de fato o que, no desejo, é resto, isto é, sua causa e esteio de sua insatisfação, se não de sua impossibilidade." (Lacan, 1972-73, 13-14)

O amor, por ignorar que é apenas desejo de ser Um, é impotente, e busca estabelecer a relação sexual dos dois sexos, que é impossível.

"...o amor é o signo de que trocamos de discurso. Da última vez eu disse que o gozo do Outro não é signo do amor. E aqui , digo que o amor é um signo."(Lacan, Semin.20, 27).

E a seguir:" O que não é signo do amor é o Gozo do Outro, o do Outro sexo e , eu comentava, do corpo que o simboliza."(Lacan, Semin.20,28)

"Troca de discurso...isso mexe, isso os, isso nos, isso se atravessa, ninguém marca a batida." Lacan esclarece que a noção de discurso deve ser entendida como liame social.

Lacan sublinha o que Freud deixou bem claro. "A relação objetal deve se submeter sempre ao quadro narcísico e se inscrever nele. Ela o transcende certamente , mas de maneira impossível de realizar no plano imaginário. É o que faz para o sujeito a necessidade do que chamarei amor."(Lacan, semin. 1., 202).

2.3.2.0 narcisismo do amor.

Em 1905 , Freud postula o surgimento de uma sexualidade auto-erótica, apoiada em um princípio nas pulsões de autoconservação , se desligando mais tarde delas .(Freud,1905)

Segundo Freud, existe "uma catexia libidinal original do ego , parte da qual é posteriormente transmitida a objetos, mas que fundamentalmente persiste e está relacionada com as catexias objetais, assim como o corpo de uma ameba está relacionado com os pseudópodes que produz" (Freud.1914,92) .

Ele postula a existência de um narcisismo primário , próprio do ser humano .

Lacan diz que o amor enquanto Eros implica a presença universal de um poder de ligação entre os sujeitos. (Lacan.53-54,133).

Freud levanta a existência de uma antítese entre a libido do ego e a libido objetal, isto é, quanto mais a libido objetal investe num objeto amoroso, mais o amor a si próprio (a auto-estima) diminui.

Mas o ego que regula a "libido do objeto" e a "libido do ego", como se se tratasse de uma balança, surgiu de um estado primitivo de auto-erotismo que logo passou para um estado de narcisismo. É necessário para o psiquismo "ultrapassar os limites do narcisismo e ligar a libido a objetos", isto é, amar. (Lacan, 53-54, 101).

O egoísmo nos protege contra o amar demais, mas também adoecemos se não formos capazes de amar.

Lacan no seu livro I do Seminário Lacan de 1953, se refere a esta questão: As relações da libido com o imaginário e o real e o problema da função real que o ego desempenha na economia psíquica.

Numa intervenção durante o seminário, O. Mannoni observa que

"o investimento dos objetos pela libido é no fundo uma metáfora realista, porque ela só investe a imagem dos objetos. Ao passo que o investimento do eu pode ser um fenômeno intrapsíquico, em que é a realidade ontológica do eu que é investida. Se a libido se tornou libido de objetos, ela não pode mais investir senão alguma coisa que será simétrica à imagem do eu. De sorte que teremos dois narcisismos, segundo seja uma libido que invista intrapsiquicamente o eu ontológico, ou bem uma libido objetal que invista alguma coisa que será talvez o ideal do eu, e em todo caso uma imagem do eu. Teremos então uma distinção muito bem fundada entre o narcisismo primário e o narcisismo secundário." (Lacan, 53-54, 145)

Lacan esclarece que o que Mannoni denomina de ontológico seria em verdade a relação entre a constituição da realidade e o relacionamento com a forma do corpo, isto é, seu ser libidinal.

"...as funções do eu - por um lado, elas desempenham para o homem como para todos os outros seres vivos um papel fundamental na estruturação da realidade -por outro lado, elas devem no homem passar por esta alienação fundamental que constitui a imagem refletida de si mesmo , que é Ur-Ich , a forma original do Ich -Ideal bem como da relação com o outro".(Lacan, 1953-54,148).

2.3.3. A Troca pela palavra.

A questão da franqueza e da mentira são questões que ficaram sempre restritas, ou a área da religião ou a área da filosofia. Com a explosão da Ciência das Ideologias , não é mais possível deixar de lado, o aspecto ideológico desta questão . Freud , faz em sua obra uma belíssima pesquisa da mentira e da verdade ao colocar o indivíduo dividido em várias instâncias psíquicas. Freud o situa dividido e em conflito consigo próprio. Ao estudar as histéricas , no primeiro período de estudo , Freud nos fala no "Proton Pseudos" , a primeira mentira . Com a introdução do conceito do Inconsciente,(Freud, "O Inconsciente", 1915), se possibilitou a idéia de processos que desconhecemos em nós mesmos e aos quais só temos acesso indiretamente , por dedução a partir do que percebemos nos outros e por lógica , para explicar uma série de fenômenos que se passam conosco e para os quais não temos outra opção a não ser recorrer a esse conceito de inconsciente. No sistema Inconsciente regido pelo processo primário , não existe a noção de sim e de não , de vida e de morte não existe por conseguinte a idéia de verdade e de mentira , de Bem e de Mal. Se, no início de sua carreira , Freud achava que a paciente guardava um segredo , isto é, uma coisa que não desejava (intencionalmente) falar , e para isto recorria ao método de interrogar , mas tarde percebe que a paciente possuía

informações que ela mesma desconhecía , que ela ocultava de sua parte executiva do eu.

A ignorância é uma noção dialética , já que se constitui como tal , na perspectiva da verdade. "Se o sujeito não começa a se colocar a questão em referência com a verdade , não há ignorância ".(Lacan, Sem. 1 , 193).Se não se colocar a questão do saber , também não se coloca a questão do não saber, nem do que é verdadeiro ou falso, real ou aparente, bom ou ruim. "Digamos que a ignorância se constitui de maneira polar em relação `a posição virtual de uma verdade a atingir. É , pois , um estado do sujeito enquanto fala."(Lacan, sem. 1, 193-194).

A palavra tem uma função de reconhecimento . "A palavra é essa dimensão por onde o desejo do sujeito é autenticamente integrado no plano simbólico, é somente quando ele se formula , se nomeia diante do outro , que o desejo , seja ele qual for , é reconhecido no sentido pleno do termo ."(Lacan, Sem. 1, 53-54, 212). Trata -se do reconhecimento do desejo.

A função do ego é imaginária , e como tal enganadora. O sujeito,por outro lado é "o que , no desenvolvimento da objetivação , está fora do objeto."(Lacan, Sem. 1, 224). O sujeito que fala é sujeito porque é capaz de mentir , porque é diferente do que diz. Trata-se de uma dimensão diferente da do ego. Para Freud , há algo que fala no ser humano. Falar no pleno sentido humano é equivalente a mentir. Aliás `a mente' , mente.

O super-eu divide pela metade o mundo simbólico do sujeito , nos diz Lacan. Uma parte fica interdita , inacessível `a consciência; a outra ,continua a ficar acessível.

"...o inconsciente é , no sujeito , uma cisão do sistema simbólico , uma limitação, uma alienação induzida pelo sistema simbólico. O super-eu é uma cisão análoga , que se produz no sistema simbólico integrado pelo sujeito. Esse mundo simbólico não é limitado ao sujeito , porque se realiza numa língua que é a língua comum , o sistema simbólico universal, na medida em que estabelece o seu império sobre uma certa comunidade à qual pertence o sujeito. O super-eu é essa cisão enquanto se produz para o sujeito - mas não somente para ele- nas suas relações com o que chamaremos a lei." (Lacan, Sem. 1., 227).

A palavra é a que introduz a verdade e a mentira, a equivocação, a ambiguidade. A palavra é por essência ambígua. A noção do ser só existe no registro da palavra e, como ela, é fugidio. Lacan define o ser do sujeito como o que se processa na experiência da palavra.

Há palavra na medida em que haja alguém para acreditar nela , alguém para compreendê-la. A palavra, antes que mais nada, é o meio de ser reconhecido. A troca pela palavra traz prazer. Cada palavra tem muitos sentidos.

"...Freud mostra-nos como a palavra, isto é, a transmissão do desejo , pode se fazer reconhecer através de qualquer coisa , desde que essa qualquer coisa seja organizada num sistema simbólico." (Lacan, Sem. 1, 277).

O diálogo é uma situação de plena intersubjetividade , nos diz Lacan. "Nenhuma troca é possível senão através da identificação recíproca de dois universos completos da linguagem. É por isso que toda palavra é já, como tal , um ensinar. Não é um jogo de signos , situa-se não no nível da informação , mas no da verdade." (Lacan, Sem.1, 284).

A troca pela palavra pode se dar no registro do real, do imaginário ou do simbólico. Lacan , considerando o espaço das relações humanas como tridimensional, diz que as três paixões fundamentais da dimensão do ser humano poderiam nele ser localizadas: o amor , na junção entre o simbólico e

o imaginário; o ódio , na junção do do imaginário e do real e por último a ignorância , na junção do real e do simbólico.

A palavra ...está situada no registro da equivocação, do erro , da tapeação, da mentira." (Lacan, Sem. .1, 295). O sujeito não sabe o que diz.

Santo Agostinho , citado por Lacan, situa três pólos: o erro, a equivocação e a ambiguidade da palavra. Seriam equivalentes segundo o autor , ao que Freud denominou a "Verneinung", a "Verdrangung" e a "Verdichtung", as três grandes funções sintomáticas.

A "Verneinung" tenta fazer entrar os objetos nos buracos.

A "Verdrangung" produz as interrupções do discurso.

A "Verdichtung" remete `a polissemia , a polivalência da linguagem. A cada objeto correspondem mil símbolos e vice-versa.

Nós acrescentaríamos a "Verleugnung", que faz de conta que não vê o que vê. Estaria a nível do engano consciente.

2.4. O registro do imaginário e do simbólico na intersubjetividade.

Lacan, no seu Seminário 1 , propõe a intersubjetividade em lugar da relação de objeto que é o que se dá entre os animais, e que conduziria a uma satisfação plena. A intersubjetividade traria em si própria uma incompletude, uma insatisfação.

"A intersubjetividade deve estar no início , porque está no fim . E se a teoria analítica qualificou de perverso polimorfo tal modo ou sintoma do comportamento da criança , é na medida em que a perversão implica a dimensão da intersubjetividade imaginária (Lacan, Sem. .1, 249)

Há sempre três termos na estrutura .Por exemplo na pulsão escópica: Um duplo olhar: eu vejo que o outro me vê, e ainda um terceiro que me vê sendo visto. Nunca há apenas dois se vendo.

Segundo Lacan, a perversão é uma situação humana privilegiada de riqueza especial, já que permite por sua divisão a entrada do simbólico. É a situação que Freud coloca como substrato a toda condição humana. Todos os seres humanos têm uma disposição perversa, e todo ser humano ao nascer é perverso polimorfo.

"É preciso partir de uma intersubjetividade radical, da admissão total do sujeito pelo outro sujeito."(Lacan, Sem . 1, 248).

A intersubjetividade implica desde o início a introdução do símbolo , que consiste em nomear a coisa destruída.

A intersubjetividade é a dimensão em que dois ou mais seres humanos se identificam um com o outro por estarem inseridos num plano imaginário. A intersubjetividade se caracteriza pela reciprocidade.

No Seminário 1 , 1953 - 54, Lacan fala das limitações da palavra .A palavra pode , até certo ponto, expressar o ser do sujeito. A palavra plena é aquela que faz ato, é aquela que forma a verdade , que se dá no reconhecimento de um pelo outro.

"A palavra pode exprimir o ser do sujeito , mas, até certo ponto, nunca chega a isso."(Lacan 53-54, 128).Ele distingue dois planos nos quais se exerce a *traca da palavra humana*:

-o plano do reconhecimento , enquanto a palavra liga entre os sujeitos esse pacto que os transforma, e os estabelece como sujeitos humanos comunicando .

-o plano do comunicado , em que se pode distinguir todo tipo de patamares, o apelo , a discussão , o conhecimento , a informação , mas que , em última instância , tende a realizar o acordo sobre o objeto."(Lacan , 53-54,

129).Mannoni, numa intervenção que faz durante o seminário , se mostra otimista em relação `a comunicação : "Se os homens não agem como animais, é porque trocam seu conhecimento pela linguagem." (in Sem . 1, 207).

O apelo verbalizado comporta uma resposta, nos diz Lacan. O apelo para Lacan representa "a possibilidade da recusa." (Lacan, 53-54, 105). É através do apelo que se concretiza a dependência.

Claro que esse objeto não é exterior `a palavra. Ele está inserido no sistema objetivo, isto é de uma dada comunidade cultural , com todos os preconceitos que lhe cabem , nos diz Lacan."...o que nós chamamos o mundo real , e que não é senão o mundo humanizado, simbolizado, feito da transcendência introduzida pelo símbolo na realidade primitiva, só se pode constituir quando são produzidos , no bom lugar , uma série de encontros."(Lacan , 53-54, 105).

"Cada vez que um homem fala a outro de maneira autêntica e plena , há , no sentido próprio , transferência , transferência simbólica- alguma coisa se passa que muda a natureza dos dois seres em presença."(Lacan, 53-54, 130).

Esta transferência é diferente da transferência que se dá na análise , que Lacan a localiza no plano imaginário. 'O amor - paixão' é o que caracteriza esta transferência e se trata de um 'amor imaginário' que participa de uma ilusão , já que o objeto amado se confunde com o ideal do eu do sujeito.

A intersubjetividade,Lacan a coloca de ponto de partida. No amor da mãe para o filho , já está presente.

A primeira alienação do desejo está ligada `a fase do espelho. A criança aliena seu desejo no outro .Esse primeiro objeto é valorizado a partir disto.

"É na medida em que a criança aparece no mundo em estado prematuro , estruturalmente , de alto a baixo e de cabo a rabo , que tem uma relação primitiva `a sua imagem . A libido que está aqui em causa é aquela cujas

ressonâncias vocês conhecem e que é da ordem da Liebe, do amor. É o grande X de toda a teoria psicanalítica."(Lacan, Sem . 1, 208).

Na medida em que a libido primitiva alcança a maturidade, a relação com a imagem narcísica, passa para o plano da *Verliebtheit*, do estado de amor, que é diferente do registro do amor.

No plano do amor:

"o pacto inicial, o você é minha mulher ou você é meu esposo, ao qual faço frequentemente alusão quando lhes falo do registro simbólico, não tem verdadeiramente nada na sua abstração corneliana para saturar as nossas exigências fundamentais. É numa espécie de envicamento corporal da liberdade que se exprime a natureza do desejo. Queremos nos tornar para o outro um objeto que tenha para ele o mesmo valor de limite que tem, em relação à sua liberdade, o seu próprio corpo. Queremos nos tornar para o outro não somente aquilo em que sua liberdade se aliena- sem nenhuma dúvida, é preciso também que a liberdade intervenha, porque o engajamento é um elemento essencial da nossa exigência de sermos amados- mas é preciso também que seja muito mais do que um engajamento livre. É preciso que uma liberdade aceite se renunciar a si mesma para estar, a partir de então, limitada a tudo que podem ter de caprichoso, de imperfeito, e mesmo de inferior, os caminhos para os quais arrasta o estar cativado por esse objeto que somos nós mesmos."(Lacan, Sem . 1, 248).

O amor está instituído entre o simbólico e o imaginário.

"Se o amor está inteiramente preso e envicado nessa intersubjetividade imaginária, na qual desejo centrar a atenção de você, ele exige, na sua forma acabada, a participação no registro do simbólico, a troca liberdade - pacto, que se encarna na palavra dada. Aí se escalona uma zona em que vocês poderão distinguir planos de identificações, como dizemos na nossa linguagem frequentemente imprecisa, e toda uma gama de nuances, todo um leque de formas que agem entre o imaginário e o simbólico."(Lacan, Sem . 1, 248).

Na criança há inicialmente simbólico e real. O imaginário surge e vai se enriquecendo , a partir de um jogo entre estes dois polos.

"O objeto humano é originariamente mediatizado pela via da rivalidade , pela exacerbação da relação com o rival, pela relação de prestígio e de prestância."(Lacan, Sem . 1, 53, 54, 205).

Se no primeiro momento , da identificação narcísica, especular ou imaginária , a relação com a imagem do outro é de agressividade - de destruir a coisa mesma - com a passagem pelo complexo de Édipo, isto é com a introdução do registro simbólico , a palavra surge e se dá uma reversão do ódio em amor. Lacan mostra a importância da libido dita dessexualizada , ou libido do eu , na viragem.

É o que acontece, por exemplo , com o pai, no momento edipiano. O pai constitui inicialmente uma das figuras imaginárias mais manifestas do Ideal- Ich, como tal investida de uma "Vertliebtheit", estado de amor , perfeitamente isolada , nomeada e descrita por Freud . É na medida em que há regressão da posição libidinal, que o sujeito atinge a fase edipiana, entre três e cinco anos. Aparece então o sentimento de agressão , de rivalidade e de ódio contra o pai. "Uma pequena mudança do nível libidinal em relação a um certo limite, transforma o amor em ódio..."(Lacan, Sem . 1, 210).

O desejo integra sua forma do eu , contrói seu próprio eu , em contraponto com o tu . É pelo outro que o desejo pode ser nomeado , reconhecido. A palavra , então vem substituir a coisa mesma , o "das Ding".

Os desejos da criança passam pelo outro , num primeiro momento. Este outro os aprova ou os recusa . Por esta via é que a criança acede ao simbólico.

O desejo é sentido pelo sujeito pelo confronto de uma imagem descompletada com a palavra. Uma parte dela, da imagem, que estava não integrada , recalçada, surge através da palavra se completando a imagem , e com ela

surgindo a angústia. Sentido nos dois sentidos. O de significação e o de sentimento.

Afirma Lacan, : " Não há uma única forma de manifestação perversa cuja estrutura mesma , a cada instante do seu ser vivido , não se sustente na relação intersubjetiva."(Lacan, Sem . 1, 245).

Lacan se pergunta o que é a perversão .

"Ela não é simplesmente aberração em relação a critérios sociais , anomalia contrária aos bons costumes , se bem que esse registro não esteja ausente , ou atipia em relação a critérios naturais , isto é , que ela derroga mais ou menos a finalidade reprodutora da conjunção sexual. Ela é outra coisa na sua estrutura mesma. A perversão situa-se com efeito no limite do registro do reconhecimento e é isso que a fixa , a estigmatiza como tal."(Lacan, Sem . 1, 252).

A perversão é uma posição do sujeito , em relação a si próprio , de alta instabilidade. A inversão do signo , a subversão , a passagem de um valor para o outro , isto é a incerteza fundamental , é o que caracteriza a perversão como estrutura. Nenhuma ação se apresenta como da ordem da satisfação. Essa estrutura frágil, desequilibrada, inestável , é justamente o que lhe dá seu valor.

"A perversão é uma experiência que permite aprofundar o que se pode chamar, no sentido pleno , a paixão humana ...Ela é aprofundadora , com efeito , pelo fato de que nessa divisão do desejo humano aparecem todas as nuances , escalonando-se da vergonha ao prestígio , da bufonaria ao heroísmo , pelo que o desejo humano está inteiro exposto , no sentido mais profundo do termo , ao desejo do outro."(Lacan, Sem . 1, 252).

O desejo perverso às vezes resulta difícil ser chamado por seu nome . Precisa-se de ousadia. A relação perversa , que implica um desejo perverso, se sustenta da anulação , ou do desejo do outro , ou do desejo do próprio sujeito. O ser do sujeito é dissolvido .

O desejo perverso corre atrás de um objeto inanimado .Mas ao consegui-lo , o perde. Sua satisfação é estruturalmente condenada a não se realizar.Ou o desejo se esvai antes do encontro sexual ou desaparecendo o objeto.(aphanisis). São dois abismos. Ou o desejo entra na queda , se apaga, ou o objeto desaparece.

Na relação Senhor-Escravo , o que está em jogo é o prestígio. O que se arriscou e ganhou prestígio (pré-estar) ,vira Senhor. Trata-se de um jogo. De uma situação limite.

2.5 Intersubjetividade entre o "homem" e a "mulher".

Diz-nos Freud:

"A civilização humana, "por um lado, inclui todo o conhecimento e a capacidade que o homem adquiriu com o fim de controlar as forças da natureza e extrair a riqueza desta para a satisfação das necessidades humanas; por outro , incluiu todos os regulamentos necessários para ajustar as relações dos homens uns com os outros e, especialmente , a distribuição da riqueza disponível. As duas tendências da civilização não são independentes uma da outra; em primeiro lugar , porque as relações mútuas dos homens são profundamente influenciadas pela quantidade de satisfação pulsional; em segundo , porque,

individualmente, um homem pode, ele próprio vir a funcionar como riqueza em relação a outro homem, na medida em que a outra pessoa faz uso de sua capacidade de trabalho ou o escolhe como objeto sexual..."(Freud, "Futuro de uma ilusão", 1927, 16).

Lacan, baseando-se em Marx, distingue o que seria uma produção natural, da produção humana. O bem produzido pelo ser humano :

"é originado como fabricado, sujeito `a moda, `a antiguidade, `a novidade, ele é valor de uso, de tempo, ele é reserva de necessidade, ele está lá precisando-se ou não dele, e é em torno desse pano que se organiza toda uma dialética da rivalidade e partilha, na qual vão-se constituir as necessidades." (Lacan, Sem . 7, 278).

Diz Lacan :

"A longa elaboração histórica do problema do bem é centrada, no final das contas, na noção de como são criados os bens, dado que se organizam, não a partir de necessidades pretensamente naturais e predeterminadas, mas enquanto fornecem matéria para uma repartição, em relação `a qual se articula a dialética do bem, na medida em que ela adquire seu sentido efetivo para o homem."(Lacan, Sem . 7, 279).

Pouco mais adiante, no texto citado, Freud nos apresenta a dialética da "frustração, proibição e privação".

O poder nasce junto com o ser humano, na relação com a mãe, e com a Lei do pai. O fato de pulsão não se satisfazer a define como frustração. A proibição é o regulamento que estabelece a frustração. A privação é a consequência da proibição.

"O bem está no nível disto- o sujeito pode dele dispor. O âmbito do bem é o nascimento do poder."(Lacan, Sem . 7, 279).

O poder é a possibilidade de dispor de seus bens. E "dispor de seus bens é ter o direito de privar os outros de seus bens"(idem). Daqui é que surge o outro como tal, diz Lacan.

Otorga-se poder, 'aquele que é capaz de impor uma lei, que pode governar os outros para seu usufruto e para o seu gozo pessoal. O ser humano, em sua maldade última, deseja se apossar do outro para usá-lo, maltratá-lo, fazê-lo produzir para ele e para se apropriar de sua vida até a morte, se fôr possível.

Com aquele que é capaz de nos privar de alguma coisa nos frustrando, se entra em rivalidade. A privação se passa no nível imaginário. A relação homem-mulher está atravessada por estes elementos. O parceiro é colocado ou no lugar do privador, ou no lugar do castrador. A relação amorosa é situada por Lacan no nível da rivalidade:

"Depois de alguns progressos, chegou-se ao estágio do rival, relação de tipo imaginário....A rivalidade, a mais direta, entre os homens e as mulheres é eterna, e estabeleceu-se, no estilo que lhe é próprio nas relações conjugais....A revolta feminina não é coisa que date de ontem."(Lacan, Sem .2, 330).

Segundo o autor, esta luta não é uma luta que teria uma origem recente. Sempre existiu:

"Não se deve crer que nossa sociedade, por intermédio da emancipação das tais mulheres, tenha o privilégio disto. A rivalidade, a mais direta, entre os homens e as mulheres é eterna, e estabeleceu-se, no estilo que lhe é próprio, com as relações conjugais."(Lacan, Sem .2, 330)

Em Roma as mulheres envenenavam os maridos. É a dialética do Senhor - Escravo, com toda a reversibilidade que implica. A relação pode se inverter a qualquer hora. Dialética de uma permanente instabilidade.

O outro pode ser o Outro ou o outro , dependendo o momento, além dos fatores objetivos que dizem respeito ao posicionamento desvantajoso da mulher em nossa sociedade .Acontece uma coisa curiosa , nessas horas , o imaginário social se guia fundamentalmente pelos fatos anatômicos. Se é homem anatomicamente, este possuirá a nível imaginário, o falo ; assim , o contrário para a mulher.

Freud chama a atenção de quais as fontes do poder e de autoridade, entre o homem e a mulher na relação amorosa: "uma combinação de afeto exclusivo e obediência crédula é , em geral, uma das características do amor ."[do amor-paixão.]

"Assim a credulidade do amor , torna-se , se não a mais fundamental , uma importante fonte de autoridade."(Freud, "Três ensaios", 1905 , 151).

A dependência se instala a partir do momento em que um parceiro pede uma coisa ao outro. A demandas que é sempre de amor, instaura a dependência, como nos primórdios da constituição humana.

O amor-paixão, que reproduz a primeva situação de amor, traz `a luz a situação de dependência e de sujeição do amor. Além disso ,com o tempo, reproduz o desejo de impedir ao outro e de impedir-se a si mesmo a liberdade, que é uma situação de proibição, de castração, que consideramos como sendo a instituição pelos parceiros do terceiro, da Lei, dentro da relação.

Concluimos o seguinte : por tudo que já vimos sobre o amor , sabemos que ele é narcísico e que existe nele uma predominância do imaginário. Também o temor `a castração real não passa de ser um temor de alguma coisa que se processa a nível imaginário. A proibição ou castração se passa a nível simbólico e podemos aventurar que, a nível dos comportamentos amorosos, está representada por esse terceiro que é encarnado nas leis, ou da comunidade ou da Igreja.

Em nossa sociedade, enquanto o homem está preocupado em não perder seu falo, que eventualmente pode estar sendo representado por uma mulher a ele sujeitada, a mulher está preocupada em não perder o amor do homem, que em muitos casos é um substituto da relação com a mãe.

A guerra se dá no nível dos discursos, veiculados pelos mass-mídia hegemonicamente, que por sua vez se encontram dominadas por esse imaginário em que o dono do poder seria o homem, seria aquele que tem o poder de privar de alguma coisa. Mas sabemos que o privador se encontra num registro imaginário. A relação amorosa se encontra permeada por um imaginário que não permitiria a nenhum dos dois parceiros dispor de seu desejo, já que está ligada ao poder.

2.5.1. Posição de segundo grau na ordem simbólica da mulher em relação ao homem.

A posição da mulher é conflitual e sem saída.

Para entender a questão da posição dissimétrica da mulher em relação ao homem, abordaremos segundo Freud e Lacan a entendem. Voltaremos a este assunto no capítulo 6, ao tratar da erótica contemporânea.

Freud entende a elaboração do complexo de Édipo na mulher da seguinte maneira: o Super-Eu da mulher, em nossa sociedade, se veicula mais pela ameaça de perda de amor, que pelo temor da castração, o que faz com que o mesmo seja menos constituído. O temor à castração no homem é mais eficiente e vem de dentro. Na mulher as restrições, ao não serem introjetadas, proviriam sempre do mundo externo, com a conseqüente diminuição da capacidade simbólica. (Freud, "A sexualidade feminina", 1931 e "A dissolução do complexo de Édipo", 1924).

Apesar dos homens e as mulheres pensarem que podem fazer suas escolhas conjugais livremente, existem estruturas elementares que determinam estas escolhas.

Lacan, citando Lévi-Strauss, se refere à estrutura de aliança, em contraposição à ordem natural. A mulher nessa estrutura de aliança é o objeto de troca. Cumpre uma função particular, na ordem simbólica. Afirma Lacan: "Sejam quais forem os bens, as qualidades e os status que se transmitirem pela via matrilinear, sejam quais forem as autoridades que uma ordem dita matriarcal possa revestir, a ordem simbólica em seu funcionamento inicial, é androcêntrica. É um fato." (Lacan, Sem. 2, 1954-55, 328).

Isto, pelo mito das origens de Freud. O surgimento da Lei, do registro simbólico e do verbo se dá à raiz da morte do pai da horda, que é o representante da força e, por conseguinte, do poder.

As mulheres são objetos de troca e circulam através das linhagens, coisa que só é possível numa perspectiva androcêntrica e patriarcal, nos diz Lacan, em 1955.

A mulher é introduzida numa ordem de trocas, através do pacto simbólico em que implica o casamento, da qual é objeto, e que a coloca numa situação sem saída, já que é a ordem simbólica à qual está submetida, da mesma forma que os homens, o que a posiciona de ponto de partida, de forma dissimétrica e desvantajosa em relação ao homem:

"Que a mulher seja desta forma introduzida numa ordem de trocas em que ela é objeto, é isto mesmo que confere o caráter fundamentalmente conflitual, eu diria sem saída, de sua posição - a ordem simbólica, literalmente, a submete, a transcende." (Lacan, 1954-55, 329).

"É na medida em que a mulher se acha numa ordem simbólica de perspectiva androcêntrica, que o pênis adquire este valor. Aliás, não é o pênis, porém o falo, ou seja, algo cujo emprego simbólico é possível porque se vê, porque está erigido. Do que não se vê, do que está escondido, não há emprego possível".(Lacan, Semin.2, 341).

O "poder" dos homens de nomear as mulheres, de outorgá-lhes -lhes um lugar social.

A ilusão de que os homens permitiriam o ingresso no campo do simbólico: o homem como deus para a mulher.

Partindo da idéia lacaniana de que nossa sociedade "se funda sobre a rejeição para fora do simbólico do feminino" e na qual não existe "significante de A mulher" (Lacan, Semin.20,91) e que "...os 'homens' por serem dominantes e organizadores do mundo social, devem excluir o feminino da ordem simbólica."(Marie Claire Boons, "Da sedução entre os homens e as mulheres: uma abordagem lacaniana" in Da Poian, Homem Mulher, 100) não é de chamar a atenção que "as mulheres" procurem os "homens", como a ilusão que estes lhes permitiriam a entrada no simbólico, a possibilidade de sublimação e como ainda a possibilidade de abertura das portas ao social. "É justamente por ela se achar numa relação de segundo grau com relação a esta ordem simbólica que o deus se encarna no homem ou o homem no deus, salvo conflito, e, bem-entendido, há sempre conflito."(Lacan, Semin. 1, 329).

Quer dizer, esta relação pode reverter a qualquer momento. Na medida em que nos mantemos no circuito imaginário, tudo ocorre como se o homem possuísse o poder de fato, em relação à mulher.

É 'como se' as mulheres se colocassem numa situação de paralisia, passivamente, e nela permanecessem presas até que um homem viesse escolhé-

las para ser seu dono , para pôr-lhes nome, para dá-lhes nome , para nomeá-las, para posicioná-las.

O homem teria o poder de escolher a mulher, por exemplo , para casar com ela, passando esta a ser reconhecida socialmente como "sua" mulher, adquirindo então o status social mais alto que uma mulher poderia almejar. Ao dar -lhe os filhos, que a nível inconsciente representariam para a mulher o falo, colocaria a mulher num status de igualdade, em relação a si próprio, isto é o cartão de ingresso para uma sociedade de supostos seres portadores do falo. No caso de sustentá-la, ficaria subentendido o acordo entre ambos, que implica uma clara definição de lugares onde um é o que é, por ser portador do "falo" (supostamente localizado no pênis), e portador de capacidade simbólica de sublimação e de trabalho. A mulher , apenas pela diferença anatômica que a nível imaginário é vista como uma carência, se colocaria no lugar daquela que não teria capacidade simbólica , nem de produção , ficando apenas com a tarefa de "fazer" filhos , isto é, aquilo que se faz no corpo da mulher a partir da intervenção do homem.

Observamos que, em muitos casos , a mulher , mesmo ficando submetida ao homem , sendo até sua serva, prefere este lugar de esposa , em lugar de ficar sozinha.

O homem também poderia escolher a mulher para ser seu dono , mas não para casar , mas para fazê-la trabalhar para ele , não dando-lhe filhos nem status social. Seria o caso da mulher de malandro , da prostituta , onde o homem viraria cafetão. Mas, mesmo assim, lhe daria um lugar a seu lado. Não estaria só , sem proteção num mundo de homens. O cafetão protege a mulher de abusos de outros homens , enquanto faz uso dela. Mas lhe dá um lugar social, um nome , um dono.

O homem poderia ainda escolher a mulher para pô-la no lugar da "outra". Neste caso, a mulher vai servir para validar a capacidade dele de seduzir, de ter mulheres, de ter falo, de ter poder, enfim, de ser homem.

É o preço que a mulher paga por se manter na ilusão de alguém que vele por ela, de alguém que cuide dela, de alguém que a proteja, de alguém que a ame, de continuar a ser criança. Ela paga o preço da liberdade de se deparar com seus desejos.

Ela se mantém no mundo enfeitado dos contos de fadas infantil, das estorinhas de príncipes encantados e do "Então, eles se casaram, tiveram filhos, comeram perdizes e foram felizes". Faz isso para se proteger dos riscos, sendo que, mesmo que não queira, desta forma a qualquer hora pode "cair do cavalo".

2.5.2.A situação sem saída?

Não há emprego possível daquilo que não se vê, diz Lacan. Muito bem, isto, enquanto se trata do plano imaginário. Porque, porém, não o haveria a nível do simbólico? O que interessa para a constituição do ser humano é um estabelecer-se, um-fora-significante. Em nossa sociedade, está colocado no órgão genital feminino, ou de sua libido ou de sua portadora- a mulher-, devido à tendência, a nível do imaginário, a rejeitar como não existente aquilo que não se vê, que não se erige.

Consideramos que a nível do imaginário social e a nível do imaginário de cada indivíduo inserido em nossa sociedade, seja para o dito "homem" ou para a dita "mulher", a mulher é entendida como um objeto de troca entre os homens, como um falo em si mesma que daria poder àqueles que a possuem.

Assim como em outros tempos não se acreditava que a Terra girava em torno do sol. Parece que no que concerne à concepção de nossa sexualidade, estamos

na época pré-galileana, e seria bom questionarmos o que fazemos para sair do registro imaginário e entrar definitivamente no terreno da ciência, como Freud sugeriu.

O que observamos é que em lugar de haver um questionamento da base em que está assentado o simbólico em nossa sociedade, paradoxalmente, se reafirmam valores particulares de uma sociedade localizada histórica e socialmente como sendo universais.

Seria como considerar o Complexo de Édipo, um mito universal, e não uma estrutura.

2.6. Conclusões.

O ser humano parte à procura de alguma coisa que o complete, que lhe lembre o primeiro encontro mítico. Nesta procura, tenta fazer uma troca a nível de corpos e uma troca pela palavra, tentando achar aquilo que o complete.

A nível dos corpos, ele cria uma série de ideais, que Freud se ocupa em derrubar: O mito da existência de um ser adulto, pronto para amar. Em lugar deste, o ser humano terá que lidar a vida toda com o polimorfo perverso que o habita.

Logo, vimos como Freud acaba com a ingênua idéia da existência de dois seres humanos complementares, o homem e a mulher, reduzindo o feminino e o masculino apenas a conceitos teóricos.

A relação sexual, como o fim natural da sexualidade no ser humano, é da ordem da impossibilidade.

O objeto atrás do qual se está à procura, se investe libidinalmente, ou se torna desejável devido a que foi elevado à dignidade de Coisa, por meio da sublimação.

CAPÍTULO 3. A ÉTICA.

3.1. Do desejo, da Lei e do gozo.

Freud : o mal estar do desejo na civilização.

Segundo Lacan na experiência moral existem duas fâcias :

"A experiência moral como tal, ou seja , a referência à sanção , coloca o homem numa certa relação com sua própria ação que não é simplesmente a de uma lei articulada , mas sim de uma direção, de uma tendência e , em suma, de um bem que ele clama, engendrando um ideal de conduta . Tudo isso constitui, propriamente falando, a dimensão da ética e situa- se para além do mandamento, isto é, para além do sentimento de obrigação"(Lacan, Semin.7,11).

Este "para além do sentimento de obrigação" se refere ao "das Ding" e os trilhamentos dele decorrentes.

Mas, por detrás desse "para além do sentimento de obrigação" , Lacan aponta para a onipresença do "sentimento de obrigação" , na obra freudiana denominada , "a fâcias desagradável da experiência moral".

Este sentimento de obrigação está relacionado , com a Lei, com o que Freud denomina da ética.

Trata-se das duas caras da mesma moeda: o "das Ding" de um lado; a Lei moral do outro.

Se no primeiro capítulo tratamos do "das Ding", abordaremos agora aquilo que diz respeito à Lei moral.

A proibição , a lei só funciona onde existem correntes de desejo positivas, porque é claro que "...não há necessidade de proibir algo que ninguém deseje

fazer e uma coisa que é proibida com maior ênfase deve ser algo que é desejado."(Freud,"Totem e tabu"1913, 91).

A experiência moral consiste então num conflito entre dois impulsos ambivalentes. A corrente positiva de desejo é inconsciente e, como vimos, a reação a ela , a barreira , a rejeição ou projeção dela para fora é , na maior parte dos casos , espontaneamente inconsciente também . É certo que ambas podem se fazer conscientes através de um trabalho analítico.

O tabu e as exigências morais são uma criação social , uma instituição social . A consciência moral é uma internalização da lei restritiva.

Freud nos lembra que o valor de uma civilização depende não apenas do nível moral de seus membros-isto é do grau de coerção interna que cada um se impõe - mas também da formação de ideais, e criações artísticas conseguidas através de sublimações.

3.1.1 Função da ética: terapêutica.

Diz Freud:

"As pessoas , em todos os tempos , deram o maior valor `a ética, como se esperassem que ela, de modo específico, produzisse resultados especialmente importantes. De fato, ela trata de um assunto que pode ser facilmente identificado como sendo o ponto mais doloroso de toda a civilização. A ética deve , portanto , ser considerada como uma tentativa terapêutica - como um esforço por alcançar, através de uma ordem do superego, algo até agora não conseguido por méio de quaisquer outras atividades culturais. Como já sabemos , o problema que temos pela frente é saber como livrar-se do maior estorvo `a civilização _isto é , a inclinação , constitutiva dos seres humanos , para a agressividade mútua ..."(Freud, "Mal Estar", 1930, 167) .

A ética seria então uma tentativa terapêutica , um remédio para o mal-estar na civilização.

3.1.2.A procura da felicidade.

Segundo Freud os seres humanos buscam a felicidade , e isto é o que determina o propósito da vida.

Quanto às possibilidades de o ser humano ser feliz, Freud é bastante cético. Referindo-se ainda ao princípio do prazer , nos diz:

"Não pode haver dúvida sobre sua eficácia , ainda que o seu programa se encontre em desacordo como o mundo inteiro , tanto com o macrocosmo quanto com o microcosmo. Não há possibilidade alguma de ele ser executado; todas as normas do universo são lhe contrárias. Ficamos inclinados a dizer que a intenção de que o homem seja 'feliz' não se acha incluída no plano da 'Criação' ."(Freud, "Mal-estar", 1930,95).

A referência de toda felicidade é aquela situação primeira em que o ego do recém nascido --ego real primordial-- , encontrava-se indiscriminado do mundo externo , derivando disto um sentimento "oceânico" de felicidade : o gozo primevo, o "das Ding", ou a primeira experiência de satisfação, ou o objeto perdido etc, segundo o modelo utilizado por Freud.

O ser humano vai à procura da felicidade, mas o que a psicanálise nos ensina é que : "Não existe regra de ouro que se aplique a todos: todo homem tem de descobrir por si mesmo de que modo específico ele pode ser salvo"(Freud,"Mal Estar...",1930,103). A felicidade para Freud é essencialmente subjetiva. Os atalhos que cada ser humano toma , para atingí-la , são extremamente pessoais.

Esta felicidade pode ser procurada para atingir diferentes objetivos:

" Por um lado , visa a uma ausência de sofrimento e de desprazer ; por outro, `a experiência de intensos sentimentos de prazer. Em seu sentido mais restrito , a palavra 'felicidade' só se relaciona a esses últimos"(Freud, "Mal-estar", 1930, 95).

Em ambos casos a lei que rege todos os caminhos é a do Princípio do Prazer, em Freud.

"O que chamamos de felicidade no sentido mais restrito provém da satisfação (de preferência repentina) de necessidades represadas em alto grau , sendo , por sua natureza , possível apenas como uma manifestação episódica. Quando qualquer situação desejada pelo princípio do prazer se prolonga , ela produz tão somente um sentimento de contentamento muito tênue. Somos feitos de modo a só podermos derivar prazer intenso de um contraste, e muito pouco de um estado de coisas. Assim, nossas possibilidades de felicidade sempre são restringidas por nossa própria constituição."(Freud, Mal-estar", 1930, 95).

Freud, em "Totem e tabu", considera que o desejo surge da limitação `a pulsão, e que exatamente, é esta limitação a que leva ao desejo. A ética implica uma limitação da pulsão . O valor psíquico da satisfação sexual aumenta com o impedimento `a sua realização.

Freud pensa que os desejos represadas em alto grau, e os prazeres intensos decorrentes de sua satisfação produzem a verdadeira felicidade . No artigo "Três ensaios", Freud fala do gozo sexual, referindo-se `aquilo em que

desemboca a relação sexual. (Freud, "Três ensaios", 209). Quando Lacan fala de gozo, haveria uma diferença em relação a este gozo sexual que Freud enuncia, já que Lacan o faz extensivo a outros gozos, estes não apenas da ordem da satisfação direta sexual, mas da sublimação e da transgressão à Lei.

Para Freud :

"Já a infelicidade é muito menos difícil de experimentar. O sofrimento nos ameaça a partir de três direções: de nosso próprio corpo.....do mundo externo, .. e finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens. O sofrimento que nos vem dessa última fonte talvez nos seja mais penoso do que qualquer outro". (Freud, "Mal Estar", 1930, 95).

O ser humano, depois de muitos sofrimentos e decepções, se torna mais modesto em suas reivindicações em relação à felicidade. Assim como o princípio do prazer se transformou em princípio de realidade, nos diz Freud, o ser humano passou a se conformar com evitar o sofrimento, no lugar de procurar o prazer.

O ser humano procura, para não entrar em confrontos desagradáveis com a realidade que possam levar à frustração, adquirir uma autonomia que lhe permita, pelas vias do processo secundário, isto é da identidade de pensamento, ficar menos sujeito à dependência do mundo externo. Consegue, assim, um longo estado de contentamento, de conforto, de bem-estar.

O objetivo de evitar o sofrimento, como sendo o essencial, se atingiria também pelas vias do recalçamento e da produção de sintomas, solução que, em pouco tempo, naufraga.

Alcançar o prazer poderia ser conseguido, por instantes, via processo primário, produzindo uma identidade perceptual, que crie uma alucinação prazerosa

passageira. É o que acontece na alucinação. Ou então na descarga sexual, por meio da realização do ato sexual.

A questão é colocada por Freud em termos econômicos, isto é de quanta satisfação real o ser humano pode obter do mundo externo, se tornando independente dele, e, finalmente, de quanta força sente a sua disposição para alterar o mundo, a fim de adaptá-lo a seus desejos. Para isto, aponta Freud, a constituição psíquica é fundamental.

O teorema fundamental que enuncia Freud, explicando o funcionamento do psiquismo, é o do princípio do Prazer, de inércia ou de Nirvana, como Freud o denomina mais tarde. O psiquismo tende a se desfazer de todo excesso de energia, o que provocaria um estado subjetivo de prazer.

Por outro lado, a comunidade humana é construída sobre a base da renúncia à pulsão. Isto é, a civilização implica, necessariamente, um aumento de tensões, que desembocará num mal-estar pessoal, devido a que as pulsões vão se ver não-satisfeitas, seja por meio da repressão, seja por meio do recalçamento, seja por algum outro meio. Toda civilização vai implicar um aumento de tensão e, por conseguinte, de infelicidade, segundo Freud.

A civilização humana consiste, por um lado de todas as aquisições que o ser humano fez para sair da posição animal, com a finalidade de dominar a natureza e suas riquezas para satisfazer as necessidades humanas. Por outro lado, implica todas as leis que façam possível a relação entre os homens e a distribuição de riquezas entre eles.

Freud chama a atenção para o fato de que os dois lados estão interligados.

"Em primeiro lugar porque as relações mútuas dos homens são profundamente influenciadas pela quantidade de satisfação pulsional que a riqueza existente torna possível; em segundo, porque individualmente, um homem pode vir a funcionar como riqueza em relação a outro homem, na medida em que a outra pessoa faz uso de sua capacidade de trabalho ou o escolhe como objeto sexual; em terceiro, ademais, porque todo indivíduo é virtualmente inimigo da civilização, embora se suponha que esta constitui um objeto de interesse humano universal."(Freud, "O futuro de uma ilusão", 1927, 16).

3.1.3.0 mito freudiano sobre surgimento da Lei, do desejo e da ética.

Em "Totem e tabu", artigo de 1913, Freud cria um mito das origens dos tabus, religiões e da moralidade. Este mito tenta resgatar, através da história da moralidade na sociedade, a história da constituição da moralidade em cada ser humano, além de explicar também a passagem do ato ao verbo.

A organização social teria como objetivo restringir as relações sexuais incestuosas, e isto é observável nos dias de hoje tanto por uma consciência moral, como antigamente o era por um sistema de coerções sociais extremamente rígidas.

Em nenhum dos dois casos, parece que haja consciência a nível dos indivíduos, das causas das evitações e tabus impostos pela sociedade ou das fortes restrições morais auto-impostas pelo indivíduo. O que estaria por trás seriam desejos incestuosos, cuja consciência provocaria aversão.

Nos povos primitivos, o tabu implicava a proteção do totem e a exogamia. Sua violação poderia levar a sociedade a punir o transgressor com a morte. O horror ao incesto nos povos primitivos é mais ostentoso do que nos povos "civilizados". Existem regras de evitação, tabus, cerimoniais que são

aplicadas pela sociedade . Isto é , a origem dessa moralidade pareceria provinda de fora , das instituições sociais.

Nos povos civilizados , essas proibições existem , só que de uma maneira mais velada , menos ostentosa, como "sentimento de culpa" . Em nenhum dos dois casos parece existir consciência desses desejos incestuosos, que levaram à formação de restrições externalizadas ou internalizadas.

A consciência (no sentido moral) consistiria em

"... a percepção interna da rejeição , de um determinado desejo a influir dentro de nós. A ênfase, contudo , é dada ao fato de esta rejeição não precisar apelar para mais nada em busca de apoio , de achar-se inteiramente 'certa de si própria'. Isto é ainda mais claro no caso da consciência de culpa- a percepção da condenação interna de um ato pelo qual realizamos um determinado desejo."(Freud, 1913, 90).

Do mesmo jeito , o selvagem que comete uma transgressão sente a culpa como natural , mesmo não sabendo a origem da proibição.

Os homens primitivos tinham uma "weltanschauung" própria ,isto é, uma visão de mundo própria . O mecanismo principal que regia o psiquismo deles era a projeção. Este mecanismo primitivo o observamos hoje nas crianças ou nas pessoas infantilizadas. Adjudicam a alguém de fora seus próprios desejos e proibições.

O neurótico obsessivo tem um comportamento similar ao do homem primitivo . O ponto comum reside na ambivalência dos seus sentimentos : por um lado um desejo inconsciente muito intenso ; por outro , uma conscienciosidade , a dúvida obsessiva , sintoma que condensa o desejo agressivo e a reação ao mesmo . Daí , as evitações , os tabus , cerimoniais de que se utiliza o neurótico

obsessivo , para fugir aos desejos inconscientes. O desejo original do obsessivo é a morte de alguém , que ele ama. O impulso é recalçado por uma proibição, a qual , por deslocamento, se liga a algum outro ato. O desejo original é transformado no oposto. O neurótico passa a sentir medo de que a pessoa amada e odiada morra. Um desejo egoísta se transformou num desejo altruístico, aparentemente. Nesta formação de sintoma , as pulsões sexuais e de autoconservação funcionam em conjunto . O mesmo ocorre com a formação de instituições sociais , que existem para limitar as pulsões egoístas e eróticas do ser humano a favor da civilização.

Freud recorre à criação de um mito das origens da moralidade no ser humano. Consiste no assassinato , do pai forte e cruel , por parte de todos os filhos homens de uma horda patriarcal. Estes tinham sido expulsos pelo pai odiado e proibidos de ter relações com as mulheres da horda à qual pertenciam. Entre todos tomaram coragem para matá-lo , e depois devoraram-lo.

Ao devorá-lo , se identificaram com ele , cada um adquirindo uma parte de sua força. Este momento mítico marca um momento de começo , da organização social, das restrições morais e da religião .

Mas se este pai era invejado, devia-se a que também era admirado e amado. Após tê-lo matado , a afeição , apareceu em forma de remorso. O sentimento de culpa surgiu, no lugar do remorso do grupo. "O pai morto tornou-se mais forte do que o fora vivo..."(Freud, 1913, 171).

O pai foi realmente eliminado e o ato não podia ser desfeito . Uma vez morto o pai, cada um queria ocupar o lugar dele para assim possuir todas as mulheres , o que levaria a uma luta interminável , já que possuíam a mesma força.

Os irmãos "anularam" mágicamente , como o faz um obsessivo, o próprio ato proibindo a morte do totem -substituto do pai- e renunciaram às mulheres pelas quais tinham matado o pai, através da exogamia.

O sentimento de culpa filial, fundou os dois tabús fundamentais do totemismo, correspondentes aos dois desejos recalçados do complexo de Édipo :A interdição ao incesto e ao homicídio.

O remorso , a renúncia , a proteção ao animal totem , substituto do pai, foram consequência da corrente afetiva , amorosa pelo pai . Com a proibição de não matar o totem , que se estendeu depois aos irmãos e `a fórmula geral "não matarás", os irmãos se precaveram de um destino funesto como o que coube ao pai. A horda patriarcal foi substituída pela horda fraterna , baseada na cumplicidade do crime comum. A civilização está então montada sobre uma cumplicidade comum, já esquecida . Freud nos chama a atenção , no seu texto "Futuro de uma ilusão" , para a importância de tornar conscientes as causas das restrições : o crime comum , isto é , a agressividade própria do ser humano e a necessidade de restringi-la , para se tornar possível a humanidade.

A religião passou a cumprir a função de expiar culpas, e a moralidade surgiu pelas exigências dessa sociedade , com a penitência exigida pelo sentimento de culpa. A sociedade sem pai foi se organizando da forma que o pai o exigia em vida . Tornou-se uma sociedade patriarcal.

Na religião , o animal que substituiu o sacrifício (fazer sagrado) do pai , no totemismo , foi substituído pela figura humana. Os grandes festivais podem ser interpretados como uma rememoração do ato de sacrifício mítico, na religião entendido como pecado original. Na comunhão cristã , se repete simbolicamente a morte e incorporação do corpo e sangue do pai-Deus.

Freud ainda acrescenta a figura do herói da tragédia grega , como aquele que leva o fardo sobre seus ombros , por uma suposta rebeldia frente `a autoridade , quando na verdade, ele representava o pai primevo que tinha sofrido por causa dos integrantes do Coro. Enquanto isso, o Coro hipocritamente lamentava seu destino. O herói seria o bode expiatório que sofre pela culpa de todos.

Este mito também se refere ao surgimento da fala no ser humano, mediado pelo complexo-paterno. Depois de o pai ter sido morto, surge o verbo, a lei. É necessário engoli-lo, para que possa vigorar a lei e aparecer o desejo por mulheres de fora da horda.

Desta forma, o ser humano pode entender a nível inconsciente, cerimônias, costumes, normas que lhe são transmitidas de geração em geração, mesmo não conseguindo uma explicação racional e consciente para as mesmas. Freud elabora o conceito de 'herança arcaica' que "consiste em certas disposições [inatas], características de todos os organismos vivos: isto é, na capacidade e tendência de ingressar em linhas específicas de desenvolvimento e de reagir, de maneira específica, a certas excitações, impressões e estímulos." (Freud, "Moisés e o Monoteísmo", 1939, 119) "...não hesito em declarar que os homens sempre souberam (dessa maneira especial) que um dia possuíram um pai primevo e o assassinaram." (idem).

Freud insiste na importância da transmissão de certos valores sociais, via inconsciente.

"Temos, em primeiro lugar, a universalidade do simbolismo na linguagem. Freud localiza o complexo de Édipo e de castração dentro desse tipo de herança arcaica. A herança arcaica dos seres humanos contém traços de memória da experiência de gerações anteriores... que "corresponde aos instintos dos animais, ainda que seja diferente em extensão e conteúdo." (Freud, 1939, 122).

3.1.4. O desejo surge da interdição ao gozo.

Isto é o que Freud quer nos mostrar com seu mito de "Totem e tabu". A lei, fundada a partir do primeiro ato, implica um ato de amor, um ato de renúncia

a todas as mulheres da horda, a favor da comunidade. A mulher , por sua vez se priva do filho , que já fez parte dela. "Eros e Ananke [Amor e Necessidade] se tornaram os pais da civilização humana."(Freud, "Mal Estar", 1930, 121).

O amor só pôde surgir depois de efetuado o primeiro ato que deu surgimento à civilização. O amor está nos fundamentos da civilização, mas ao mesmo tempo é seu grande inimigo. Existe um antagonismo irreconciliável entre o amor e a civilização. "Por um lado , o amor se coloca em oposição aos interesses da civilização; por outro ,esta ameaça o amor com restrições substanciais."(Freud, "Mal estar", 1930, 123).

Os relacionamentos amorosos e o amor ,levados ao extremo, afastam os indivíduos da comunidade e das produções culturais. Enquanto a civilização tenta atrair os homens para o seu lado , o amor puxa para o lado dele. As mulheres teriam, segundo Freud, uma função anticivilizatória , já que se oporiam aos laços comunitários , por lutar a favor das famílias e dos filhos.

A civilização , por seu lado, impõe uma restrição à vida amorosa , desde o princípio, quando proíbe a escolha incestuosa. Impõe também restrições às tendências agressivas.

Nos mandamentos, as restrições são claras: 'Amarás a teu próximo como a ti mesmo' e 'ama os teus inimigos'. Na verdade , nos diz Freud -citando Plauto-, 'o homem é o lobo do homem'. Se não se lhe colocarem restrições, iria tentar satisfazer sua agressividade sobre o próximo.

E acrescenta : "...o seu próximo é , para eles , não apenas um ajudante potencial ou um objeto sexual , mas também alguém que os tenta a satisfazer sobre ele a sua agressividade , a explorar sua capacidade de trabalho sem compensação, utilizá-lo sexualmente sem o seu consentimento, apoderar-se de suas posses, humilhá-lo, causa-lhe sofrimento , torturá-lo e até matá-lo." (Freud,"Mal-estar..." 1930, 133).

E quanto mais desamparado estiver um ser humano , mais ele será vítima dessas agressões. A sociedade vive permanentemente ameaçada de destruição, justamente devido a esta agressividade fundamental do ser humano.

A civilização se esforça para manter sob controle esses impulsos, impondo então sérias restrições às pulsões, tanto sexuais como agressivas .

"Daí, portanto, o emprego de métodos destinados a incitar as pessoas a identificações e relacionamentos amorosos inibidos em sua finalidade, daí a restrição à vida sexual e daí, também , o mandamento ideal de amar ao próximo como a si mesmo , mandamento que é realmente justificado pelo fato de nada mais ir tão fortemente contra a natureza original do homem".(Freud,"Mal-estar" 1930, 134).

A civilização impõe tantos sacrifícios ao ser humano , tanto a nível da sexualidade , quanto da agressividade que, ser feliz, se torna uma tarefa muito difícil. Mas acrescenta : Devemos admitir também que a diferenciação do caráter individual, tão marcante hoje em dia , só se tornou possível com a existência da restrição sexual. "(Freud, 1908, 201).

Em troca dessas renúncias, o homem civilizado ganhou também em segurança e em conforto.

3.1.5.0 mínimo de satisfação direta.

Freud considera que não se leva adiante uma renúncia da pulsão, impunemente. Se a perda não for economicamente compensada , pode-se ficar certo de que sérios distúrbios decorrerão disso."(Freud , 1930, 118).

Faz-se necessário haver uma satisfação substitutiva, por meio de sublimações. Mas deve haver um mínimo de satisfação direta, sem o qual a pessoa cairá doente:

" A meu ver, a satisfação sexual é a melhor proteção contra a ameaça que as disposições inatas anormais ou os distúrbios do desenvolvimento constituem para uma vida sexual normal. Quanto maior a disposição de um indivíduo para a neurose, menos ele tolerará a abstinência".(Freud, "Moral sexual 'civilizada' ",1908, 196-199).

Existe então um conflito radical entre o indivíduo e a civilização. A civilização estaria cumprindo um papel de reprimir a agressividade e a sexualidade descontroladas do ser humano, introduzindo interdições "as mesmas que possibilitam o alto desenvolvimento intelectual e o alto grau de diferenciação do mesmo". Claro que tudo ao alto preço de resignar uma parte dessas pulsões originárias. O conflito poderia ser entendido em termos de pulsões de morte e de vida. A civilização introduz o amor para unir os homens, em prol de um desenvolvimento cultural.

3.1.6. Da repressão ao recalçamento

A civilização utiliza muitos meios para reprimir as pulsões, porém o mais eficiente é aquele em que o próprio indivíduo se faz cargo da repressão a seus próprios impulsos. Há uma introjeção, internalização da agressividade, isto é, um retorno da agressividade original -aquela que levou ao "assassinato do pai" - para o próprio ego do indivíduo. A agressividade é assumida por uma parte do ego, como superego. A agressividade, na forma de 'consciência' passa a ser descarregada sobre o próprio ego.

No artigo "O ego e o id" se refere às causas do surgimento do superego como sendo de duas ordens:

-de natureza biológica, que é o desamparo com que o ser humano nasce e que gera uma dependência em relação aos seus semelhantes.

- de natureza histórica, que é o aparecimento do que Freud denomina complexo de Édipo, cujo recalçamento coincide com uma interrupção do desenvolvimento libidinal (período de latência), e com uma vida sexual bifásica no ser humano.

Freud levanta a hipótese de que esta característica, que parece ser própria do ser humano, seja uma herança do desenvolvimento cultural, produto da época glacial:

"Vemos, então, que a diferenciação do superego a partir do ego não é questão de acaso; ela representa as características mais importantes do desenvolvimento, tanto do indivíduo quanto da espécie; em verdade, dando expressão permanente à influência dos pais, ela perpetua a existência dos fatores a que deve sua origem."(Freud, 1923, "O ego e o id", 50).

Isto se traduz na origem dessa instância. Se por um lado a energia de catexia do superego lhe é transmitida diretamente desde o id, também é verdade que sua origem, assim também como a do ego, tem um desenvolvimento a partir da percepção, e especialmente das coisas que ouviu, do mundo externo (educação e leitura). Isto é, o superego representa tanto as exigências do id, como da moral social vigente.

A agressividade, num primeiro momento partiu "de dentro" do ser humano, contra o pai primordial, isto é, contra aquele que tinha o poder por ser mais forte. Logo a seguir, se projeta "para fora", numa instituição social, que tem que ser respeitada - o animal totem, os deuses, o Deus único, a lei - a qual

passa a regular a agressividade de fora para dentro contra o indivíduo , por meio de repressões , interdições e castigos. Essa instituição a denomina Freud de Moral Social , ou de exigências morais da civilização. O resultado é um homem civilizado , mas, mesmo assim , primitivo , já que depende dos outros para levar adiante suas renúncias .Atemorizado, reage frente `as exigências sociais externas, com 'ansiedade de consciência'.

Em 1905, Freud coloca a restrição a nível da espécie, isto é da filogénese : as barreiras morais que se erigem a nível psíquico seriam um precipitado de restrições impostas `a sexualidade pela sociedade, e que passam a restringir a sexualidade de cada sujeito.

Diz-nos Freud .

"O princípio de evitar o desprazer domina as ações humanas até ser substituído pelo princípio melhor de adaptação ao mundo externo. 'Pari passu' ,com o controle progressivo dos homens sobre o mundo segue uma evolução de sua 'weltanschauung', sua visão do universo como um todo Cada vez eles se afastam mais de sua crença originária na própria onipotência ,elevando-se da fase animista para a religião e desta para a científica .Os mitos , a religião e a moralidade podem ser situadas nesse esquema como tentativas de busca de compensação da falta de satisfação dos desejos humanos ."(Freud,1913,221-2) .

A maneira como o ser humano lida com a realidade espontaneamente, é moralística , por ser produto em sua origem, do surgimento de uma barreira interna, que se lhe impõe ao sujeito humano, como precipitado de uma barreira externa. No período de latência que o infante atravessa, se constroem ideais ,idéias fortes , intensas, que passam a funcionar como um cristal de valorizar

, ou melhor, dar valor à vida. É a formação de valores, seus ideais que regerão daí em diante essa pessoa..

A falha com que o ser humano nasce e que o faz procurar seus ideais organiza todas as produções simbólicas, em princípio de uma maneira moralística.

Num terceiro momento, a agressividade retorna sobre o indivíduo desta vez "desde adentro" para dentro do indivíduo. O resultado é um homem civilizado, de maiores exigências consigo próprio, em muitos casos com maior nível intelectual, e mais distante da sua condição animal.

No caso da consciência moral, o que ocorreria normalmente no caso de uma neurose, por exemplo, é saber que estou sendo controlado, me controlando. Esta apreciação, quem sabe, nos abra portas para pensar mais adiante a proposta ética de Lacan, que consiste em atingir o gozo, transgredindo a lei, isto é o ingresso no campo da erótica. Seria a relação perversa com a lei: saber que estou sendo controlado, transgredindo a Lei, mas para isto é necessária a existência da Lei, que é o que possibilita o gozo, no ato de transgressão da mesma.

O conflito de vida e morte, existente entre indivíduo e espécie, a nível biológico, e entre indivíduo e civilização, a nível social, toma agora como campo de batalha o próprio ego do indivíduo, que passa a se debater consigo mesmo, num conflito de ordem ética.

Freud vai estudar essas produções morais, a nível de estrutura social, chegando a construir uma mini-história da moral sexual (Freud, "Moral sexual civilizada...", 1908)

O psiquismo humano, não conseguindo lidar cruamente com essa falha precária, pô-la num discurso consensual com outros seres humanos, a Moral Sexual. Lacan se refere a isto como o imaginário social.

Freud distingue três estádios da civilização : um primeiro em que a pulsão sexual pode manifestar-se livremente sem que sejam consideradas as metas da reprodução; um segundo em que tudo da pulsão sexual é suprimido , exceto quando serve ao objetivo da reprodução , e um terceiro no qual só a reprodução legítima é admitida como meta sexual. A esse terceiro estágio corresponde a moral sexual "civilizada" da atualidade.(Freud,"Moral Sexual Civilizada", 1908). Poderíamos admitir que atualmente nos encontramos numa quarta fase mais liberal.

3.1.7. Conflito ético e 'ética selvagem'

Freud nos alerta para o seguinte :

"Uma das óbvias injustiças sociais é que os padrões de civilização exigem de todos uma idêntica conduta sexual , conduta esta que pode ser observada sem dificuldades por alguns indivíduos, graças às suas organizações , mas que impõe a outros os mais pesados sacrifícios psíquicos. Entretanto , na realidade essa injustiça é geralmente sanada pela desobediência a injunções morais. "(Freud,"Moral sexual civilizada", 1908, 197).

A dinâmica entre ego e superego é sempre ou quase sempre, de tensão , de conflito. Este conflito é o que denominamos como sendo da ordem da ética , ou moralidade pessoal. O que é bom para o ego , é ruim para o superego. produz-se o recalçamento dessas pulsões indesejáveis para os padrões morais em que o indivíduo está socialmente inserido. A tensão entre as duas instâncias psíquicas é denominada em psicanálise como 'sentimento de culpa', e como , a pesar do nome, é inconsciente na maior parte das vezes , sua expressão a nível da consciência é o que denominamos em psicanálise, de uma maneira mais correta , como 'necessidade de punição'.

A relação do superego com o ego vai determinar diferentes tipos de relacionamento consigo mesmo.

Na patologia, encontramos o que Lacan denominou a ética selvagem, que consiste na consciência moral atormentando o eu, funcionando de maneira espontânea, sem intervenção nenhuma da análise, nas pessoas acossadas de certas doenças que passamos a analisar.

No artigo "o problema econômico do masoquismo", de 1924, Freud, já de posse de sua última teoria pulsional, se refere ao masoquismo moral, como sendo, de certa maneira, a forma mais importante assumida pelo masoquismo. Neste tipo de masoquismo, a pulsão destrutiva se voltou para dentro, enfurecida contra o próprio ego. O que importa nesses casos é manter um certo nível de sofrimento. Como este é conseguido, não importa. O sofrimento acalma por assim dizer, o sentimento de culpa, por meio da punição, do autoflagelo, que a pessoa se infringe. O que podemos observar, então, é uma necessidade de punição, que ao se concretizar causa prazer, numa das instâncias, o superego. O desejo inconsciente vai no sentido de sentir prazer no sofrimento. O que objetivamente poderia se considerar como mau, negativo, por consenso geral, esse indivíduo o sente como aliviador, prazeroso, bom.

O superego, como representante do id, e do mundo externo, é severo e pode ser até cruel com o ego. A desusão das pulsões libidinais e agressivas que se produz ao introjetar as figuras paternas, para superar o complexo de Édipo, leva a que o superego se torne extremamente agressivo. Diz-nos Freud: "O superego --a consciência em ação no ego-- pode então tornar-se dura, cruel e inexorável contra o ego que está a seu cargo. O Imperativo Categórico de Kant é, assim, o herdeiro direto do complexo de Édipo." (Freud, "O problema econômico do masoquismo", 1924, 209). E mais adiante Freud conclui: "O complexo de Édipo mostra assim ser - como já foi conjecturado num sentido

histórico - a fonte de nosso senso ético individual e de nossa moralidade"(Idem).

A tendência sádica do superego muitas vezes se faz consciente, enquanto que a corrente masoquista do ego permanece inconsciente. Freud conclui que o sentimento de culpa traduz a necessidade de punição paterna. Se a consciência e a moralidade são produto de uma superação e dessexualização do complexo de Édipo, o masoquismo moral seria uma regressão da moralidade para o complexo de Édipo. No masoquismo moral existe então um componente erótico. A destruição do indivíduo implica uma satisfação libidinal e Freud nos adverte

"Isso não é vantajoso nem para a moralidade , nem para a pessoa interessada. Um indivíduo pode , é verdade ter preservado a totalidade ou determinada medida de senso ético ao lado do seu masoquismo, mas, alternativamente , grande parte de sua consciência pode haver-se desvanecido em seu masoquismo."(Freud, 1924, 211).

Na neurose obsessiva e na melancolia , o sentimento de culpa é 'superintensamente' consciente. Na neurose obsessiva , o ego se rebela contra a culpa que o superego lhe adjudica. Já na melancolia , o ego concorda com o superego , se submetendo ao castigo. No primeiro caso o que estava em questão ficava fora do ego; na melancolia , o objeto de ira é o próprio ego.

Na histeria , o sentimento de culpa permanece inconsciente e o ego recalca os sentimentos de culpa. O ego consegue manter distância desse sentimento. Na neurose obsessiva , se produzem formações reativas , isto é, transformações no próprio caráter da pessoa.

histórico - a fonte de nosso senso ético individual e de nossa moralidade"(Idem).

A tendência sádica do superego muitas vezes se faz consciente, enquanto que a corrente masoquista do ego permanece inconsciente. Freud conclui que o sentimento de culpa traduz a necessidade de punição paterna. Se a consciência e a moralidade são produto de uma superação e dessexualização do complexo de Édipo, o masoquismo moral seria uma regressão da moralidade para o complexo de Édipo. No masoquismo moral existe então um componente erótico. A destruição do indivíduo implica uma satisfação libidinal e Freud nos adverte

"Isso não é vantajoso nem para a moralidade, nem para a pessoa interessada. Um indivíduo pode, é verdade ter preservado a totalidade ou determinada medida de senso ético ao lado do seu masoquismo, mas, alternativamente, grande parte de sua consciência pode haver-se desvanecido em seu masoquismo."(Freud, 1924, 211).

Na neurose obsessiva e na melancolia, o sentimento de culpa é 'superintensamente' consciente. Na neurose obsessiva, o ego se rebela contra a culpa que o superego lhe adjudica. Já na melancolia, o ego concorda com o superego, se submetendo ao castigo. No primeiro caso o que estava em questão ficava fora do ego; na melancolia, o objeto de ira é o próprio ego.

Na histeria, o sentimento de culpa permanece inconsciente e o ego recalca os sentimentos de culpa. O ego consegue manter distância desse sentimento. Na neurose obsessiva, se produzem formações reativas, isto é, transformações no próprio caráter da pessoa.

Os criminosos podem ter chegado a sê-lo, devido a um enorme sentimento de culpa, que precisam ligá-lo a um crime real e concreto, ato que resultaria menos atormentador do que a o sentimento de culpa, desligado de qualquer fato concreto.

Diz-nos Freud, "...o homem normal não apenas é muito mais imoral do que crê, mas também muito mais moral do que sabe..."(Freud, O ego e o id, 1923, 68).

Dissemos que a relação é quase sempre de conflito porque, em alguns casos, o conflito chega a se extinguir. Por exemplo, no ato da transgressão, ou no humor, ou na paixão. Nestes casos, nos parece que a tensão se reduz, ao não existir distância entre eu e super-eu.

A distância se apaga, no primeiro caso, por aproximação ao próprio gozo. A lei, desejo reprimido, se esvai no ato de realização do gozo. Na transgressão a lei vira gozo.

No segundo caso, o objeto da paixão passa a ocupar o lugar do super-eu, acabando com a distância entre eu e super-eu, por identificação. O eu atinge o lugar que antes ocupava o ideal do eu, isto é, recupera o narcisismo original.

No terceiro caso, do humor, o superego, como herdeiro das figuras parentais, se torna condescendente com o ego, a quem coloca como a um pequeno desamparado. Ao repudiar a realidade, serve a uma ilusão, permitindo ao ego sentir o prazer de rir dessa realidade, que momentos antes parecia tão séria e cruel. Economicamente, o humor permite que uma situação que iria dar desprazer, isto é, que implicaria um gasto de energia e em produção de sentimentos desprazerosos, se transforme num momento de liberação de energia. O humor, além de produzir liberação de energia, produz uma sensação de elevação, que por exemplo, o chiste e o cômico não produzem.

"Essa grandeza reside claramente no triunfo do narcisismo , na afirmação vitoriosa da invulnerabilidade do ego. O ego se recusa a ser afligido pelas provocações da realidade , a permitir que seja compelido a sofrer. Insiste em que não pode ser afetado pelos traumas do mundo externo; demonstra , na verdade , que esses traumas para ele não passam de ocasiões para obter prazer."(Freud, "O Humor ", 1927, 190).

O super-eu se torna amigo , instância paterna boa , tranquilizadora , nutridora e protetora, em lugar de censora. O eu , criança, volta a ser, por um instante, "sua majestade o bebê", imbuído de um sentimento oceânico.

3.2.As diferentes perspectivas éticas: Ética do caráter. Ética do prazer. e Ética do desejo.

3.2.1.A primeira virada no campo da ética.

De Aristóteles a Freud.

Para melhor compreender a questão de ética na obra de Freud recorreremos a Lacan , que no Seminário sobre a Ética da Psicanálise, traça uma comparação entre a ética aristotélica e a ética freudiana, mostrando a virada que Freud deu em relação à ética aristotélica, para depois mostrar a que ele próprio propõe, a partir das brechas deixadas por Freud .

Analisaremos, em primeiro lugar, a ética proposta por Aristóteles e a ética proposta por Freud, salientando as semelhanças e as diferenças entre os autores , no que diz respeito à natureza humana e aos caminhos para alcançar a felicidade guiando-nos pelos elementos da pulsão, conceito freudiano, que nos parece assimilável ao conceito de apetite em Aristóteles.

Vejamos como os apetites aos quais se refere o autor sugerem as pulsões freudianas.

Quando Aristóteles diz: "Por outro lado, se a continência implica ter fortes e maus apetites, o homem temperante não será continente; pois um homem temperante não tem apetites excessivos..." (Aristóteles, "A ética a Nicómaco", 158) nos faz pensar no "Drang" do "Trieb", isto é no impulso, na intensidade, na força da pulsão. A virtude da continência só acontecerá num homem com fortes apetites. Existem apetites fracos e fortes.

Aristóteles se refere também ao que em Freud encontramos como o "Objekt", o objeto da pulsão:

"Que tanto as pessoas continentas e dotadas de fortaleza como as incontinentes e efeminadas se relacionam com prazeres e dores, é evidente. Ora das coisas que causam prazer algumas são necessárias, enquanto outras merecem ser escolhidas por si mesmas, e contudo admitem excesso". (idem).

Dentro do primeiro grupo das coisas necessárias estão a alimentação e a conjunção sexual; no segundo estão a honra, as boas- riquezas, a vitória e o lucro. Os estados corporais como um todo ou os gozos físicos é ao que se relacionam a temperança e a intemperança e a continência e seu oposto. Existem estados que ele denomina de brutais que se encontram para além do julgamento, porque implicariam um estado de não consciência e que dependem da natureza e não da capacidade de continência. Estes estados são por exemplo a antropofagia, a pederastia, o fato de comer terra ou arrancar os próprios pelos.

Ele os denomina de "desvios da forma natural", que é a maneira como Freud, nos "Três Ensaio para uma Teoria da Sexualidade", se refere, ao falar dos supostos desvios em relação ao objeto e ao fim ou objetivo da pulsão, tomando como ponto de partida para a discussão e ao mesmo tempo tentando se afastar da opinião popular.

Freud define como objeto sexual "a pessoa de quem procede a atração sexual" (Freud, 1905, 136).

Em relação ao "Ziel", objetivo, ou fim sexual, diz Freud é "o ato a que a pulsão conduz" (Freud, 1905, 136).

Para Aristóteles, o prazer, longe de ser um caminho para a felicidade, se torna um obstáculo para o pensamento. Para ele, o homem não possui sabedoria quando é dominado pelos seus prazeres. Possui apenas uma opinião, ou apenas um "conhecimento perceptual".

Por exemplo os apaixonados, loucos, bêbados e dormidos possuem um conhecimento apenas num certo sentido e não possuem em outro. Para ele, "Não existe arte do prazer, ao passo que todo bem é produto de alguma arte", e ainda, só "as crianças e os brutos buscam os prazeres" (idem).

Se para Aristóteles a felicidade só pode ser atingida através de uma atividade e é em si mesma atividade, para Freud, a felicidade se encontra diretamente ligada a uma diminuição de tensão, a passividade. O prazer, em Freud é identificado à queda quase total de energia. O Princípio de Inércia ou de Prazer é o princípio que rege o psiquismo humano.

Para Aristóteles e para a opinião popular existiriam objetos e fins para os apetites corporais que poderiam ser considerados normais e regidos por um Bem Supremo, e que estariam calcados no modelo do instinto animal.

Para Aristóteles existiriam desejos naturais e portanto aceitáveis a nível social e outros brutais e inaceitáveis. Estes desejos naturais a que

Aristóteles se refere seriam assimiláveis ao instinto animal ou ao que a opinião popular considera como sendo da ordem da normalidade.

Do outro lado, encontramos Freud em grandes esforços para provar justamente o contrário. A Fonte das pulsões, em 1905, Freud a localiza em algumas zonas predeterminadas, por terem sido origem de necessidades vitais. No segundo ensaio, Freud se refere à sexualidade infantil como perversa polimorfa, isto é, aberta a todos os prazeres e em relação ao seu corpo todo, que é todo ele erogeneizado (Freud, "Três Ensaios", 1914). Em 1915, acrescenta, em pé de página, o seguinte comentário:

"...torna-se impossível não reconhecer que esta mesma disposição para as perversões de toda espécie é uma característica humana geral e fundamental."(idem).

Comenta Lacan:

"Esse é ponto totalmente novo. O pensamento de Aristóteles referente ao prazer tem algo que não é contestável, e que se encontra no polo diretivo da realização do homem, uma vez que se há no homem algo divino [para Aristóteles], é o fato de pertencer à natureza. Deverão avaliar o quanto essa noção da natureza é diferente da nossa, pois comporta a exclusão de todos os desejos bestiais para fora do que é, propriamente falando, a realização do homem. Tivemos então, no intervalo, um reviramento completo da perspectiva. Para Freud, tudo o que vai em direção à realidade exige não sei que temperança, baixa de tom de que é, propriamente falando, a energia do prazer." (Lacan, Seminário 7, Ética, 1959-60, 23)

Lacan, que se detém no seu Seminário 7 a analisar a Ética da Psicanálise, aponta para o fato de que isto não é novo na história da filosofia. Aristóteles coloca o prazer no "próprio centro do campo de sua direção ética".(Lacan,Sem-7,39). Entretanto, enquanto para Aristóteles, a felicidade só pode ser alcançada ativamente e é em si própria, atividade, em Freud, o Princípio do Prazer é um princípio de inércia, e o prazer em si, uma qualidade de uma queda de energia. A felicidade se alcançaria pelas vias do desejo, que para Freud são as do princípio do prazer, isto é da queda de energia.

Freud, segundo Lacan, estaria nos propondo uma ética radicalmente nova dentro da História da Filosofia. Enquanto Aristóteles estaria propondo uma Ética do Caráter, a proposta de Freud é a de uma Ética do Desejo.

Aristóteles na Ética à Nicomaco, a que Lacan nos remete, afirma que:

"...o bem é aquilo a que todas as coisas tendem".(Aristóteles,"Ética",49) Como diz Lacan: "Em Aristóteles o problema é o de um bem, de um Bem Supremo."(Lacan,op. cit.21)

E o que é que seria o fim procurado pelos seres humanos?

"Verbalmente, quase todos estão de acordo, pois tanto o vulgo como os homens de cultura superior dizem ser esse o fim, a felicidade e identificam o bem viver e o bem agir com o ser feliz. Diferem, porém quanto ao que seja a felicidade, e o vulgo não o concebe do mesmo modo que os sábios. Os primeiros pensam que seja alguma coisa simples e óbvia, como o prazer, a riqueza e as honras, muito embora discordem entre si; e não raro o mesmo homem a identifica com a saúde quando está doente e com a riqueza quando é pobre. Cômicos de sua própria ignorância, não obstante, admiram aqueles que proclamam algum grande ideal inacessível à sua compreensão"(Aristóteles,op.cit..51).

Trata-se de uma moral de Mestres, ditada aos ignorantes. Para Aristóteles "O estudo do prazer e da dor pertence ao campo do filósofo político, pois é ele o arquiteto do fim com vistas no qual dizemos que uma coisa é má ou boa em absoluto"(Lacan,Semin.7,171), quer dizer é coisa de Mestres.

Há três tipos de disposições morais que, segundo Aristóteles, é preciso evitar : o vício, a incontinência e a bruteza.

O autor se identifica com Sócrates , que pensava que "Ninguém depois de julgar-afirmava-, age contrariando o que julgou melhor;os homens assim procedem por efeito da ignorância" (idem,Cf.Platão,Protágoras,352).

Lacan, compara Freud com Aristóteles, e salienta o que de mais interessante encontra na ética do primeiro:

"Não escapa a Freud que a felicidade é, para nós, o que deve ser proposto como termo a toda busca, por mais ética que seja. Mas o que decide e cuja importância não se vê o suficiente com o pretexto de que se deixa de escutar um homem a partir do momento em que ele parece sair de seu âmbito puramente técnico, o que eu gostaria de ler no mal-estar na civilização é que, para essa felicidade, diz-nos Freud, não há nada absolutamente preparado, nem no macrocosmo nem no microcosmo".(Lacan,op.cit.,23)

Se para Aristóteles existiria um Bem supremo predeterminado,que coincide com os ideais da sociedade dos Mestres, para Freud não haveria nada predeterminado.

O pensamento aristotélico , podemos localizá-lo na linha filosófica do realismo , que parte do suposto de que a realidade existe e que o pensamento só a faz inteligível. As coisas teriam uma essência em seu próprio ser e o pensamento é capaz de aceder a esta se adaptando até coincidir com ela.

Segundo Garcia -Morente (G.Morente, "Lecciones preliminares de filosofia"), a filosofia aristotélica acaba desembocando numa teologia que não requer a demonstração da existência de Deus, já que o fato da existência de alguma coisa implica a existência deste. A concepção aristotélica do mundo vai se enraizando cada vez mais até se transformar numa moral da certeza da realidade externa.(Garcia Morente,op. cit.).

Enquanto em Aristóteles o ser humano estaria ligado fundamentalmente à realidade externa, e a felicidade se conseguiria se adaptando a ela e às suas exigências por meio de uma atitude ativa, Freud propõe uma subversão desta concepção, ao longo de sua teoria. É o que Lacan denomina a virada que no campo da ética Freud realizou.

Na ética que Freud propõe, é o Princípio do Prazer que vai dirigir todos os processos psíquicos, e todo ethos (comportamento). Este aparelho apresenta a peculiaridade de estar voltado para a realidade interna e para atrás. Está mais interessado em se deter a gozar ilusoriamente da primeira marca de prazer antes ocorrida, do que em produzir novas satisfações palpáveis no mundo externo. A ligação deste aparelho psíquico humano com a realidade externa é precária.

Estabelece-se assim o primeiro conflito entre duas tendências que o fustigam: a tendência a repetir alucinatoriamente a marca da primeira experiência de satisfação e o desejo e a tendência que leva à satisfazer uma tensão de necessidade na realidade externa.

Se a alucinação desencadear a ação específica, a conseqüência será a decepção, já que não existe na realidade externa, o objeto capaz de satisfazer a necessidade.

Esta colocação de Freud nos abre a porta para a discussão sobre como se realiza a diminuição de energia psíquica; se a satisfação precisa ser consolidada no

âmbito do mundo da realidade externa ou em algum outro nível, para se alcançar a felicidade. Em qualquer um dos níveis , a solução vai ser incompleta e insatisfatória, como já vimos no capítulo anterior a respeito da troca por meio dos corpos, e por meio da palavra , realizada no âmbito concreto da realidade externa.

A nível das soluções substitutas, como produções culturais conseguidas através de sublimações , a satisfação também é incompleta e pode acarretar sérios prejuízos , se não estiver bem equilibrada.

Freud chama a atenção sobre um curioso fenômeno psíquico. Quando o ser humano se propõe ser obediente `a Lei Moral , em lugar de ser compensado com o amor do próximo e por conseguinte a felicidade, o que acontece é que o representante do próximo , no seu psiquismo , o Super-eu ,se torna com ele, implacável. É o que ele denomina como o paradoxo da consciência moral.

Assim como a sociedade é injusta com aqueles que a compõem , por não distinguir entre as diferentes constituições psíquicas dos indivíduos, mais injusta é aquela instância , que se faz cargo da repressão `a agressividade e `a sexualidade dentro do próprio psiquismo. O superego , além de cruel e sádico , é, antes que mais nada , extremamente injusto.

Diz-nos Freud :

"...pois quanto mais virtuoso um homem é , mais severo e desconfiado é o seu comportamento , de maneira que , em última análise , são precisamente as pessoas que levaram mais longe a santidade as que se censuram da pior pecaminosidade. Isso significa que a virtude perde o direito a uma certa parte da recompensa prometida ; o ego dócil e continente não desfruta da confiança de seu mentor , e é em vão que se esforça parece por adquiri-la."(Freud, 1930, 149).

A diferença entre fazer uma coisa 'má' e desejar fazê-la não existe para o superego, que pune nos dois casos por igual. Então, por exemplo no caso de haver tentações e a pessoa resistir a elas, vai haver não só uma frustração em relação ao mundo externo devido a uma não realização dos desejos, mas também uma punição por ter tido a tentação.

"O campo da ética, tão cheio de problemas, nos apresenta outro fato: a má sorte- isto é, a frustração externa- acentua grandemente o poder da consciência no superego. Enquanto tudo corre bem com um homem, a sua consciência é lenitiva e permite que o ego faça todo tipo de coisas; entretanto quando o infortúnio lhe sobrevém, ele busca sua alma, reconhece sua pecaminosidade, eleva as exigências de sua consciência, impõe-se abstinência e se castiga com penitências."(Freud, 1930, 149-150).

Toda nova renúncia à pulsão, seja por "bondade" ou por má-sorte que impeça realizar o desejo, aumenta a crueldade do superego.

Freud conclui com uma afirmativa 'paradoxal', que consiste em que a consciência seria a consequência da renúncia pulsional, que por sua vez exige mais renúncias pulsionais. Isto está relacionado com a des fusão das pulsões.

No "Ego e o Id", nos diz Freud: "É notável que quanto mais um homem controla sua agressividade para com o exterior, mais severo - isto é, agressivo- ele se torna em seu ideal do ego."(Freud, 1923, 71). Isto o observamos, no processo de identificação com o pai. A formação do super-eu implica um deslocamento da agressividade do mundo externo, para o próprio ego, processo que, como toda sublimação, implica uma des fusão das pulsões.

Por outro lado , tínhamos observado que quanto maior a restrição `a concretização de um desejo , mais desejável este se torna. Por conseguinte, o círculo vicioso se perpetua , já que quanto mais proibição houver a realização de algum desejo , maior será o desejo , mais tentação haverá , e no caso do homem "virtuoso", maior desfusão das pulsões com consequentemente , mais castigo por parte de sua consciência.

O ser humano ficaria assim sem alternativas para seu mal estar. Quando tenta ser obediente `a sua consciência moral , esta se torna mais exigente , devido `a resignação das pulsões. Como o superego não distingue a realização concreta das tentações , ele castiga por igual nos dois casos : quando realiza ou quando apenas deseja o interdito. Deste modo , o círculo vicioso de crueldade se instaura 'in crescendo'.

Quando o ser humano se propõe a realizar o gozo sem freios ,isto é , exatamente no sentido oposto ao que acabamos de ver, desobedecendo a interdição, também surgem obstáculos `a felicidade , porque o desejo para surgir sempre precisa de barreiras , obstáculos .

Lacan chama a atenção, para o fato , de que, no sentido contrário , não ocorre a recíproca.

"Ele é feito para nos velar isto[o mito de Totem e tabu], que não apenas o assassinato do pai não abre o via para o gozo que sua presença era suposta interditar, mas ele reforça sua interdição . Tudo está aí, e é justamente isso, tanto no fato quanto na explicação , a falha. O obstáculo sendo exterminado sob a forma do assassinato , nem por isso o gozo deixa de permanecer interdito, e ainda mais, essa interdição é reforçada."(Lacan, Semin.7, 216).

É o que Lacan denomina o paradoxo do gozo.

"Não é absolutamente o caso, é um fato, e todo aquele que avança na via do gozo sem freios, em nome de qualquer forma que seja da rejeição da moral, encontra obstáculos cuja vivacidade sob inúmeras formas nos mostra todos os dias, e que, talvez, não deixam de supor algo único na raiz."(Lacan, 1959-60, 217).

Deste modo concluimos que, para Freud sempre haverá um mal-estar e o máximo que pode se tentar fazer é reduzi-lo.

Freud sugere uma saída para diminuir o mal-estar.

No texto "O futuro de uma ilusão", Freud acreditando no futuro da ciência a que deu vida -a psicanálise- se propõe a fazer tudo que esteja a seu alcance para que um dia os homens deixem de lado as ilusões e se deparem com o conhecimento da realidade externa. Isto levará a um conhecimento maior de si próprio, das imposições internas e suas causas civilizatórias das mesmas, com o conseguinte relaxamento da tensão entre o eu e a consciência, e uma aspiração a um mal estar menor.

"Visto ser tarefa difícil isolar aquilo que o próprio Deus exigiu, daquilo que pode ter sua origem remontada à autoridade de um parlamento todo-poderoso ou de um alto judiciário, constituiria vantagem indubitável que abandonássemos Deus inteiramente e admitíssemos com honestidade a origem puramente humana de todas as regulamentações e preceitos da civilização. Junto com sua pretensa santidade, esses mandamentos e leis perderiam também sua rigidez e imutabilidade. As pessoas compreenderiam

que são elaboradas , não tanto para dominá-las , mas pelo contrário , para servir a seus interesses, e adotariam uma atitude mais amistosa com eles e em vez de visarem `a sua abolição , visariam unicamente `a sua melhoria. Isso constituiria um importante avanço no caminho que leva `a reconciliação com o fardo da civilização.”(Freud, “O futuro de uma ilusão”, 1927, 55).

Propõe então aceitar as limitações que a sociedade impõe, tomando-as como necessárias. Em lugar de se revoltar contra elas, seria o caso de se reconciliar com elas, o que levaria a uma diminuição do mal-estar.

Evidentemente, o caminho que nos oferece é o do Princípio de Realidade.

Deus seria substituído então pelo deus ‘Logos’ , da razão, levando as novas gerações a um mal-estar menor.

Freud chega `a conclusão de que o mal-estar na civilização é a única saída para o ser humano. O homem deve deter o seu desejo , no momento em que este começa a prejudicar os interesses do seu próximo . É por isto que ele anuncia o mandamento de amar o próximo como a si mesmo como necessário, já que se assim não fosse o ser humano devoraria seus irmãos. Mas é importante deixar claro, aqui , que o amar a que Freud se refere é inibido em seus fins , um amor sublimado : amar os pais , os filhos, todos os outros .

Mas ele deixa aberta uma porta, quando discute o paradoxo da consciência moral e quando discute a questão do amor ao próximo no “mal-estar na civilização” . Lacan aproveita , dando o que ele denomina uma nova virada da ética, dentro do campo da psicanálise.

3.2.2.A virada de Lacan. Sade.

No artigo “Kant com Sade” e no Seminário da Ética, Lacan aponta para várias viradas dentro do pensamento da ética. Apresenta a Aristóteles, com

sua ética da disciplina da felicidade. Depois apresenta a Kant, com sua ética de obediência à Lei.

"Así en las dos longitudes (y la mediación precaria) de las que Kant se hace palanca para mostrar que la Ley pone en equilibrio no sólo el placer , sino dolor, felicidad y asimismo presión de la miseria , incluso amor a la vida , todo lo patológico, se manifiesta que el deseo puede no sólo tener el mismo éxito , sino obtenerlo con más derecho ."("Escritos, 1963, 763).

Freud, segundo Lacan , fez uma virada fundamental , que consistiu em perceber que a Lei e o desejo recalcado são a mesma coisa. No desejo recalcado , se encontra a verdade do sujeito . Fez a revolução de lutar pela liberdade dos próprios desejos, pela liberdade de desejar.

Para Kant , a felicidade só seria outorgada a quem renunciasse ao seu desejo. Sade, por seu lado propõe o direito ao gozo e o egoísmo da felicidade.(Lacan, "Kant com Sade" in "Escritos",765). Sade vai além do mandamento : "Amarás teu próximo como a ti mesmo", propondo o egoísmo da felicidade, assumindo a maldade que habita o ser humano e levando-a ao extremo.

"De los imprevisibles quanta con que tornasola el átomo amor-odio en la vecindade de la Cosa de donde el hombre emerge con un grito, lo que se experimenta , después de ciertos límites , no tiene nada que ver con aquello con que se sostiene el deseo en el fantasma que precisamente se constituye por esos límites.Esos límites sabemos que en su vida Sade los rebasó. Y esa depuración de su fantasma en su obra sin duda no nos lo habría dado de otro modo."(Lacan,op.cit., 766).

A máxima de Sade, que a enuncia como um universal ao estilo de Kant, é: "Tengo derecho a gozar de tu cuerpo , puede decirme quienquiera , y ese derecho lo ejerceré, sin que ningún límite me detenga en el capricho de las exacciones que me venga en gana saciar en él."

Mas a máxima sadiana, para Lacan, está pronunciada pela boca do Outro. É o imperativo categórico de Kant: goza!. O objeto passa de confinado no lugar da Coisa-em-si para se ressituar no lugar de Ser-aí, Dasein.

Segundo Lacan, Sade como Freud se detém frente a um mandamento cristão . Sade é submisso, em última instância `a Lei. "Concluye el asunto con un Noli tangere matrem".[Não queiras tocar a mãe].(Lacan, idem, 770).Além de mais , rejeitou a pena de morte.

Segundo Lacan , Sade ficou retido nas malhas da Lei. O Ser supremo estaria nele substituído pelo Malefício. Seu sonho de poder não vai até as últimas conseqüências, que seria:"...poner en práctica inmediatamente todo lo que se le pasa por la cabeza , pensando también , al substituir el arrepentimiento por la reiteración , acabar con la ley dentro."(Lacan, 769).

Lacan propõe a substituição do arrependimento pela reiteração, com o que se eliminaria o sentimento de culpa.

Para Lacan , Freud não era progressista , era apenas humanista. Freud nos mostra o paradoxo da Lei, da consciência moral . Se a pessoa é dócil, isto é, quando ela vai do caminho do gozo para a obediência , ela é mais exigida pelo superego. Mas se a pessoa opta pela via do gozo desenfreado, se depara com obstáculos inevitáveis.

"É nesse ponto que chegamos à fórmula de que uma transgressão é necessária para aceder a esse gozo, e que - para reencontrarmos São Paulo - é muito precisamente para isso que serve a Lei. A transgressão no sentido do gozo só se efetiva apoiando-se no princípio contrário, sob as formas da Lei."(Lacan, Seminário 7, 1959-60, 217).

Lacan nos chama a atenção para o fato de que Freud fica no ponto de uma 'honestidade patriarcal', de um 'ideal temperado de honestidade', de 'desejos temperados normais'.

Segundo Lacan, Freud inventou um mito, o mito da origem da Lei, no assassinato do pai - totem, deus até chegar a um deus único, Deus o Pai. Mas este mito Freud o inventa para uma época em que Deus está morto, como o próprio Freud anunciou em "Futuro de uma ilusão". E sempre o esteve, diz Lacan. Mas o homem que encarnou Deus na reencarnação ainda está vivo. E continua vivo nesse mandamento que ordena amar a Deus e ao próximo.

Freud se deteve neste ponto. O homem é radicalmente mau e precisa que a sociedade imponha uma Lei, para controlar sua agressividade. Mesmo o Pai morto, mesmo Deus estando morto, o gozo permanece tão proibido como estava antes de seu "assassinato", ou mais ainda, como diz Freud em "Totem e tabu".

Segundo Lacan, a concepção aristotélica do bem e do mal está presente em Freud, na aproximação que faz no texto do Mal-Estar, sobre o amor. Temos que amar 'aqueles que nos amam etc. etc. Neste momento, Freud pareceria esquecer o que considerou antes sobre a maldade radical do ser humano, e as pulsões de morte.

É aqui que Lacan dá a virada. Lacan considera que Freud acha que o gozo é um mal, porque implica no mal ao próximo. Freud estaria eludindo o problema central do gozo. Pelo caminho de amar o próximo de uma maneira inibida em

seus fins, sensatamente, Freud elude a questão central da agressividade no ser humano. Aproximar-me do outro seria ter que me deparar com a agressividade do outro e com a minha. E Freud fica por aqui. Mas quem sabe, pensa Lacan, é assim que se perde o caminho ao gozo.

A mensagem de Freud é que o mal estar não tem remédio. O máximo que pode ser feito é diminuir o mal-estar. É melhor ficar numa atitude moderada, aceitando os limites impostos pela Lei, já que, se tentarmos ultrapassá-la, sobrevirão obstáculos e castigos, que farão com que esse mal-estar se acentue. O mal-estar permanecerá, apesar de tudo. Por isso Freud indica, de certa maneira, um caminho moralizante, segundo Lacan.

Na primeira formulação sobre o 'princípio do prazer como princípio de desprazer ou de menos padecer', este deve ser substituído pelo princípio de realidade, isto é, por um princípio que nos guie, na realidade, a satisfazer concretamente as pulsões, sem ter que cair na frustração, nem no castigo.

Esta maneira de abordar a questão nos deixa, diz Lacan, se bem comporta um mais além, nos deixa alguém do gozo. Em nome do prazer, se abre mão do gozo. O engodo consistiria, aqui, em confundir o prazer com o gozo.

Se Freud se detém frente ao "amarás ao próximo como a ti mesmo", é pela radicalidade do mal que o outro implica, pelo "das Ding", a coisa inominável. Freud parte para o terreno da sensatez, dos sentimentos temperados aristotélicos. Amarás só aqueles que te amam, mas de maneira temperada, moderada, inibida em seu fim.

Lacan em seus Escritos desenvolveu a questão da agressividade, do instinto de morte na questão do reconhecimento do infante no outro. O ego aparece desde o início marcado pela agressividade. (Lacan, "A agressividade" in Escritos, 1948, -49)

No Seminário 7, Lacan nos diz:

"É o que me é mais próximo do que esse âmago em mim mesmo que é o do meu gozo , do que não me ousa aproximar ? Pois assim que me aproximo- é esse o sentido do Mal-estar na civilização - surge essa insondável agressividade diante da qual eu recuo , que retorno contra mim , e que vem , no lugar mesmo da Lei esvanecida, dar seu peso ao que me impede de transpor uma certa fronteira no limite da Coisa."(Lacan, 59-60, 228-9).

Lacan aborda a questão então do que seria amar o próximo como Freud o propõe , isto é , `aquele que também nos ama. Se eu der conforto , ajuda , amor a meu próximo , alguma coisa que para ele representaria muito trabalho e para mim não, é porque me identificando com o outro concluo que ele , de posse desse tempo livre , desse poder , o aproveitaria a meu modo . Mas, quem sabe, apenas conseguisse se entediar .

Um sacrifício meu implicaria necessariamente uma felicidade para o outro , ou poderia estar acabando com a possibilidade de felicidade do outro, apenas , para sob um matiz altruísta , ocultar o mal que lhe desejo e que meu próximo me deseja?

O paradoxo do gozo consiste, então, em que quando "amo", com inibição, nos fins, meu próximo , faço o "bem" a ele , posso estar sendo com ele mais cruel do que nunca.

Amar o próximo de uma forma não sublimada , representaria a possibilidade de aceder ao próprio gozo , com os perigos que isso implica. Seria o caminho da perversão.

Lacan, observa que existe um nó estreito do desejo com a Lei :

"É nesse ponto que chegamos `a fórmula de que uma transgressão é necessária para aceder a esse gozo, e que - para reencontrarmos

São Paulo- é muito precisamente para isso que serve a Lei. Se as vias para o gozo têm , nelas mesmas , algo que se amortece , que tende a ser impraticável, é a interdição que lhe serve , por assim dizer , de veículo utilitário , de tanque para sair desses círculos que trazem o homem , sem saber o que fazer , para a rotina de uma satisfação curta e tripudiada.”(Lacan, Semin.7, 59-60, 217).

A satisfação curta e tripudiada é o gozo.

Serge Cottet a isto se refere, dizendo que Lacan considera “a lei não como uma coerção externa , mas como interna ao desejo , como limite interno do gozo. É aí onde o desejo aparece , como limite do gozo , principalmente sob a forma de amor.”(Cottet, S. “ O paradoxo do gozo “, 1989,10)

Lacan nos diz que tudo que transpõe a falha “...constitui objeto de uma dívida no Grande Livro da dívida. Todo exercício de gozo comporta algo que se inscreve no livro da dívida na Lei. E muito mais ainda, é preciso que algo nessa regulação seja, ou bem paradoxo , ou bem lugar de algum desregramento, pois , ultrapassamento da falha no outro sentido não é equivalente.”(Lacan, Sem.7, 216).

É o amor ao pai o que regula o desejo, esclarece Cottet. É o simbólico que regula as distâncias , os rodeios , as passagens ou ultrapassagens do desejo em relação ao gozo. Isto remete `a erótica.

Em relação `a dialética intersubjetiva entre o sujeito e o outro , o altruísmo, o fazer bem ao outro , o amar ao próximo pode se tornar perigoso. A Lei se esvai e surge a agressividade , o registro imaginário dos corpos despedaçados, do identificação narcísica, especular , imaginária.

Lacan tira a perversão do banco dos réus, e a transgressão passa a ocupar um importante lugar na busca do próprio gozo. O gozo da transgressão consiste em desrespeitar as leis.

"Certamente, -nos diz Lacan- vemos constantemente operar-se nos sujeitos esse curioso procedimento, que se pode articular como a colocação `a prova de um destino sem rosto, como um risco do qual o sujeito, tendo -se safado, encontra-se depois como que garantido em sua potência."(Lacan, 1959-60, 238). A Lei está aí, então, para ser transgredida. Mas o sujeito pode recuar diante do outro, já que poderia entrar no caminho de se identificar com este outro, já que foi sobre sua imagem que o 'eu' se construiu. O sujeito entra no registro imaginário deparando-se com o outro, com o qual se identifica, esse outro especular.

Lacan nos mostra como Sade ensina a transpor o limite, mas saindo do plano imaginário. Com Lacan, estamos na ordem do jogo simbólico. O jogo consiste em tentar transpor o limite e descobrir as leis do espaço do próximo como tal.

"Sade cultivava essa fantasia com o deleite moroso."(Lacan, Sem.7, 240).

"Trata-se do espaço que se desenvolve na medida em que lidamos não com esse semelhante a nós mesmos do qual fazemos tão facilmente nosso reflexo, e que implicamos necessariamente os mesmos desconhecimentos que caracterizam nosso 'eu', mas esse próximo como o mais próximo, que `as vezes temos, e nem que seja apenas para o ato do amor, de tomar em nossos braços. Não estou falando aqui de um amor ideal, mas do ato de fazer amor."(Lacan, Semin.7, 241).

Este jogo vai se levar adiante, lutando para não cair no registro imaginário que confunde tu com eu, num encontro fascinante e cativante.

A obra de Sade tem um valor artístico . Ela "arranca o sujeito de suas amarras psicossociais."(Lacan, Semin.7, 246).

Sade , segundo Lacan, apresenta o objeto parcial , mas , logo vemos que este objeto parcial , como é colocado , pede logo para entrar no lugar de objeto valorizado socialmente, sublimado. No caso , pode se tratar de um pedaço de carne ensangüentada. Mesmo assim , há a idealização que leva o objeto a ter esse caráter especial, de estar no centro da questão, do "das Ding", da elevação do objeto à dignidade da Coisa.

É por isto que o objeto (a vítima) aparece na fantasia com o caráter indestrutível do Outro .A vítima pode suportar um suplício eterno , e nem por isso se estragar , mudar , se degradar. Há uma inacessibilidade do objeto enquanto objeto de gozo. As barreiras são a beleza da vítima e a indestrutibilidade, ou seja, a eternidade. Toda sublimação individual está projetada para além dessa barreira. A sublimação se encontra no campo da pulsão de morte. A criatividade singular de cada sujeito surge ao atravessar essas barreiras, dentro do registro do simbólico. A "Verdichtung" é a capacidade de criar a nível da escrita , uma obra prima.Nos deteremos mais adiante na "Verleugnung".

Concluindo Lacan valoriza , de um lado a "Verleugnung", do outro , a "Verdichtung".

CAPITULO 4. A EROTICA:Ética e estética.

4.1. A erótica.

Pelo Dicionário Aurélio, Eros, segundo o mito grego, era o filho de Vênus e deus do Amor. Seu equivalente entre os romanos, em latim, é Cupido. Cupido é o deus alado de olhos vendados. É chamado também de deus cego. Erótico deriva de Eros, relativo ao amor, tanto no sentido lírico ou romântico quanto no sentido sensual, lascivo.

Não é por nada que aquilo que se refere ao amor entre os homens, tenha a ver com o mundo dos deuses. O amor, a erótica, segundo a psicanálise, é o que nos re-liga aos deuses, ao Outro, ao simbólico, ao primeiro humano que nos introduziu no campo dos signos, da linguagem. O amor é a religião em que o deus ou a deusa estão representados pelo Outro amado.

Na primeira parte -a Erótica como causa da Ética- compreendemos a constituição do ser humano como ser ético, a partir do encontro feliz com aquele ser próximo que o ama.

Devido ao desamparo inicial se encontra desde o nascimento dependente de um outro: o próximo. Isto é o que determina a sua precoce sexualidade. Sua introdução no mundo do Outro é realizada pela alienação no desejo do outro. O ser humano tem uma falha, própria de sua constituição, que o leva a uma procura permanente de completude; o encontro feliz ("happy-happening") com um Outro que lhe retorne a situação inicial. O "das Ding" é aquilo que do real foi atingido, aquilo que do real padece do significante. É no momento em que este "das Ding" se constitui, que se produz o primeiro traço ("Niederchrift"). O "das Ding" vai ser a referência de todo desejo. Este parte na direção do gozo perdido, quer dizer, do "das Ding".

No segundo capítulo vimos como o ser humano, desde a sua incompletude, se dirige para a realidade externa à procura do gozo perdido, da felicidade. As

vias que pode adotar são várias, como Freud mostra no "Mal-Estar na civilização".

A que nos interessa é o caminho da Vida Erótica : a procura de um próximo como objeto de amor ou sexual.

Recordemos a afirmação de Freud, quando nos alerta sobre o que representa o próximo para o ser humano :

"...o seu próximo é, ...alguém que os tenta a satisfazer sobre ele sua agressividade, a explorar sua capacidade de trabalho sem compensação, utilizá-lo sexualmente sem o seu consentimento, apoderar-se de suas posses, humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e matá-lo."(Freud, 1930, 133) .

Estes seriam os desejos primordiais, que podem ser entendidos pela existência da pulsão de morte e por essa relação tão peculiar que o ser humano estabelece com o outro ("Nebenmensch") .Precisa destruí-lo dentro dele , destruir o "das Ding", para poder se constituir como sujeito falante ,separado, desalienando-se do desejo dele (do Outro).

Freud nos alerta para o fato de que o sofrimento que vem dos relacionamentos com os outros seres humanos é talvez " mais penoso que qualquer outro."(Freud, 1930, 95).

É quando Freud sugere seguir a sabedoria popular de não buscar um único caminho para a felicidade: "Qualquer escolha levada a um extremo condena o indivíduo a ser exposto a perigos, caso uma técnica de viver , escolhida como exclusiva , se mostre inadequada."(Freud,1930,103). Lacan acrescenta que quando estamos no poder de um outro, estamos em grande perigo". (Lacan, Sem. 7,59-60, 107).

A relação com o outro precisa de regulagens , que são levadas a cabo, como já vimos no terceiro capítulo , pelas Leis. A Ética é a que trata desta ordem de coisas.

Quando nos referimos `a Erótica , estamos nos referindo `a relação do sujeito desejante `a procura, na realidade externa , de objetos sexuais e /ou amorosos , busca esta que se encontra orientada por "das Ding", que se encontra, como representante do primeiro gozo, no centro de sua economia psíquica . A busca do desejo na realidade externa é de alguém, de um objeto, que enquanto substitui imaginariamente das Ding, lhe proporciona tanto gozo quanto aquele primeiro encontro.

A busca desse objeto e a relação com o mesmo está intermediada pela Lei. Só se conhece a Coisa pela Lei, que é a que faz surgir o desejo. O desejo só surge a partir de sua relação com a Lei. Diz-nos Lacan , que é em relação `a Lei que o pecado , ou hamartia , que em grego quer dizer falta (manque: faltar), adquire enormes proporções .

Diz Lacan, "...o pensamento freudiano recolocou no centro de nosso interesse na economia do psiquismo ...o Eros, e o erotismo".(Lacan, Sem..7,1959-60, 177) .

Lacan define a Erótica da seguinte maneira: "Temos de explorar o que o ser humano, ao longo dos tempos , foi capaz de elaborar que transgredisse essa Lei, colocando-o numa relação com o desejo que ultrapassasse esse vínculo de interdição, e introduzisse, por cima da moral, uma erótica."(Lacan, Semin. 7, 106).

A erótica é uma maneira de reencontrar "das Ding", na realidade, para além da Lei. Tratar-se-ia, para Lacan, de saber, "o que podemos fazer desse dano para transformá-lo em dama, em nossa dama."(Lacan, Semin.7, 107). Entendemos que seria a capacidade do ser humano de reverter sua falta , "seu mal", numa obra criativa , numa dama, no "seu bem".

A função da erótica está sempre relacionada à Lei, mesmo aos fins de transgredí-la. A função da erótica é da ordem da ética, da ética da vida erótica.

A ética da erótica diz respeito à regulação e ao jogo com os tempos e espaços, das distâncias e proximidades, do sujeito desejante em relação ao objeto desejável a ser atingido. No caso de já tê-lo alcançado, trata-se mais da sustentação do desejo. Consideramos este tema de extrema importância e atualidade: o tema da regulação das proximidades e distâncias, numa época em que todos os dispositivos sociais que operavam neste sentido foram questionados de uma ou de outra maneira, e em que se conta apenas com a intuição e com a experiência pessoal, rumo ao desconhecido. Voltaremos a este assunto no último capítulo, ao tratar da erótica contemporânea.

A erótica posta em funcionamento vai depender de uma ética de um determinado tempo, de uma certa sociedade, de uma determinada patologia e de uma singularidade do sujeito em questão. Evidentemente o fato de um indivíduo estar inserido numa ou noutra sociedade vai determinar de certa maneira sua ética. Mas, em última instância, esta vai depender de sua singularidade.

A erótica, podemos considerá-la se veiculando por meio das técnicas eróticas. Estas técnicas não são necessariamente da ordem da consciência. Transcorrem, fundamentalmente, no nível inconsciente.

As técnicas eróticas, em psicanálise, as entendemos como "técnicas de retenção, de suspensão, do amor interruptus" (Lacan, 59-60, 189), nos diz Lacan, no Seminário sobre a Ética da Psicanálise, isto é, técnicas de sustentação do desejo.

Levando em consideração os diferentes enfoques éticos por nós apresentados, desde Aristóteles até Lacan, passando por Freud, Kant e Sade, não podemos restringir a erótica apenas às técnicas de retenção e de suspensão do

desejo que servem aos fins de impedir seu acesso ao gozo. Acrescentaremos as técnicas de aprofundamento e de transgressão das barreiras que cercam o gozo, isto é de transgressão da lei. A distância, o tipo de trajeto, as paradas, o ritmo, as suspensões, os obstáculos construídos ao longo do percurso, o afastamento, os aprofundamentos, a construção de barreiras em relação ao objeto, a criatividade para inventar atalhos, para enfeitar o objeto, a transgressão, o desregramento, as formações de compromisso, entre outros, são o que poderíamos denominar os meios de que o ser humano "goza", para se aproximar, dentro de suas possibilidades, do objeto de seu "gozo" perdido, isto é do seu "gozo".

A busca do objeto de satisfação no ser humano apresenta peculiaridades que a diferenciam, em primeiro lugar do campo animal. Entre os animais não existe vida erótica, nem, por conseguinte, a erótica. Existem, sim, os rituais de conquista do outro sexo, prefixados pela espécie porque existem o macho e a fêmea, como sexos complementares. Existe a relação sexual que está a serviço da procriação. Entre os animais a relação sexual não remete a nada que transcenda o indivíduo, a não ser a nível de espécie.

Como analisamos no segundo capítulo, existe uma disponibilidade nata para as perversões no ser humano, isto é, própria da espécie. A perversão, segundo Freud, seria o desvio [(drive) pulsão] do instinto, que se produz frente à incompletude do ser humano devido à inexistência da relação sexual e que leva a que a vida erótica se realize de maneira singular em cada ser humano. As perversões vão desde o amor-paixão até a violação de cadáveres; desde a escolha do sapo, até o encontro com o príncipe encantado.

A pulsão é uma perversão do instinto, e por conseguinte é tudo aquilo que, pelas vias do significante, se afasta do ato sexual instintivo, através da sublimação. Lacan, no Seminário 1, se refere à "Verdichtung".

"Verdichtung", quer dizer compressão, que nos faz pensar na formação da estrutura, pela formação de barreiras que impedem a descarga. O sentido figurado é de produção de palavras no sentido poético -de poiêsis, do grego: criação-, produção de obra-prima a nível da palavra, produção original. Na verdade, tudo que aparece no discurso corrente ou, melhor dizendo, junto com Lacan, dis-corrente (pelas interrupções produzidas pela "Verdrangung"), podemos considerar como sendo da ordem da "Verdichtung".

O ser humano é incompleto, e não irá encontrar seu objeto complementar, como já analisamos anteriormente, nem na troca a nível dos corpos; nem a nível da palavra.

Freud nos diz que uma característica do amor do ser humano civilizado é a impotência psíquica. (Freud, "Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor" in "Contribuições à psicologia do amor", 1912, 168).

Ele tenta apesar da Lei ou, melhor dizendo, por meio dela, transgredindo-a, atingir o gozo de alguma maneira, ou então, se aliviar pelo mal-estar provocado pela perda desse. Tudo aquilo em que o psiquismo investe especificamente, aos fins de se proporcionar uma vida amorosa ou erótica, apesar e, pelas Leis impostas, é da ordem da erótica.

4.2.A Ética da Erótica

O aspecto econômico. O aspecto quantitativo.

4.2.1.A Lei estruturante do ser humano.

A ética introduz a Lei, que passa a regular os relacionamentos do ser - que, a partir da introdução da mesma, poderemos chamá-lo de humano- com seu próximo, como fonte de auxílio, como objeto sexual, como membro de uma família, como ser político.

"Talves possamos começar pela explicação de que o elemento de civilização entra em cena com a primeira tentativa de regular esses relacionamentos"(Freud, "Mal-estar", 1930, 115). A Lei "capacita os homens a utilizarem o espaço e o tempo para seu melhor proveito , conservando ao mesmo tempo as forças psíquicas deles"(Freud, 1930, 113).

O ser humano para lidar com "das Ding" joga, por um lado , com o sentido (direção e significação) da jogada , por meio da regulagem dos tempos e espaços (distância e proximidade do "das Ding", como objeto e como fim sexual) em relação às barreiras , defesas, ou tramas de significantes que cercam o "das Ding", e por outro lado, com as quantidades, que indicam a intensidade ("drang"). Nesta jogada com o Outro, com o parceiro amoroso, o ser humano tenta regular por meio do simbólico os espaços ou distâncias que proporcionem as imagens corretas, e , assim, antecipar as jogadas do Outro , para poder fazer as próprias (como no jogo de par e ímpar), com fim de ganhar, isto é ser feliz.

Lembremos o aparelhinho ótico que Lacan nos apresentou no seu Seminário 1, que permite regular o olhar do sujeito para enxergar sem distorsões, ou com as menores possíveis ,a imagem do objeto em questão.

Trataremos de fazer a análise do que entendemos por erótica, com o instrumental teórico apresentado neste trabalho até o momento , que Freud e Lacan nos ofereceram : a topologia de Lacan, montada sobre o enfoque topográfico de Freud, o enfoque econômico e dinâmico que Freud propôs, e os registros do real, imaginário e simbólico propostos por Lacan, sem esquecer o crivo fundamental da questão ética , pelo que passam todas estas questões.

Freud nos deixou os instrumentos fundamentais , para guiar-nos no nosso trajeto. Existem leis que regem o funcionamento econômico do desejo, e que estão relacionadas com as outras duas polaridades que Freud nos indica:

Sabemos então que o desejo se põe a funcionar só quando há uma Lei , seja ela externa , seja ela interna. Sempre se interpõe um obstáculo ao desejo. É a sua condição de existência. Na vida erótica , aparece por meio do que Freud denominou a impotência psíquica do amor.

Esta lei produz concretamente uma perda fundamental que é a que vai reger todo o funcionamento psíquico posterior. Está relacionado com "das Ding". O "das Ding" , é aquilo que está fora do juízo. Aquilo que se perdeu graças a essa lei estruturante do ser humano. Aquilo que ficou forcluido. É o limite que a realidade impõe ao gozo humano , e que fica isolado por barreiras .

A primeira , além de reger o seu funcionamento , é a que permite o seu surgimento. É a lei básica do seu funcionamento psíquico. Para que o desejo surja , é preciso que se levantem impedimentos , barreiras no sentido de obstaculizar o gozo primordial. Qualquer situação que facilite demais o acesso ao gozo vai acabar esvaindo o desejo. Qualquer barreira que se interponha entre o sujeito desejante e o gozo vai aumentá-lo. Freud levanta a seguinte questão: Se o homem e a mulher não tivessem que passar por tantas restrições culturais , que os levassem à impotência psíquica sexual, o que por sua vez os leva a desenvolver artifícios psíquicos como os acima descritos aos fins de superar a impotência pelo menos de uma maneira sectorizada, usufruiriam, supostamente , de uma vida sexual livre e satisfatória ? Este poderia ser um ideal do amor sustentado por Freud , se não fosse que ele mesmo o põe por terra percebendo que a condição 'sine qua non' , do amor é justamente a existência de um obstáculo . Freud chama a atenção para este fato dizendo que, se não se limitasse a liberdade sexual desde o início , o resultado não seria melhor. E conclui:

"Pode -se verificar que o valor psíquico das necessidades eróticas se reduz, tão logo se tornem fáceis suas satisfações. Para intensificar a libido, se requer um obstáculo, e onde as resistências naturais à satisfação não foram suficientes, o homem sempre ergueu outras, convencionais, a fim de poder gozar o amor. Isto se aplica tanto aos indivíduos como às nações. Nas épocas em que não havia dificuldades que impedissem a satisfação sexual, como talvez durante o declínio das antigas civilizações, o amor tornava-se sem valor e a vida vazia". (Freud, 1912, 170).

Esta Lei, se a pensarmos no sentido de duração do desejo no tempo e no espaço, concluímos que devido à demora de sua realização, por conseguinte, proporcionando vida mais longa ao desejo. É uma lei que faz com que o circuito do desejo se torne mais longo. Se a sua tendência natural, pelo teorema fundamental do funcionamento psíquico, é a de se realizar via circuito curto, quer dizer, regulada pelo processo primário, o obstáculo vem, aí, interferir nesse circuito, alongando-o. Produz cadeia de significantes, discurso, dizer em curso.

O desejo faz a sua evolução, sua marcha, de maneira mais demorada e, tomando caminhos mais longos antes de se esvaír, que é o seu objetivo final, regido pelo instinto de morte: são os circuitos longos.

Esta lei existe independentemente de o indivíduo assim o desejar. Quando as condições sociais afrouxam as restrições, o próprio indivíduo se encarrega de produzi-las, como veremos.

4.2.2. Lei do respeito ao Princípio de realidade.

A outra lei é mais paradoxal e para analisá-la é preciso perceber que depende exclusivamente do aspecto dinâmico, da atividade ou passividade, isto é do

posicionamento do sujeito desejante. A forma em que se aproxima ou se distancia o sujeito e seu desejo do "das Ding", diz respeito da ética. Diante das barreiras produzidas pela intervenção da Lei externa, já que é uma lei estrutural para o ser humano, Freud apresenta o que Lacan vai denominar de ética do prazer, que consiste em definitiva, em se refrear, perante a Lei. Segundo Lacan, "Freud se recusa a amar além de certos limites." (Lacan, Sem. 20, 135).

Para Freud, que organiza o aparelho psíquico segundo o Princípio do Prazer, o circuito curto de descarregamento da tensão, regido pelo princípio do prazer, acabaria sendo sempre desprazeroso, já que este processo não estaria levando em consideração a "realidade externa". Neste caso, o aparelho psíquico, abandonado a si mesmo, trabalhando com um tempo curto demais, vai acabar produzindo um desprazer. Se o processo secundário for largado rápido demais, também se produzirá um desprazer.

O resultado se dar-se-ia, então, através de um processo de identidade perceptiva, de alucinação, que vai acabar acarretando uma frustração. O caminho que Freud indica como bem-sucedido para atingir o prazer é aquele que leva em conta o princípio de realidade, a realidade externa e suas limitações. Freud indica o processo secundário, que leva em consideração a realidade externa, e que conduz ao circuito longo, como o mais adequado para atingir o prazer.

Lacan, em citação já mencionada por nós, diz, que essa dinâmica do processo primário e do processo secundário é mais da ordem da ética do que da economia do desejo: no caso tratar-se-ia, de uma ética do prazer, de diminuir o mal-estar.

Seria o caminho de chegar à morte da maneira mais demorada possível, pelas vias das pulsões de vida, construindo no meio do caminho situações que

demorem o gozo , até se encontrar um objeto na realidade externa que frustre menos.

Esta postura de obedecer `a Lei, seria a proposta aristotélica da ética do caráter, da disciplina da felicidade, ou moral do poder como a denomina Lacan, em diferentes momentos. Mas Freud também nos apresenta o paradoxo da consciência moral, que consiste no seguinte: no caso de se aceitar a Lei e de obedecê-la com o objetivo de obter alguma recompensa, a Lei vai se tornar contra o ego ,o que abre as portas para a próxima Lei.

4.2.3.Lei da transgressão da Lei. Sade. Lacan.

Por outro lado , se o sujeito decide ativamente enfrentar a Lei e transgredi-la , curiosamente e apesar de aparecerem novos obstáculos , e desprazeres , mesmo assim , se abrem as portas ao gozo .Então, aparecem obstáculos que se interpõem para a realização do prazer. Mas já vimos como o prazer e o gozo não podem ser confundidos. Este posicionamento , como já vimos, é bem assumido por Lacan, mas foi sem dúvida introduzido por Freud, ao mostrar o paradoxo da consciência moral.

Já no caso das outras , tudo depende do posicionamento do sujeito. Caso se submeta passivamente, será castigado. Caso enfrente e lute ativamente, terá uma recompensa. Digamos que as outras leis só funcionam se a primera, permitindo o surgimento do desejo, existir. Isto é, sendo o desejo instaurado pela presença de obstáculos impostos pela sociedade , ou pelo próprio indivíduo , pode se começar a pensar como resolver a questão do gozo. E em relação ao gozo , nos restam dois caminhos: ou ficamos aquêm dele, e ainda somos massacrados pelo super-eu, ou procuramos nosso desejo na direção indicada pelo gozo arriscadamente. A Lei está para ser transgredida , ou burlada, e não

só para ser obedecida. A transgressão pode se dar via a criação que implica o ato de sublimação, como acontece na arte: a "metáfora transgressora".

Num certo sentido, não nos parece certo colocar estas leis no mesmo nível, basicamente porque a primeira pode funcionar, mesmo o sujeito sendo totalmente passivo. Essa lei é intrínseca ao desejo. Há, por exemplo há casos em que a sociedade, extremamente liberal, acaba com alguns dos obstáculos ao desejo. Nestes casos vemos que os seres humanos, eles mesmos, como grupo social ou individualmente, levantam barreiras que permitam o ressurgimento dos desejos. Este fato pode ser avaliado na ética contemporânea, com que convivemos. Trataremos disto mais adiante.

4.3 A Estética da Erótica

A Lei surge a partir da morte da Coisa, depois do ato. Só se conhece a Coisa, [das Ding], pela Lei, que a cerca. A Coisa é um espaço circundado, disse Lacan, Cerca, é um termo que Lacan aproxima de circa [latim], rodéio, em torno e de querer, amar. (Lacan, Semin.7, 76). A Coisa é querida pelo sujeito desejante.

O real se presentifica pela lei moral, através da atividade simbólica, é a tese que Lacan defende no Seminário da ética.

Dá-se um encaminhamento de "Vorstellung" em "Vorstellung", em torno do qual tudo se organiza, isto é, as palavras, segundo as leis da condensação e do deslocamento, do que Lacan denomina as leis da metáfora e da metonímia.

Tudo isto é da ordem dos atributos, da sincronia fundamental, da metáfora. Esse primeiro traço, ao se pôr a circular pela "Bahnung", adquire qualidades próprias do significante. Ela se transforma em uma estrutura de pensamento inconsciente, que mais tarde aflorará na consciência. O gozo primevo, é posto em circulação, então, via significante, de maneira singular. Cada sujeito tem uma subjetividade própria, construída na intersubjetividade com um próximo,

dentro do campo da vida erótica. A forma em que é posta em circulação pelos significantes, através da sublimação, é da ordem da estética, do belo. Tudo que é do lado da obra, diz Lacan no Seminário 7, é belo, aparece. Isto é, ela é percebida como estrutura, devido à formação de barreiras que impedem o escoamento de energia, e sua transformação em energia psíquica. Adquire uma forma significativa, o que permite que o inominável, o "das Ding", tome a forma de pensamento inconsciente, se canalizando mais tarde através do discurso consciente.

Essa substância é nomeada por meio de atributos, de qualidades, de pares antitéticos: o fort-da, vai embora, aqui, (o das Ding); lindo ou feio (o "das Ding"); bom-mau, e assim por diante. Eles são regidos pelo princípio do prazer-desprazer, isto é, pelo processo primário. Lembramos aqui que assim como a pulsão não tem qualidade, a libido desejante e sua colocação em discurso através da demanda, possuem qualidades, por meio das quais se organizam as estruturas ficcionais do desejo.

Numa frase enigmática e que consideramos da maior importância, Freud afirma que "O que é primordial e constante na pulsão sexual é algo diferente" (Freud, "Três Ensaios", 1905, 150). E insinua que esse fator é a da ordem da sublimação, ao se referir à glorificação, ora da tendência ("drang"), ora do objeto. Podemos pensá-lo nas possibilidades que a palavra "Verdichtung", citada por Lacan no seu primeiro Seminário, nos oferece. A sublimação é, segundo Lacan, o processo pelo qual o objeto se eleva à dignidade da Coisa (das Ding).

O importante é saber como as ficções do desejo se organizam. Nos diz Lacan: "A questão ética, uma vez que a posição de Freud nos faz progredir nesse domínio, articula-se por meio de uma orientação do homem em relação ao real" (Lacan, Semin. 7, 21). Mais adiante: "É no interior dessa oposição entre a

ficção e a realidade que o movimento de balança da experiência freudiana vem situar-se." (idem).

Lacan esclarece que : "Em Freud a característica do prazer, como dimensão do que encadeia o homem, encontra-se totalmente do lado do fictício . O fictício, efetivamente, não é , por essência, o que é enganador, mas propriamente falando , o que chamamos de simbólico"(Lacan , Semin. 7 ,22) . Diz Lacan:

"Que o inconsciente é estruturado em função do simbólico, que aquilo que o princípio do prazer faz o homem buscar seja o retorno de um signo, que o que há de distração naquilo que conduz o homem , sem que ele saiba, em seu comportamento seja aquilo que lhe dá prazer por ser de alguma forma uma eufonia, que aquilo que o homem busca e reencontra seja seu rastro em detrimento da pista - é a importância disso que é preciso medir no pensamento freudiano, para também poder conceber qual é , então , a função da realidade ."(Lacan, Semin.7,23).

Porque tudo que é da ordem do desejo, é ficcional e não real; isto é, está do lado do simbólico e não do lado do real. Essa organização está ligada a uma teoria dos valores, onde a referência primeira é o "das Ding". No dicionário Laplanche e Pontalis, encontramos uma tentativa de se aprofundar nesta importante questão . O valor aparece quando se dá uma ligação entre uma idéia ou representação e seu afeto . Os valores organizam o campo da percepção desde o início da vida do ser humano. Estão relacionados com a capacidade do ego -real primitivo de julgar com atributos de prazer e de desprazer , a realidade interna e externa em que se encontra submerso, se tornando um ego de prazer. Estes valores vão mudando , na medida em que há deslocamentos, há substituição na cadeia significante, há metonímia.

"Tudo aquilo que é qualidade de objeto, que pode ser formulado como atributo, entra no investimento do sistema Psi e constrói as *Vorstellung* primitivas em torno do qual estará em jogo o destino do que é regulado segundo as leis do Lust e do Unlust, do prazer e do desprazer, naquilo que se pode chamar de as entradas primitivas do sujeito."(Lacan, Semin. 7, 68).

Isto é, essas qualidades têm a ver com as "Sache-Vorstellung". Freud, em seu estudo comparado entre paralisias motrizes orgânicas e as histéricas, de 1893, equipara o valor afetivo ao quantum de afeto. Este afeto pode ser positivo, de prazer, ou negativo, de desprazer, dependendo da primeira referência, que vai orientar todos os significantes. Isto vai fazer com que cada ser humano tenha seus próprios valores, ou melhor dizendo, possa tê-los. Para que alguma coisa adquira valor precisa ser desejada. Existem algumas coisas que são desejadas pela sociedade humana como um todo. Há outras que só alguns grupos apreciam, e outras que só alguns poucos ou somente um desejaria. Entendemos que as estruturas ficcionais do desejo seriam as formas em que o desejo se põe a funcionar, numa certa época, para determinada sociedade, ou para determinados grupos ou para os indivíduos. As estruturas ficcionais do desejo vem substituir a impossibilidade da relação sexual. Seriam as formas que adquire esse desejo posto a circular. Lacan se refere à Evolução da Erótica. Na medida em que é possível fazer deslocamentos, na cadeia significativa, é possível se conceber uma evolução da erótica, própria de cada tempo. Por exemplo: o namoro tradicional e a cantada dos tempos atuais; o amor cortês, o casamento burguês, o casamento contemporâneo sem coabitação e a poligamia seriam, entre outras, formas ficcionais reconhecidamente sociais

em que o desejo se põe a circular. Mas já veremos ,como existem formas próprias dos sujeitos.

Para analisar a relação do sujeito desejante com sua vida erótica, recorreremos ao que denominamos o aspecto topográfico. Como já vimos, o sujeito constrói a realidade com os aparelhos do gozo.

O aspecto quantitativo, na medida que em é retido, se transforma em estruturas significantes , em imagens , em formas em que o desejo se põe a circular. É a estética do desejo. Por meio da sublimação , ou da "Verdichtung", foi possível comprimir a energia , transformando-a em estrutura visível, audível, pensável, lembrável, cheirável, isto é, próxima aquilo que provém dos órgãos da percepção.

A topologia que Lacan nos apresenta , baseada no enfoque topográfico de Freud , é como um universo , com um buraco negro central , que chupa, e elementos , ou habitantes , que giram em torno dessa força gravitacional de atração, tentando , de um lado , se aproximar o máximo possível , e, do outro, evitando ser absorvidos e extintos por ele. É como se se tratasse de um redemoinho que atrai ou expulsa com grande violência, ou de uma fogueira de paixões, da qual é preciso tomar distância.

Isto estaria relacionado com o "drang" da pulsão , e com sua fonte , que no caso é o próprio das Ding. Nas regiões de maior intensidade, é preciso que atue a espécie como tal, para colocar barreiras interditivas que garantam a queda do "das Ding", a perda para sempre do "das Ding", para que, em troca, se salve a produção da cadeia significativa do desejo.

4.3.1.0 início mítico da erótica: No centro: "das Ding" .A Verdade. Barragem imposta pela espécie humana.

A introdução da erótica no ser humano se dá pela introdução de uma primeira distância radical em relação ao gozo , que consiste em introduzir uma distância que é da ordem do abismo, da ordem cósmica. Giramos em torno desse buraco negro ,o "das Ding" , que nos gerou , e em torno dele gravitamos , a ele cercamos, a ele queremos Retornar.

A não completude do ser humano, sua falha constituinte levam a que no centro de sua economia psíquica se encontre esse interior excluído ,uma perda , esse das Ding , em torno do qual se tecerá toda a organização dos desejos. Lacan nos diz que o espaço do gozo sexual é um espaço circundado, fechado. Circundado pelo próprio vácuo que produz , ao se produzir, por meio da "Verwerfung" (Freud), ou "forclusion" (Lacan).

Frente ao "das Ding", que é da ordem do insuportável para o ser humano, do mal radical, da pulsão de morte, do inarticulável, o sujeito cria defesas. Enquanto um animal se automutilaria uma pata, o ser humano se automutila de uma parte da realidade. Esta defesa é primária e se realiza a nível da espécie.

O "das Ding", é aquela estrutura coesa, inseparável, não isolável, inominável, inatingível, incompreensível, inescritível, imemorável. E, por conseguinte, insuportável. É aquilo que foi expulso para fora do juízo, e do que só temos notícia por vias da cadeia significante que a ele está ancorada. O "das Ding" é como um pedacinho de papel expulso pela máquina de fazer furos. Esse papelzino, ao cair, deixa um furo e sua marca registrada , seu traço próprio, original. Cada ser humano tem a própria . É a singularidade do ser humano. O nome que cada um dá a esse "das Ding", aparece entrelinhas, negado , no discurso 'dis-corrente'. "O sujeito conserva sua distância [em relação a "das

Ding"] e constitui -se num mundo de relação, de afeto primário, anterior a todo recalque."(Lacan, Sem. 7,59-60, 71). Afetivamente, é nesse "das Ding", que vamos a encontrar a bússola que guia o ser humano.

A través daquilo que se nomeia, de como se qualifica, de qual atributo se lhe dá, poder-se-ia deduzir qual teria sido o substantivo que substitui `a Coisa. O substantivo, a substância, que foi-se embora deixando o furo. A substância diz respeito ao ser, ao campo do ontológico. Aquilo que é inominável, mudo, só pode ser representado por meio de uma representação. ("Sache-Vorstellung"). O que não pode ser representado seria da ordem d'A Verdade, d'A Beleza, d'A Felicidade, d'O saber etc, tudo absolutizado.

É em relação ao "das Ding" que é feita a primeira orientação subjetiva. Neste nível se produz a primeira escolha da neurose, "Neurosenwahl".

O que fica fora da significação, diz Freud, é o que representa a libido feminina, o órgão feminino, e sua portadora, a mulher. O simbólico, segundo Lacan, está sustentado sobre a expulsão desses objetos.

Para se defender do forcluído, que retorna não do interior do psiquismo, como no recalqueamento, mas do exterior, a sociedade e o indivíduo levantam barreiras.

Neste lugar do forcluído, o que encontramos? Este é o lugar da Verdade. O lugar de acreditar nela. A Verdade do "das Ding" é o Mal, é o estranho, o insuportável.

Diz Lacan, "Esse primeiro estranho em relação ao qual o sujeito tem de referir-se inicialmente, o paranoico não acredita nele."(Lacan, Sem.7, 71). Na paranóia há uma rejeição de um certo apoio na ordem simbólica. A relação do homem com a realidade se articula como fé.

É o lugar e o momento da primeira afirmação original, a "Behajung". É a condição para a defesa primária e depois para o recalque. Tem a ver com uma crença original, que seria diferente do que se passa na paranóia onde reina desconfiança fundamental - "Unglauben". (Lacan, Semin. 7, 163).

Este é o lugar d' A mulher (como significante -fora- do-juízo). É o lugar d'A Verdade, e estaria colocada nesse lugar circundado. O significante foi elidido, "vermeidet" (Lacan, Semin. 7, 83). Nada se pode dizer da mulher, A mulher não há, diz Lacan, no Seminário 20.

"O que há em "das Ding" é o verdadeiro segredo" (Lacan, Semin. 7, 61). Este tema do segredo é próprio dos relacionamentos amorosos.

112. Barragens da sociedade: a moralidade.

A Reversão do signo no oposto: O nojo, a repugnância, o desgosto, a vergonha, o pudor, a dor. As formações ego-sintônicas: o caráter.

As soluções ou respostas que o ser humano utiliza para evitar o mal-estar, fruto da cultura, são um 'remedium animae'. Conseguem sê-lo, diz Freud, porque são aceitas pela sociedade em seu consenso, isto é, o indivíduo não precisa entrar em conflito, com ela; muito pelo contrário, é a sociedade que as oferece como tais.

Consiste em definir claramente o que está certo e o que está errado, o que é proibido e o que não é. São o que Freud englobou dentro do que denominou as exigências morais da sociedade.

É a sociedade quem se encarrega de veiculá-las. Cada sociedade vai ter exigências diferentes, e cada época vai gerar suas distintas pressões.

O que hoje consideramos normal, em nossa sociedade, por exemplo a liberdade sexual, no século passado ou em outras sociedades seria execrável e digno de altas punições. Cada sociedade gera diferentes tipos humanos. Há sociedades

mais exigentes quanto ao recalçamento, outras o são menos: geram caracteres próprios daquela sociedade, que abrem caminhos às piadas baseadas no narcisismo das pequenas diferenças: "os negros transam bem, porque não têm repressão; os franceses são sujos, os suecos são frios, etc.", que mesmo não podendo ser encaradas ao pé da letra porque fazem parte de um folclore, alguma coisa de verdadeira reproduzem.

Consistem estas barreiras mentais por exemplo, na repugnância, o pudor, a vergonha, o nojo, o horror, a dor, o desgosto etc., de um modo geral englobadas sob o título de moralidade. Elas representam as forças psíquicas opostas à realização dos primeiros desejos originados por encadeamentos sucessivos ("Bahnung"), no que Freud denomina como "das Ding", no "Projeto". Elas se apresentam na vida erótica de todo ser humano civilizado, e em muitos casos obedecem a essa ordem social estabelecida. Em outros casos, os mais benéficos, mudam de signo. O que era desgostoso, pode se tornar gostoso, e vice-versa.

O "drang" da pulsão passa pela seguinte vicissitude: de reversão do seu conteúdo, que se cristaliza no mecanismo psíquico de formação reativa que dá lugar ao caráter, ao ego. Laplanche e Pontalis definem a formação reativa, como uma "atitude ou hábito psicológico de sentido oposto a um desejo recalçado e que se tem estabelecido como reação contra este (por exemplo, pudor que se opõe a tendências exibicionistas) (Laplanche e Pontalis, 1974, 166). Barragens ao desenvolvimento sexual — repugnância, vergonha, moralidade — devem ser consideradas como precipitados históricos das inibições externas, a que a pulsão sexual tem estado sujeita durante a psicogênese da raça humana" (Freud, 1905, 164.)

No artigo "O estranho" Freud se refere ao horror que os estranhos produzem. A desvirgação, seria uma operação próxima à castração. O horror por sua vez,

já é uma vicissitude pela qual passou a pulsão. O horror surge como reação à atração que a vagina, ou a mulher, ou a desvirgação, ou o próprio ato sexual produz, por estar situado no lugar do objeto perdido, da castração, do "das ding", do fora-do-significado. Houve uma reversão no oposto, que é um mecanismo que é anterior à todo recalque. Ao se produzir uma primeira restrição do gozo, se institui um mal-estar, que por sua vez vai exigir novas soluções.

Esta reversão no oposto é possível graças à dessexualização da libido, ou melhor pela passagem da libido objetal para libido do eu. Essa libido se encontra na intersubjetividade perversa, especular da criança com o outro, em que ainda não intervém o terceiro, como lei, que marque um limite se fazendo possível a viragem do signo. Nos diz Lacan, que se trata de uma posição de alta instabilidade, de incerteza fundamental, que pode dar lugar a uma estrutura perversa que mais tarde retomaremos, mas que no caso que estamos tratando, se transforma numa certeza absoluta, numa petrificação dessa moralidade e seu encravamento dentro da personalidade: o caráter, a certeza do euzinho de ser ele mesmo: "Eu sou mais eu". Não aparece neste nível a menor desconfiança de que possa haver alguma coisa que corra dentro do seu ser a não ser as quatro certezas que colocou na cabeça esse eu.

Neste nível de defesas, o eu se encontra numa situação de certeza absoluta daquilo que gosta ou desgosta, de que vai chegar virgem ao casamento porque assim o deseja, ou de que nunca vai casar, porque isso é coisa de mulherzinhas. É o momento das certezas sobre as verdades. Não se cogita na possibilidade da mentira. O euzinho se mente a si próprio. Sobre tais certezas é que vão se montar as neuroses ou as ilusões vendidas pela sociedade.

4.3.3.As neuroses .A "Verdrangung". A "Verneinung".O discurso dis-coorrente

Se o primeiro encontro do ser humano é com esse próximo que o podemos localizar na mãe, então o desejo erótico, mais intenso é desejo de mãe. Se o desejo mais fundamental do ser humano ,como é colocado em nossa sociedade, ao menos e até nova ordem, é o de incesto, dele surge a Lei fundamental : de proibição do incesto. Esta proibição do incesto , de proibitividade radical em relação `a Coisa , instaure o surgimento mítico da erótica. O desejo é suspenso. Não se permite a realização da pulsão , o que leva a que ela se transforme em 'estrutura' ("Aufbau"), isto é , a quantidade se transforma em complexidade , ou em qualidade. A função da estrutura é de descarga, ("Abfuhr"). Em que consiste esta estrutura que se forma por retenção de quantidades não descarregadas ? trata-se de uma estrutura de representação daquilo que não é articulável . (o "das Ding").

A barreira se encontra no extremo oposto de "das Ding", no campo oposto ao do Real. Encontra-se no campo do simbólico. É uma barreira que a nível do psiquismo funciona pelo recalcamento primário. Está relacionada com o crime primordial , o crime mítico do pai primevo.

São barreiras que dizem respeito ` a finalidade, da pulsão.

É aquilo que Freud localiza a nível do inconsciente como herança arcaica, e consiste em proibições fundamentais como a proibição ao homicídio , e ao incesto. Ambas, como já vimos, surgiram numa sociedade patriarcal , e é o complexo de Édipo que as veicula.

A cadeia significante se põe a circular por meio das "Sache-Vorstellung" a partir de que a "Verdrangung" opera sobre as "Sache-".A "Verdrangung" então, dá um sentido , uma orientação, aos significantes, uma certa fixação que não existia no nível da reversão no oposto. Dá-se um encaminhamento de "Vorstellung" em "Vorstellung" , em torno do qual tudo se organiza,isto é as

palavras , segundo as leis da condensação e do deslocamento, que Lacan denomina leis da metáfora e da metonímia.

Esta maneira em que o desejo se põe em discurso , implica uma escolha inconsciente e uma escolha consciente. Lacan , em citação `a qual já fizemos referência, diz que a função fálica é contingente e que "é aquilo no que se resume o que submete a relação sexual a ser , para o ser falante, apenas o regime de encontro."(Lacan, Semin. 20, 72-73, 127).

A função do ego é imaginária , e como tal enganadora. O sujeito por outro lado é "o que , no desenvolvimento da objetivação , está fora do objeto."(Lacan, Sem. 1, 224). O sujeito que fala é sujeito porque é capaz de mentir , porque é diferente do que diz. Trata-se de uma dimensão diferente da do ego. Para Freud, há algo que fala no ser humano. Falar no pleno sentido humano é equivalente a mentir. Aliás a mente , mente.

O super-eu divide pela metade o mundo simbólico do sujeito , nos diz Lacan. Uma parte fica interdita , inacessível `a consciência; a outra, continua a ficar acessível.

"...o inconsciente é , no sujeito , uma cisão do sistema simbólico , uma limitação , uma alienação induzida pelo sistema simbólico.O super-eu é uma cisão análoga , que se produz no sistema simbólico integrado pelo sujeito. Esse mundo simbólico não é limitado ao sujeito , porque se realiza numa língua que é a língua comum , o sistema simbólico universal, na medida em que estabelece o seu império sobre uma certa comunidade `a qual pertence o sujeito.O supereu é essa cisão enquanto se produz para o sujeito - mas não somente para ele- nas suas relações com o que chamaremos a lei."
 "(Lacan, Semin. 1,53-54, 227).

Enquanto o forcluído é da ordem da Verdade e da Fé, isto é, do saber, a "Verdrangung", introduz, a nível do discurso, as interrupções, produto da interdição. . A Verdade fica oculta ao próprio sujeito. Ele está dividido dentro de si mesmo. É o nível do inconsciente e não há possibilidade de negar. Há apenas não consciência da Verdade. É o nível da mentira, do interdito sobre a Verdade, que é o Mal. Freud fala da primeira mentira da histérica, que 'Proton pseudos' que é o ponto de partida para a constituição do recalque." "No nível do inconsciente o sujeito mente."(Lacan, Semin.7, 94).

É porque nos encontramos no nível da mentira, que a Lei moral, introduzida pela "Verdrangung", nos apresenta a si mesma a moral, como sendo da ordem de um Bem, de um Gute.(Lacan, Semin.7, 72).

Nas neuroses a erótica toma caminhos insuspeitados. O que o ser humano não pode fazer, porque sua ética não lhe permite, o seu desejo, por vias inconscientes realiza, sem ele saber de nada. Isto é, o desejo, a cadeia de significantes encontra caminhos que transgridem essa lei com a finalidade de encontrar seu gozo. As neuroses põem a funcionar uma certa erótica, que por assim dizer é rígida, pouco criativa, limitada. É uma erótica. Não resta dúvida. Uma erótica da ordem da neurose: uma neurótica...

A nível das "Wort-Vorstellung", se produz a "Verdrangung" posterior ou o retorno do recalcado, que segundo Lacan, são a mesma coisa, ou melhor dizendo, são as duas caras da mesma moeda. A este nível operam também a "Verneinung", e a produção poética, criadora, sublimação, ("Verdichtung"), de uma maneira limitada.

Uma das formas em que a erótica se põe a circular, é por meio do mecanismo de evitação do objeto perdido -a atitude fóbica- e de sucessivos deslocamentos, que se atualizam em cada novo encontro.

Na histéria de ansiedade, diz Freud, se forma uma idéia substituta do objeto investido libidinalmente, "por deslocamento ao longo de uma cadeia de conexões determinada de maneira particular." É o caminho da fantasia, das idéias imaginárias. (Freud, "O recalque", 1915, 179). O desprazer não é poupado. Há evitações, renúncias, proibições e isolamento da idéia perigosa. Esta estrutura é a da fobia.

Na histeria de conversão, se produz um total desaparecimento da quota de afeto. Há uma super-inervação somática, que se verifica através de um processo de condensação... (Freud, 1915, 180).

O sujeito adorna, enfeita o espaço vazio, o vacúolo do "das Ding" como na arte. Diz Freud, o artista tem alegria em criar, em dar corpo às suas fantasias. Vital Brazil diz que a arte tenta, através de uma condensação significativa, de uma 'metáfora transgressora', evitar o vazio puro da diferença.

A neurose obsessiva, Freud a entende como existindo um recalque de um impulso contra alguém, que por regressão se tornou hostil, já que fora antes afetivo. Esse impulso hostil contra alguém que é amado está recalcado. A formação compromisso é uma formação reativa, que consiste numa acentuação do recalcado, por meio de uma consciência moral. A idéia é substituída por deslocamento, por uma sem-importância, que é cercada (querida) de todos os cuidados: mecanismo de fuga, evitações, proibições, como na fobia, e um isolamento da idéia, para tomar distância dela, e não se contaminar.

Freud, no texto sobre o mal-estar na civilização, a entende como a religião particular, aonde há uma intimidação da inteligência, e um infantilismo psicológico. Diz Vital Brazil: "A religião se refere a todos os modos de evitar o vazio na produção criativa, por uma espécie de deslocamento 'respeitoso' em relação ao objeto, mostrando como o sujeito - e o desejo inconsciente-

consegue se satisfazer com o símbolo, o significante."(V. Brazil, 1988,16). Diz Lacan: "...o vazio permanece no centro, é precisamente nisso que se trata de sublimação."(Lacan, Semin.7, 162).

Em todas as três neuroses, intervêm os três mecanismos psíquicos, antes citadas: a "Verdrangung", a "Verneinung" e a "Verdichtung".

É uma erótica apoiada nas leis do prazer-desprazer, que tenta se livrar deste último. É uma erótica regida pelas leis primárias do psiquismo; as de obediência à Lei, e queda na doença. Apesar de haver uma transgressão à Lei, e, portanto poderemos falar de uma erótica, é uma transgressão que se torna contra o próprio indivíduo, a nível das outras instâncias. Há uma punição pelo super-eu, devido a que não há gozo, e isto se paga com aumento da consciência mortal. Valha o lapsus, ...consciência moral, mortal. A nível do corpo, a paradoxal lei do super-eu castiga no nível do corpo impondo limitações cada vez maiores (paralisias, gagueiras, asma etc.) e a nível do psiquismo, com culpas e remorsos. Restrições que se impõem através da Lei, que tentou ser burlada, mas timidamente. São caminhos que o desejo encontra para transpassar a lei que o gerou. Só que provocam desgaste de energia. E Freud não era daqueles que jogavam fora a preciosa energia psíquica.

Existem alguns mecanismos neuróticos que Freud entende em sua base, como universais, isto é, trata-se de situações extremas do que se passa a nível inconsciente em todo ser humano.

Ele se refere às "condições necessárias ao amor", que são as precondições para a escolha de objeto, e que implicam em fixações em situações históricas. Todas elas implicam em alguma restrição, neste caso escolhida pelo indivíduo, mas que sem dúvida está conectada com as restrições que a sociedade impõe. Na verdade, como diz Freud, "Deve-se justificar a impotência psíquica como uma

condição universal da civilização e não uma perturbação circumsrita a alguns indivíduos".(Freud, 1912, 167).

Observamos uma recriação do neurótico dessas restrições, que se bem requerem um desgaste de energia psíquica, por outro lado implicam, em si mesmas, numa transgressão da Lei, isto é numa neur-erótica. O sintoma é a veiculação da erótica do neurótico. O sintoma é uma formação de compromisso entre os desejos inconscientes e as exigências do super-eu.

Segundo Freud, o homem apresenta uma série de regras de evitação do homem em relação à mulher devido ao fato de ela ser diferente, eternamente incompreensível e misteriosa e convertindo-se então num objeto hostil, que poderia enfraquecê-lo, contaminando-o com a sua femeneidade. Ao se aproximar da mulher, o homem se sentiria feminilizado. A mulher está sendo colocada no lugar de "das Ding". A situação de flacidez que toma conta do homem, depois do coito, seria o protótipo do que o homem temeria, devido ao poder que a mulher passaria a ter sobre ele, e das exigências concretas que ela faz em decorrência da entrega sexual ao homem.

Estas evitações podem se atualizar em diferentes épocas e em diferentes pessoas de maneira diferente. Desprezo à mulher por ser castrada.

O desprezo à mulher por ser castrada, é outro dos mecanismos ditos universais.

Por exemplo, observamos em alguns casos em que há uma proximidade permanente com o objeto, perante um vínculo institucionalizado, por exemplo no casamento, em que longe de convergirem as duas correntes -sensual e de ternura- sobre um único objeto, o que se observa neste tipo de impotência psíquica é que há uma "divisão do amor": Essas pessoas, "Quando amam não

desejam , e quando desejam não podem amar." (Freud,"Sobre uma tendência universal à depreciação...",1912, 167) . A atividade sexual destas pessoas se vê facilmente perturbada e não é acompanhada de muito prazer. A escolha de objeto se vê restrita a evitar a corrente afetiva , canalizando a sensualidade sobre objetos que não precisem amar , que não lembrem os objetos primordiais de amor proibidos e os quais precisam ser rebaixados, depreciados , para poder se realizar a sensualidade. A mãe é dividida na santa e na puta. Tanto num caso quanto no outro existe um trabalho psíquico da ordem da sublimação.

Estudando a impotência sexual de origem psíquica, Freud chega à conclusão de que certo grau de impotência psíquica , manifestado desta maneira , caracteriza o amor do todo homem civilizado.

Os homens rejeitam as mulheres , por estas serem diferentes, desde uma posição narcísica , já que elas lhes lembram o complexo de castração , pelo qual as desprezam . Isto Freud o adjudica ao narcisismo das pequenas diferenças, que é o responsável , em última instância, pelos sentimentos contrários ao companheirismo entre homens e mulheres.(Freud, 1917, 164).

A mulher representa, ela própria, a sua presença, uma ameaça de castração. Esse desprezo pela mulher surge pela dificuldade do homem para assumir sua própria falha, sua incompletude , que a nível simbólico se traduz como uma castração simbólica. Esta, então, se deposita na mulher a nível do imaginário , restando o homem intocado narcisicamente, e a mulher mutilada ou inexistente. As mulheres são castradas em relação ao homem , no nível imaginário , e somente neste nível , já que , em realidade , se isto pode ser focado desde o registro do simbólico , esta castração existe tanto no homem quanto na mulher. Ainda bem. Só que numa sociedade falocêntrica e paternalista, o simbólico estaria fundamentado na exclusão, na elisão, do significante do órgão feminino , de sua portadora e da libido feminina.

Esta concepção que rege o imaginário social, sem dúvida a nível dos comportamentos amorosos produz efeitos. Numa sociedade repressora e moralista, a mulher por ser considerada inferior, era protegida. Numa sociedade moderna, onde a mulher não pode mais ser não reconhecida em seus potenciais produtores de cultura e criadores de um modo geral, resta uma erótica cínica, por parte do homem. Voltaremos a isto.

A força que se opõe ao amor, e que se manifesta na aparição de tabus que tendem a afastar o homem da mulher e a mulher do homem, pela angústia que desperta a diferença sexual.[anatômica] (Freud, "O tabu da virgindade", 1917). Diz-nos Freud que qualquer homem, a nível consciente ou inconsciente, considera o ato sexual degradante e algo que polui não o seu corpo, mas também a alma.

"A origem dessa vil opinião, que ele certamente não reconhecerá de boa vontade, deve ser procurada no período de sua infância em que a corrente sensual nêle existente já estava grandemente desenvolvida, mas sua satisfação com um objeto fora da família era tão absolutamente proibida como o era com um objeto incestuoso." (Freud, 1912, 169).

E acrescenta: "Parece não só desagradável mas também paradoxal que se deva, não obstante, afirmar que alguém, para ser realmente livre e feliz no amor, tem de sobrepujar seu respeito pelas mulheres e aceitar a idéia do incesto com sua mãe ou irmã." (idem).

Normalmente ocorre no homem, após de possuir a mulher de quem está gostando ou de quem se encontra até enamorado, se produz nele um sentimento

de desprezo. O desprezo tem a ver com a forte idealização inconsciente de objetos incestuosos que, supostamente, não se prestariam a esse vil ato.

Para ser feliz no amor é preciso superar os desejos incestuosos.

O tabu da virgindade, e o estado de intocabilidade da mulher, em certos povos primitivos, protege e sacraliza ao mesmo tempo contra esse objeto indecifrável que a vagina representa, ou seja, o "das Ding". A virgindade, em nossa sociedade, funcionou durante séculos como uma maneira de provocar a sujeição da mulher ao homem que a deflorou, se sustentando desta forma o casamento monogâmico. O tabu da virgindade caminha junto ao horror ao sangue da menstruação. A relação sexual com a mulher pode se constituir em tabu, assim como a mulher inteira.

Só interessa a mulher que tem algum tipo de vínculo ou compromisso com outro homem. A partir do momento em que ela fique livre para o amor deixa de interessar. Esta condição está ligada, evidentemente, ao desejo infantil do menino pela mãe. A condição para o amor evidencia um complexo de Édipo ativo, em que os desejos pela mulher estão misturados com os desejos pelo homem. Diz Freud que ela dá oportunidade de "gratificar impulsos de rivalidade e hostilidade em direção ao homem de quem a mulher é arrebatada". (Freud, "Um tipo especial de escolha...", 1910, 150).

Em alguns casos chega ao extremo do que Freud denominou o 'Amor à prostituta'.

Só interessa ao homem a mulher cuja reputação é duvidosa. Isto Freud o entende como a necessidade de sentir ciúme em relação aos estranhos pelos quais a amada poderia, segundo a mente do homem, se apaixonar. Trata-se, nestes casos, da manutenção de uma situação triangular, que lembra a

situação infantil edipiana, de ambivalência em relação aos pais. Este tipo de relação implica um alto dispêndio de energia. O homem se autoimpõe a fidelidade e sente que essa mulher altamente valorizada é a única que poderia ser amada. Este tipo de relacionamento se repete uma e outra vez, nas suas vidas.

Faz parte desta constelação o desejo do homem salvar a mulher amada, que Freud o adjudica ao desejo inconsciente de querer lhe fazer uma criança, tomando desta forma o lugar do pai.

Esta escolha neurótica revela claramente desejos inconscientes presentes em todo ser humano, e que em alguns, por elaboração inadequada do complexo de Édipo, vai desembocar nessa neur(e)rótica.

Freud equipara a condição de proibitividade da corrente sensual na mulher com a de depreciação da mulher pelo homem, e seria uma reação ao desprezo que o homem sente pela mulher que se entrega. O fato de a corrente sensual ter sido durante tanto tempo proibida, levou a mulher para o mundo da fantasia, o que a torna frígida, em relação ao homem que ama, já que a corrente sensual foi desprezada, assim como a de ternura foi sobrevalorada: amor-paixão, e todo tipo de fantasias. Historicamente a mulher manifestou sua rejeição ao homem se tornando frígida.

Em outros casos a mulher se torna infiel ao marido, enquanto é fiel em relação ao amante. A sensualidade se mantém, ao se preservar o segredo, que está na linha da proibitividade.

O homem significa para ela a diferença, e por isso o despreza. Reativa nela o complexo de castração e a inveja do pênis. A primeira relação sexual para a mulher, a desvirginação, significaria uma injúria narcísica, devido à

destruição de um órgão , e a diminuição do seu valor sexual como mulher ,já que o homem a desvaloriza , pelo que antes explicamos. O homem com quem a mulher se casa é sempre um substituto, nunca o homem certo.(Freud, op.cit.187).

É o nível em que aparece o discurso , isto é a palavra falada , e a escrita. A palavra é a que introduz a mentira , a equivocação, a ambiguidade, a tapeação ,a polissemia em relação à verdade que está forcluída .

A palavra pode estar ligada diretamente ao desejo inconsciente ou engodada em normas sociais alheias a ele.

No caso das neuroses , não sabe o que diz, nem sabe o que deseja. O desejo está "Verdrangt" (recalcado).A palavra é de por si sempre um sintoma , um compromisso entre dois desejos.No caso das neuroses é evidente o uso da palavra contraditória .

O discurso dele fala dos desejos inconscientes , que habitam o sujeito desejante, através da "Verneinung" , e da"Verdrangung".

É neste nível que o ser humano pode expressar-se por meio do discurso, isto é da palavra falada , e da escrita.

4.3.4. Formas imaginárias que a sociedade oferece para aliviar o mal-estar.As falsas ilusões.As "neuroses" sociais.

Diz Lacan:"A sociedade encontra uma certa felicidade nas miragens que lhe fornecem moralistas, artistas, artesãos, fabricantes de vestidos ou de chapéus, os criadores de formas imaginárias."(Lacan, Semin.7, 126).

Há algumas soluções para o mal-estar que poderíamos considerar como estereotipadas. Todas as ilusões estão amarradas a um desejo inconsciente . Os criadores de formas imaginárias criam , orientados pelos desejos inconscientes

verdadeiros as formas imaginárias , as ilusões coletivas. Só que elas , as ilusões coletivas , não vão dar conta desses desejos. (Rf. Freud, "Futuro de uma ilusão"). Os sujeitos que a elas se ligam , tentam aliviar o mal-estar, se enquadrando em algum esquema socialmente aceito. Poderíamos pensar que as pessoas que escolhem este caminho teriam uma estrutura ética , onde o conflito estaria colocado entre o indivíduo e uma exigência "provinda de fora" , do mundo externo. A estruturação psíquica destes indivíduos seria mais infantil, mais próxima dos mecanismos mágicos que as crianças utilizam normalmente, para assim evitar o desprazer.

"O curso do desenvolvimento da infância conduz a um desligamento sempre crescente dos pais e a significação pessoal desses para o superego retrocede para o segundo plano. As imagens que deixam lá atrás estão , pois, vinculadas às influências de professores e autoridades, modelos auto-escolhidos e heróis publicamente reconhecidos , cujas figuras não mais precisam ser introjetadas por um ego que se tornou resistente. A última figura na série iniciada pelos pais é o poder sombrio do Destino, que apenas poucos dentre nós são capazes de encarar como impessoal". (Freud, "O problema econômico do masoquismo", 1923, 209).

As crianças utilizam o caminho mais curto para fugir do sofrimento. No caso, criando soluções que não as coloquem em atrito com as autoridades de quem se sentem dependentes, material e afetivamente. No caso dos adultos a que nos referimos, eles também ficariam com medo de perder a posição tão dificilmente atingida: a "proteção" , a "honra" , a "posição" social , o "respeito" , em definitiva , o amor da sociedade, representante atual das figuras parentais, caso não cumprirem socialmente com as normas vigentes.

Estas escolhas poupam o indivíduo das neuroses particulares. São o que Freud denomina as neuroses sociais: as saídas morais, isto é, dos comportamentos -mores- aceitos pela sociedade.

"A sociedade civilizada viu-se obrigada a silenciar sobre muitas transgressões que, segundo os seus próprios princípios, deveria ter punido. Mas, por um outro lado, não devemos errar, supondo que, por não alcançar todos seus objetivos, uma atitude desse tipo por parte da sociedade seja totalmente inócua. A vida sexual do homem civilizado encontra-se, não obstante, severamente prejudicada; dá às vezes, a impressão de estar em processo de involução enquanto função..."(Freud, 1930, Mal -Estar, 126).

O que entendemos que Freud quer nos dizer é que mesmo existindo transgressões em alguns casos, estas não passariam de alguma coisa de já admitida pela sociedade, não passando, por conseguinte, pelo desejo inconsciente daquele que as põe em prática. Essas formas sociais de se veicular o desejo do sujeito, que respondem não tanto a um indivíduo mas também ao coletivo, são apenas respostas, remédios placebo, aparentes soluções ao mal-estar justamente por não serem originais, singulares, de um sujeito desejante.

Lacan, no seu Seminário 1, resgatando uma terminologia utilizada pela igreja, faz uma distinção entre Amor-Eros e Amor-Agape. Parece-nos mais adequado fazer uma distinção entre Amor-Eros, Amor-Agape e Amor-Paixão, que ele mesmo chega a fazer no seu segundo Seminário e acrescentaríamos ainda o Amor-Dom, apresentado no terceiro. Já nos referimos anteriormente a isto no capítulo 2.

4.3.5. As barreiras dos bens - O amor Ágape.

Um grupo de estudiosos franceses, entre os quais Phillipe Aries, estudou a questão da persistência até os nossos dias de um modelo de casamento limitador, o casamento monogâmico e indissolúvel, salientando-o como o grande fato da história da sexualidade ocidental. O casamento ocidental apresenta três características: a monogamia, a indissolubilidade, surgida a partir de um ansêio do povo e não das instituições como sempre se pensou; e os controles externos que este contrato passou a ter (primeiro a comunidade, depois a Igreja e mais tarde o Estado leigo).

Estes controles passaram a institucionalizar o casamento: num primeiro momento, foi a palavra dita, mais tarde, a palavra escrita e finalmente, a testemunha do espaço público.

Estes historiadores situam o início da *Stabilitas* (estabilidade) da relação amorosa no Ocidente, já em Roma, antes do Cristianismo. Segundo o autor, o casamento monogâmico indissolúvel não é uma invenção do cristianismo. Grimal, nos diz que em Roma o casamento burguês não era fundado sobre o amor. O que se valorizava era o respeito mútuo e a estima. (Grimal, in Piette e Duysinx, "Dialogues", 1967, 239)

Segundo P. Veyne, citado pelo mesmo, durante os primeiros séculos de nossa era, uma transformação profunda dos costumes e valores introduziu no casamento romano, mais sentimento, uma maior exigência moral e um maior valor da duração.

Entre os séculos IX e XII o casamento ocidental teria se implantado, mesmo que sob formas mais laicizadas que as de atualmente, como o conhecemos até hoje. O casamento surge em primeiro lugar entre os nobres e com direito ao repúdio da mulher por parte do homem. Era um modelo leigo e a dissolubilidade existia só a favor do homem. O repúdio consistia no

direito à separação por parte do homem , quando não mais desejava aquela mulher . Não era simétrico para a mulher.

A Igreja ia amadurecendo um modelo que no século XIII conferiria o estatuto de sacramento ao casamento , condenando o repúdio ; isto é transformando-o em indissolúvel .

Sacramento vem do latim, - "sacer", sagrado- , e nos remete também a tabú, e a maldito , como Freud nos mostra em seu artigo "Totem e tabu" e em outros artigos. O sagrado está ligado à lei, à palavra , ao interdito, ao terceiro , a deus.

A Igreja , tinha no entanto, inicialmente, receios de reivindicar abertamente a indissolubilidade do casamento. A *stabilitas* no casamento era a condição da *stabilitas* da comunidade. Para quebrar com a *stabilitas*, restava à mulher o assassinato ou a fuga , sendo que esta última implicava a perda da honra.

A partir do século XII a indissolubilidade é aceita pela aristocracia e mais ainda pelas comunidades rurais.

Segundo Phillipe Aries, esta forma de relacionamento existe até hoje e é muito difundida em várias camadas sociais e percebemos , tanto nos homens como nas mulheres , até um retorno a ele, depois das decepções sofridas ao incursionar em outros terrenos mais movediços .

No casamento tradicional , há uma clara distinção entre amor no casamento e amor fora do casamento, principalmente quando se trata do homem. As razões da dupla moral do homem , isto é, de ter vários objetos de amor , está relacionada , por um lado , com o que Freud explica sobre a impotência do amor. Se as duas tendências confluíssem plenamente , o objeto se apresentaria como muito próximo dos objetos primordiais incestuosos. Por outro lado , o perverso polimorfo que a nível inconsciente nos habita, precisaria se expressar de alguma maneira.

Em relação à duração, em princípio só a morte interrompe a relação: o famoso "até que a morte os separe".

No que diz respeito à consagração social da união, o controle por parte das instituições sociais é total, tanto de parte da Igreja, quanto do Estado.

Na Igreja existia uma corrente ascética que, seguindo a orientação de São Jerônimo, considerava o casamento como um estado inferior. A mesma tendência podia ser vista no catarismo de Langue d'oc.

A tendência de Santo Agostinho e de São Paulo triunfou dentro da Igreja. Ela considerava o casamento um "remedium animae", já que, sem o mesmo, estaria se valorizando necessária e implicitamente, a masturbação e a homossexualidade masculina.

Remédio é a palavra que Freud utiliza a respeito do mal-estar e das ilusões. As ilusões seriam um remédio para o mal-estar a que o sujeito humano se vê condenado. Remédio placebo, na medida em que é uma solução que conta com o consenso social, mas que não necessariamente resolve a questão do desejo inconsciente.

A finalidade deste tipo de casamento em suas origens era fundamentalmente a de se proteger contra as infelicidades: econômicas (a miséria e preservar os bens da família), doenças (venéreas), e concupiscência (casar-se para não arder e para não cair na masturbação ou na homossexualidade). (André Bejin, "O casamento extraconjugal").

É um casamento baseado em valores socialmente aceitos. É uma ilusão vendida aos compradores destas, que não são poucos. Freud criticou o casamento monogâmico, com suas pré-condições de virgindade, e de fidelidade, principalmente impostas à mulher, como hipócrito, moralista e produtor de muitas neuroses 'atuais'.

Quanto à fidelidade, teoricamente, seriam fiéis um ao outro. Na prática vigora uma dupla moral permitida implicitamente ao homem, que mantém uma vida dupla extraconjugal.

Na vida extraconjugal, o prazer sexual e/ou o amor são fundamentais. As relações extra-conjugais escapam ao controle social e o fim é apenas a felicidade, e a alegria que o encontro proporciona. Ao não existir convivência, não existe uma diferenciação de funções. A fidelidade é optativa. Se bem a relação favoreça as paixões, o limite é imposto pelo fato de a relação ser clandestina, não reconhecida socialmente. O conceito de direito de propriedade permanente de um para com o outro nesta relação extra-conjugal não existe, tanto na relação intermediada por dinheiro, como a intermediada por amor. A reprodução não é permitida em princípio, havendo um forte controle da mesma. Em relação à expressão de sentimentos, é possível até um certo ponto. A paixão levada às últimas conseqüências, não é possível. Existe, sim, uma intimidade.

O centro era a família, os amigos, a sociedade. Havia um controle, por conseguinte dos sentimentos.

No texto "Mal-estar na Civilização", Freud, nos diz:

"É impossível fugir à impressão de que as pessoas comumente empregam falsos padrões de avaliação- isto é, de que buscam poder, sucesso e riqueza para elas mesmas e os admiram nos outros, subestimando tudo aquilo que verdadeiramente tem valor na vida."(Freud, 1930, 81).

Existem inclusive grandes homens, cujos ideais não coincidem com estes, que são os da maioria, e que não são reconhecidos pela sociedade.

Lacan denomina como o caminho do serviço dos bens, um tipo de resposta ao mal-estar, que Freud já enunciara no texto "Futuro de uma ilusão", e que consiste em tomar como o caminho que leva à felicidade, o caminho que considera o bem, para si próprio, aquele que é apresentado pelo sistema, como o do Bem Supremo (de Aristóteles), isto é aquele que é aceito pela sociedade. O bem, para a sociedade capitalista de consumo, está ligado diretamente aos bens de produção materiais. O Bem, no caso, estaria diretamente ligado aos bens materiais e ao conforto que a civilização pode brindar.

Lacan o relaciona com a Moral do Poder, apresentada por Aristóteles em sua "Ética a Nicômaco". Seria uma moral de Mestres para escravos. O Mestre sempre tem como privar o escravo, de alguma coisa a nível imaginário.

Freud deixa claro no "Mal-estar na civilização", a dependência do ser humano ao nascer. Este depende afetiva e materialmente do outro.

Detivemo-nos no capítulo 2 na questão do poder, dos bens, da privação, da frustração, da castração, da dependência, da credulidade no amor como elemento para a sujeição afetiva da mulher, na virgindade, como instrumento de manutenção da fidelidade sexual da mulher no casamento. Estas questões são importantes para entender a dialética na relação amorosa. Diz Lacan que quando estamos no poder de um outro, corremos grande perigo.

Nos diz Lacan que essa dialética de defender os próprios bens está ligada, fato comprovável na análise, a proibir a si mesmo de gozar deles.

Trata-se ainda da dialética da dependência, que é o que observamos em muitos casais constituídos. São duas crianças tentando fazer Um, aos fins de usufruir de bens, que são elevados à categoria do Bem. Por outro lado nossa sociedade patriarcal leva a que certas coisas sejam valorizadas, dentre as quais o que está por perto, ou em volta do homem. A mulher que não depende do homem, que não se submete a ele, de certa maneira, fica fora do circuito bem aceito, o

do Bem. Um marido pode ser um bem , como uma mulher pode sê-lo, como da mesma forma os filhos.

Numa sociedade em que tudo se mede pelo dinheiro e a segurança e bem-estar , ou melhor dizendo conforto, dificilmente as relações entre os sexos conseguem escapar desta medição. Tanto o homem como a mulher valem pelo que possuem a nível material , ou pelo que nesse nível são capazes de produzir ,ou então por valores superficiais como beleza , nome de família , isto é de um modo geral , tudo que aparece. Estamos no reino do imaginário, e só aquilo que aparece tem conotação fática, e como tal, pode ser registrado. Outros bens , mais ocultos , aqueles bens de produção psíquica, seja da ordem do afetivo ou da ordem do teórico, não são valorizados.

O homem vira uma mercadoria -minha filha , seu namorado tem uma boa posição?- é aquele que vai preencher a mulher de sua falta, de sua incompletude, com bens materiais. Enquanto a mulher é aquele objeto,o "falo" que pode ser mostrável, que tem que aparecer pela sua beleza, inteligência , família, disponibilidade para ter filhos , -que por sua vez são vistos como bens-, e qualidades para preservar os bens do marido . A mulher vai preencher o homem em sua incompletude , em seu complexo de castração, se colocando, ela mesma , no lugar do falo.

Freud deixou bem claro isto, quando nos diz que o homem pode , ele próprio se transformar num bem para o outro . Um bem que lhe dá status , ou dinheiro , ou sexo. Daí a piada que diz que é necessário "ter um homem pour le chic, outro pour le chec(que), e outro pour le choc(k)".

Lacan , no Livro sobre a Ética dos seus Seminários , chama a atenção para o fato do que a psicanálise "poderia parecer na ordem ética `a primeira vista" (Lacan, Ética, 112) ,isto é a busca de uma moral natural , o que ele denomina da dimensão da pastoral, elemento que estaria sempre presente na civilização.

Esta busca de uma moral natural consiste em apostar numa maturação dos instintos , que levaria a um natural equilíbrio normativo com o mundo e à confluência dos instintos parciais sob a hegemonia dos instintos genitais , a serviço da reprodução . É o que Lacan denomina a relação genital. O indivíduo estaria , a partir da adolescência , à disposição da espécie .

"A dimensão da pastoral nunca está ausente da civilização e nunca deixa de se oferecer como um recurso a seu mal-estar ." (Lacan, Semin. 7, 113).

Mas algo resiste à ser assimilado a essa dimensão , segundo o autor , e é disso que trata a ética da psicanálise que é o Mal, o "das Ding".

O casamento tradicional indissolúvel é um 'remedium vitae', aceito consensualmente pela sociedade .

Na sua erótica , o que não pode se mudar , uma das peças fixas , isto é uma das restrições é a duração. Outra das limitações gira em torno ao número de objetos : só pode ser um. Outra das restrições, é a condição de virgindade.

Estes elementos funcionam como um limite, como uma Lei. As exigências levam a uma divisão da pulsão : colocar para fora do casamento o amor-paixão através das transgressões, que serão diferentes para o homem e para a mulher. A dupla moral está instituída. O homem procurará objetos sexuais para saciar sua corrente sensual .A mulher restam os sonhos com príncipes encantados, que respondem a uma ideologia vigente na época , e que contrabalançam a impossibilidade da relação sexual, de um lado , e a impotência do amor, traduzida em frigidez.

Estas construções fantasiosas, não deixam de ser uma transgressão , uma "metáfora transgressiva" como veremos mais adiante.

Há um filme, muito interessante, "Esposa - amante" , de Bertolucci, que retrata toda a loucura em que vai se submergindo uma mulher abandonada à vida do lar

e excluída de toda vida social e de prazeres sexuais. Ela se encontra jogada a uma infantilidade, sem responsabilidades e sem possibilidades de se realizar nem sexual, nem socialmente. Ela funciona como o limite para o homem, a Lei em torno do qual organiza sua própria erótica. Ela se torna "A Coisa", "A verdade", das Ding, em pessoa. Não pode ser tocada, nem no registro do real, nem no registro do campo imaginário. Ela não recebe nem carícias, nem palavras de amor. Quando o marido "morre", e ela ocupa seu lugar nos negócios e assume sua sexualidade reprimida, surge uma mulher madura, que começa a explorar seus próprios espaços e construir sua própria erótica, uma vez assumida em seu lado "masculino", "fálico", que aliás é o único que podemos pôr em ação, como sujeitos, já que a libido é masculina e como tal se põe em discurso. Ela, essa mulher do filme, sai de uma alienação imaginária, onde o marido é deus e ela se limita a admirá-lo, em estado patético - de paixão sofrente - e desde a impotência. O gozo em excesso, de quem está à mercê do Outro.

4.3.6 A retenção na barreira do belo: a estética. Amor-Paixão.

Podemos considerar que a divisão da pulsão numa tendência à supervalorização, de um lado e de vencimento das resistências estabelecidas culturalmente, de outro, são o produto do mesmo trabalho psíquico - mecanismo de idealização - que evidencia a onipotência do amor. (Freud, "Três ensaios", 164). Trata-se de uma idealização da tendência, na supervalorização do objeto que leva a tornar o objeto inacessível, por exemplo, nos casos do amor platônico.

Freud analisa as formas em que as pulsões se põem em ação, formas estas que fazem parte de uma estética da vida erótica do seu tempo.

Ele se mostrou por vezes bastante crítico em relação a algumas formas sociais em que a pulsão libidinal -amorosa - se punha em discurso. Em relação à transformação da pulsão por meio da sublimação, em formas sociais como aquele "amor que os poetas cantam", ele o estuda como um fenômeno psíquico, que sem dúvida foi de maior importância. Chegou, no texto "Futuro de uma ilusão", a falar das ilusões de uma moça de classe média. As ilusões são derivadas dos desejos. Podem ou não chegar a se realizar. "Por, exemplo, uma moça de classe média pode ter a ilusão de que um príncipe aparecerá e se casará com ela. Isso é possível, e certos casos assim já ocorreram."(Freud, 1927, 44).

Nos dá ainda, no mesmo texto, indicações, mais tarde bem seguidas por Lacan, da relação dessas ilusões eróticas - 'que perturbam as relações entre os sexos'- com outras ilusões como as religiosas e as políticas.

Ele entende as ilusões como sendo um enorme alívio para a mente, já que os conflitos da infância que surgem do complexo paterno encontrariam nela uma solução socialmente aceita.

A re-religiosidade, esse se religar a alguma coisa ("das Ding"), é essa busca de um remédio para o mal-estar, nos diz Freud.

Nós concluímos da seguinte maneira no caso da vida erótica: esse remédio poderia ser encontrado em, por exemplo as ilusões eróticas como o amor-paixão, enamoramento, amor-idealizado, amor que 'os poetas' cantam ou também chamado amor-platônico.

Este tipo de amor não seria uma forma universal da sexualidade se pôr em discurso, mas uma produção estética e ética, aceita por uma determinada época e sociedade, de um certo grau de hipnose próprio de qualquer relação se pôr em discurso, por consenso. Seria a forma particular em que o imaginário se põe a circular dentro de uma certa estrutura econômica e social.

Como tal , resulta um alívio para quem a assume como própria, para quem a ela se re-liga, para quem dela se torna religioso , porque não vai se sentir questionado. Nestes casos , super-eu e exigências morais coincidem.

Há , no amor-paixão , uma suspensão da realização sexual. E este é o ponto que nos interessa . Trata-se de colocar o objeto amado no lugar do das Ding , mas cheio de obstáculos que impeçam o acesso ao mesmo. Estes são mecanismos da ordem do deslocamento e do isolamento próprios também da neurose obsessiva.

Trata-se de uma erótica , isto é de uma busca de transgredir a Lei, pelos caminhos estéticos da vida erótica, com a finalidade de impedir a aproximação do indivíduo ao objeto , produzindo a ilusão de aproximação , elevando o objeto à dignidade da Coisa. Não deixa de ser um tipo de transgressão , ilusória , de remédio ao mal-estar; de se proporcionar um bem-estar passageiro ou fantasioso.

O apaixonado olha para seu objeto , como se olhasse para um espelho melhorado. O amor-paixão é narcísico . É o que se denomina, vulgarmente, um amor 'platônico'. O sujeito se submete à autoridade que lhe desperta o objeto, por tê-lo idealizado , supervalorizado, por tê-lo posto no lugar do Ideal-do -eu.

O "das Ding" está no centro , como o vazio e como acontece na arte, o sujeito se ocupa de fazer uma organização em torno do mesmo.

Desta forma a mente do objeto sexual é supervalorizada, criando movimentos do sujeito que levam no sentido não de se dirigir ao gozo, diretamente , mas a contorná-lo, cercá-lo, por admiração , respeito , medo , ou submissão, sujeição.

Por sua vez o corpo inteiro estando idealizado, isto leva também à detenção em objetivos sexuais 'preliminares'. A detenção nos objetivos preliminares se dá por meio, por exemplo , de olhar, tocar, cheirar, beijar, morder, lambe zonas

que não levariam à reprodução sexual. Esta detenção é uma suspensão erótica, em relação ao gozo, que desperta horror.

Por exemplo, em lugar de se realizar o ato sexual genital diretamente, há uma detenção numa zona corporal, que não são os genitais, por exemplo no beijo, que é altamente valorizado em nossa sociedade, ou em outras mucosas ou partes do corpo em geral.

Por causa da sublimação, há uma detenção na beleza do objeto sexual que se traduz em atração e interesse. Em primeiro lugar a excitação e o horror que os genitais despertam --pela diferença dos sexos-- se transforma em interesse e atração por um mecanismo de reversão.

.Num segundo momento se produz um dislocamento para o corpo todo, que passa a ser visto como atraente, belo, charmoso, etc. Freud nos diz que a beleza é uma qualidade derivada da atração sexual. Enquanto "os órgãos genitais, cuja visão é sempre excitante, dificilmente são julgados belos; a qualidade da beleza, ao contrário, parece ligar-se a certos caracteres secundários."(Freud, Mal-estar, 1930, 102)

Já vimos como a sublimação, produz a partir do "das Ding", uma série de valores sociais, que vão ocupar o espaço vazio deixado pelo ele por meio da cadeia significante: o dano se transforma em dama. Esta passa a ser um valor social, impessoal.

Isto funciona como uma barreira ao acesso para o gozo. A estética da erótica, a consideramos como um desdobramento da ética, já que fundamentalmente funciona também, a partir da existência da lei. A ética funciona para encobrir o lado mau, do "das Ding". A estética, serve para encobrir o lado estranho, feio, apavorantemente horrível do "das Ding".

Lacan, apoiando-se num livro de um escritor católico e tradicionalista sobre o amor cortês, questiona este tipo de amor como sendo uma produção social, uma sublimação própria de um tempo e lugar, e não como uma forma universal de amor, visão esta que pode levar a um engodo.

Dentro do caminho das sublimações, existe uma que tem chamado a atenção de muitos autores - sociólogos, historiadores, religiosos, psicanalistas - e entre os últimos, o próprio Lacan. Trata-se do amor cortês, e de suas derivações modernas, como por exemplo, o amor -paixão e sua incorporação -do amor -paixão- ao casamento.

Desde o ponto de vista histórico e sociológico, Rougemont considera o amor-paixão ligado ao amor cortês, como uma forma de comportamento da sexualidade que aparece na nossa sociedade ocidental, com data presumível de surgimento entre o século XI e o XII.

O amor cortês seria um mito sagrado, segundo o autor, que tinha por função organizar as forças anárquicas da pulsão. Apesar de o grupo de nobres cavaleiros, entre os quais essa forma social de amar surgiu, ter desaparecido há muito tempo, suas leis ainda estariam regendo a nossa ideologia amorosa de maneira velada, mas profunda. Trata-se, para o autor, de uma visão de vida de uma teologia do amor, de uma ideologia que representou uma crise na evolução do pensamento ocidental.

Rougemont, estudioso cristão do assunto, se aprofunda no assunto com a finalidade moralista de entender e "tentar resolver a atual crise do casamento" e "procurar um novo equilíbrio do casal" (Rougemont, 1938,207).

Mas não é por nada que Lacan cita este autor. Apesar de religioso e como tal moralista, ele apresenta algumas questões bem interessantes.

A origem deste tipo de amor estaria dentro da própria Igreja. Tudo indicaria, do ponto de vista do autor, que desde o século XIV, o catarismo, um

movimento religioso e místico que era perseguido pela Igreja na Europa e considerado herético, porque idealizava tudo como sendo a expressão da união mística com Deus, começou, dentro desta mesma linha a exaltar o amor sexual em termos divinos. Este enfoque da questão vai desembocar na construção do amor-Eros.

Enquanto o cristianismo valoriza as afeições humanas, isto é, o amor -Agape próprio da mística ocidental, o catarismo valoriza o amor-Eros, próprio da mística oriental.

Desde esse momento, o catarismo se estendeu entre o povo, onde, segundo o autor, não era preciso existir formas de expressão mais nobres, como a literatura (como tinha se veiculado este amor, nas elites, por meio de cartas e cantorias de amor). O amor cortês consistia numa série de regras sobre a relação do homem com a mulher, onde esta "era objeto do louvor, da prestação de serviços, da submissão e de todos os tipos de comportamentos sentimentais estereotipados do adepto do amor cortês em relação 'a Dama." (Rougemont, 1938,158).

Segundo Lacan, estas seriam formas estéticas em que o significante se põe em discurso, formas estéticas, belas, que funcionam como respostas 'a inexistência da relação sexual.

A pura doutrina cátara não se propunha legitimar o adultério, já que exigia a castidade, mas o símbolo cortês por uma Dama que era da ordem espiritual, amor evidentemente incompatível para o casamento carnal, produzia grandes confusões. O catarismo, segundo o autor, valoriza então não só o amor-Eros, amor -sensual ou amor-tesão, mas também o amor-platônico cortês, isto é a origem do amor-paixão.

Segundo o autor " o verdadeiro casamento moderno é o 'casamento do amor' com a paixão , e derivou do amor cortês, isto é dessa antiga ideologia cãtara. Mas, para ele, a paixão e o casamento são incompatíveis.

"... é preciso criar obstáculos para poder de novo desejar e para exaltar esse desejo ao nível de uma paixão consciente, intensa, infinitamente interessante. Ora, somente a dor torna a paixão consciente e é por isso que gostamos de sofrer e de fazer sofrer" (Rougemont,198).

O autor deste livro de 1938 maneja alguns conceitos, como por exemplo este de obstáculo, para fazer surgir o desejo , como quem tivesse sofrido uma influência psicanalítica , mesmo sem enunciá-lo.

Ele fala ainda da "glorificação do amor" (Rougemont, 1938,170) que se dá no amor cortês, relacionado com este movimento , o que sem dúvida é uma apreciação interessante e que coincide , de certa maneira , com a abordagem psicanalítica que Freud nos dá em textos como "Três ensaios", "O Narcisismo: uma introdução" e "Psicologia do Grupo", mas que nos parece ter mais a ver ainda com o que Lacan discute no seu Seminário sobre a Ética se referindo à sublimação .

Lacan apresenta o amor cortês como um "fenômeno... espantoso pelo fato de o vemos desenvolver-se numa época em que se trepava, contudo , firme e forte, quero dizer , em que não se fazia mistério disso , em que não se diziam meias palavras."(Lacan,Semin.7, 1959, 170)

Rougemont toma a história de Tristão e Isolda , como o protótipo do amor cortês.

"O amor realmente recíproco exige e cria igualdade dos que se amam"(Rougemont,218). Desejo e amor se habituam a andar juntos, segundo o autor .

Para Rougemont, a felicidade, como em Aristóteles, é uma construção: o que ele chama do 'amor-ação'. Lacan, no Seminário 1, coloca esta questão de maneira próxima, quando fala do amor-Dom, de um lado e da "Verliebtheit", por outro.

No Seminário 3, Lacan se refere ao "Verliebtheit" como amor-paixão, enamoração, amor-platônico, amor-idealista, amor-apaixonado, que "tornou-se cada vez mais uma coisa ridícula, ou o que se chama, comumente, e com razão, uma loucura." (Lacan, 1955-56, 288). Ele o relaciona com a psicose. Enquanto que no amor-dom há a intervenção do registro simbólico, que introduz a possibilidade da distância em relação ao outro ou melhor, Outro.

Aries ou Beijin dizem que o fato de ter se posto o amor (paixão) dentro do casamento põe à prova a duração do casamento. Rougemont diz que leva à infidelidade. Mas, se historicamente a infidelidade do homem sempre existiu, podemos pensar que Rougemont se refere à infidelidade da mulher.

No Seminário 7, Lacan dá uma virada em relação à posição da mulher. A mulher, de objeto sexual, passa a ocupar o lugar de "das Ding", a Coisa. Vejamos no texto, alguns exemplos desta nova colocação da questão que retomaremos, depois mais adiante:

"Não há possibilidade de cantar a Dama, em sua posição poética, sem o pressuposto de uma barreira que a cerque e a isole. Por outro lado, esse objeto, a Domnei, como é chamada, mas ela é freqüentemente invocada por um termo masculinizado - Mi Dom, isto é, meu senhor - essa Dama é apresentada, portanto, com caracteres despersonalizados, de tal forma que autores puderam notar que todos parecem dirigir-se à mesma pessoa." (Lacan, 1960, 185).

"Domnei, apesar da espécie de ressonância significativa que faz com o dom, nada tem a ver com essa palavra - ele visa a mesma coisa que a Domna a Dama, ou seja aquela que num dado momento, domina." e logo depois. Isto tem seu lado divertido, e seria talvez preciso explorar historicamente a quantidade de metáforas que há em torno do termo 'donner', dar, no amor cortês. Será que 'donner' pode ser situado na relação dos parceiros como indo de modo prevalente num sentido ou no outro? Isso talvez não tenha outra origem que não seja a contaminação significativa a respeito do termo 'domnei' e do emprego da palavra 'domnoyer'." (Lacan, 1960, 187).

A Dama é essencialmente o que se chamou mais tarde, no momento das ressonâncias infantis dessa ideologia, de cruel.." (idem).

Seguindo a orientação que Freud nos dá em "Futuro de uma ilusão" e com a ajuda que a leitura indispensável de Lacan nos ofereceu consideramos, então, este tipo de produção estética da vida amorosa, dentro daquelas que estão aí, como uma ilusão, como um remédio, para melhorar o mal-estar do desejo na civilização.

A ilusão neste caso em particular, consistiria em colocar o objeto de amor, no lugar de um deus adorado, no lugar do ideal do ego. Trata-se da religião do amor. O deus ou a deusa são venerados, de maneira crédula e submissa, que são características psicológicas do estado amoroso (Verliebtheit).

O caminho do amor paixão é um belo caminho, esteticamente organizado.

E este amor é ornamentado de todas as formas, de maneira de não se ter acesso ao gozo. O objeto de amor é en-deusado, em-dito. Rodeado de mil palavras, cartas, produções poéticas (da ordem da poiêsis, produção criativa ou "Verdichtung"), favores, cerimônias, conversações, que o colocam num lugar inacessível, para o desejo não se esvaír. Trata-se de um caminho erótico que

a pulsão escolhe , para se aproximar do seu gozo, ao final das contas esquivando-se dele.

O amor-paixão é mais prototípico nas mulheres , e faz parte sem dúvida de sua educação , assim como a idealização do lar e da família. Serve sem dúvida , à manutenção do casamento tradicional, que é necessário para um determinado momento econômico e social. É necessário para a sociedade que haja uma estrutura elementar em que as tarefas se dividam complementarmente, a fim de dar conta dos filhos e do trabalho. Essa unidade mínima é a família.

4.3.7. O Amor-Eros.O Amor-Sensual.A barreira da sexualidade exacerbada.

A via das transgressões aceitas pelo sistema .A ilusão de tê-las todas.

Consideramos que o don-juanismo, ou a dupla-moral aceita tradicionalmente nos homens, implica um remédio para o mal-estar, como Freud o define , para desta vez o homem suportar a sociedade implicada pelo casamento. Com as aventuras fora do casamento, o homem se sente livre, enganando a mulher , que então fica só com as ilusões românticas de lar e dos filhos. Para o homem, o casamento é um mal necessário, que só se faz mais levadouro pela existência da fidelidade.

Frente à inexistência da relação sexual , o homem cria a ilusão de que tendo-as todas , é possível a relação sexual. Troca a qualidade pela quantidade. A castração é menos dolorosa quando se têm vários "falos"(mulheres), que a vêm preencher.

Lacan define o gozo como "aquilo que não serve para nada..Nada força ninguém a gozar , senão o superego. O superego é o imperativo do gozo. — Goza ! (Lacan, Semin.20,11)

"É por isso que o superego, tal como apontei há pouco com o Gozal, é o correlato da castração, que é o signo com que se paramenta a confissão de que o gozo do Outro, só se promove pela infinitude...O gozo enquanto sexual, é fálico, quer dizer, ele não se relaciona ao Outro como tal."(Lacan, Semin. 20,16,18).

"O ser sexuado dessas mulheres não -todas não passa pelo corpo, mas pelo que resulta de uma exigência lógica na fala. Com efeito, a lógica, a coerência inscrita no fato de existir a linguagem e de que ela está fora dos corpos que por ela são agitados, em suma, o Outro que se encarna, se assim se pode dizer, como ser sexuado, exige esse uma a uma."(Lacan, Semin.20,19)

O mecanismo utilizado é aquele da divisão numa corrente idealizada e numa menosprezada, que não deixa de ter passado por uma idealização, além de uma reversão no oposto. O homem procura nessa conquista desenfreada se completar a si mesmo, ilusoriamente, já que, de fato, não o conseguirá. Há também nessa busca o objetivo inconsciente de se vingar das mulheres por se lhe apresentarem diferentes, pela diferença sexual, que lhe lembra a própria castração. Pensamos que deve ter sido por essa via que alguns psicanalistas chegaram ao extremo absurdo de interpretar o don-juanismo como uma atitude homossexual; isto é, devido à ânsia de vingança do homem pela diferença sexual anatômica, e pela diferença de educação, que leva a mulher pelas vias do amor sublimado. Mas não deixa de ser um comportamento heterossexual. Pensamos que não se trataria bem do caminho das perversões, já que não há transgressão a Lei nenhuma. As leis estabelecidas (pelos homens) prevêem estas exceções. É apenas o caminho de não ficar para trás, dentro do mundo dos homens.

Ou melhor ainda, para o homem, a permissão social de ter todas as mulheres que quizer, implica uma transgressão de ponto de partida das leis por ele mesmo

emitidas. Para ele regiria um código diferente que para a mulher. A mulher deveria ser mantida em sonhos de príncipes encantados e do ideal de ter filhinhos, como as crianças embaladas em sonhos de cegonhas e papais-noel. Só aos homens seria permitido saber, "a ciência certa", das coisas. As prostitutas estariam também a par da realidade junto com os homens. Com elas seria possível um certo grau de companheirismo, de confidências, mediante pagamento que deixasse bem claro que a situação não iria passar do bordel. Esta via, como as duas anteriores, as colocamos dentro do que consideramos ilusões, porque consideramos que é o que a sociedade oferece como legal, dentro de suas exigências, para diminuir o mal-estar fruto da civilização, a fim de preservar suas estruturas econômicas vigentes. Isto não quer dizer que não possam se tornar um caminho válido, para um ou outro sujeito desejante à procura de seus verdadeiros desejos.

4.4. Conclusões.

Até agora vimos os caminhos em que o sujeito se engoda à procura de seu objeto e das finalidades do seu desejo. Às vezes através de mecanismos neuróticos admitidos pela sociedade. Às vezes, por meio de ilusões oferecidas pelos fabricantes de formas imaginárias, que são da ordem do erro, já que deixam o desejo esperando. Lacan nos alerta no seu livro da ética para não ceder do seu desejo. O que poderia isto implicar no terreno da erótica, terreno este tão conflitivo?

Guiamo-nos pelas orientações de Freud e de Lacan, no escuro desta noite; aí onde Freud nos diz que não há nem regra de ouro nem nada escrito nem no macro nem no microcosmos, para atingir a felicidade na realidade; aí onde Lacan coloca um sinal de interrogação no seu livro da Ética, sobre o que pode se

querer como um bem , em se tratando de realizá-lo concretamente no plano da realidade.(Lacan, Semin.7,47).

Por enquanto , nos parece , incursionamos no terreno da ética do caráter, isto é, de seguir as regras da moral vigente, e a ética do prazer, nas neuroses e na escolha das vias oferecidas pela sociedade.

CAPÍTULO 5. A EVOLUÇÃO DA ERÓTICA. A ERÓTICA CONTEMPORÂNEA.

5.1. Introdução.

Sugere Lacan: "Temos de explorar o que o ser humano, ao longo dos tempos, foi capaz de elaborar que transgredisse a Lei, colocando-o numa relação com o desejo que ultrapassasse esse vínculo de interdição e introduzisse, por cima da moral uma erótica." (Lacan, Semin.7, 106).

Lacan propõe pesquisar a evolução da erótica e estudar o ponto que ocupamos nessa evolução. No capítulo anterior andamos pelos caminhos indicados por Freud e Lacan, no terreno da erótica em geral. Fômos desde a erótica instituída pela espécie, passando pela erótica que é produto das exigências sociais, até chegar a erótica imposta pelos caminhos da neurose. Consideramos que todos eles se detêm aquém da ética do desejo. Nesta última parte, vamos nos deter a analisar a erótica produzida pela procura do sujeito em busca de seus desejos inconscientes, que nos parece própria dos tempos atuais, por eles serem menos exigentes normalizadores em relação ao indivíduo.

No capítulo anterior ingressamos em supostas estruturas universais da erótica, que na verdade são apenas estruturas próprias da sociedade ocidental tradicional.

Vimos aparecer formas em que o desejo se põe em discurso através de estruturas ficcionais. Estas vão desde o casamento monogâmico indissolúvel, sujeito à dupla moral do homem, passando pelo amor cortês, até chegar a formas como a frigidez na mulher em relação ao homem, ou a evitação da mulher por parte do homem entre outras.

Algumas destas formas foram analisadas por Freud como correspondentes a uma determinada época e estrutura social, como é o caso do casamento monogâmico indissolúvel, que ele inclusive localiza, dentro do que denomina a Moral Sexual Civilizada. Frente a esta forma ele se posiciona criticamente.

Porém , ele apresenta outras formas como estruturas que se manteriam invariáveis através do tempo, já que fariam parte de um capital humano universal. Dentro destas , podemos citar por exemplo, os tabús do homem em relação `a mulher .

Lacan, do sua vez , considera que o amor-paixão-- que Freud tinha apresentado como um "maravilhoso fenômeno psíquico"-- é um fenômeno localizável social e temporalmente. Em compensação , consideramos que , ao se referir `a ordem simbólica como sustentada na expulsão dos genitais femininos, da libido correspondente ao feminino e a sua portadora, a mulher, como fora-do-significado, Lacan estaria universalizando uma forma particular de uma época, que se encontra em plena transformação. Já nos referimos a isto no capítulo 2, quando tratamos da intersubjetividade entre o homem e a mulher.

IncurSIONAMOS agora no terreno da erótica contemporânea, com os instrumentos adquiridos ao longo da viagem com estes dois autores.

Este terreno bastante inexplorado, se nos apresenta como um campo de pesquisa. Por conseguinte a nossa proposta é de traçar coordenadas que permitam futuros aprofundamentos sobre que respostas éticas e estéticas o homem contemporâneo dá a seu mal-estar, no campo da vida erótica.

Percebemos na clínica, que a erótica atual se apresenta com vestes diferentes daquelas tradicionais que analisamos no capítulo anterior, para vir em última instância , cumprir a mesma função ; isto é, da ordem ética.

As exigências dos tempos modernos são muitas. No campo do amor , elas se concentram , por ser um campo privilegiado em termos de produção de significantes . Este campo se encontra no âmago de toda produção cultural do ser humano.

Apesar da relação sexual ser da ordem da impossibilidade, e o "necessário amor" estar sujeito à impotência psíquica, os comportamentos sexuais, segundo deixa claro Lacan, são lográveis. Isto é, se produzem "de fato" na realidade externa, em relação a um objeto real. Os comportamentos sexuais são por conseguinte, realizáveis, e esta realização acontece numa determinada sociedade e localização histórica.

Realizamos duas entrevistas grupais em 1989, com homens (H) e mulheres (M), numa faixa etária entre 30 e 45 anos de classe média. Estas pessoas, todas de nível de instrução superior, passaram por mais de um relacionamento marital. No caso em que houve parceiros, estes foram separados durante as entrevistas. As entrevistas foram analisadas dentro do contexto teórico por nós construído, mostrando, alguns significantes que se repetem, do mesmo modo que na clínica. Estes nos indicarão os trilhamentos que a erótica escolhe, para se expressar ética e esteticamente, nos tempos atuais.

Mesmo não pretendendo nos aprofundar nos intervalos ao longo da história, constatamos que houve mudanças de valores no que diz respeito às formas e modos em que os relacionamentos amorosos se veicularam.

Quanto à função da erótica moderna, veremos que é a mesma dos tempos antigos: tentar ir mais além dos limites impostos pela Lei. Trata-se de uma função ética, que em sua essência não muda. A função da erótica é ética, já que está o tempo todo, tentando diminuir o mal-estar produzido pela civilização.

A perspectiva ética em si, mudou com os tempos. Consideramos que Lacan em seu Seminário 7, não só nos indica os caminhos pelos quais a psicanálise tem que se enveredar, mas, principalmente nos anuncia com antecedência a chegada de novos tempos nesse campo.

O que nos parece fundamental em relação à erótica contemporânea, é que pareceria que a Lei hegemônica que a preside é a da transgressão da Lei, isto é, a ética do desejo proposta por Lacan em seu Seminário 7, o que de por si implicaria numa resposta ao mal-estar da civilização.

Claro está que nos tempos atuais, há uma larga coexistência de códigos. Vemos os códigos das grandes ilusões que a sociedade tradicional oferecia, descritos no capítulo anterior, lado a lado das novas formas modernas dos anos 60 com suas novas ilusões e com uma nova estética, produto da crise de valores dos modelos anteriores, e da produção de valores hippies comunitários. Por outro lado, os valores do individualismo, cada vez mais, tomam conta da cabeça de homens e mulheres, delineando-se um novo panorama. Estes estão regidos pela ética não humanitária dos tempos atuais, pela ética sem ilusões ilusões. Podemos dizer que esta ética, de certa forma, se encontra mais próxima dos caminhos que "ilusionavam" Freud, isto é dos caminhos científicos. Esta procura, porém, muitas vezes se encaminha pela decepção cínica ou amargurada em relação à vida.

Vemos despontar ainda, uma nova-estética correspondente a esses valores, surgida em torno dos anos 80.

A estética da erótica mudou ao ponto de que, consideramos que em muitos casos chega a passar despercebida. Se antes existiam cartas de amor, poemas, bilhetinhos e cantorias de trovadores, que impunham uma grande distância e sempre intermediada por alguém, seja lá quem entregava a carta ou até o próprio trovador encomendado de passar o recado, agora nos deparamos com telefonemas, paqueras, cantadas, aproximações de carro a carro, encontros em reuniões e festas, onde a distância foi praticamente abolida, tentando-se manter com artifícios como o telefone, com o casamento de não-coabitação, ou com a poligamia assumida. Além disto, em

nenhúm caso se encontram os intermediários , nem leis externas evidentes que as regulem. A relação se resolve diretamente entre os dois parceiros.

Sem dúvida correm novos tempos e junto com eles , -por que não?- novas esperanças e às vezes muitos sofrimentos que podem vir a se transformar em novos valores.

5.2.A erótica contemporânea.

5.2.1.0 individualismo e o questionamento da posição assimétrica da mulher

Consideramos que a erótica contemporânea, se encontra atravessada por dois grandes fluxos de mudanças sociais .

A primeira diz respeito à tendência cada vez maior ao individualismo do homem moderno. O individualismo leva cada vez mais a uma escala de valores egoístas que substituem os comunitários.

Não poderíamos esquecer que esses novos ventos do individualismo, sopraram em terras onde até pouquíssimos anos atrás estavam impregnadas dos valores mais tradicionais possíveis --o Brasil-- que é aonde nos detemos a analisar esta erótica. Sem dúvida este fator outorga um perfil próprio à essa erótica. É dessa erótica particular que passamos a nos ocupar.

A segunda é o ingresso da mulher no sistema de produção, devido à Revolução Industrial do século XIX com as conseqüentes as mudanças tardias dela decorrentes, que culminam com a liberação sexual dos anos 60. A mesma, diz respeito à liberação sexual principalmente da mulher, já que o homem, de uma forma ou outra dela gozava, mesmo recorrendo a "transgressões" aceitas.

A partir dessas modificações, a mulher passa a se posicionar nos relacionamentos amorosos de maneira mais ativa , isto é , se colocando não apenas como um objeto de troca entre os homens, mas como indivíduo ao lado do homem , a procura de seu desejo.

A nível da relação da mulher com a realidade, se dá uma passagem cada vez maior das mulheres, de um estado que Freud denomina de não resolução completa do complexo de Édipo e que Lacan denomina de excesso de gozo, para um estado de elaboração do complexo citado ou para o registro do simbólico e da Lei. De um estado de crônica latência enevoada, a mulher parte para um despertar cada vez maior.

5.2.2.A ilusão do amor-Paixão e do amor-Eros ingressando no Casamento.

Com o avanço cada vez maior do individualismo, a família vá perdendo peso e são os indivíduos que escolhem seu parceiro e não mais as famílias. Esta escolha pessoal introduz o amor dentro do casamento, uma das grandes mudanças de nossos tempos, e relativamente recente se a considerarmos historicamente. Este fato representa de por si uma virada da erótica.

Segundo Juan-Louis Flandrin, citado por Ph.Aries, em todas as sociedades, exeto a nossa sociedade ocidental contemporânea, se fez uma clara distinção entre o amor dentro do casamento e o amor fora do casamento. (Aries, "O amor no casamento" in Sex .Ocid.,153).

Sêneca, escritor romano, dizia que um homem sábio devia amar sua mulher com discernimento, e não com paixão, controlando seus desejos para não chegar à copulação. O escritor deixa então formulada a distinção entre o amor-paixão e o amor-reserva. Não se tratava, entre os estoicos de apenas costumes, mas de um código moral, herdado desta forma pelos cristãos. Entre os cristãos se falava no 'debitum' no casamento e no amor-paixão fora do casamento. O homem tinha a obrigação de prever o desejo da mulher, já que esta não podia confessá-lo nem exigir sua satisfação. Os homens não tinham como hábito expressarem seus sentimentos em relação a suas esposas.

A partir do século XVIII, com o Romantismo, a sociedade tende a aproximar as duas formas de amor tradicionalmente opostas. O casamento passa a ser constituído com a obrigação de que os esposos se amem como dois amantes. O erotismo entrou no casamento, deixando para atrás a reserva de sentimentos e o débito, surgindo então uma explosão afetiva e sexual. Segundo Aries, esta modificação passa a pôr à prova a duração das relações.

Para o homem ocidental, é difícil acreditar que o amor no casamento seja um fenómeno restrito apenas a nossa sociedade ocidental e contemporânea. Atualmente acredita-se que o único amor que exista seja o amor-paixão. Segundo Aries, os jovens de hoje, não desejam um compromisso longo. Querem um sentimento intenso como o amor-paixão, que não permanece. O amor conjugal, que está ligado a ele, fica também ameaçado de extinção.

O que observamos na prática é, ou uma paixão intensa e curta ou uma relação morna e mais duradoura. Isto gera expectativas ora conscientes, ora inconscientes, que levam as pessoas, uma vez confrontadas com a realidade, a uma decepção profunda e até a uma atitude cínica.

5.2.3. No Brasil. O modelo importado.

É importante lembrar que as mudanças referidas à introdução do amor-paixão na relação amorosa, ocorreram no Brasil no século XIX e não no XVIII, como na Europa, o que sem dúvida produz uma constelação própria. (Azevedo, "Namoro à antiga: Tradição e mudança" in Velho e Figueira, 1980). Esta constelação própria é produto, por um lado, da importação de modelos que respondem a necessidades do sistema económico e social, e que nem sempre condizem com as necessidades dos indivíduos. Por outro lado, porque mesmo tendo as transformações tendo se produzido mais tarde, uma vez introduzidas, foram

incorporadas por imitação de uma vez só ,de uma forma acelerada e artificial, o que sem dúvida trouxe muitas distorções.

Mais adiante retomaremos esta vida erótica dos "trópicos", nos tempos atuais.

5.3.0 Jogo de sedução e Conquista.

5.3.1.0 jogo de poder .

Com a emancipação da mulher e sua liberação sexual, o concubinato passa a substituir o casamento, para manter independentes os status e os bens dos parceiros. O pacto simbólico ao que Levi-Strauss se refere como instaurador da troca da mulher entre os homens , deixa de existir na realidade como tal.

No casamento contemporâneo, haveria uma escolha livre dos parceiros entre si, que mascara a estrutura ternária intersubjetiva , em que implica todo relacionamento.

Trata-se no relacionamento amoroso, de uma relação intersubjetiva aonde predomina o registo imaginário, apesar de existir um terceiro , como sempre, na intersubjetividade.

Este jogo , em se tratando dos tempos atuais , é em princípio um jogo entre sujeitos com iguais poderes e direitos. Mas , como já vimos, a mulher está posicionada em desvantagem desde o ponto de partida. Joga com as peças negras, no tabuleiro de xadrez. Mas isto é relativo, porque quem é o Senhor e quem é o escravo , nessa dialética não está fixado. E ainda porque apesar das diferenças anatômicas, sabemos que nem o homem, nem a mulher existem a não ser em combinações de masculino e de feminino. Apesar das diferenças anatômicas e das diferenças sociais delas decorrentes, a mulher e o homem , só a nível do imaginário social , poderiam ser colocados de uma forma assimétrica. Se nos referirmos ao plano do simbólico , dificilmente essa análise resiste.

Tomando um ponto de vista marxista , podemos dizer que quando o escravo, que um dia tinha assegurado seu sustento , sua "segurança" , tinha um dono e uma marca do mesmo a troco de sua liberdade, ao ficar "livre" para vender sua força de trabalho no mercado ,sem possuir capital inicial para dar início a um pequeno negócio, fica a mercê das pautas vigentes estabelecidas previamente pelos capitalistas .Não lhe resta outra opção a não ser vender sua força de trabalho ao preço de mercado que lhe permite, no melhor dos casos, sobreviver da mesma forma que nos tempos de escravidão , só que sob o próprio risco. Antigamente o Senhor "pagava "pelo escravo, ao comprá-lo e era quem assumia a responsabilidade de sua manutenção e sobrevivência. Uma vez o escravo liberto, ele que se vire com o salário que a sociedade dos antigos senhores , determinou. Porque é evidente que são os Senhores que fizeram as leis e a farão por muito tempo.

Fazendo o paralelo com a mulher, vemos que quando a sociedade se transforma no sentido em que a mulher se converte numa mercadoria gratuita por meio da liberação sexual, ela perde valor, no registro imaginário , até este ficar reduzido a zero.

Percebemos na linguagem cotidiana, isto é, própria do imaginário social, que em alguns termos como por exemplo "dar para um homem" aparece esta concepção, em que homem e mulher são colocados num circuito econômico e de poder. Desde a ótica do homem, ter relações sexuais com uma mulher é visto como um dom, como uma coisa que enriquece. Na visão da mulher, ao manter relações sexuais com um homem , estaria sendo despojada de alguma coisa, roubada de alguma coisa, a nível imaginário.

Chegaríamos ao extremo de pensar que a prostituta em certos circuitos da sociedade brasileira, seria vista com maior respeito do que a mulher que dá-"galinha"-já que valoriza o que tem para dar e cobra por isso , enquanto a

"galinha", se valorizaria tão pouco que não cobra nada em troca do prazer que dá ao homem.

Estas maneiras de se posicionar estão tão enraizadas no homem como na mulher, no nível imaginário, é claro.

5.3.2.0 Jogo de adivinhação e saber.

Lacan nos apresenta o jogo do par ou ímpar, em que cada jogador adota uma posição em espelho que lhe permite adivinhar o comportamento de seu adversário, que presuppõe a dimensão da intersubjetividade. Cada um dos jogadores se põe no lugar do outro aos fins de entender o que se passa na cabeça desse outro.

Num segundo tempo os contrincantes precisam ser astutos o suficiente, para perceber o jogo do outro que estaria tentando se colocar na cabeça do primeiro.

Num terceiro momento, "o que existe de mais inteligente é fazer que nem imbecil ou assim presumido". (Lacan, Semin.2, 238).

Quem conhece melhor as regras do jogo, descobre o jogo do outro, produzindo-se uma desigualdade. Isto é o que acontece nos relacionamentos homem-mulher, segundo nos parece.

Como disse Freud, o processo civilizatório consiste na capacidade e conhecimento de domínio da natureza, por um lado e na existência de regras, para regular as relações dos homens entre si, por outro.

Em nossa sociedade os homens tem em princípio a chave do poder que é o saber. Saber as regras do jogo mais profundamente por possuir um domínio maior no campo simbólico, os coloca em posição vantajosa.

Atualmente com a emancipação da mulher, e seu ingresso cada vez maior no campo do simbólico, o jogo amoroso se daria teoricamente entre dois iguais em

que as regras do jogo são desconhecidas. Não era assim alguns anos atrás, em que as regras eram conhecidas.

O jogador pode fazer o jogo no registro do imaginário ou do simbólico. Se um dos dois estiver no registro imaginário e o outro no registro simbólico, "ganhará" o último. Se ambos estiverem no registro do imaginário, ganhará quem estiver do lado da intersubjetividade perversa e perderá quem estiver do lado da intersubjetividade própria da fase do espelho, do fascínio, do enamoramento. Poderíamos pensar que nesses dois casos ambos perderiam.

Agora, se os dois estiverem no registro simbólico, os dois ganharão, como no apólogo dos três prisioneiros, citado por Lacan. (Lacan, "El tiempo lógico e..." in Escritos). Os três prisioneiros se salvam ao mesmo tempo, apoiando-se nos outros dois, mesmo desde sua solidão. Alguma coisa parecida aconteceria num relacionamento bem sucedido, entre homem e mulher quando os dois se encontram no registro do simbólico. Nesse caso os dois são capazes de lidar com as diferenças e deste modo crescer juntos.

5.3.3.A sedução .O sedutor .O seduzido.O que seduz.

Todo encontro amoroso começa com uma sedução. Freud considera que no início de nossas vidas, todos somos vítimas de uma primeira sedução, que é a da mãe. (Freud, "Tres Ensaios").

Sedução no dicionário Aurélio, o encontramos definido como atração, encanto, fascínio que se exerce sobre um outro ou outra. Provém do latim e quer dizer conduzir para o lado, para os maus caminhos.

Boons, distingue entre a sedução própria de qualquer início de relação, e a sedução sistemática, levada adiante pelo portador de uma estrutura perversa, cuja finalidade é ouvir o "sim" da vítima.

Marie Claire Boons, coloca que a sedução pode ser inconsciente ou calculadamente consciente, podendo chegar ao cinismo.

Cinismo o encontramos no dicionário Aurélio, como proveniente da doutrina dos cínicos, que se caracteriza, pela oposição radical aos valores vigentes. Há um outro sentido por extensão, que diz respeito à impudência, desfaçatez, desvergonha e descaramento.

Tem por um lado aquilo que seduz , e que é independente da operação realizada para seduzir. Aquilo que tem poder sedutor.

A operação que utiliza todos os meios possíveis aos fins de se conquistar alguém, é a sedução .

"A sedução é uma configuração que suscita o desejo, e como tal, põe em primeiro plano o jogo das aparências. Um tal jogo só exerce seu poder sedutor fazendo refletir repentinamente o brilho de um "objeto" particular porque inatingível, e que , nos ensinamentos Jacques Lacan elaborou progressivamente, atribuindo-lhe um lugar essencial: O de causa de desejo." (Boons, "Da sedução...", in da Poian, 1967, 89).

O momento da sedução remete à primeira sedução e ao gozo inaugural a ela ligado. A intersubjetividade é jogada para a fase fascinante do espelho. Há uma regressão, para o plano do encantamento inaugural, da total dependência em relação a um outro, que é tudo que se queria ter.

A mãe , primeira sedutora , como primeiro "Nebenmensch", tira a criança do desamparo , alienando-a no seu desejo. O sedutor ou sedutora, faz a mesma coisa, alienam o sujeito em relação ao seu desejo.

O "objeto a" , definido por Lacan, é o que comanda a operação de sedução. O "objeto a" , é um pedaço de gozo perdido , rebelde à integração simbólica.

Entre o campo do gozo e o campo do simbólico , existe uma quebra , que é ocupada pelo "objeto a", causa do desejo.

O sedutor se encontra no lugar do "objeto a" causa de desejo. Ele se apresenta através dos primeiros objetos: voz, olhar , excrementos, seio, ou pode se apresentar por um traço: um sorriso, um olhar, um gesto. Esse traço sôa como o anúncio de um ser.

Em nossa sociedade , o que seduz a um homem , não é simétrico ao que seduz uma mulher. A mulher é seduzida por algum traço simbólico , que funciona como promessa de simbolização , daquilo que não conseguiu simbolizar, para assim sair um pouco desse "excesso de gozo" no qual se encontra, por "falta de simbolização".

Segundo a autora ,os ditos homens se deixam seduzir pelos traços marcados no corpo: a beleza, que é enxergada como tal, depois de um processo de sublimação dos genitais femininos, deslocando-se os atrativos dos mesmos, para o corpo como um todo. As ditas mulheres , se deixam seduzir por homens que apresentem um traço simbólico: a capacidade de sedução.

Boons, sustenta que o que seduz a mulher é a :

"possibilidade de descobrir um outro gozo que aquele que ela pode experimentar sózinha, e isto paralelamente ao fato que ela deseja eventualmente ter filhos deste homem. Mas, como todo simbólico , este traço é uma capacidade. Poder-se -ia , em primeira análise, dizer que sendo atraída por tal homem , uma mulher espera sempre um acesso à ordem simbólica que lhe faltou. Não faltam homens seduzidos por essa idéia de poder: abrir a uma mulher as portas do simbólico e da sublimação."(Boons,1987, 102).

O que interessa à mulher nesse homem é o fato, de ele ser um homem para mulheres, um homem que deseja as mulheres, sendo ou não sendo fiel com ela. A coisa se reduz ao seguinte : esse homem tem capacidade simbólica que lhe faz capaz de seduzir. As outras mulheres estão aí como rivais, como potenciais inimigas, mas continuam a ser necessárias, para definir o ser desse homem: seu ser e sua preferência.

Mas na verdade estas características para se deixar seduzir , não estão divididas de acordo ao sexo anatômico , como já discutimos, mas segundo a estrutura de cada um.

Para o homem, a promessa se coloca no nível de algum traço no corpo que lembre uma completude do gozo perdido, alguma coisa que substitua o significante falo . A mulher se reveste , para o homem, de uma aparência fêlica. A mulher adorna o "objeto a", a mulher o representa.

Pensamos que o que seduz atualmente num homem ou numa mulher , tem mudado. Observamos que a inteligência da mulher , tem se convertido em mais um elemento que seduz o dito homem. Além disso , se antigamente, a família da noiva dava uma dote para o noivo, atualmente, a mulher tem que possuir suas posses ou capacidade para produzi-las. Da mesma forma , o que seduz num homem , pode ser não apenas a sua inteligência e capacidade de lidar racionalmente com a realidade , mas também a sua sensibilidade e beleza. Não é incomum , encontrar uma mulher que se refira a um homem por suas qualidades de beleza, como no elogioso : "que pernas que tem esse homem", e inclusive a expressão "Que gato!", seria uma extensão de expressão gata, e suas virtudes estéticas.

5.3.4.0 namoro tradicional no Brasil.

No Brasil , existiu o chamado namoro tradicional do século XIX até meados do século XX .(Azevedo, 1984). As mulheres eram divididas em "sanctas" e "non sanctas"; enquanto em relação aos homens não existia essa distinção. O que surgiu no Brasil no século XIX, é o chamado "namoro tradicional", que incorporava o amor ao casamento, mas sem abandonar uma série de rígidas regras, de comportamento amoroso, segundo Azevedo.

"O namoro é uma etapa preparatória para o o noivado e por último para o casamento, e uma fase de estudo e descoberta mútua para a união conjugal"(Azevedo, 1984, 240). Tende abstratamente a encaminhar e facilitar escolhas probatórias de futuros cônjuges e conduz a seleções adequadas, além de evitar a promiscuidade sexual no futuro , fixando a afetividade em parceiros únicos , habituando-os aos costumes do casamento e da paternidade. Segundo o autor , o namoro tradicional era regrado por uma série de fases e sequências conduzidas por princípios específicos, que incluem normas e regras que dizem respeito `a identidade dos participantes da dupla e `a legitimidade de tal associação. Antigamente , existiam então , regras específicas que tinham um sentido único e que estavam destinadas a retardar o ato sexual, isto é , e demorá-lo.

No "namoro tradicional", transcorrem semanas entre a primeira troca de olhares e o primeiro encontro. A detenção no olhar possui um valor erótico, de suspensão do desejo, de demorar o ato sexual. Está relacionado com a pulsão escópica , com a visão, atividade derivada do tato, segundo Freud.

"As impressões visuais continuam a ser o caminho mais frequente ao longo do qual a excitação libidinosa é despertada; com efeito, a seleção natural conta com a acessibilidade deste caminho (se é permissível tal forma teleológica de afirmação) quando ela

encoraja o desenvolvimento da beleza no objeto sexual. O esconder progressivo do corpo que acompanha a civilização mantém desperta a curiosidade sexual. Esta curiosidade busca completar o objeto sexual revelando suas partes ocultas. Pode, contudo, ser desviado ('sublimado') na direção da arte, se seu interesse puder ser descolocado dos órgãos genitais para um todo. "(Freud, "tres Ensaios ...", 1905, 158). Acréscimo em pé de página: "Não tenho dúvida de que o conceito de 'bela' tem suas raízes na excitação sexual e que seu significado original era 'sexualmente estimulante'." (O editor acrescenta que a palavra alemã 'Reiz', é usada tecnicamente como 'estímulo', e em uso corrente, como o 'charm', 'attraction', 'encanto', ou 'atração').

O primeiro encontro e subseqüentes, eram observados e controlados por um terceiro, o que presuppõe, por um lado, que o desejo era tão grande que precisava ser proibido, por outro lado, podemos dizer que este terceiro funcionava como um elemento de surgimento e manutenção do desejo, já que impedia sua consumação. Além disto, esta pessoa presenciava o momento de sedução, , do fato, que eles se olharem e serem olhados o que constitui mais um elemento dessa erótica tradicional, tão cercada de técnicas eróticas proporcionadas pela sociedade.

A mulher chegava virgem ao casamento, conservando por conseguinte, todo o valor de objeto sagrado e proibido que o tabú possui.

A declaração de amor às vezes precedia o primeiro abordagem, às vezes sobrevinha depois de alguns encontros. Na imensa maioria dos casos era um gesto masculino. Quando o namorado ficava conhecido da família da mulher, a relação assumia o caráter de compromisso. Freud considera que a origem do galantério, se encontra no sadismo, que desta forma adquire um sentido erótico.

"A sexualidade da maioria dos seres humanos masculinos contém um elemento de agressividade -um desejo de subjugar; sua importância biológica parece situar-se na necessidade de vencer a resistência do objeto sexual por meios diversos do processo de galanteio. Assim , o sadismo corresponderia a um componente agressivo da pulsão sexual que se tornou independente e exagerado e, por deslocamento, usurpou a posição de liderança."(Freud, 1905, 159-60).

A assimetria existente era encoberta com a galanteria, com a proteção, como compromisso da relação. Dessa forma, o jogo transcorria de maneira mais pacífica e previsível. E também mais acomodada e sem riscos.

Consideramos que esta erótica estaria regida por uma ética do caráter, do tipo aristotélico, com formas estéticas esterotipadas. Tanto homem quanto mulher seguindo passos predeterminados, que dariam respostas sabidas com antecedência. O jogo estaria relativamente fixado. É um jogo de cartas marcadas.

5.3.5. Namoro dos anos 60.

Há pouca bibliografia ao respeito bibliografia ao respeito, mas consideramos que se caracterizou por uma trégua entre o homem e a mulher, e um pacto de suposta igualdade de direitos e deveres. Foi uma época, sem dúvida interessante. Foi um momento de grandes descobertas. O homem e a mulher se sentiram soltos na sua liberdade sexual e de desejos. A sexualidade perdeu o caráter de proibitividade e se tornou permitida. Cairam todos os tabús por terra: a virgindade da mulher, o galanteio do homem, a divisão das correntes de sensualidade e da ternura, a monogamia, os dois tipos de mulheres, o casamento, o registros do casamento, etc.

Foi uma verdadeira revolução de valores, sem dúvida muito enriquecedora. Foi a época da ética da honestidade, da lealdade, da fidelidade, do amor na relação, do companheirismo, isto é do compartilhar.

Toda esta mudança subversiva de valores, em espaços de tempo fugazes, produziu uma reação `a qual nos referiremos, logo mais.

5.3.6.0 cortejo dos dias de hoje : a cantada dos anos 80.

Pareceria que a liberdade sexual dos anos 60, inaugurou uma era "igualitária" entre o homem e a mulher, impossível de ser levada a cabo, pelo menos em muitos sentidos, produzindo-se se uma reação violenta a esse igualitarismo. A corda se esticou ao extremo, produzindo, ou o esvaimento do desejo, ou uma ruptura pela intensidade das exigências: tudo tinha que passar pelo outro. O outro virou, parceiro e lei. O outro virou o Outro. E a transgressão se coloca em relação ao outro, com a quebra da relação ou com o desinterêsse.

Atualmente, ao não existirem regras rígidas, o início da relação fica solto, por conta dos desejos dos parceiros. Neste caso a lei, passa pela instância do ideal do eu que é a que controla a erótica de cada um. É por meio desta instância que se veiculam as exigências da sociedade.

No Brasil a liberdade sexual, parece ter entrado, pelo menos no que diz respeito aos homens, com 'o sabor da primavera do instinto' como diz Almeida, e com todas as discriminações próprias do machismo.

O "Dicionário de Termos eróticos" de Almeida de 1981, representante ao menos, de algumas correntes de pensamento sem dúvida reacionárias, destaca a existência de dois tipos de mulheres de acordo ao fato de se entregarem ou não sexualmente:

1) assanhada, azeiteira, azeitada, bandida, caridosa, galinha, gata, gatinha, moça falada, moça livre, moça sapeca, moça dadeira, oferecida, singaita, vaca: mulher que se entrega sexualmente sem chegar a ser prostituta.

2) durona, guria, namorada, ou noiva: é aquela que namora sem se entregar sexualmente.

Como veremos nas falas dos entrevistados, os termos depreciativos, continuam sendo utilizados para as mulheres que assumiram a liberdade sexual, apesar de todas as revoluções e declarações voluntariosas de igualdade.

Conhecemos o sucesso que os quadrinhos eróticos de Carlos Zéfiro, as famosas "revistinhas de sacanagem" fizeram nos anos 50 e 60, entre o público exclusivamente masculino, o que nos diz respeito ao machismo reinante por estas regiões. Através delas "ocorreu a iniciação sexual de praticamente três gerações" (d'Assunção, "O quadrinho erótico de Carlos Zéfiro", 1983, 11). Estas revistas pornográficas foram usadas pelos homens para aprender a abordar as mulheres que agora gozavam de liberdade sexual. As revistinhas são de corte machista, o homem conquistando mulheres, o que lhe faz sentir-se poderoso. A ideologia do companheirismo, que ocorria pouco depois, passou longe do autor destas.

A fase de aproximação entre os parceiros é denominada no Brasil com nova terminologia. No dicionário de termos eróticos já citado, Almeida utiliza os termos aceirar, assediar, arrastar a asa, cortejar, enamorar, fazer a corte, como sinônimos, de "tomar chegada a uma moça para namorá-la". Observemos que se refere a uma moça.

Ao lado destes termos discute outros como cantar: "fazer propostas amorosas"; cantadas: "proposta para fins libidinosos, independente de namoro ou de relacionamento social"; dar uma cantada: "fazer proposta libidínosa a uma mulher. A recíproca pode ser verdadeira"; paquerar: "fazer a corte, aproximar-

se de uma mulher para fazer esfregação"; paquerador: "indivíduo que encosta numa mulher para fins libidinosos"; levar cantada: "receber proposta indecorosa"; fazer programa: "marcar encontros amorosos".

Neste caso as propostas são sempre feitas a uma mulher e inclusive é ela mesma quem as leva adiante.

O autor faz uma clara distinção entre as formas de fazer o namoro `a antiga e e as outras formas que se dão a partir da liberação feminina. Ele , como bom moralista define a revolução do sexo como "a insurreição da juventude em relação ao passado", ou como "a perturbação moral dos dias que correm".

Desde nosso ponto de vista , estas formas mais livres estão cada vez mais levadas pelos desejos de cada sujeito e daí a multiplicidade de formas estéticas que se apresentam. Trata-se de uma ética do desejo.

Segundo Freud , a agressividade masculina , para conquistar o objeto sexual, pode se traduzir ou por meio do galanteio (em que há um processo de sublimação) ou por meio de atitudes ativas violentas , ou ainda , por meio de maus tratos e humilhações em relação ao objeto sexual. Neste caso Freud fala de perversão. Atualmente, como a mulher assumiu mais seu lado masculino, é possível ver que tanto o homem quanto a mulher assumem as primeiras iniciativas nos contatos amorosos, que `as vezes tem um certo grau de agressividade. Da mesma forma , é possível encontrar mulheres tomando atitudes perversas na sedução com os homens.

Consideramos oportuno o artigo de Boons,(1987), por ser este tipo de sedução , bem comum em nosso meio, a partir da liberação sexual da mulher. A liberdade sexual e a intromissão cada vez menor da comunidade nessas questões de amor, gera possibilidades de se expressar uma série desejos que antigamente ficavam ocultos nos comportamentos regrados. A ética do desejo que consideramos

que é a vigente atualmente, permite que se produzam todo tipo de formas de expressão dos desejos inconscientes dos parceiros. Cada um faz seu jogo. É um jogo no qual não se sabe o resultado com antecipação. Cada parceiro joga de acordo com suas forças, isto é com seu poder sedutor espontâneo e com seu poder de sedução mais consciente, produto da experiência ou de sua estrutura psíquica. Ninguém estará aí para intermediar. A Lei é estabelecida entre os jogadores; claro que dentro de regras sociais que estão implícitas, no sentido de estarem permitindo a transgressão, mesmo aparentemente omissas.

Nas entrevistas poderemos constatar parte disto, apesar de que o material que nos guia em nossas apreciações provém principalmente da clínica.

Na sedução perversa, o sedutor se utiliza de algum poder sedutor que possui. O poder se dá a nível da beleza, do prestígio social, econômico ou intelectual. A estratégia sedutora tem como objetivo que o outro confesse, declare seu amor. O outro então se faz dono do poder na relação, a nível imaginário. Existe segundo Boons uma fidelidade do sedutor perverso, que é cínica e que consiste em ver se a vítima continua ainda seduzida e se poderia ainda seduzi-la. É o que lhe dá sua certeza de existir, já que remete aos primórdios da relação mãe-bebê.

Este tipo de sedução que é fundamentalmente masculina, consideramos que poderia ser entendida da seguinte forma. No outro, isto é, na mulher, o homem repete a operação de castração pela qual ele passou, que é a forma que tem de elaborar a própria perda. Ele se apresenta como portador de amor e de lei, a nível imaginário, impondo nas vítimas, predominantemente inocentes, uma falta imaginária. As vítimas, ao se prestarem a este jogo se perderiam como sujeitos, alienando seu desejo ao dele. O sedutor perverso existe ao conseguir que o outro se perca como sujeito. Trata-se de uma relação de rivalidade, aonde para que o sujeito (sedutor) viva, deve matar, destruir a

Coisa, que se lhe faz presente através da mulher. Isto, se apresenta invertido, no caso da mulher levar o jogo adiante. É o caso da mulher histérica, que procura o homem com poder, (imaginário), ao qual "castra", depois de tê-lo seduzido. A diferença entre uma mulher histérica e uma que não o é, segundo Boons, reside em que a primeira procura um homem que possua poder para depois castrá-lo, não aceitando a assimetria essencial imaginária entre o homem e a mulher.

A outra, interessada no gozo fálico, abre mão do gozo excedente, arriscando ele para ser a mulher de um homem.

Toda sedução, mesmo aquela que vai desembocar numa relação de amor, possui características perversas polimorfos, próprias da fase na qual surge a primeira sedução.

A nível do imaginário, que é por onde responde o social -o imaginário social-, não existe igualdade em termos de capacidade de negociação. Neste nível, a anatomia é ainda muito presente. O homem sabe que ele tem a oferecer uma coisa para a mulher, que só ele possui a nível imaginário: o prestígio social, originado no mundo patriarcal aonde está inserido. Mas não o pode dizer. Não pode falar dessa diferença que a nível do imaginário social vigora ainda. Se falasse, perderia pontos e a possibilidade de usar esse poder que tem entre as mãos e do qual faz uso apenas na hora precisa. Vem então a reger um código cínico. O código cínico, entendemos, está ligado à Verleugnung. O homem, mesmo no caso em que a mulher quer se relacionar com ele para conhecê-lo, porque lhe interessou, faz como se ela estivesse aí para "participar de uma brincadeira de fim de noite"(vide entrevistas) como ele próprio. Faz com que a mulher acredite que ele está na dela, ou seja, que o homem quer se relacionar com ela para conhecê-la melhor. Isto que descrevemos no homem pode ser

realizado pela mulher. A mulher, mesmo trazendo projetos casamenteiros em mente, (vide entrevistas mais adiante), o negam, não abrindo o jogo. Atualmente, em que a assimetria continua a existir, mas que se faz de conta que não existe, o que encontramos na clínica, muitas vezes, é que, pelo mecanismo da Verleugnung, se simula que a assimetria social não existe, que a diferença não existe. No dicionário Laplanche e Pontalis, é esclarecido que uma das particularidades do processo consiste, em que não conduz à formação de compromisso entre as duas atitudes presentes, mas que as mantém simultaneamente, sem que se estabeleça entre elas uma relação dialética: "Eu sei da castração, mas mesmo assim...", mecanismo específico da perversão. Frente a certo tipo de percepções de realidade provinda do mundo exterior, o indivíduo a nega (leugnung). No fetichista, por exemplo, coexistem duas posições irreconciliáveis.

"Por um lado, com o auxílio de certos mecanismos, rejeita a realidade e recusa-se a aceitar qualquer proibição; pelo outro, no mesmo alento, reconhece o perigo da realidade, assume o medo desse perigo como um sintoma patológico e subsequentemente tenta desfazer-se do medo... Mas tudo tem de ser pago de uma maneira ou de outra, e esse sucesso é alcançado ao preço de uma fenda do ego, a qual nunca se cura, mas aumenta à medida que o tempo passa. As duas reações contrárias ao conflito persistem como ponto central de uma divisão (splitting) do ego." (Freud, "A divisão do ego...", 1940, 309-10).

Esta atitude que Freud descreve como indo da rejeição ao reconhecimento, é qualificada como uma forma astuta de lidar com a realidade.

É uma estrutura frágil e instável, e é isto que lhe confere seu valor. Assim que o sujeito se aproxima do gozo a um extremo, se produz para ele a reversão

do valor deste gozo. Para o sujeito que utiliza esse mecanismo, não há uma Lei que impeça o acesso ao gozo mais radicalmente. Assim ocorre, nos casos em que se vencem as barreiras de horror, de pudor, de vergonha, de nojo, de dôr, enfim de moralidade, como é também no caso de se escolherem objetos de amor desprezíveis com os quais possa se canalizar a corrente sensual livremente sem o perigo de que lembre os objetos primordiais de amor. Estes objetos são desprezados por se submeterem às condições sexuais perversas exigidas na maior parte dos casos por esses sujeitos. Freud nos diz ao respeito:

"As pessoas nas quais não houve a confluência apropriada das correntes afetiva e sensual geralmente não demonstram muito refinamento nas suas formas de comportamento amoroso; elas retiveram suas finalidades sexuais perversas, cuja não realização é sentida como uma grave perda de prazer e cuja realização, por outro lado, só parece possível com um objeto sexual depreciado e desprezado."(Freud, 1912, 167).

No amor tesão, erótico, muitas vezes encontramos este tipo de intersubjetividade funcionando, com tudo que tem de sofrido e de interessante

É o nível imaginário, que domina o campo ideológico: o homem tem (falo) e a mulher não tem (falo). Por conseguinte quando se produz o ato sexual, o homem tem um poder que a mulher não tem e o ato sexual pode se transformar no cenário onde se medem forças, onde o poder está à ordem do dia. No caso da sociedade atual, com os valores introduzidos de amor livre e igualdade sexual, não podemos nos ater apenas a dar uma explicação como a anterior. Trata-se de entender a questão a nível do psiquismo e a nível ideológico, já que é

impossível , fazer de conta que este nível simplesmente não existe, como lembra Lacan no Seminário 7.

Isto produz um "malentendido ", já que o homem se coloca como quem aceita o jogo com esta nova parceira. Em realidade , deixa a mulher jogando sózinha num jogo especular .

Não é difícil encontrar uma mulher cheia de ideais de companheirismo e de casamento, se deixar seduzir por um libertino , no sentido da sedução perversa que antes discutimos. Esta mulher , pretende que o homem se torne igual a ela; ela quer mudar o homem no sentido de que aceite as suas ilusões, segundo padrões vigentes do que seria uma mulher. Isto seria , desde a visão do homem uma "sacanagem" , na linguagem comum, que aparece nas entrevistas. O homem por sua vez , longe de querer abrir mão de seus direitos durante anos adquiridos, prega uma peça na mulher , brinca com ela , fazendo de conta que acredita nos mesmos valores que ela , para possuí-la física e mentalmente, o que no seu psiquismo lhe daria mais valor , mais potência , já que a mulher, não passaria de um objeto, de um falo. Ele estaria sendo "sacana" com ela. A mulher também toma este tipo de atitudes, quando o a divisão entre as correntes sensual e de ternura aumenta.

O 'carpe diem' e a promiscuidade sexual decorrente dos novos ares de liberdade contemporâneos , em última instância , seriam mais aceitos para os ditos homens , o que não quer dizer que as mulheres não a exerçam com todas as conseqüências em que isto implica, positivas e negativas, entrando também de cabeça na Verleugnung.

No jogo da adivinhação é importante que se levem em consideração as diferenças, para assim poder adivinhar as intenções do outro e não cair na armadilha do gozo do outro. Em última instância podemos pensar que quem cai na armadilha é porque está desejando cair , ser enganado, até para aprender a

simbolizar. Não aprendeu pelos caminhos históricos, aprenderia masoquisticamente na "porrada". O sedutor por sua vez estaria levando a cabo a sua elaboração da perda, se utilizando do outro, sádicamente.

Desde o ponto de vista da análise da erótica , o desejo é levado às últimas consequências, regido pela ética do desejo.

Na realidade o homem teria intenções de conquista , guiadas pelo imaginário social , em que conquistar mulheres é equivalente a ter poder .

A mulher , em verdade , também impulsionada pelo imaginário social , aonde ela se sente um ser na vitrine até ser escolhida por um homem , vai se relacionar com o homem , com um projeto na cabeça , de ser assumida por ele afim de poder entrar na estrutura social com o único ingresso que lhe seria permitido : a relação com um homem. Ela ainda se abriga nas ilusões do amor.

Podemos apreciar nas entrevistas , como se dá o jogo de sedução atualmente e como se sentem os ditos homens e as ditas mulheres , desde seu discurso, em geral preso ao imaginário social.

No jogo de sedução , muitas vezes as mulheres se sentem enxergadas apenas como objetos , para o homem. Para o homem , elas não passariam de ser objetos que engrandecem o ego, conquistadas por um jogo de sedução, que nós poderíamos considerar como perverso:

M2-"Agóra existe todo um jogo de sedução dos homens , que aliás é um processo sofisticado , e quanto mais inteligente, culto e dono do poder na nossa sociedade é o cara , mais ele entra em filigranas desse jogo de sedução, e quanto mais preparada e distante do objeto sexual puro e simples, tipo Marilyn Monroe , a pessoa é , mais atrai o cara para esse tipo de jogo. As mulheres muito bonitas e inteligentes , são muito assediadas por esse tipo de competição gratuita dos homens. São um tipo de troféu. Caiu de moda realmente o tipo

loura burra, então o cara não pode apresentar uma mulher muito bonita e burra. O interessante para o cara, é usar como marionete um montão..

M3- Acrescenta ao ego.

M2- Acrescenta ao ego...Quer dizer aquela conquista barata não vale mais. O cara tem que conquistar a dama preparada. O cara tem que ter um conjunto de damas, um four , no mínimo, todas de ouro, entendeu? Não está interessando a dama, se ela é de copas. Aliás , em princípio , seria melhor se elas fossem de espadas...

H1- Ou de paus...

M2- Ou de paus...eu ia chegar lá , mas o efeito é de ouros [risos masculinos e femininos]. Para você reverter em ouros , você tem que ...Agóra as copas que se danem. O que está acontecendo com elas e com os projetos delas está importando muito pouco."

As mulheres se sentem olhadas ainda sem respeito pelos homens.Mesmo tendo havido uma transformação total de valores, nos fatos as coisas se desenrolam de outra forma. Os homens ainda não saberiam lidar com as mulheres com respeito , como num encontro de dois seres com os mesmos direitos. A educação deles não está ajudando. E para as mulheres , é muito difícil pensar que os avanços , não passaram de uma certa ilusão:

M8-.....Agora , eu tenho notado uma dificuldade maior nos homens do que nas mulheres , o que não quer dizer que só aconteça com eles, mas é maior neles; nisso de ter uma relação de respeito com as mulheres. Porque a nossa cultura apresenta as mulheres como seres inferiores e indignas de respeito, de um lado, e de outra vez , quando se sentem numa relação de respeito com uma mulher não sabem o que fazer, porque transaram com cabras , com cachorros , galinhas ,

etc. muito mais do que as mulheres ou com putas , etc. Então quando se tem uma relação com amor , sexo e respeito , ao mesmo tempo se esquizofreniza, não sabem se estão lidando com a puta ou com a santa. E eu acho que está havendo um problema sério na nossa geração que idealizou... E nós estamos com uma dificuldade muito grande de obter projetos a partir dessa situação. As mulheres não estão abdicando do seu respeito; elas não são mais o cachorro na história. Na verdade, na geração de nossas mães muitas foram o cachorro a vida inteira , até que não serviram para mais nada e aí não foram mais nem cachorro, foram abaixo do cachorro. Essa idéia da mulher de classe média que já divide o poder com o homem, e que nós fizemos a burrice de acreditar...Nós não vamos sofrer como as nossas mães , porque nós não vamos ser cachorros. Nós não vamos ser dominadas. Eis o mundo nos oferecendo uma série de oportunidades e se nós formos independentes e criarmos nosso próprio mundo , nós não sofreremos o que nossas mães e tias sofreram. Não é verdade. Nós temos um outro tipo de sofrimento que é a incompatibilidade com o código masculino que nós não conseguimos...

M10- A proposta de sociedade vai numa coisa assim de respeito...Mas acontece que o homem aceita essa sociedade se ele for o sócio majoritário.

M8- Há o problema da linguagem e o problema do código não verbal.

M9-Talvez os homens não saibam o que fica bem às mulheres e viceversa.

H7-Essa tua ansiedade em conhecer o código masculino , eu acho que também é dos homens em conhecer o código feminino.

M6-Mas o que pega e o que não pega eu acho do geral, não é o individual, não.

É o que ...o que está me doendo não é a minha dor específica ; é a dor de muita gente próxima de mim ; é esse desentendimento geral..."

Do lado dos ditos homens, também, podemos observar, um sentimento de se sentirem usados pelas mulheres que estariam, por exemplo, procurando um homem com uma posição social, um homem com poder. As mulheres presas no imaginário social, procurariam ainda, apesar de todos os direitos conquistados, um homem que as potencialize, que as integre no circuito social. Os homens denunciam o fato das mulheres continuarem a vê-los como donos do poder. Propõem estudar a questão da importância da dialética do poder dentro da relação, "quem se põe por cima e quem se põe por baixo":

H3- "As mulheres mais velhas são de um modo geral, muito fáticas, no seguinte sentido: Já se desiludiram dos seus 20 anos - que vão encontrar nos homens "Aquele" cara; já passaram por um casamento, na maioria das vezes já tiveram filhos, e temem muito que você não se declare aquele homem, que elas, que eles..... Já tem uma independência econômica, mas não aceitam o cara que ainda não tem a sua independência econômica, que não é forte, pararararaá... enfim, tem que relativizar isso tudo. Jogam de novo quase que para uma posição social, que você vai buscar com essa experiência que você teve...enfim, alguém. Por isso que eu acho que você falou antes aí, da dialética da relação, eu acho importante. Quer dizer, quem se põe por baixo, quem se põe por cima. Agora eu acho que existe um medo muito grande e que é mútuo."

O homem, também se sente sacaneado, desrespeitado, não reconhecido em seus desejos, por mulheres que querem enredá-lo em projetos casamenteiros. Isto é, tanto o homem como a mulher se encontrariam na etapa da rivalidade, onde há um predomínio do imaginário.

H8-"O problema é que eu não fui convidado, não fui participado, não soube de antemão qual era o projeto daquela moça. Isso acontece muito frequentemente comigo, com essas moças casamenteiras que andam por aí soltas pela rua. De repente eu me vejo enredado, como você falou e digo -não, eu estou na vida e eventualmente pode surgir...Mas não, essa moça antes de mim namorou o H6 e tentou enfiá-lo no mesmo projeto; ela namorou o H5 e idem. Então é uma mulher que não me vê, nem ao H5, nem ao H6. Ela vê um buraco lá dela, onde enfiou o H5, o H6 e, agora, quer enfiar a mim. Então aqui ó - banana para essa mulher! Eu quero um projeto original.

M8-Du melhor, um projeto que seja possível entre vocês dois. Aí eu concordo com você, eu acho que isso deve ser muito desagradável, sim.

H5-Um projeto que tem muito de adolescente.

H8- O projeto não tem nada a ver com a relação amorosa. É uma coisa muito adolescente."

Tanto do lado das mulheres, como dos homens, é possível detectar a consciencia do medo mútuo, e dos códigos diferentes, do homem e da mulher. Isto nos parece interessante, já que significa uma consciencia maior frente à questão das diferenças entre os dois gêneros. Freud descrevia --baseado no homem e na mulher de sua época--o horror à diferença sexual. Levantavam-se barreiras mútuas de distanciamento entre si, utilizando-se tabús, regras de evitação, idealizações que impediam a aproximação e outras técnicas eróticas próprias de aquela época.

Agora, o ser humano tem mais consciencia das diferenças e do "medo", que elas lhe produzem. Frente a este fato, as coisas se conversam, mas a técnica erótica não passa tanto pelo distanciamento inicial, mas pelo enfrentamento verbal, ou corporal. Os encontros são até fugidios, mas sempre intensos. O

encontro com o inimigo, se realiza. Poderíamos exemplificar a estética contemporânea de uma conquista, numa situação do gênero por exemplo: um recado na secretária eletrônica marcando um encontro numa festa, o consequente encontro; uma dança frenética, uma "transa" sexual rápida e intensa e um posterior "se eu te vejo, não te reconheço". É uma estética fugaz e intensa, próxima da tragédia e do crime. Próxima do mal que habita o próximo e o próprio sujeito. É uma erótica regida pela ética do desejo inconsciente, que impulsiona para esse centro danoso, essa falta que nos faz sofrer do mal-estar. Se na erótica do amor cortês, a tentativa era de transformar o "dano", na "dama", na erótica contemporânea, a tentativa é de levar o "dano" ao extremo, entrando-se em contato com o masoquismo moral, e logo depois tomando distâncias temporais, geográficas, psíquicas ou sexuais. Estas distâncias, depois de uma aproximação intensa, constituem, o que consideramos as técnicas eróticas contemporâneas, e que desenham uma estética.

5.4 O relacionamento.

5.4.1. O companheirismo dos anos 60.

A revolução sexual da mulher, consequência de sua inserção no mercado de trabalho, tem aberto caminhos, no sentido de uma não normatividade da sexualidade. A mesma põs em questão a monogamia -- principalmente da mulher --, a importância da reprodução na vida da mulher e até do casal, a importância da família e a co-habitação. A revolução da sexualidade da mulher, tem questionado os valores dos homens e os relacionamentos amorosos, que incluem a ambos.

Os homens não podem mais dividir, pelo menos a nível racional, as mulheres em virgens ou casamenteiras por um lado e não santas por outro.

O companheirismo surge , construído mais pelas expectativas e ansíeos da mulher, do que do homem. então , como consequência dessa nova igualdade.

O companheirismo, dos anos 60 consistiu num desejo intenso de compartilhar entre o homem e a mulher.

Este desejo se traduziu em lealdade , isto é o fato de dar a palavra ao outro em relação `a tudo. A expressão de sentimentos , faz parte desse momento histórico. A fidelidade sexual , também é de grande importância, mas mais preeminente ainda é a lealdade.O companheirismo , inclui também a divisão de tarefas domésticas, de amigos , de recursos econômicos, de criação de filhos. Um estilo americano, por assim dizer , aonde não existe o recurso ao serviço doméstico. Como todo modelo importado não podia ter longa vida no Brasil, nem ser totalmente bem sucedido.

De qualquer forma ouvimos ainda as ressonâncias dessa forma já praticamente arquivada por estas terras. São testemunha de um tempo e a prova de ter se concretizado. Os dedobramentos são silenciosas, mas não inexistentes.

Nas entrevistas realizadas, a questão da fidelidade é colocada , como uma consequência da existência de amor:

M10 : "A fidelidade é uma consequência. "É a questão da não - necessidade de ser fiel, é a questão de estar ligado a alguém."

A fidelidade seria decorrência de estar amando alguém .Vemos que está presente neste comentário a ideologia do amor-paixão , dentro da relação.

E ainda :

H8: -"Eu conheço vários casais . Um deles , fechado, se orgulha da fidelidade, se ufana e faz propaganda disso."

M 8:-"Mas é o único que eu conheço. Você não pode pegar como exemplo."

M10:-" Os que eu conheço que tem esse tipo de relação também se orgulham"

MH6: "E quando eu estive fechado em termos de relação conjugal, eu era fechado e me orgulhava disso, e alardeava- eu sou um homem casado !

O que está sendo valorizado nestes comentários é o amor dentro do casamento e a fidelidade a nível de afetos e de sexualidade. No companheirismo, desde o ponto de vista erótico, a união entre as correntes de ternura e de sensualidade chegou ao extremo, com a idealização do amor-paixão e do amor-tesão e sua introdução no relacionamento. Por outro lado, pelo menos no Brasil, nem o homem nem a mulher estavam prontos, de um modo geral para manter as distâncias necessárias, - a lei- que permitisse dar continuidade à relação, desta forma. Os casais mantinham uma fidelidade de sentimentos, um segredo entre si, mas não necessariamente fidelidade sexual, em detrimento da duração da relação. No reveillon, descrito no livro "1968, o ano que não terminou", de Zuenir Ventura, aparece o denominado "casal moderno no olimpo carioca."

"Por moderno devia se entender a disposição para experiências existenciais que poderiam incluir casos e aventuras extraconjugais. Como todos os seguidores desta seita de vanguarda, que procurava com um comportamento novo subverter as bases do casamento burguês, a atriz e seu diretor haviam estabelecido um pacto que previa e preservava a autonomia de cada um. Os dois se davam o direito ao que a convenção chamava de infidelidade, desde que confessada, sem mentiras e segredos. A infidelidade não deveria suprimir a lealdade, mas não deveria também incluir a paixão.....Sem as noções de ciúme e de traição, valores considerados fetiches da moral burguesa, as relações amorosas ganhariam em consistência e solidez; se não ganhassem, era porque estavam baseadas em laços de convenção e preconceito, logo, não valiam a pena. Esta geração iria experimentar os limites não apenas na política, mas também no comportamento."(Ventura, 1988, 25).

Mas as coisas , por chegarem aos limites da paixão, comportamento próprio da intersubjetividade perversa chegou em muitos casos à violência e ruptura imediata. O gozo neste tipo de relacionamento está ligado a um aumento de pressão. Tudo é concentrado no objeto amoroso, até este se tornar uma bomba de tempo. Ao explodir , o "das Ding" , é atravessado, transgredido, e parte-se para uma Outra Coisa. Sem dúvida é uma erótica que leva as coisas ao extremo . A antítese da ética aristotélica. É a ética do desejo levada aos limites dos dois participantes , para depois ver onde se chegou e recolher os cacos da relação. A nível estético, nos deparamos com a estética fulgurante, multicolorida da tragédia : A atriz dançou com um forasteiro, "nem de rostos colados estavam. De repente ela avistou o marido vindo em sua direção. Estava transtornado. Sem dizer uma palavra, puxou-a pelo braço e desferiu-lhe uma bofetada-a mais sonora e indevida de uma noite que iria assistir a muitas outras".(Ventura, 1988,25).

5.4.2. Anos 80: A nova estética: A queda do companheirismo.

A ideologia de incorporação do amor-paixão ao casamento e sua extensão aos outros relacionamentos, levou à síntese das correntes de ternura e de sensualidade num objeto só. A energia para juntá-las, foi enorme. Como se se tratasse de juntar duas forças que se repelem. Claro que só seria possível a força. No momento em que se consegue o objetivo de uní-las, se produz uma reação de grande potência, de grande violência. A corda foi esticada ao extremo , até se partir. E desta vez , o corte foi radical. Houve uma revirada de valores de trezentos sessenta graus, num prazo curtíssimo de tempo: uma reversão do romanticismo do companheirismo entre o homem e a mulher ,para o

descompromisso, desengajamento total , em alguns casos chegando ao ceticismo e até cinismo mútuo entre eles.

A fidelidade de palavra (fides: palavra dada), isto é a lealdade e a fidelidade sexual perderam crédito. Cada um só acredita em si mesmo. Não mais no outro. O Outro , o terceiro está em cada um. Cada um está sózinho. Desde a sua solidão , é que procura companhia, e não compaheiros nem dependêntes. É desde a sua solidão , que procura se salvar. Como no apólogo dos tres prisioneiros que Lacan apresenta, no artigo de 1945 , o " Tempo lógico e a asserção de certeza antecipada _Um Novo Sofisma." nos Escritos, cada um se salva a si próprio , mesmo se apoiando nos outros.

Segundo Rougemont , hoje pouco importam a origem e a natureza do vínculo O que hoje conta, paradoxalmente para caracterizar uma relação como tal, socialmente frente `a ausência de provas legais, é a sua duração. Trata-se de uma vingança da continuidade, numa cultura onde o que se valoriza mais é o instante , a ruptura.

Segundo o autor, a chamada paixão fatal - é o álibi - no qual se refugiam os homens modernos , já que nem mesmo sabem ser 'fieis', pois já não tem por fim a transcendência. Esgotam sistematicamente todas as ilusões que lhe são oferecidas por diferentes objetivos, demasiado fáceis de atingir . O amor em lugar de levar `a morte, acaba na infidelidade e na separação.

Fazendo um paralelo com Tristão, ele diz que o Tristão moderno, segundo o autor, se inclina para o tipo do Don Juan, do homem dos amores sucessivos. O "carpe diem" , é o que vigora.

O homem moderno vive numa aventura , que para o autor , além de não ser exemplar, é degradante. Mas Don Juan Moderno não conhece nem Isolda , nem a paixão inacessível, nem passado , nem futuro , nem grandes sofrimentos

voluptuosos .Vive sempre para o imediato, não tem tempo de amar --de esperar e recordar-- e nada do que ele deseja lhe resiste pois ele não ama o que lhe resiste. (Rougemont, 1938,).

O culto do amor-paixão , para o autor ,se democratizou de tal maneira que perdeu até suas virtudes estéticas .Está se referindo `a produção estética de cartas, poesias , músicas românticas.

Para o homem moderno a felicidade estaria , ou na resignação isto é, o tédio, ou na paixão . Para o autor , "do romantismo ao maior cinismo, não há contradição profunda." (Rougemont, 214), pois ambas são uma fuga da realidade , uma forma de idealizá-la. Nos dois casos se trata de uma fuga a todo compromisso

Rougemont descreve uma situação se posicionando contra ela, e a favor de antigos tempos, que preservavam o casamento.

Lasch, que aborda também o assunto, considera a erótica contemporânea, também desde um ponto de vista crítico.

"Este culto da intimidade [entre homens e mulheres] , esconde uma crescente desesperança de encontrá-la. As relações pessoais desintegram-se sob o peso emocional com o qual são carregadas.A crescente incidência de divórcios , junto `a sempre presente possibilidade de que qualquer momento terminará em colapso, sóma-se `a instabilidade da vida faliliar e priva `a criança de uma medida de segurança emocional."(Lasch, 230, ano).

Este autor se refere ao cinismo, `a desvalorização da mulher que se entrega sexualmente, a desmitificação da sexualidade, `a evitação de compromissos, a separação entre sexo e sentimento, que "tornam amargas as relações pessoais, quando isto se torna repetitivo"(idem, 237). Ele denomina o tipo de

personalidade destes tempos como narcisista, baseando-se nos tipos libidinais que Freud propõe no "Mal-estar..."(1930).

Em todo caso, estes autores, nos parece estarem se referindo à morte do desejo, devido à falta de obstáculos que se dá na promiscuidade do homem moderno ou ainda, devido à união da paixão com o casamento. Tanto o homem como a mulher, estariam nessa trilha. O compromisso surge com o amor e o desejo de sujeição e de restrição de liberdades mútuas.

Se no casamento monogâmico e indissolúvel havia um terceiro externo, que testemunhava a consagração da união, atualmente esta fica restringida, de um modo geral à decisão dos dois interessados.

Já que não existe mais um sistema de coerções externas evidente, o casamento só pode basear-se em decisões individuais. Por outro lado o casamento tem como base uma idéia individual de felicidade, comum aos dois cônjuges. Se antigamente os vínculos amorosos precisavam de um terceiro para se sustenter, suporia-se que na medida em que foi internalizando-se a Lei, com o advento do individualismo, isto não seria mais necessário. Aparentemente não haveria lei nenhuma que regule as relações entre homens e mulheres. Viveríamos uma época de luta pela sobrevivência baseada na força, na época do pai da horda selvagem, por um lado. Por outro lado, é uma época em que cada um se rege ao ponto de não precisar de nenhuma Lei exterior. Não há a ilusão de encontrar o Outro nem nos tabús, que foram quase totalmente derrubados, nem em deus, nem no Outro sexo. O Outro só estaria dentro de cada um. O individualismo, é produto da queda das últimas ilusões, caminho este sugerido por Freud, ou melhor, anunciado por ele. Se nos anos 60, o Outro era colocado a nível do parceiro, como fonte de todas as alegrias e restrições, hoje o Outro é colocado dentro de cada um.

Esta internalização da lei, faz presente a intersubjetividade. A lei não aparece como vindo de fora , mas internalizada. O terceiro está sempre presente, mesmo nas relações onde o registro imaginário é o predominante. Se a erótica implica numa transgressão da Lei moral , atualmente , em que a lei está fundamentalmente internalizada, o desafio consiste em ultrapassar os próprios limites.

O que observamos é que nos atuais relacionamentos amorosos, existe um descompromisso em relação à relação, uma não insistência frente às dificuldades, uma não existência de leis externas que regulem os relacionamentos. O compromisso passa pelos desejos do indivíduo, a lei é ditada por ele, a lealdade e fidelidade são para com ele.

5.5. As técnicas eróticas contemporâneas.

Os ditos homens e as ditas mulheres procuram soluções , para sustentar seu desejo das mais variadas maneiras. Pode ser se vendo pouco, e não fazendo projetos futuros. Pode ser vivendo separados, vivendo na mesma casa com quartos separados, ou com camas separadas. Ou então vivendo juntos , mas separando o espaço psíquico, por exemplo, os âmbitos sociais de amizades, tentando manter uma certa privacidade. Quando a peça fixa é o amor-paixão com inclusão de lealdade e fidelidade podem optar por separações temporâneas , para depois das aventuras voltar a se juntar. Neste momento, no Brasil é melhor aceita a monogamia sem co-habitação que esta última técnica erótica de separações e voltas consecutivas. Nesta última, a ética do desejo vai até as últimas consequências de perder tudo e arriscar. É a procura de Outra Coisa , de uma coisa nova , da criatividade que se produz ao romper com a Coisa.

Em algum lugar tem que estar a válvula de escape, para a energia escoar. Dependendo da peça fixa e dos desejos de cada um, numa sociedade que se guia por uma erótica do desejo, os resultados vão ser infinitos. De um modo geral, a peça idealizada continua a ser o amor paixão. No caso de durar uma noite, a relação será de duração fugaz. Para preservar este amor, se tomam distâncias temporais geográficas e psíquicas. Se por um lado há o predomínio do registro do imaginário, por outro há um predomínio do simbólico, já que a relação amorosa é preservada do desgaste através de distâncias.

Quando nos tempos atuais a peça valorizada é a própria tendência pulsional, isto é o amor-sensual ou Eros, de modo geral, o espaço do indivíduo é também preservado em todos os terrenos. A paz de espírito, o silêncio, a necessidade de não ter dependêntes nem afetiva nem materialmente, a solidão, o fato de não ter projetos são valorizados. O que importa apenas, é se ter um tipo de relacionamento sexual necessário, guiando-se o mesmo pelo registro do simbólico. Mantém-se a distância, e as geografias, e divide-se o espaço sexual, para evitar que o amor-paixão possa vir a surgir. No caso, a relação seria como a de um casamento tradicional, onde não podem ser veiculados afetos, mas sim a sexualidade, e onde a paixão está controlada. Isto por exemplo o observamos em relacionamentos descompromissados. Ou no caso da poligamia assumida, tanto em homens como em mulheres. Há um predomínio do registro simbólico.

5.5.1. Desejo de duração da relação: Projetos.

A duração intencional de uma relação, revela de certa maneira, os desejos que nela se veiculam.

A duração no espaço temporal "objetivo" de um relacionamento amoroso, pode ser espontaneamente, curta ou longa do mesmo modo que a vida de um

indivíduo. Estamos nos referindo no entanto, aos desejos de um indivíduo ao começar uma relação. Aqui nos podemos questionar da seguinte maneira: de que desejos estamos falando? dos conscientes ou dos inconscientes? Pode se dar mais peso à duração dos desejos ou à duração "de fato." Abordemos a questão desde um ponto da evolução da erótica.

O que observamos é que atualmente é muito mais aceito o fato das relações serem transitórias. O que justificaria a duração, nos tempos atuais seria a paixão, mesmo em aqueles que se nos apresentam como mais cínicos, a voz de ordem é "arrebáte-me"! (nas entrevistas). Na ética do desejo o que vale é o que se passa a cada momento: O "carpe diem". Na fala dos entrevistados:

H5- "E quando eu estive fechado em termos de relação conjugal... Mas você quer que dure sempre, um tampão, até que a morte nos separe..."

M11- "...Eu gosto de dormir sózinha, hoje eu não consigo mais ter projetos com um homem. Ao contrário, muitas vezes eu encontro homens que estabelecem um contato comigo e daqui a pouco, quem tem o projeto é o homem, e eu não sabia de nada... e eu já estou me vendo sócia de uma coisa... Isso que você falou, acontece comigo..."

M5- Que seja infinita enquanto dure!

H4- Du simplesmente, entra numa relação sem pensar numa coisa dessas?

M6- Antes de eu casar, meu marido na época dizia assim: casar, é para a vida inteira. Eu, pensava diferente, que naquele momento tinha que ser tudo, mas não necessariamente para a vida toda. Exatamente o que ela falou, infinito, enquanto dure. O que eu sinto nos homens, é um pouco isso; eles não querem entrar intensamente, porque o medo deles é ficar preso para sempre e por completo.

M5- Eu entro numa relação e sinto quando é ou não é transitória.

M6-Mas são todas transitórias.

M5-Não.

M6- Na prática são.

H4-Todas as relações foram ou serão transitórias. Tanto quando ela se apresenta como um desejo de transitoriedade ou de eternidade . Na prática todas são transitórias ; o desejo é que é diferente.

M6-A relação que eu desejo eterna , não será eterna ...

H4-Eu acho que isso atrapalha as mulheres...

Coord.-Mas , a seu parecer , como os homens entram na relação? Acharão que vai ser eterna ou não?

H2-No meu segundo casamento , eu achei que ia ser eterno porque estava loucamente apaixonado. É por isso que eu disse que ia ser eterno; porque estava loucamente apaixonado. É por isso que eu disse quarenta minutos atrás que eu gostaria falar sobre amor : AMORI.

Aqui constatamos o valor que o amor-paixão tem ainda no imaginário social. É um ideal a ser alcançado, em muitos casos. A duração de uma relação vai depender deste fator. Em outros casos, os novos valores dos anos 80, estão presentes , e não se justificam projetos demorados em comum , de maneira alguma. De um modo geral , nos parece que a duração estaria ainda mais valorizada pelas mulheres, mas os homens também a valorizam no caso de paixão. As mulheres começam a querer desmitificar suas ilusões e a tentar lutar para superar o medo `a perda de amor.

5.5.2. Duração de fato da relação: Stabilitas. Separação.

O espaço temporal é o que permite que a relação apareça no tempo, sob uma determinada forma estética.

É o que acaba fazendo com que uma relação seja ou não reconhecida atualmente a nível social.

Nas entrevistas é possível detectar essa valoração da *stabilitas*, mas constataremos que relacionado à existência de família e filhos:

"M10-Como é que se coloca nesse sentido ,de projetos, esse casal? Você diz que são casados há quantos anos?

H8-Onze anos. O marido é intelectual e a mulher também . Tem dois filhos, não tem projeto de expansão de patrimônio. O projeto de vida é educar os filhos da melhor maneira possível e produzir cultura...E continuar se amando."

5.5.3 Distribuição do tempo com o parceiro.

As mulheres sentem que ainda não sabem preservar seu tempo, para elas mesmas. A primeira coisa que fazem é querer compartilhar o tempo com o companheiro. As mulheres estariam mais numa posição dos anos 60, enquanto os homens estão preservando seus espaços de todas as maneiras. As mulheres estão aprendendo a valorizar seus espaços de tempo para elas próprias. Vejamos nas entrevistas:

"M2-Existe de parte da gente(mulheres) , uma vontade de distribuir. O que eu vejo como uma tendência nessa faixa de mulheres à qual todas nós aqui pertencemos, é que nós estamos dispostas a distribuir o tempo e nem sempre os nossos eleitos companheiros que às vezes a gente elege , estão dispostos a distribuir.

M5-A gente precisa ver em perspectiva. Hoje já não é tanto assim; algumas mulheres, coisa recente, elas já procuram os seus espaços com a mesma força que os homens..

M1- O problema é inverso; a gente tem tanto espaço ocupado, que não tem tempo para as pessoas que a gente gosta . Morando separados...o que é que sobra para a pessoa que a gente gosta? É o que a gente faz em casa , ler o jornal, tomar café da manhã , discutir rapidinho o que é o dia e falar à noite o que houve. Eu tenho meu trabalho , meus amigos...

M5-Você pode evitar simbiose tanto morando junto , quanto morando separado. É a mesma retaguarda que você tem com a Aids --eu não transo com ninguém porque pode ter Aids.

M2- Antigamente era atestado ideológico; agora é atestado médico.

M5-Eu acho que a simbiose não tem nada a ver com morar junto ou separado. Acho que tem a ver com a necessidade das pessoas. Eu acho que você pode morar separadíssimo e ter problemas seríssimos de simbiose".

As pessoas estão desistindo de encontrar seu complemento, de procurar tudo que lhes falta no parceiro. Estão à procura de sua felicidade neles mesmos, e para isto precisam de seu tempo, para si próprios. A mulher por motivos históricos, tem mais dificuldade de se preservar:

"M2-Uma coisa é o projeto, outra coisa é a prática. Há casos em que você se relaciona com uma pessoa que te exige uma atitude complementar, em vez de uma atitude suplementar. Eu fui vítima disso num dos meus casamentos...é uma coisa extremamente desagradável.....aquela cobrança eterna de que a pessoa se insira em todos os seus momentos. Você não tem direito a uma vida social que não seja dividida com aquela pessoa, porque senão ela se sente ameaçada com o

companheiro. Então se você tem amigos que não pertencem a minha roda de conhecimento você não está me assumindo perante sua roda de amigos. É o que eu chamo da síndrome do carrapato. Eu durante muito tempo, não conseguia fazer nenhuma relação afetiva, porque eu tinha a impressão de que uma relação nova ia me fazer excluir todas as minhas relações de amizade. Ele não ia com a sua cara, então, você não podia mais ser a minha amiga, porque ele não podia ficar um momento de lazer sem mim.

H1 - Isso é neurótico.

M2- Se você vai fazer pesquisa dessas coisas em trabalho, por exemplo grandes companhias, festas de confraternização, vai ver que o problema é: se é para levar a mulher ou o marido ou se é para não levar.

H1- Mas porque que não é neurótico?

M2- É neurótico, mas é usual embora não seja normal, tá certo. É um comportamento neurótico extremamente frequente.

M3- Eu acho que essa é uma nova posição da mulher de querer o seu espaço. De realmente você querer ficar sózinha; de repente, você querer ter os seus companheiros, seus afetos, os seus amigos, independente. Coisa que até muito pouco tempo não existia. Tem uma frase de Maria Lúcia Dahl, que de vez em quando diz algumas coisas geniais, que diz --relação para mim vira referência. Qualquer relação vira referência, e isso até muito pouco tempo era, e até hoje, acho, uma relação não virar referência é exceção. As mulheres da minha geração por exemplo, tem uma tendência a ficarem disponíveis para o seu homem. Então, o homem que já vem com seus mandatos lá de trás, que tem seu espaço muito mais definido do que as mulheres sempre tiveram, continua com ele muito mais facilmente numa relação, do que as mulheres. Digamos que de um tempo para cá, um número maior adquiriu a noção desse espaço de ser humano integral, individual...Então é muito mais difícil para a mulher quando

começa uma relação, não ficar disponível. Há pouco tempo atrás uma amiga inteligente, culta, tem sua profissão, interessante, condição social excelente, começou uma relação e quando eu perguntei como estava, ela respondeu - sabe, eu me dei conta de que eu só consigo encontrar os meus amigos, no dia em que ele vai jogar futebol. E ele é que tinha mudado para a casa dela. E não é problema dele, é problema dela. Ele chega em casa e eu estou esperando que ele chegue em casa.

M2-Foi nisso que eu me perdi no meio da reflexão anterior e não soube completar. Nós estávamos falando de disponibilidade. Essa disponibilidade, ela sempre vem de longe. A mulher sempre teve mais disponibilidade para o homem, por razões culturais, do que o homem para a mulher, porque o homem se dividia. Essa coisa de ir para o trabalho...

M5-E também porque a mulher estava mais disponível, então ele não precisava se preocupar com isso. Quando ele queria, ela estava.

H3- Agora que mudou, que as mulheres tem suas próprias atividades, e que os homens não pertencem, por que a atitude não muda?

H4- Se as mulheres quisessem isso, eu acho que mudaria, porque eu acho que os homens respondem às demandas das mulheres também. Se um homem é apaixonado pela mulher e a mulher impõe certas coisas na relação, o cara aceita.

M3- As mulheres são muito devagar.

M2- Toda vez que eu exigi, o cara sumiu com medo.

H4-Mas também ela precisa de ter tempo para se relacionar com o cara. Eles precisam de tempo juntos. Também não tem nada a ver, você ter uma namorada e vê-la uma vez por semana porque nos outros dias você tem milhões de coisas para fazer, ou ver a pessoa só para dormir junto.

M5-Que é o que acontece muitas vezes."

Observamos que o grau de consciência que as pessoas têm atualmente do que significa em sua estrutura uma relação amorosa, é muito grande. Mesmo se tratando de pessoas não ligadas à área psi, os entrevistados demonstram ter uma "cultura" dessas questões, de maneira bastante profunda.

Com a exigência de que haja amor-Paixão e amor-Eros dentro da relação, é necessário pôr distâncias, nem que sejam temporais. Freud nos tinha anunciado estas técnicas eróticas a que o ser humano recorre quando a sociedade se torna liberal demais, afim de preservar os desejos, para não cair na decadência dos mesmos. A distribuição do tempo é o que regula a relação para esta não cair no desgosto ou no tédio, isto é, nem na reversão, nem na queda do desejo. A regulação dos tempos intencional, real, e de distribuição, de um modo geral são as que permitem a sobrevivência da relação; enquanto a paixão reina, que é a peça fixa. Enquanto a relação do tempo com a paixão, é evidente que o tempo da realidade externa não conta numa situação dessas. Conta a atemporalidade do processo primário própria do registro imaginário, em que a relação se encontra: a eternidade. Não há possibilidade de graduar os tempos, "de fazer morosos deleites" como diz Lacan. Há, sim, a fusão do amor, o sentimento oceânico, o sentir-se no paraíso. A erótica se veicula pelos caminhos da idealização do objeto, embelezando-o, e as barreiras que funcionam, para se afastar do gozo, são fundamentalmente estéticas, que cumprem sua função ética, como já sabemos.

5.5.4. Espaço físico. A questão da co-habitação.

Atualmente as pessoas se relacionam afetiva e /ou sexualmente, mas procuram não ter convivência, em muitos casos. Percebemos um projeto idealizado neste momento na sociedade que vivimos, que consiste em viver só.

É, provavelmente um dos aspectos estéticos da erótica que mais distingue os períodos anteriores deste. A partir do momento em que a família não tem mais tanto peso, a convivência não se faz tão importante. A não convivência evita o desgaste da relação. A pergunta atual é "vale ter relações de conjugalidade ou não vale?" Vejamos os discursos das pessoas em relação ao assunto.

H2-Você pode morar em casas separadas e fazer questão de saber o que está acontecendo do outro lado , e pode morar junto e não fazer questão.

M4-Mas , quando você quer amalgamar , tem uma retaguarda física.

M2-Aí está a retaguarda do Aids, é a mesma coisa .Você tem um cara certo para não pegar Aids.

M7-Você fica sem a relação , mas não transa com um cara que não queira prevenir-se, ou que não mostra atestado.

M6-Você disse assim: eu não quero fazer do corpo do meu companheiro , a minha reserva sanitária, mas você está fazendo isso com a questão de viver separados.

M2-Não entendi qual é a semelhança.

M6-Eu acho que é você estar colocando a segurança, no fato de morar separado. Eu acho que , dependendo do caso ,você pode ter mais simbiose , morando cada um na sua casa...

Uma pessoa que te ligue constantemente, isso para mim é uma simbiose. Você pode morar em casas separadas e acordar, pegar no telefone e ligar.-Bom dia , você está bem? Vai trabalhar bonitinho! Ou liga para o trabalho: como você está vestida? Mas que amor que você está , deve estar uma gracinha! E no final do dia , você já vai encontrar eNão , simbiose é um problema de cabeça e não tem nada ...Você pode morar junto e nem dizer nada...pode simplesmente ir, tomar seu banho ...ir trabalhar,etc.

....

M2- E não contente em ter me separado a primeira vez , casei uma segunda. Quando vi a televisão adentrar a minha casa , eu disse Estou casada! porque eu detesto televisão .E novamente me vi casada com o efeito polvo . A sensação que eu tenho , é aquele polvo em cima de mim. É claro , que quando o polvo sai, descola um pouco a pele...se sofre um pouco. Depois reconstitui...Agora se eu errar uma terceira vez , nem Jesus me perdoa. Eu acho que você faz concessões , quando você está acreditando na força daquele sentimento...Olha , no primeiro e no segundo caso , talvez se tivéssemos ficado morando separados , tivesse dado certo.

....

M1- (segundo esse raciocínio masculino...) Podia ser um puta mulherão , mas morando junto , já era pior do que outra pior , morando separado...

....

H1-.....aspirações não tem ? Como ela tem de casar , como eu tenho de não me casar. Na medida em que eu desenvolvo o projeto de uma relação que me traga felicidade , isso não inclui uma mulher que queira morar na minha casa, ou que me leve a morar na casa dela. Pode ser até , que ao longo da relação , isso venha a acontecer...mas em princípio me fará mais feliz uma mulher que ela more na casa dela e eu na minha. Agora , isso não exclui...

A gente não precisa ter que pensar numa mulher como a gente numa lista de supermercado. A gente sente a mulher, a gente acorda com ela mesmo estando numa outra casa. A gente dorme com ela , mesmo ela estando numa outra casa.

.....

M1-...morou tres meses comigo agora, quando a minha filha saiu de férias , nem reparou , é inacreditável , não saia de lá , da casa onde ele estava morando. Aí de repente , eu acordei , só ao fim do terceiro mes ...pô , você reparou que eu

não saia daqui...É mesmo , foi ótimo. Quer dizer , é um preconceito já instaurado, que é no geral mesmo. Não adianta o fato particular de que cada um pode variar ...mas há uma tendência geral ...vamos modelar , como bom economista que tu és...sabe o que é isso? Ah, porque hoje já encanaram a idéia de que os casamentos baseados em acordos irrisórios , as pessoas não podiam cumpri-las, e depois porque havia a convivência e o afogamento coletivo de ...orçamentos , pessoas que tem vontade diferente, etc. Isso aí todo mundo já incorporou . Agora , vamos partir para uma nova etapa - vale a pena construir relações de conjugalidade ou não vale?As anteriores já todo mundo jogou fora , ninguém está mais interessado.

H2- Sim, mas a conjugalidade , por que que ela deveria incluir a co- habitação?

Morar separados é melhor para muitos homens e mulheres hoje em dia .Dá a liberdade de ver o parceiro só quando se está com vontade, faz o sexo mais agradável, coloca as pessoas em igual nível de autonomia econômica e social. Às vezes , a separação de quartos ou de camas , já melhora a situação.

M1- Por que morar separado faz o sexo mais agradável?

M2- Aquele negócio do inglês- morava cada um na sua ala , e ele machista para burro , tocava a campainha quando queria transar com a mulher -"E você não acha que isso é machista demais ..., Sr? -Não , quando ela quer transar comigo , ela vem perguntar se eu toquei a campainha."

....

M10- Eu dou plantão num hospital e tenho uma colega que casou agora no mes passado. Ela é uma pessoa de temperamento difícil, mas de difícil passou a insuportável, por um motivo simples , banal. Ela não consegue dormir com o marido . Dormir no sentido de que desde o dia em que casou , que ela não dorme porque ela não divide- se ele se levanta, se ele muda de posição ...ela é uma pessoa que tem dificuldade para dormir...E ela queria um casamento , para ela é

uma coisa importante ; ela perdeu o pai cedo...Ficou órfã, morava sózinha, ...e acostumou a ter essa coisa da individualidade, e no momento em que passou a dividir isso...por quanto tempo vai durar isso? A gente tem conversado sobre isso. Até quando uma pessoa resiste sem dormir ?

Os relacionamentos sem co-habitacão , tem se tornado estruturas em que o desejo se põe a circular , praticamente institucionalizadas.

São técnicas de suspensão e de retenção do desejo, e são múltiplas apesar de haver algumas mais admitidas pela sociedade do que outras. As mais admitidas são aquelas que de uma ou outra forma se inserem dentro dos tradicionais padrões. Algumas , como a de separações e voltas sucessivas se tornam mais ameaçadoras e seus jogadores chegam a ser marginalizados pela sociedade, que não sabe a que se ater.

5.5.5. Espaço sexual: Poligamia . Monogamia.Dupla Moral.

Em 1917 Freud diz que a virgindade, faz parte do direito `a posse exclusiva da mulher , já que seria a extensão para o passado , desse monopólio e que esta situação de posse da mulher constituiria a essência da monogamia.(Freud,1917) Desta forma se produzirá uma sujeição sexual na mulher, em relação ao homem que a desvirginou, que a prenderá num relacionamento para sempre , evitando que a mulher se veja tentada a novas aventuras. Freud diz que para manter o casamento monogâmico e evitar as tendências `a poligamia, foi preciso instaurar um certo grau de sujeição sexual , principalmente nas mulheres. Nos homens Freud observou que quando a sujeição sexual se produz , é devido `a uma relação com uma mulher específica com quem ele conseguiu superar sua impotência psíquica, isto é, juntar as correntes de ternura e sensual num

objeto só. Sabemos que a impotência psíquica, não deixa de existir nunca, já que é inerente ao ser humano.

Observamos que o fato de viver só, em muitos casos, vai acompanhado de uma poligamia assumida consigo próprio, mesmo que a nível social não seja assumida. É possível detectar uma desmitificação da monogamia O que observamos de próprio desta erótica, é que implica numa desidealização do amor concentrado numa pessoa só e uma valorização mais assumida da divisão das correntes de ternura e de sensualidade. Há também uma visão da mulher como sendo menos ingênua, ou indo mais longe ainda, como hipócrita, sacadora de tudo, mentirosa, desleal, traiçoeira e menos culpada quando trai do que o homem. Vejamos nas falas das pessoas entrevistadas:

"H1- Veja bem, quando eu falei da minha namorada e das minhas amigas...eu consegui com o tempo...eu sou o produto de uma classe média carioca da Zona Norte, eleitores de Alvaro Valle, sabe como é que é? Eu tive que dar uma volta grande na minha vida para descobrir as minhas verdades.E entre outras verdades que eu descobri...foi, optar por viver só.

Quando a H1 estava falando, ela identificou o avanço dela em relação à monogamia, como uma superação da fase de poligamia que ela assimilava à piracção. É claro, se você tem uma visão caricatural da poligamia, ou bi ou tri-gamia,etc. Porque aí a poligamia nunca corresponde a uma opção. No caso da fala da H1, a poligamia nunca corresponde a uma opção. Quando você chega à conclusão de que ninguém completa ninguém integralmente, qual é a decorrência disso?

H5- Como é?

H1- Ninguém completa ninguém integralmente. Isso aí se presta a duas semanas de seminário. Você vai atrás de uma pessoa para tampar os seus buracos. Uma pessoa cheia de buracos a ser tampados; você vai chegar com um grau de ansiedade que ela não vai tampar nunca.

H2-Quando a M1 disse assim-eu acho que temos aqui como senso comum que todo mundo prefere a monogamia. Você estava denunciando um preconceito e está com uma postura inteiramente sectária. Você está certa e tal. Porque que a monogamia é superior à poligamia? que dado cultural é esse? de onde é que você tirou isso aí?

M4-Nesse grupo aqui todinho, se as pessoas puderem refletir sobre a vida passada, e os momentos mais felizes, ou mais gratificantes, se aconteceram com vocês sózinhos ou junto com alguém? Eu acho que isso é uma pergunta que vai dar resposta para o que a gente quer.

H1-Vocês tomam muito ao pé da letra quando ele diz ermitão. Quando eu me separei, eu passei oito anos, tomei a iniciativa da minha separação, foi uma coisa dolorosa, difícil, como toda separação e fui para meu estúdio. Não tinha nenhuma outra mulher à minha volta. Eu cansei da relação, cansei do regulamento, da relação a dois e fiz uma opção de viver sózinho. Uma opção com a qual eu convivo até hoje muito bem, há seis anos. Mas isso não faz de mim um ermitão. Eu tenho relações afetivas...

M4- Mas como são essas relações?

H1- Tenho minhas namoradas... Eu acho que você levou muito ao pé da letra. Quando ele falou ermitão, ele não quis dizer o cara que não quer ter nenhum tipo de relação.

M4- É o cara que quer morar separado?

H1- É o cara que quer buscar a felicidade dele, de outra maneira.

M4-O que você considera ermitão?

H1-Uma coisa que eu aprendi com a minha separação , foi o que você colocou antes a respeito de liberdade .Quando eu estava casado , eu passava por muitos momento em que queria estar sózinho e não conseguia. Hoje fico sózinho nos momentos que eu quero e não fico sózinho nos momentos que eu quero também.

M2- Como é isso?

H1-Evidentemente que nos momentos em que eu não quero ficar sózinho, as pessoas não estão disponíveis .As vezes , compulsoriamente, eu fico sózinho.Mas é uma coisa que me incomoda menos do que me incomodava quando eu queria ficar sózinho e não podia . É menos pesado que ter que ficar com alguém.

Na medida em que eu faço essa opção de ficar sózinho , eu tenho que aprender a conviver com esses momentos.Quando eu procuro pela minha namorada e está viajando , ou por uma amiga e ela tem compromisso , e não encontro ninguém. Eu tenho que aprender a conviver com isso. E foi um negócio de ordem prática que eu senti muito , que era comer sózinho. Quando eu me separei , eu não conseguia entrar num restaurante e comer sózinho, e aquilo me incomodava profundamente...

M5-Eu acho importante você fazer uma coisa básica sózinho: se alimentar.

H1- Eu comprava um sandwiche e levava para casa.

M2- Eu gosto de comer sózinha, mas também gosto de ser casada. Não tem nada a ver.

M1- A busca da felicidade a partir do momento que a gente está discutindo relações, vai ser uma coisa muito teórica. Acho que a relação depende de dois..

H1 -Eu tenho certeza de que você eliminaria alguns tipos de convivência de sua vida , alguns tipos de homens da sua vida .Na medida em que você é capaz de

eliminar alguns , você é capaz de eleger outros, então você pode ter na cabeça um projeto de relação ainda que ele se modifique, se transforme.

Eu sou amigo das minhas namoradas, casos, transas, ou seja.....O "galinha" tem uma busca , inclusive ansiosa , por um problema de afirmação , etc. Eu não tenho nenhum relacionamento com mulheres que além do apelo sexual não tem nada a me dizer. Sou um cara solidário .Quer dizer, eu tenho uma relação de troca interessantíssima , e é por isso que eu estava discutindo a questão do: que é o Amor ? Porque o amor , como uma série de outros conceitos aqui na nossa discussão foram absolutizados de uma tal forma que ele tem que se concentrar necessariamente numa única pessoa? Então , eu estou relativizando essa coisa do amor . Paixão , não . Paixão eu absolutizei , porque paixão é o que eu falei -- é abstenção do bom senso ; é a entrega total, aquela coisa toda. Agora, amor não ; eu amo as minhas várias namoradas ! E daí , porra! Porque não? É exatamente o que eu estava discutindo aqui. Você toma uma postura totalizante. Amor, necessariamente, tem que ser concentrado numa pessoa única. E aí é evidente que isso é uma posição moralista , porque obviamente se eu transo com as minhas namoradas todas sem amá-las, eu as estou utilizando. Aliás há um conselho que eu dou para as minhas namoradas- arrebâte-me! Eu não posso ser forçado a ter uma relação monogâmica . Eu acho que você não pode ter padrões de desejabilidade. Pintou paixão, aquela coisa que cega o bom senso, eu entro de cabeça.

Coord-Como você se sente tendo várias relações ao mesmo tempo ? Você acha que essas mulheres se sentem bem nessa relação ?

H1- Elas não se sentem bem.

M7-E como você se sente então em relação a elas nesse relacionamento ?

H1-Eu tenho uma relação mais efetiva , que já tem cinco anos .Com a minha companheira , a pessoa com quem estou mais frequentemente com quem eu saio

, com quem eu viajo , com quem eu passeio , o que não exclui a possibilidade de ter outras mulheres ...Agora , entenda bem , isso não prejudica a relação com ela ; pelo menos eu penso e tenho pensado ao longo desses anos , que não prejudica.

Coord: Ela sabe?

H1: É um lado de nossa relação que a gente não se aprofunda um com o outro . Eu também não sei se ela...Eu suponho que ela não dê. Mas se ela dá para outros homens, se ela transa com outros homens , pelo mesmo prazer de transar apenas , como eu transo com outras mulheres ...

Coord- Mas então como então as outras mulheres são vistas ? Como você as vê ?

H1- É como elas veem a possibilidade dessa relação. Eu acho que são pessoas maduras , adultas , muitas mulheres descasadas , mulheres com filhos , que aceitam partilhar de uma brincadeira de fim de noite. E que às vezes é bom e se repete mais uma vez , mais duas vezes...agora , tem algumas mulheres que reagem a isso e não conseguem conviver com essa idéia , de brincar , de se divertir..."

Se num primeiro momento a posição do H1 nos parece ser uma opção pela poligamia , logo a seguir , no decorrer da conversa vai ficando claro que não é bem de poligamia que se trata , mas de dupla moral . Quem sabe o fato da sociedade ter veiculado cada dia mais uma idéia de amor livre , tem deixado os homens numa situação de muita comodidade , que lhes permite ter todas as mulheres que forem capazes de seduzir .

No caso da dita poligamia , parece no caso do H1 , tratar-se apenas de um caso de "casamento moderno" aonde uma mulher é reconhecida perante a sociedade , mesmo que dela não se faça cargo no aspecto econômico , nem dê a ela o nome , nem filhos .

No diálogo acima , a M1 defende a monogamia , na história de vida dela como um avanço , em relação à época em que ela figurava no caderninho de vários homens.O H1 critica esta postura , e diz que não passaria de um preconceito.

Que a monogamia não seria necessariamente melhor do que a poligamia.

As outras "mulheres" , são colocadas num primeiro momento como aquelas mulheres amigas , com quem o homem é solidário, e a quem ama também, mas depois diz que transa com elas só por prazer.

O homem opta por uma poligamia , mas tem uma relação com uma mulher , com quem passêia , etc. , isto é com quem se apresenta socialmente. Na verdade , não passa de uma organização tradicional , com um verniz pos-moderno , e com a facilidade concreta que significa transar com mulheres sem ter que pagar por elas . A nível do ganho inconsciênte , ele se sente todo poderoso por ser capaz de conquistar tantas mulheres.Seria o caso de um Don Juan moderno . Estes casos sospechamos que sejam mais freqüentes na nossa época , do que antigamente , já que antigamente , para ser Don Juan , era preciso ser um cínico declarado e agora, as mulheres se entregam sexualmente.

continuando com as entrevistas:

M7-E o que você acha de como se sentem as mulheres , de um modo geral, numa relação poligâmica ?

H1-As mulheres transam muito mal isso. Realmente não gostam de relação poligâmica . Ou melhor , elas não gostam de ter os seus companheiros tendo relações poligâmicas . Agora , elas parece que não valorizam tanto isso quando se trata delas...O homem coloca muito mais a honra dentro ...Aquele negócio ...O homem escolhe o lugar mais fedorento da mulher para botar sua honra. Isso é verdade. A mulher não joga muito com isso. É mais leve isso para ela .Agora , ela exige muito de mim , exige muito ; mas quando ela é poligâmica , ela não

valoriza tanto como ...O homem às vezes tem mais culpa de ser poligâmico, do que a mulher, quando ela é.

M2-Eu acho que isso aí tem a ver com a classe social.

H1-A gente chega num certo ponto que entende as coisas. Mas as outras pessoas que não provaram da árvore do bem e do mal...O homem tem muita culpa.

M4-Pode ser. O homem casado pode ser que ele tenha muita culpa mesmo.

Mas eu acho que a mulher também. A mulher ...numa relação fora do casamento, ela tem culpa.

H4-A mulher não tem muito não. A mulher é mais cínica; ela saca a hipocrisia da família.

M4- Não é que a mulher seja mais cínica não...

H4-As mulheres, como também são mães, elas sabem a medida da coisa.Ela saca a hipocrisia, a sacanagem, a mentira...O homem não saca, o homem é babaca.O homem é mais crédulo. Vocês são muito mais aptas neste terreno; nós somos muito mais aptos no mercado de trabalho.Vocês vivem falando que são sacaneadas.Nós também somos sacaneados.

H4-A mulher de 30, 33, por aí ...ela está geralmente amedrontada, isso é o que eu tenho visto, por todas as relações que passou. Já faz, tem, corriqueiramente uma relação poligâmica, mas dificilmente ela se denomina galinha. Ela denomina "galinha" quando acusa o homem. "Galinha" são os homens. E as mulheres mais velhas com quem tive relações ...

H2-As mulheres são indecisas, os homens são "galinha".

H3-Eu já tive relações com mulheres bem mais velhas ...

M5-Bem mais o que, 40 anos?

H3-45.

M2-Para o homem a rejeição é muito mais dolorosa, porque ele se remete à fase em que ele era muito impotente, para nós, não.

M2-Eu já posso entrar na relação sabendo que ela pode não ser duradoura, mas que pode ser uma relação que pode valer para mim.Também não é uma visão masculina; por isso que a mulher não aceita falar que é "galinhagem", porque não é.

H1-Eu sou um homem ou macho. Posso ser promíscuo mas , obviamente , eu não sou um "galinha" no sentido corriqueiro.

M5-Qual é a diferença?

H1-A diferença é o seguinte : O que é um "galinha" caricaturalmente ? Eu não sei nem se está no dicionário Aurélio, mas o "galinha" é o cara que está sexualmente disponível o tempo todo ."

O diálogo vai se encaminhando, para a questão da fidelidade. As mulheres , não dariam tanta importância à questão da honra . O homem ao ser traído , chifrado , sentiria que está se mexendo com a sua honra de homem. Para a mulher isso não teria tanta importância. Para ela não seria tão terrível o homem a trair , já que teve uma longa aprendizagem nesse sentido , com a ideologia da dupla moral. O homem teria o que perder , o domínio sobre o corpo da mulher, que a nível inconsciente é o equivalente ao falo e especificamente sobre o órgão genital feminino.

A poligamia (pareceria que estão falando da traição, infidelidade) daria menos culpa à mulher do que ao homem .Esta afirmação feita pelos homens, nos leva a pensar em outras falas das mulheres em que se mostram muito preocupadas com o uso que estão fazendo da recente liberdade sexual .

Se estão levando a cabo um projeto em que o desejo está em jogo,e correndo muitos riscos para empreendê-lo , é claro que o fazem com toda convicção , mas quem sabe não necessariamente com hipocrisia ou cinismo como o querem

ver os H1 e H4 .O homem quando é traído se sente sacaneado , mas não quando ele trai .

O homem "galinha", nos parece , tem um status que a mulher não tem. A mulher "galinha", é de um modo geral desprezada, porque está perdida, porque se parece ao homem , ou porque enfrenta os valores da sociedade.

Pensamos em três possibilidades em que a mulher toma uma atitude poligâmica. A mulher exerceria a poligamia por carência, por estar ou ser "perdida", como muitas vezes os homens se referem a este tipo de mulheres. Neste caso seus ideais continuam sendo os da mulher tradicional , que deposita a força no homem, regendo ainda o registro do imaginário .Neste caso ela estaria se regendo pelo registro do imaginário, que coincide com as ilusões que a sociedade oferece ao mal-estar: as do amor paixão, tomadas indiscriminadamente.

A mulher pode partir para uma poligamia desenfreada, como uma busca de afirmação de sua liberdade. Rege o imaginário social invertido , isto é , ela está se colocando da maneira em que, seria o caminho pelo que se envereda a "sexualidade do macho", do polimorfo perverso, como diz Lacan. Neste caso, os homens as denominam de "sacanas". Neste caso ela estaria se regendo pelo mecanismo psíquico da Verleugnung.

A mulher exercita a poligamia como uma procura pessoal , mesmo indo de confronto com o imaginário social, isto é , se expondo , porque está disposta a arriscar a própria vida numa procura pelo seu desejo. Seu psiquismo estaria sendo regido pelo simbólico , isto é, ela está castrada simbolicamente , se sabe limitada , mas vai `a luta como Antígona.

"M6-..Eu acho graça quando alguém diz que estranha que o outro tenha medo. Estou falando da M3. Viu M3, eu estranho que você se assombre que alguém tenha medo de você. Eu estranharia se eu me relacionasse com alguém e eu não ficasse com medo.

M3-Eu também tenho medo, mas o medo não chega a me fazer fugir da relação. Os homens usam esse argumento de terem medo para fugir da relação.

M7-Quando você entra numa relação , que você está se colocando, abrindo todos os seus sentimentos, está se expondo, acho que pinta medo. Acho que é diferente a colocação de você ter medo da pessoa , eles não vão te engolir, não vão te comer..."

O ser humano contemporâneo parece ter mais consciência do seu horror à diferença sexual, e se refere a ele como medo ao outro. Em lugar de ser um pensamento totalmente inconsciente que produz sintomas evitativos--tabú à mulher menstruada, tabú à mulher virgem, distância em geral em relação à mulher-- , ou sintomas histéricos--frigidez na mulher, impotência sexual de origem psíquica no homem-- , entre outros, o ser humano contemporâneo, ao ter mais consciência dos seus temores , pode lidar melhor com eles. Poderíamos fazer um paralelo com aquele que se analisa.Ao ter mais consciência dos seus problemas, tem mais instrumentos para resolvê-los.

As pessoas também parecem estarem tomando consciência de como estão sendo influenciadas pela sociedade ao tomar certas decisões pessoais:

"H1- Essa coisa de viver sózinho, tem um outro aspecto que eu me pergunto.Eu acho que o próprio sistema econômico estimula essa coisa. De você comprar duas geladeiras , duas televisões , morar em dois apartamentos. Num país mal

resolvido como este , do ponto de vista econômico, ele estimula também. Não é um discusso declarado, aberto , ...estimula esse tipo de divisão; de cada um morar na sua casa , comprar duas geladeiras.

M4-A estrutura , a função social da coisa é para uma família."

Cada vez mais se entende que as correntes de ternura e de sensualidade estão divididas em princípio e que não necessariamente devam confluir num único objeto. Se valoriza mais o sexo em si mesmo, sem uma finalidade outra. Vejamos a opinião das pessoas nas entrevistas:

H1- É que hoje eu faço uma distinção muito clara na minha cabeça entre o amor e o sexo .

M4- Como é que é isso ? Eu tenho a maior curiosidade!

M5- Eu também !.

M6- Eu acho uma maravilha a gente poder ouvir ...Eu acho que é tão diferente...Eu não sei como é que a gente se encontra ...quando a gente se encontra ,...porque as propostas básicas são tão diferentes do que eu tenho ouvido. Se não incomodasse você , se você pudesse contar para a gente...como que é isso de separar amor de sexo ?

H1-É porque eu acho que na verdade eles não teriam que viver juntos como viveram até hoje, por um preconceito muito grande em relação ao sexo.

M1- Sexo com amor é bem melhor.

H1- É bem melhor . Eu não estou dando juízo de valor em torno ao sexo. É possível você aceitar o sexo como uma divertida brincadeira e que se esgote nele. O que aconteceu durante toda a nossa história é que o sexo foi impedido por uma série de preconceitos, impedido a ser um fim em si mesmo. Você só podia fazer sexo na medida em que você procriava, ou assinava um papel , ou na

medida em que o sexo virava um comércio. Havia sempre um outro objetivo que não o sexo nele mesmo.

M5-O que o sexo nele mesmo ?

H1- é você olhar para uma mulher , a mulher olhar para você , os dois sentirem tesão um pelo outro , e conversarem e irem para a cama e se divertirem.

M2- Toda vez que isso aconteceu comigo , eu preferi jogar vôlei. O sexo em si próprio, eu acho tão insoso! ...que eu prefiro uma boa partida de tênis ou de vôlei.

M1-Quando eu conheci meu namorado, ele estava nessa. Quando estava no cio, ele ia no People, arranjava uma mulher , ia para casa , transava e dizia -ah! que chato ter que conversar com ela. Prefiro nem conversar; é só para questão de cama. A maioria dos homens é assim. Eu detesto estar no caderninho , eu não estou mais no caderninho de nenhum homem. A questão do caderninho , estar ou não , é humilhante para a mulher.

H1- Então , esse teu namorado escolhia lá no People ou onde fosse , uma mulher qualquer , que devia ser razoavelmente atraente , do ponto de vista físico e não tinha nenhuma outra exigência.

M1- É o que H1 falou. Sexo e amor não tem nada a ver.

H3- Não , mas é outra coisa. Isso que ele falou não está no campo da oposição animalidade - humanidade . Está no campo do humano.

H2-Depende do prisma com que você está observando isso.

M4-Uma vivência maior, uma experiência carregada de afetividade. Isso aconteceu junto com alguém.

M2 - Está falando no registro da afetividade.

H3- Sim, isso é uma coisa importantíssima...

H2- Eu acho que as mulheres tem uma dificuldade maior de separar o sexo do amor...

Mulheres (as mulheres em coro) -Tem!

H1-Os homens passaram várias gerações comendo secretárias , então eles aprenderam a conviver com essa idéia. Eu usei esse símbolo para mostrar que o homem sempre achou isso possível, talvez até sem ter a consciência dessa possibilidade. O homem ... eu percebo isso com amigos meus , amigas minhas, em conversas como esta... a dificuldade que a mulher tem de separar uma coisa da outra.

M2-E a dificuldade que o homem tem de juntá-la...

M5- Me parece que antigamente o homem conversava mais com as mulheres com as quais ele transava, com a puta...Aquele era uma ótima interlocutora, melhor interlocutora do que a mulher dele. E , agora , quando se tenta juntar as coisas , com a liberdade sexual , o tesão do homem vai embora.A gente estava falando da dificuldade da mulher em separar sexo de amor, e a do homem , em juntá-los.A própria sociedade , a própria relação de poder , quer dizer a própria posição do homem facilitava esse tipo de divisão , de brincadeira.

M2- A palavra eu acho ótima -dificultar e ajudar-.Quando você diz dificultar e ajudar , você implica um projeto, porque se você tem uma meta , você tem um juízo de valor, um modelo a ser seguido.Então quando você diz - as mulheres tem dificuldade de separar uma coisa da outra, é que você acha que o correto é separá - las.Quando nós(as mulheres) dizemos -vocês tem dificuldade de juntar as duas coisas , também estamos implicando uma meta.Isto me leva a supor que as metas são diferentes.

H1-Quando eu falo em dificuldade eu não estou falando na minha pessoa. Não estou fazendo nenhum juízo de valor .Isto está historicamente comprovado aí.A dificuldade vem do comportamento do homem , da mulher e da relação entre o homem e a mulher.

H3-Eu vejo que tem alguma coisa ainda caricatural aí. Como se a mulher dissesse - sexo , sexo com amor, e nós homens- sexo vale por si próprio. Que é um reconhecimento inclusive do lado da animalidade , que na cultura ocidental você borra o tempo todo. Eu estou numa fase , depois que me separei há vários anos atrás , talvez haja um problema : dificuldade de me apaixonar mesmo. Talvez a separação tenha sido traumática mesmo...

H1-Quando a M1 estava falando ela falou ela identificou o avanço em relação `a monogamia como uma superação da fase de poligamia,, ou bi ou tri-gamia, etc....Porque aí a poligamia nunca corresponde a uma opção.No caso da fala da M1 , a poligamia que ela exercia , pelo que eu entendi aqui, era por absoluta falta de direcionamento; ela realmente estava tendo vários casos , etc. , trepando com um bando de homens , porque não conseguia se direcionar. Então , é claro, é uma poligamia por carência , quando eu acho que você pode ser polígamo por opção. Quando você chega `a conclusão de que ninguém completa ninguém integralmente , qual é a decorrência disso ?

M1-Porque morar separado faz o sexo mais agradável ?

H1-É que eu faço uma distinção muito clara na minha cabeça. E eu gosto de fazer sexo sem que isso envolva grandes sentimentos.

Coord-Alguém falou antes que as mulheres falavam no amor , e que os homens falavam em amor ligado ao sexo , mas que podia ser apenas sexo . Então ,como se vê essa relação essa relação numa situação de poligamia como a que vocês (H1 e H2) tinham proposto ?

H2- Eu quando estou apaixonado , sou monogâmico.Agórá , apaixonamento é uma situação razoavelmente rara na minha experiência. No meu segundo casamento até durou anos e tal...

M3- O que que é apaixonamento para você ?

H2- É uma relação em que o seu grau de envolvimento supera apenas a apreciação do que você ética ou esteticamente valoriza. É aquela situação de envolvimento, de mergulho, etc., em que tudo na pessoa passa a ser mitificado, fantasiado... Depois de dois casamentos, eu só caso um a terceira vez se eu estiver tão apaixonado, que isso obviamente me oblitere o bom senso.

M2- Sexo é um barato!

H2- Por quem você está apaixonada, esta é a questão.

M2- Quando é bom, eu me apaixono, eu tenho esse defeito. Quando eu transo bem com um sujeito, eu me apaixono pelo sujeito. É um defeito horroroso.

H2- Quer dizer, seu direcionamento passional é sempre sexual.

M2- É, quando eu escolho um cara e aí tenho vontade de transar com ele. Nesta ordem - porque eu não tenho vontade radar de transar com um cara. Não é o contrário: eu elejo um objeto sexual e a partir desse objeto sexual, eu tenho vontade de transar com ele. Agora, como a sexualidade não é uma coisa pontual, pelo menos para mim - isto, é está ligado um pouco com outras coisas, com o nível de sensibilidade... que envolve uma órbita maior de questões...

H2- Você não é apenas um mamífero superior, obviamente...

M2- O meu parceiro, escolhido assim dessa maneira, ele, coitado... não precisa necessariamente ter a minha posição. Ele não precisa aguentar a minha teoria e prática. O cara pode dizer para mim o seguinte - tu é monogâmica, ótimo, mas eu não sou. Ah! você precisa de outros planetas, satélites... jóia, vá leia fundo, mas me diga a verdade, e... não existe. Não consegue. Porque de repente tem um lance atávico de se sentir menoprezado quando a criatura sabe e aceita. Isso aí, cara, eu já tenho uma experiência vasta do assunto. Quando eu digo - eu aceito que você seja poligâmico e eu não, o cara se sente horrivelmente ameaçado porque existe um quantum dele aí... Eu não entendi ainda como isso se processa, mas ele espera que a mulher...

H2-Eu sei.

M2-Então você me explica. Ele espera que a mulher fique chocada...

M1-Eu não aguentaria eu ser monogâmica e o parceiro...

M2- Você sabe que eu aceitei, você conhece o meu passado recente , e você sabe quão apaixonada eu estava pelo cidadão, declaradamente polígamo,que não aguentou o lance, porque ele estava esperando que eu lhe cobrasse uma monogamia que eu não vou cobrar nunca! Continue polígamo .Não precisa ser leal nem fiel, mas seja real comigo. Não conseguem.

H2-Você quebra a magia da mentira.

M5- Acho que tem a ver.

H6-Você está perguntando o que eu quero. O que eu quero , eu particularmente , eu ainda não sei definir. Se eu soubesse definir realmente o que eu quero , eu não estaria num processo de análise...mas o que eu quero mesmo é descobrir o que é o amor-porque até hoje , segundo as minhas pesquisas, eu ainda não soube o que é isso. É por isso que até hoje , acredito eu , não consegui manter uma relação definitiva...Já mantive uma relação de convivência com umas tres ou quatro pessoas e estou sózinho até hoje.E isso nnao é uma coisa que está me satisfazendo. Eu quero ver se eu consigo ter uma estabilidade emocional; não sei nem se é por aí também, no sentido de se fixar a uma pessoa. Eu não sei se isso é receita de felicidade, mas se for , eu quero chegar a isso, ou seja , eu quero descobrir o que é o amor , o que é o amar, porque pelo visto parece que não amei até hoje. Dentro daquilo que você estava colocando aí -negócio de monogamia e tudo mais ..., o que eu posso dizer é o seguinte : quando eu estou me relacionando com uma pessoa , que eu estou gostando dela , eu consigo ser extremamente fiel, sem esforço. Agora, quando eu começo a enjoar, não há a menor condição de eu ser fiel. Aí eu saio com uma , saio com outra...saio com

várias mulheres. O negócio de dizer -eu saio- não é que eu vá ter relação sexual com elas não. Eu estou dizendo , é a companhia em si.

...

H6-Sófocles quando ficou impotente disse - meu deus , agora eu posso começar a ser feliz porque estou livre do amor !

M8- Então para ele , amor e sexo são de um ponto de vista meramente mecânico.

H8-Estou livre das sacudidas da paixão , já posso começar a ser feliz.

M8-A paixão tem a ver também com o sexo mecânico ? Isso é um absurdo.

H8-Não é não .

M8-Você não teve nenhuma paixão aos cinco anos ? Eu tive, aos cinco anos de idade. E era impossível realizar qualquer realização sexual com cinco anos. E eu estava apaixonada pelo coleguinha ...eu fugia dele...

H6- Pode ser que o dia que eu descobrir isso...mas era isso que eu queria descobrir? Não gostei nem um pouquinho. Mas é preciso que você passe por essa experiência . Falar por hipótese é méio difícil.

Vemos que o assunto de separar o amor e o sexo , é menos comum nas mulheres. Elas continuam presas à ideologia do amor, mesmo quando não amam. Isto as coloca por baixo , como bem coloca um dos homens, dizendo que isso as prejudica. Elas se apaixonam pelo amor. Não encheram em muitos casos o homem, nem reconhecem o desejo dele. Estão iludidas pelo ideal do "amor".

Frente a tanta derrubada de mitos e de decepções, aparecem novas esperanças. Nos encontramos frente ao desejo de criar , de construir coisas novas, face à destruição dos antigos valores. É pelo mecanismo da Verdictung que se poderia chegar a isto. Propõem novos ideais, por exemplo novas formas de convivência,

de moradia, de projetos--suplementar em lugar de complementar--, enfim uma "outra forma de viver". Trataria-se de uma grande troca suplementar entre dois seres mais autônomos. Trataria-se de um projeto individual, num princípio, mas que são precisos dois sócios para ser levado adiante, para ser construído. É um projeto de "estradas paralelas, e não em cadeia". Vejamos nas entrevistas;

M4-"Olhando a coisa numa visão concreta, mais terra a terra, eu acho que a gente tem agora a seguinte questão. Olhando a grande maioria das pessoas aqui, tem mais do que 30 anos. As pessoas já estão numa fase na qual já passaram por 2, 3 ou 4 casamentos. A gente tem uma sociedade diferente; o século passado idealizou essas cidades com essas características, preparadas para as famílias morarem, entendeu? Eu acho que daqui para frente ...Essa questão que vocês estão discutindo aqui, que o H3 colocou sobre as pessoas mais velhas com quem se relacionou, e que tinham medos, traumas, problemas... Que as mulheres não se diziam galinhas, só os homens. Acho que isso pode ter a ver com os estigmas antigos das pessoas...E as pessoas estão aí, sózinhas, separadas, querendo uma outra forma de vida, uma outra forma de convivência, e de participação e de moradia, diferente do que foi até agora. Então, de repente, como Otto Wagner por exemplo idealizou a cidade moderna, de repente daqui para frente a gente teria que ter uma outra maneira, uma outra forma de viver...vivendo, sei lá, em comunidades, em casas, ou em conjunto, já que a proposta é de viver sózinho por um tempo prolongado. As pessoas estão vivendo sózinhas, e com traumas e estigmas do que passou.

H5-Você falava do projeto em que a mulher quer proteção, eu acho isso de um equívoco...Eu tenho uma amiga que sabe karatê e dá uma sova em qualquer um de nós aqui.

H8- Bem, mas isso é raríssimo.

H5-Você pode desfazer cada um desses equívocos -proteção física , proteção financeira, e você pode desfazer , e ao desfazê-los , construir individualidade..Você não precisa do projeto que junta o que falta a cada um. Se cada um autonomizar-se , não vai procurar no outro...

M8-Mas aí é que está o erro, H5. Eu concordo com você...o erro de projeto...

M9-Este projeto.

M8-Ele é um desmonte em função de uma coisa menor. O que eu acho que todo mundo quer, e que é muito mal interpretado em geral, ou mal feito...O ideal seria o meu ideal, e o que eu ouço das outras mulheres, seria um projeto suplementar, e não complementar. Se você está procurando a sua cara metade, você não é nem 50% de pessoa.Agora ,se você propõe uma suplementação com uma outra pessoa para você ter um projeto maior...Aí é a grande troca.

É isso que eu acho que a gente está procurando Esse projeto só pode ser individual, ele só pode ser construído, ao contrário do que citou o H8 , sei o H6 , entra o H5, não é isso.Cada projeto tem que ser feito, entre dois sócios , e é característico desses dois sócios. E eu acho que esse casal que por acaso nós dois conhecemos, conseguiram isto. Eles são pessoas muito completas profissional e emocionalmente e que conseguiram juntar as duas vidas em estradas paralelas , e não a mesma cadeia."

5.5.6.Espaço psíquico .Franqueza vs.Mentira.

Os valores mais importantes em vigência são os de estar em contato com os próprios desejos. Os projetos giram em torno disto. Antes esses desejos,do que qualquer interesse da relação ou da comunidade. São muito valorizados o "espaço interno", a "liberdade", a "privacidade", o "próprio desejo", " o silêncio", "o estar sózinho", a "vida individual", o "respeito" , isto é a liberdade de mentir ,

como diz Lacan afim de preservar a própria intimidade, Segundo o autor, o respeito é a fidelidade e lealdade consigo mesmo.

Nas entrevistas encontramos alguns trechos que se referem a esta questão:

O projeto das pessoas atualmente é "estar em contato com seus desejos":

"M2- Eu ainda não tive a sorte de encontrar um parceiro estável que aceite morar separado. No momento em que se fala em morar separado, entra arêia...

M5- Entra a simbiose...

M2- Ao contrário, o cara se sente inseguro....

M5 - essa insegurança é da simbiose.

H2- "As vezes uma das partes poderia manter e a outra não aguenta. E o que eu acho é que algumas partes não estão preparadas mesmo para cada um ter a sua vida individual."

O que está se valorizando aqui é o indivíduo e a sua possibilidade de se ligar a alguém, cavalgando pelos espaços psíquicos e não tendo que se defrontar numa luta de probleminhas cotidianos. Valoriza-se o morar só e a busca pessoal, sem ter que dar explicações por ela a ninguém. De fato, parece-nos, que para a mulher seria mais difícil encontrar um esquema destes, já que não se espera dela, essa liberdade toda: "entra arêia". As pessoas estão à procura de seus desejos, e nas mulheres observamos uma consciencia muito grande disto e um esforço neste sentido.

"M11:-Eu gostaria de não ser gratuita, ter contato com o meu desejo sempre. A briga pela minha unidade é a minha luta diária. Quando eu acordo e escovo meus dentes começa a minha luta. A luta para enfrentar as confrarias, a palavra, o silêncio...E eu gostaria de não ser gratuita como mulher. Quando a gente fala

de projeto - esse é o meu projeto. Se eu conseguir entrar em contato com esse meu desejo...Eu acho que a palavra é fundamental. Você passa a estabelecer o conhecimento. O namoro na verdade é uma etapa fundamental para o conhecimento. Você vai conhecendo uma pessoa e vai estabelecendo um contato com você a partir do que você pode enxergar naquela proposta que aquela pessoa está oferecendo, etc. e tal. Eu sinto que nos meus sentimentos sou múltipla; gostaria que a minha privacidade, os meus sentimentos, ficassem comigo. Eu tenho muita dificuldade de compartilhar os meus sentimentos porque eu sou muito contraditória a todo instante. A minha briga é não ser gratuita, é não dizer mais -quero, se eu não quero. Eu não tive muito problema na minha vida em assumir a infidelidade, como mulher, porque como eu sempre mantive uma privacidade...uma briga pela minha opção, pelos meus caminhos... [mais adiante] :Eu acho que eu não tenho problemas de estar vivendo, vivenciando a minha sexualidade..., eu sempre fiz isso. Para mim sempre foi muito tranquilo. A minha questão de resolver o meu prazer...O prazer é meu. Essa foi a grande dificuldade na relação que eu estabeleci com os homens que conviveram comigo, porque a tradução que foi feita de eu não conseguir colocar para o outro os meus sentimentos, a tradução sempre foi muito negativa, e até por causa disso nessas relações ..., e hoje a minha briga pra estar comigo inteira, a minha unidade, já que eu tenho consciência que eu tenho três instrumentos aí absolutamente discutíveis; eu tenho a palavra, eu tenho o que não digo, eu tenho o meu sentimento e tenho o meu projeto.O meu projeto é que é difícil de ser entendido até por mim mesma; porque digo não , quando quero dizer sim. Se eu conseguisse vencer a minha gratuidade...E a minha gratuidade aí eu coloco; eu acho que faz parte de minha geração...

H6-Essa sua gratuidade você quer dizer a sua censura?

M11-"A minha gratuidade poderia ser ...dizer sim prá você...eu quero conhecer você, e na verdade não tenho tempo, espaço interno, não tô vivendo o momento, , mas tô colocando você como um projeto de conhecimento...Por exemplo , você me tira prá dançar, e eu não quero dançar com você , mas vou dançar com você. Isso seria uma atitude gratuita. Não quero comer nada e me oferecem um prato...Eu acho que a gente tem essa briga íntima. Eu tenho a sensação que o jogo amoroso ...Eu tenho a impressão que a amizade, a essa altura do campeonato, seria a expressão máxima do sentimento de amor.Eu acho que a gente está esquecendo de estabelecer entre as pessoas o sentimento de respeito. Eu acho que o homem , não sei, posso estar cometendo um erro, mas eu tenho a sensação , que o homem desde cedo, ele aprende a cuidar melhor de sua privacidade, e eu tenho a sensação que a mulher , um pouco mais tarde, aprendeu a cuidar de sua privacidade . Pode ser que eu esteja enganada, mas quando eu estou em contato com mulheres que não são esclarecidas, que não tem uma luta consciênte pela defesa de um posicionamento, a luta consciênte do próprio caráter,do que é direito, ... quando eu entro em contato com essas pessoas mais simples, eu sinto que nessa confraria de mulheres há um desrespeito muito grande entre elas mesmas...Não sei se isso acontece na confraria dos homens...

H8-Não entendo, alguém devassar a sua intimidade?

M11-É por aí...

H8- Não sei se isso é privativo de mulher , não.

M9-Eu também acho. Eu também não distingo muito homem de mulher nessas coisas. Acho que há um estágio em que as coisas nos igualam. Eu acho que os problemas hoje dos homens são os mesmos que os das mulheres.

M10- Eu acho que a gente tá teorizando em cima de uma coisa que talvez a gente...nós somos uma minoria...dez pessoas aqui...Mas a gente não pode negar e

fechar o olho para a grande realidade que é muito diferente daquilo que a gente está fazendo aqui.

M8-Eu não posso falar da realidade que a gente não vive.

M10-Mas a gente convive com ela e eu não posso negar.

M8-Entre as mulheres se trata de uma relação concorrencial, desleal, superficial, mentirosa,...Eu sou obrigada a conviver diariamente com pessoas que eu não escolho.

M11...Eu acho muito importante que eu seja uma pessoa contraditória, ambígua, polivalente, que eu não possa dizer aqui que eu faço isso, ou que eu faço 3, 4, 10 ou 20 coisas, que eu sou capaz de ter o mínimo para a minha sobrevivência, que eu gosto de dormir sózinha, que hoje eu não consigo mais ter um projeto com um homem e, ao contrário, muitas vezes eu encontro homens que estabelecem um contato comigo e daqui a pouco quem tem o projeto é o homem, e eu não sabia de nada...E eu já estou me vendo sócia de uma coisa ...”

O esforço da proposta e o compromisso a seguir caminhos verdadeiros e não gratuitos, aparece como uma proposta nova, corajosa, perante a própria pessoa, mesmo esta podendo aparecer como incoerente, contraditória e até pouco confiável, socialmente. Mesmo sendo “galinha” para a sociedade, esta pessoa vai estar à procura de desejos originários e únicos que lhe permitem ter força até para lutar contra esses preconceitos produto de um imaginário social vigente. Estaria regida, não pelas leis dos terráqueos, mas pela lei dos deuses: Dike, ou melhor do Outro, já que na própria Antígona observamos, que ela não espera nada dos deuses. Se mata, antes de saber se os deuses a ajudariam. Está só.(Sófocles, “Antígona”).

Há uma valorização da não coerência, da multiplicidade de sentimentos , que dá possibilidade dos desejos se expressarem. O importante não é ser coêrente com o mundo de fora , mas com o mundo interno dos desejos.

Todo esse respeito vai fazer com que , o que antes se valorizava , como a sujeição em relação ao outro, o compromisso ou engajamento, o impedimento da liberdade pessoal e do outro , que Freud e Lacan consideram sinais de amor-paixão ou de simplesmente amor, nesta época atual , se considerem desprezíveis. Surge o horror à cobrança afetiva ou de qualquer outra índole:

H2-Agóra , essa outra moça que eu disse que terminei recentemente , e até a gente se encontrou ontem , e foi jantar , e tal ...parece que não terminamos tanto assim, mas enfim...É uma pessoa que eu conheço desde os tempos de faculdade. Houve um envolvimento muito profundo dela que não era correspondido por mim.Mas só para dar uma idéia, de porque essa situação não funciona.Ela muito frequentemente me escrevia coisas , me mandava rosas, etc...Um dia eu lhe dei uma rosa , e ela me escreveu , no dia seguinte uma pérola intolerável:"Afiml, quatro meses depois que a gente está namorando você me manda uma rosa...". Eu pensei, bom , eu não devia ter mandado essa merda, porque no fundo eu mando uma rosa e vira cobrança.As relações tem que ter se não uma igualdade de afeto ou de intensidade, tem que ter uma simetria formal mínima , a não ser o cara que trata a mulher a chicote , ou viceversa. Aí é um negócio mais assumido e acho até mais saudável.

M2-Quanto ao chicote ele é definido e você pode segurar no ar ."

Neste capítulo estamos tratando da busca da felicidade não apenas através de fórmulas dadas , mas através da via dos desejos inconscientes. Este caminho nos parece mais próprio dos tempos que vivimos, já que a sociedade está mais

liberal , podendo-se então pensar nos conflitos do sujeito consigo mesmo. Se o último período de civilização que Freud analisou foi a moral sexual civilizada , agora podemos pensar numa moral mais liberal, como Freud o desejara ou melhor, o anunciara.

Neste nível do sujeito estar `a procura dos seus desejos inconscientes a questão não passa nem pela verdade, nem pela mentira, mas no da incerteza. Há uma incerteza que preña tudo.

A qualquer hora tudo pode mudar , ao haver uma pequena mudança do nível libidinal. Há um não saber qual é a Verdade.

Ora se acredita que A Verdade seja o Bem, ora o Mal. Isto gera, como Lacan nos diz no Seminário 1 , um aprofundamento nas paixões. Chêga-se ao âmago delas. Atíngese o "das Ding" e prodúz-se uma reversão. Há um atravessamento, um aprofundamento , uma transgressão da Lei, que a faz por momentos desaparecer, por meio da Verleugnung. Tem a Lei, mas mesmo assim.... não se a leva muito a sério.

Fidelidade vem de palavra dada. Sabemos, a essa altura que toda palavra dada é em sua essência mentirosa. Toda palavra dada deixa entrever a verdade e entre-diz a verdade. O pacto é um acordo de palavra , que pode ser entre dois , no caso de um relacionamento homem-mulher , onde sempre está presente o terceiro , o Outro. Sagrado, vem de sacer, que tem o sentido de sagrado mesmo e de tabú, proibido , de onde intervém a lei , e também de maldito, mal-dito. O casamento em suas origens , é um pacto sagrado, onde o terceiro é deus, a comunidade mais tarde, a Igreja , ou o Estado .

"O respeito do pacto que une o homem `a mulher tem um valor essencial para a sociedade inteira, e este valor se acha , desde

sempre, encarnado , ao máximo nas pessoas do casal régio, que joga. Este casal é o símbolo do pacto mais importante , que faz concordar o elemento macho com o elemento fêmea, e ele desempenha tradicionalmente um papel mediador entre tudo o que não conhecemos, o cosmos e a ordem social. Nada será , a mais justo título , considerado como escandaloso e repreensível do que aquilo que lhe causa dano."(Lacan, Semin.2, 249).

A fidelidade se refere `a palavra dada ; ao pacto sagrado , que implica na presença de um terceiro, de deus , que é o que lhe outorga o caráter sagrado.

Mas, como já vimos , toda palavra é mentirosa. É a mentira , que a funda. A palavra , a pesar de ser dada em geral com leviandade, quando é rompida, produz efeitos: indignações, etc. O outro nem sempre pode entender exatamente o grau do verdadeiro e de mentiroso que a palavra veicula.

A palavra representa o terceiro em ausência. Lacan , diz que o respeito em última instância seria a possibilidade de aceitar a privacidade do outro , a mentira do outro.

5.6. Conclusões. A procura do desejo inconsciente. A solidão. A perda da inocência. A desmitificação.

Dificuldade em compartilhar os sentimentos devido a suposta exigência social de que é necessário ser um, unidade como ideal.

A liberdade sexual e de comportamentos própria dos tempos modernos , tem permitido ,uma queda de ilusões e um consequente confronto maior com "a realidade" das coisas. Poderíamos pensar que o desejo de Freud está se realizando, isto é , o fato da sociedade estar dando maior liberdade aos

indivíduos para cada um resolver sua vida sexual e afetiva da maneira mais condizente com sua estrutura psíquica e desejos inconscientes.

Esta maneira de se defrontar temerariamente com a realidade da vida erótica, mesmo que apenas no momento da sedução, já que a relação é levada ao extremo, seja pela via erótica ou sensual, seja pela via da paixão. A relação com o próximo é levada às últimas conseqüências nestes primeiros encontros, se aproximando o sujeito aos seus desejos inconscientes guiados pelas pulsões de morte. A Coisa é alcançada, através da transgressão da Lei.

Esta atitude radical leva a uma perda da inocência, poderíamos dizer, fazendo um jogo de palavras dizer que há um "cair na 'Real' ". Nós pensamos que, tanto as ditas mulheres, como os ditos homens, começam a pensar mais nestas questões, tornando-se consciente o recalcado, o que está produzindo um aprofundamento cada vez maior em relação às nossas paixões.

Na fala dos entrevistados, a perda da inocência é diretamente ligado ao exercício da sexualidade e à traição neste nível. A desilusão de certos valores abre as portas para novos valores, e até para se acreditar mais nas pessoas, de uma outra maneira:

"M9-Eu acho que por toda nossa configuração dessas coisas, educação, etc., nós fomos programados para agir assim...

Virar para o meu marido e dizer, a gente tem que se separar. Porque a partir do momento em que eu comecei a sentir que eu queria outras coisas, realmente não estava de acordo com a minha formação moral ... de repente vi um monte de permissividade à minha volta..eu queria sair com um cara e transar. Não faz sentido eu estar num casamento.

H5- O que eu acho que é preciso que fique visível é que todos nós perdemos a inocência; isso que é importante. Eu acho que as pessoas perdem a inocência

de várias maneiras ...Há pessoas que perdem a inocência quando estão em contato com a morte, ou com o exercício do poder político em alto nível. ...e a traição, o uso da sexualidade, é mais um fator, a meu ver, que faz com que a pessoa perca a inocência. A inocência pode se perder por várias vias ...

M9-Ou podes recuperá-la...

H5- É uma ilusão...Recupera uma visita à mãe no Natal, mas não passa disso...

M8-Eu continuo tão inocente quanto eu era aos 12 anos; acredito nas pessoas e não minto em nenhuma hipótese.

H5-Espera aí, a inocência é talvez até acreditar mais nas pessoas do que antes. A perda da inocência passa a dar a cada um a obrigatoriedade de... , passas a ser mais individual, a ter mais o próprio projeto. Não, eu vou por aqui; não eu vou por ali...Tudo isto é uma característica da perda de inocência."

H4-Issso, --estava se falando sobre ex-maridos e pensões--, me faz pensar sobre as escolhas que as pessoas fazem, que eu faço, que todo mundo faz, que é o seguinte. A gente tem que pensar no marido que vai ter e a gente tem que pensar no ex-marido que vai ter. Isso me faz pensar no seguinte: Porque que a gente quer se iludir tanto? Onde é que está essa desilusão que vem depois? Muitas pessoas, tanto homens como mulheres mais velhos, chega num ponto que estão completamente desiludidos. Isso me lembra muito aquele personagem lá, que estava super apaixonado por ela, a Bety Faria. Ela diz o seguinte: -a gente passa tantos anos querendo ouvir alguém dizer -eu te amo -, e quando a gente ouve, a gente já perdeu as esperanças. E aí entra uma pergunta fundamental: qual é a expectativa que as pessoas tem?"

O homem moderno está cada dia mais, desmitificando a existência da relação sexual. Não acredita mais na complementariedade entre os dois sexos.

De certa maneira está se dirigindo ou espontaneamente , ou quiçá pela influência da psicanálise, para o caminho indicado por Freud , o da desmitificação . Freud nos confidenciou sobre sua ilusão : que a ciência da psicanálise ajudara a varrer com as ilusões. Consideramos que Freud foi um precursor das idéias contemporâneas neste sentido.

Para o homem moderno cada vez mais, é difícil entrar numa relação de compromisso porque não mais acredita nela, nas condições que a sociedade impõe para a família sobreviver. Cada vez acredita menos na convivência, e na criação de filhos . Olha cada vez mais para seus desejos pessoais, de uma maneira egoísta.

Eis aqui a ética do desejo levada a suas últimas consequências ,isto é, sem levar em consideração o amor ao próximo, como Freud desde seu humanitarismo fez.

Os homens e as mulheres vivem esta situação de uma maneira diferente. As mulheres vivem esta situação com dificuldade, tendo que se debater com os valores antigos , de felicidade ligada ao amor e com préconceitos moralistas do passado .As mulheres não se autodenominam "galinhas" , porque de um modo geral, não agem poligamicamente por opção mas por carência .

O exercício da poligamia na mulher não está bem visto por elas, por não ser bem visto pela sociedade. Elas não se acham "galinhas". Os homens sim, podem autodenominar-se "galinhas" , porque isto "acrescenta ao ego", como diz uma das entrevistadas. A sociedade brasileira , ao mesmo tempo que muito machista , já deixou de ser paternalista , protetora com as mulheres.

Enquanto as mulheres , ao ser denominadas de "galinhas", perdem valor socialmente ; os homens , os ganham.

O amor-paixão nas entrevistas , é discutido como um bem prezado ao qual se quer chegar. Ainda nos casos em que as pessoas se declaram poligâmicas, e seu discurso aparece claramente como de dupla moral , o amor aparece como uma justificativa para a poligamia. A ilusão do amor ainda existe , tanto entre homens e mulheres. Este valor está fortemente enraizado, seja de verdade ou para ser utilizado como álibi. Nestes casos mais que de amor livre, poderia se falar em cinismo.

O amor-Eros está sendo muito mais valorizado entre as mulheres.

6. CONCLUSÕES.

Partimos em nosso trabalho de uma indagação. A erótica contemporânea, possuirá uma ética e uma estética? Ou se tratará apenas de comportamentos amorais, antiéticos e sem ordem estética alguma?

Ao longo de nosso estudo, constatamos que alguns autores --entre eles Rougemont, Lasch, Almeida-- qualificam negativamente a vida erótica moderna e contemporânea isto é, como sendo uma onda de amoralismo, desordem e subversão em relação aos valores "naturais", que vem destruir a vida familiar e a sociedade como um todo.

Lacan, no Livro sobre a Ética, dos seus Seminários, chama a atenção para o fato de "que a psicanálise poderia parecer na ordem ética 'a primeira vista'" (Lacan, Ética, 59-60, 112). Isto é, a busca de uma moral natural, o que ele denomina da dimensão da pastoral, elemento que estaria sempre presente na civilização. Esta busca de uma moral natural consiste em apostar numa maturação das pulsões, que levaria a um natural equilíbrio normativo com o mundo e "a confluência das pulsões parciais sob a hegemonia dos instintos genitais, a serviço da reprodução. É o que Lacan denomina a "relação genital". O indivíduo estaria a partir da adolescência, "a disposição da espécie". Acrescenta o autor:

"A dimensão da pastoral nunca está ausente da civilização e nunca deixa de se oferecer como um recurso a seu mal-estar". (Lacan, 59-60, 113). Mas algo resiste a ser assimilado a essa dimensão, segundo o autor, e é disso que trata a ética da psicanálise. E esse algo que resiste é da ordem da pulsão de morte, do querer sempre retornar a "das Ding".

A ética da psicanálise, que guia nosso trabalho, nos ensina que "a única coisa da qual se possa ser culpado, pelo menos na perspectiva psicanalítica é de ter cedido de seu desejo" (Lacan, 1959-60, 382). Daquele desejo inconsciente, que está ancorado na inscrição do gozo primevo e que vai se encaminhando a partir deste, "a procura da repetição do mesmo. O ser humano está "a busca não de uma pista, mas de seu próprio rastro. É pela Lei moral que se faz presente "a Coisa", nos diz Lacan (Lacan, 1959-60). E é por isso, que a erótica é um caminho que a ele nos conduz, já que vai tentar sempre ir além dessa Lei, afim de repetir o gozo primevo perdido para sempre.

A erótica se funda, quando o ser humano tenta transgredir a Lei Moral, tenta ir mais além dela. A erótica se constitui junto com o ser humano, e é constituinte deste, já que desde o início, o ser humano é ético. Está colocado em um conflito desta ordem, desde que nasce, e condenado a um mal-estar, produto de seu afastamento da ordem animal, para a desordem humana. Os caminhos que percorrerá, em sua vida erótica "a procura do objeto perdido, nos objetos existentes de fato na realidade externa, estarão guiados por uma ética. O percurso guiado por uma ética, afim de transgredir a Lei e achar finalmente o objeto que lhe deu gozo, e do qual está proibido para sempre, é o que denominamos em psicanálise de erótica.

A vida erótica, então, se rege por uma ética. É isto que nos propomos provar quando nos fizemos o desafio de demonstrar que a erótica contemporânea possui uma ética --e por conseguinte uma estética.

Consideramos que Freud ao desejar uma sociedade que levasse mais em consideração as singularidades dos indivíduos, estava prevendo de certa maneira os rumos que esta tomaria, e ao mesmo tempo empurrando-a nesse

sentido. (Freud, "Moral sexual civilizada", 1908). Numa sociedade mais liberal, as diferentes estruturas psíquicas seriam respeitadas.

Estariamos entrando, então numa nova fase da história da Moral Social. Numa etapa mais tolerante para com as diferenças, que permitiu o surgimento da erótica própria de nosso tempo.

Consideramos que a erótica contemporânea é decorrente de pelo menos dois grandes fatores de mudança: o individualismo e a liberação sexual da mulher. Estes fatores provocaram uma virada da erótica aparentemente semi-retorno: a introdução do amor-Paixão e do amor-Eros nos relacionamentos, de maneira intensa, o que trouxe a necessidade de se pôr distâncias em vários níveis.

Por outro lado, assistimos o ingresso da mulher com seu desejo no campo da erótica. Se a erótica dos gregos dizia respeito ao caminho que o desejo dos homens devia seguir e a erótica do casamento burguês dizia respeito ao desejo dos dois sexos, mas de forma discriminatória em relação à mulher, podemos dizer, que pela primeira vez na história, se apresenta uma erótica que diz respeito tanto ao desejo do homem quanto ao desejo da mulher. Se bem que existam discriminações próprias às influências das tradições, concluímos que estamos entrando num terreno absolutamente novo no que se refere à erótica.

Por outro lado, constatamos que, a erótica contemporânea está regida hegemonicamente, pelo menos no que se refere aos grupos de elite intelectual, que são os grandes veículos dos valores dos meios de comunicação, por uma ética do desejo, tanto para os homens quanto para as mulheres.

Em que consiste essa nova erótica regida pela ética do desejo?

A nível da ética, fundamentalmente numa desmitificação , numa queda de antigas ilusões que durante séculos permearam a vida erótica: desmitificação sobre a existência da relação sexual e da possibilidade da complementação entre os sexos. Trata-se de uma queda das barreiras colocadas ao gozo. Continuam existindo as barreiras instituídas pela espécie, mas aquelas que dizem respeito às exigências morais da sociedade estão se transformando e se tornando cada vez mais conscientes. As barreiras do Bem e da Beleza, também estão sendo questionadas, por exemplo quando uma das entrevistadas diz que tem medo dos homens , mas isso não lhe impede de ir adiante na relação. Este aproximar-se do mal que nos habita, é uma característica da ética regida pelo desejo. Ela não procura apenas o bem-estar, e o conforto, mas a verdade do desejo inconsciente. A Beleza da mulher , ou do homem, ou da situação da relação , não é tão levada em consideração. A estética muda , a sua função ética , não.

A "mulher", como objeto sexual, começa a apresentar novos traços que seduzem e alguns que possuía, perdem valor. A beleza continua tendo importância , mas na dependência da inteligência, da experiência sexual, da experiência de vida, da possibilidade de autonomia e ainda, da capacidade de sedução. A ingenuidade, a ignorância, a virgindade, a dependência ou sujeição, atributos tão prezados na mulher de antigamente, passaram a ser menos prezados.

O "homem" passa a perder como sedutor, traços excessivamente masculinos expressados até por meio de um machismo. Este fato que antes era bem apreciado, agora é um fator negativo. Espera-se que o homem tenha alguma sensibilidade, companheirismo, lealdade, para melhor entender a mulher. Estes atributos sempre foram considerados femininos. Aceita-se melhor, de um modo

geral que ambos possuam aspectos femininos e masculinos. Estes novos padrões implicam uma melhor aceitação da disposição própria a todos os seres humanos, no sentido de uma bissexualidade.

Em relação ao momento de aproximação, assistimos a uma erótica desenfreiada. Há um desregramento --próprio do ser humano-- uma situação imprevisível, onde o jogo de poder-saber está intensamente presente. Destes primeiros encontros se espera que sejam intensos, seja pelo lado do amor-Paixão, seja pelo lado do amor-Eros, nem que isto vá em detrimento da continuidade ou da duração da relação. Este primeiro momento está regido pelo mecanismo da "Verleugnung", em que os dois sabem que não estão --a mulher, que quer conhecer mais o homem; o homem, que só está afim de uma relação sexual, por exemplo-- dizendo qual é o próprio jogo, suas intenções. Ambos se dirigem aceleradamente para o encontro com esse próximo que se apresenta no lugar do objeto perdido e que se representa um mal, espelho do mal que me habita. Nesta fase os sujeitos se aproximam do gozo, e isso vale por si, mesmo que a relação não continue.

Depois de tanta intensidade, o medo se faz consciente e na segunda fase, se dá uma reversão, depois de se ter atingido o gozo. Utilizam-se todas as técnicas eróticas possíveis, para manter as distâncias e esfriar o fogo produzido nesse encontro. Desta forma tenta-se garantir a manutenção do desejo. Joga-se com as distâncias, como vimos, a nível do tempo, da distribuição do mesmo, da geografia, dos espaços sexuais e psíquicos. As técnicas desta segunda fase são de retenção e suspensão do desejo, enquanto que as da primeira eram de

transgressão. Estão ligadas à consciência cada vez maior que o ser humano adquire em relação ao medo que sente do seu próximo.

O regísto que predomina é o simbólico. Seria o oposto ao que acontecia no amor cortês, em que as suspensões do desejo se davam antes do ato sexual. As pessoas se casavam com seres escolhidos pelas famílias. O desejo do indivíduo e seu gozo não eram tomados em consideração.

A erótica contemporânea ao esgotar nos primeiros momentos todos os recursos, ao transgredir a Lei, leva a uma queda das ilusões.

As ilusões oferecidas pela sociedade, não são mais aceitas incondicionalmente, e as barreiras ao gozo caem.

No que diz respeito à instalação de um relacionamento, houve um questionamento radical em relação aos comportamentos sexuais como tendo que alcançar determinados fins, como o casamento e a formação da família à serviço da espécie e da sociedade, com as conseqüentes exigências económicas. Houve uma derrubada do ideal da monogamia, isto é, da busca de um único objeto sexual, como podendo complementar o outro sexo. A crença sistemática na síntese das correntes sensual e de ternura sobre um único objeto, que se veiculava só para as mulheres, já que para os homens vigorava a dupla moral, foi por ela também questionado. E, por conseguinte, se abriu mais o jogo da dupla moral do homem, sendo assumido muitas vezes na forma de poligamia, tanto para homens como para mulheres, mesmo que guardando suas características próprias.

Antes da espécie com suas necessidades, antes da sociedade com suas exigências, antes da família com seus mandamentos, antes do casal com seus compromissos e proibições, antes de tudo isso está o sujeito, frente à frente

com seus desejos inconscientes. E desta vez este sujeito está representado pelos dois tipos de humanos que somos: o dito homem e a dita mulher.

Trata-se sem dúvida de uma verdadeira revirada, de uma revolução revolução da vida erótica, via a erótica que a rege.

A partir do momento em que o que conta é o desejo do sujeito, de cada um, os valores predominantes passam a ser a privacidade, a liberdade individual, o respeito, a razão, a consciencia de que a ilusão oferecida pela sociedade é um caminho errado a fidelidade consigo próprio, a lealdade em relação com os próprios desejos, o respeito dos tempos e dos espaços próprios, a nível de intimidade, de amizades e de espaços sociais. Tudo isto em detrimento do compromisso com um outro, da fidelidade de sentimentos ou sexual com o outro, da partilha dos tempos e espaços, a duração da relação, do compromisso, do compartilhar amigos e espaços sociais, do companheirismo próprio dos anos 60.

Para alcançar isto, é necessário que se veiculem outras formas de relacionamento, outras estruturas ficcionais do desejo. Daí vemos surgir o casamento moderno com ou sem co-habitação, a poligamia, a monogamia seguida de separações e retornos ao mesmo par, namoros telefônicos, e outros. A tragédia está presente entre tantas formas co-existentes e variadas, permeando a estética da erótica contemporânea.

As técnicas utilizadas são das mais variadas e os mecanismos psíquicos que predominam são a "Verleugnung" e a "Verdichtung".

A primeira faz de conta que a Lei não existe mesmo sabendo de sua existência. É própria da primeira fase.

A segunda é geradora de novos valores e nos parece estar à ordem do momento, especialmente do lado das mulheres. Consideramos o momento atual de uma

riqueza e capacidade regenerativa únicas , se comparado com outros momentos históricos. Mesmo havendo muita confusão, desespero, angústias e sofrimento, ou justamente por isso , concluímos que se trata de uma erótica arriscada , que não tem medo de se defrontar cara a cara com a morte, a procura do seu desejo e de sua estética, por mais mórbida que às vezes possa se nos apresentar. As propostas são por exemplo, a "grande troca", entre dois seres autônomos, de uma forma "amistosa" e "suplementar"(vide entrevistas).

A saída para a mulher é a de levar adiante o projeto desse excesso de gozo afim de transformá-lo em sublimações, produções culturais, em construir novos valores. Para isto , ela tem que preservar seu tempo, para crescer , e para fazer seus filhos crescerem com novos valores. O tempo dela é fundamental. Isto é algo do qual o homem nunca abriu mão e o que lhe permitiu se desenvolver.

Os tempos melhor distribuídos, produzem, ou melhor , podem produzir, interessantes resultados. O fato de a mulher estar menos disponível a torna mais desejável. Tiraria-a da situação de mãe, que segundo nos mostra Lacan, no Seminário 2, não passa de um retorno à natureza : " Eis aí a concepção que certas pessoas têm da intervenção própria da psicanálise naquilo que se denominam relações humanas , e que , ao se propagar por intermédio da mass-media , vai ensinando a cada um como comportar-se para que reine a paz em casa - que a mulher desempenhe o papel de mãe , e o homem de filho."(Lacan, 1954-55, 330).

A mulher , assumindo seu lado masculino , chamêmo-lo assim por enquanto, - esta questão requereria outra discussão bem complexa- sairia do papel de mãe, chata e controladora, próxima dos objetos mais primitivos e incestuosos, e por conseguinte perigosos. Como consequência, esta mulher mais

independente, com experiências próprias, com desejos assumidos, com seus tempos próprios, pode ter encontros enriquecedores com o homem - que não impliquem necessariamente em vínculos institucionalizados, que normalmente a conduzem aos caminhos naturais.

Não é mais tempo de crianças no sentido de sair "comprando" as ilusões vendidas pelos "fabricantes de formas ilusórias". Somos todos grandes, até para assumir nosso perverso polimorfo infantil. É o caminho da ciência indicado por Freud. Ele nos indica um caminho: o da ciência, para não cair na neurose, nem se deixar iludir pelo que a sociedade oferece pela via das ilusões e dos caminhos pré-fixados, seja da espécie, seja da moral social. Tentar encontrar as vias do desejo inconsciente com a bússola deste, é a proposta de Freud. Mas é bom ter presente que nem todo caminho que conduz pelas vias do desejo, é necessariamente um caminho do prazer e do alívio espiritual: "no fundo, é mais cómodo sujeitar-se ao interdito do que incorrer a castração". (Lacan, Sem. 7, 367). Pelo contrário, implica em altos custos e riscos, e nos conseqüentes sofrimentos.

Se a moral social fôr menos exigente, como Freud pretendia no seu texto de 1908, "Moral Sexual Civilizada" e se deixar as coisas fluírem mais soltas, tanto o homem como a mulher levarão a cabo suas repetições afim de conseguir uma elaboração, uma simbolização. É o que acontece numa sociedade em que a ética do desejo corre livre, em que os mecanismos perversos são valorizados. Freud os considerava uma maneira astuta de lidar com a realidade. Lacan, como mecanismos aprofundadores das paixões humanas.

As consequências são evidentes. Hoje a erótica não é um campo apenas de Mestres , nem apenas de Homens. Hoje homens e mulheres discutem as questões de igual para igual. As mulheres estão saindo da infância _dos não falantes_, para ingressar no mundo dos falantes , desejantes, éticos e eróticos humanos. O apelo é no sentido da mulher deixar de esperar que a simbolização provenha de deus encarnado no homem, e passar a se confrontar cientificamente com a realidade da Coisa e que o homem deixe de colocar a mulher , ou no lugar da deusa , ou no lugar do objeto , que finalmente seria o do falo. Os dois estão incompletos já que a relação sexual não existe. É a proposta de Freud em "Futuro de uma ilusão", para fazer com que o mal-estar se torne menor e a felicidade mais próxima.

A ética do desejo expressa os caminhos pelos quais o ser humano se envereda, os dos seus desejos, ao mesmo tempo se aproximando cada vez mais de suas incompletudes e "castrações" simbólicas. Tanto o dito homem , quanto a dita mulher.

Mesmo em situações como as de sedução perversa exercida por um dos parceiros, ou em situações de poligamia , ambos estariam se defrontando com seu desejo e se encaminhando para o terreno do simbólico, ainda que "quebrando a cabeça". Nessa condição, como vimos , tanto o homem , como a mulher, de nosso ponto de vista, estariam repetindo a operação de castração no outro, que não conseguiram realizar em si mesmos. Desta forma tentam processá-lo neles mesmos. Ninguém é poupado de nada. No dia a dia da clínica e nas entrevistas por nós efetuadas, nos defrontamos com pessoas que havendo abandonado os caminhos do Bem, do Conforto , do Belo, e tentando se desvencilhar das armadilhas das neuroses, estão à procura de caminhos

próprios que nos parecem de grande interesse, como um exemplo do que poderia ser a erótica contemporânea.

Qualquer via apresenta dificuldades, e o que a erótica pós-moderna traz, nos parece mais próximo da ética do desejo. Consideramos, por conseguinte, que vale a pena arriscar.

É claro que o caminho dos homens e das mulheres mostra-se diferente, mas em ambos os grupos percebemos o desejo de produzir mudanças verdadeiras.

O ser humano, está se colocando cada vez mais, no caminho de Antígona, entre duas mortes arriscando tudo de bom que haveria na Terra para saber de seus desejos que se encontram mais além, para desejar a Outra Coisa, para construir novos valores, e surgir de novo como um Ave Fénix das cinzas.

É necessário se tornar Antígona e morrer duas vezes: por aquilo que está fora dos espaços mundanos, terrestres, partindo para o espaço cósmico dos deuses, o mundo do símbolo, da produção de significantes, para a sublimação, se soltando de toda e qualquer amarra, para atingir o campo dos desejos. Este campo dos desejos, sabemos, está ligado como se fosse por uma âncora, ao gozo primevo. Como uma bússola interna este, o tal gozo, orienta o campo magnético dos desejos.

Acreditamos ter demonstrado em nossa tese de que a erótica possui sempre uma função ética, mesmo esta tendo mudado e por conseguinte se apresentando sob uma estética peculiar, isto é sob formas amorais ou desregradadas, como é o caso da erótica contemporânea.

A evolução da erótica nos deixa em princípio esperançosos, e pensamos que poderíamos responder a Lacan em suas duas questões:

Se interroga Lacan por que a análise não teria ido mais longe no sentido de pesquisar aquilo que se chama propriamente de uma erótica. Pensamos que enveredar-se por estes caminhos é tocar sem dúvida num dos pontos mais dolorosos da civilização contemporânea. O ser humano está tentando se repôr do golpe da queda dos últimos valores vigentes. É bastante difícil tocar em assuntos que mexem em todo mundo. Pelas entrevistas pudemos constatar coisas que na clínica fazem parte de nosso cotidiano: a sensação misturada de ter conseguido uma liberdade, mas ao mesmo tempo a constatação de os sofrimentos que isso representou. Ainda há muita confusão e ninguém sabe aonde se apoiar. Entre os próprios psicanalistas, vemos como é difícil às vezes saírem dos padrões éticos tradicionais para pularem no abismo do desconhecido. Pensamos que esta seria uma boa razão para explicar o por que esta pesquisa da erótica vai tão devagar.

A outra interrogação com que Lacan nos deixa, é relativa à evolução da erótica. Diz ele, em seu livro 7 sobre a ética, que certamente alguma coisa deverá permanecer aberta no que se refere ao ponto que ocupamos na evolução da erótica e do tratamento a fornecer à civilização e seu mal-estar. (Lacan, Semin.7, 25).

Segundo ele, psicanálise teria que desistir de trazer alguma novidade dentro do campo da ética já que a mesma não conseguiu originar uma nova perversão, apesar de todos os progressos. Mas a sua proposta foi a de chegar ao centro da questão do masoquismo moral. E chegou. No Seminário nomeado. E foi o que nos guiou nessa evolução da erótica, que sem dúvida atualmente se encontra mais perto do que nunca do masoquismo moral, do mal que nos habita, que está

objetivado no próximo que escolhermos a cada momento isto é, no campo da erótica.

Tentamos em nosso trabalho analisar o ponto que Lacan deixou em aberto no que diz respeito à evolução da erótica e ao tratamento a fornecer ao mal-estar da civilização. Pensamos que os caminhos em que a erótica contemporânea se envereda representam um tratamento por si próprio, que a sociedade está se fornecendo a si própria. O tratamento que Freud sugeriu no "Futuro de uma ilusão", de 1927, é o de abandonar as ilusões e tentar entender pelo caminho da ciência e do saber as verdadeiras razões civilizatórias das restrições a que somos condenados, para assim diminuir o mal-estar. Desta forma seria mais fácil aceitá-las. Com Lacan, se acrescenta a idéia de que além de aceitá-las, podemos ver até que ponto se faz necessário que estejam vigorando o tempo todo ou se, será possível, transgredí-las para atingir o gozo, a Outra Coisa, para criar a partir do nada. A erótica a isto se propõe: ir mais além da lei, da moral. A erótica contemporânea seria então, ela mesma, o tratamento para o mal-estar da sociedade a que Lacan se referia.

As conclusões foram difíceis de aceitar. Tudo se encaminha para a desistência das formas ilusórias e, cada vez mais, a responsabilidade pela própria felicidade está em cada um e com todos os riscos.

Fica como interrogante, como irá se comportar a erótica num futuro e como irão se sentir nossos filhos. Oxalá, possam dizer um dia, como nós dizemos hoje que, apesar de tudo, estamos melhor que nossos pais e mães, porque mais próximos de nosso desejo.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

- ALMEIDA, H.-"Dicionário de Termos Eróticos e afins", Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1961.
- ARIES, Ph.- " O amor no casamento" In: Sexualidades Ocidentais organizado por ARIES, Ph.e Beijin,A., Editora Brasiliense, São Paulo, 1982.
- ARISTOTELES.- " Ética a Nicômaco", In: Os Pensadores , São Paulo, 1979.
- AZEVEDO, Th. de.-"Namoro 'a Antiga:Tradição e Mudança", In:Velho G. e Figueira, S. coord. Família , Psicologia e Sociedade, 1981, Editora Campus, Rio de Janeiro, 1981.
- BOONS.M.C.-"Da Sedução entre os homens e as mulheres : uma abordagem lacaniana" In: Homem-Mulher,Coord. Poian,C. de, Livraria Taurus editora, Rio de Janeiro, 1987.
- BUARQUE DE HOLANDA, A.- "Novo Dicionário Aurélio, da língua portuguesa", Editora Nova Fronteira, 1986.
- BREUER,J.-"Considerações Teóricas",1893, In: E.S.B.Imago Editora,Vol. II Rio de Janeiro, 1969.
- COTTET,S.-"O paradoxo do gozo. Três seminários", Transcrição S., Salvador, 1989.
- D'ASSUNÇÃO ,D.-"O quadrinho erótico de Carlos Zéfiro",Impresso por Tavares e & Tristão,Rio de Janeiro, 1983.
- FREUD,S.- "Carta 52" in: "Extratos dos Documentos Dirigidos a Fliess",(1892-99),In:E.S.B. Imago Editora,Vol.I, Rio de Janeiro, 1969.
- FREUD,S.- "Projeto para uma psicologia científica", (1887-1902), In: E.S.B., Imago Editora,Vol.I, Rio de Janeiro,1969.
- FREUD,S.- "A Interpretação dos Sonhos",(1900),In: E.S.B.,Imago Editora, Rio de Janeiro, 1969.
- FREUD,S.- "Três Ensaio sobre a Teoria da Sexulidade",(1905),In: E.S.B.,Imago Editora, Vol.VII, Rio de Janeiro,1969.

- FREUD,S.- "Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna". (1908),In:E.S.B., Imago Editora,Vol.IX, Rio de Janeiro,1969.
- FREUD,S.- "Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens" (Contribuições à psicologia do amor I), (1910),E.S.B., Imago Editora,Vol.IX, Rio de Janeiro,1969.
- FREUD,S.- "Sobre a tendência Universal à Depreciação na Esfera do Amor" (Contribuições à psicologia do amor II),(1912), In: E.S.B.,Imago Editora,Vol.XII,Rio de Janeiro,1969.
- FREUD,S.-"O tabu da virgindade" (Contribuições à Psicologia do Amor III),(1918 [1917]),E.S.B.,Imago Editora,Vol.XI, Rio de Janeiro, 1969.
- FREUD,S.-"Formulações sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental", (1911). E.S.B. Imago Editora,Vol.XII, Rio de Janeiro, 1969.
- FREUD,S.-"A Dinâmica da Transferência" (1912), In:E.S.B., Imago editora, Vol.XII, Rio de Janeiro, 1969.
- FREUD,S.-"Totem e tabu",(1912), In: E.S.B., Imago Editora,Vol.XIII,Rio de Janeiro, 1969.
- FREUD, S.- "Observações sobre o amor Transferencial"(1915 [1914]), In:E.S.B., Imago editora, Vol.XII,Rio de Janeiro, 1969.
- FREUD,S.-"Sobre o Narcisismo: Uma Introdução"(1914), In:E.S.B., Imago Editora, Vol.XIV, Rio de Janeiro, 1969.
- FREUD, S.-"Os Instintos e suas Vicissitudes"(1915), In:E.S.B., Imago Editora,Vol.XIV, Rio de Janeiro, 1969.
- FREUD, S.-"A Repressão",(1915), In:E.S.B., Imago Editora, Vol XIV, Rio de Janeiro,1969.
- FREUD, S.-"O Inconsciente",(1915), In :E.S.B., Imago Editora, Vol.XIV, Rio de Janeiro, 1969.
- FREUD, S.-"Conferências Introdutórias à Psicanálise"(1916), In:E.S.B., Imago Editora, Vol.XVe XVI, Rio de Janeiro, 1969.

- FREUD,S.-"Uma Criança é Espancada- Uma contribuição ao estudo das Perversões Sexuais", (1919), In:E.S.B., Imago Editora, Rio de Janeiro, 1969.
- FREUD, S. -"Além do Princípio do Prazer", (1920), In:E.S.B., Imago editora,Vol.XVII, Rio de Janeiro, 1969, Vol.XVIII.
- FREUD,S.-"A Psicologia de Grupo e a Análise do ego", (1921), In E S B. Imago Editora,Vol.XVIII, Rio de Janeiro, 1969.
- FREUD,S:-"O Ego e o Id", (1923), In:E.S.B., Imago Editora,Vol.XIX, Rio de Janeiro, 1969.
- FREUD, S.-"Organização Genital infantil", (1923), In:E.S.B., Imago Editora,Vol.XIX, Rio de Janeiro, 1969.
- FREUD,S-"Neurose e Psicose",(1924), In:E.S.B., Imago Editora, Vol.XIX, Rio de Janeiro, 1969.
- FREUD, S. -"Dissolução do Complexo de Édipo", (1924), In:E.S.B., Imago Editora, Vol.XIX, Rio de Janeiro , 1969.
- FREUD,S.-" O Problema Econômico do Masoquismo", (1924), In:E.S.B., Imago Editora, Vol.XIX, Rio de Janeiro, 1969.
- FREUD,S."A Negativa"(1925), In:E.S.B.Imago Editora,Vol.XIX, Rio de Janeiro.
- FREUD,S.-"Inibições, Sintomas e Ansiedade", (1925), In:E.S.B., Imago Editora, Vol.XX, Rio de Janeiro, 1969.
- FREUD, S.-"O Futuro de uma Ilusão"(1927), In. E.S.B., Imago Editora,Vol. XXI, Rio de Janeiro, 1969.
- FREUD,S.-"O Humor",(1927), In:E.S.B., Imago Editora,Vol.XXI, Rio de Janeiro, 1969.
- FREUD, S.-"O Mal-Estar na Civilização",(1930),In:E.S.B., Imago Editora,Vol. XXI, Rio de Janeiro,1969.
- FREUD,S.-"Tipos Libidinais",(1931), In: E.S.B., Imago Editora,Vol.XXI, Rio de Janeiro, 1969.
- FREUD,S.-"Sexualidade Feminina",(1931), In:E.S.B., Imago Editora,Vol.XXI, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1969

- FREUD, S.-"Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise", (1933), In: E.S.B., Imago Editora, Vol. XXII, Rio de Janeiro, 1969.
- FREUD, S.-"Moisés e o Monotismo: Três Ensaio", In: E.S.B., Imago Editora, Vol. XXIII, Rio de Janeiro, 1969.
- FREUD, S.-"Esboço de Psicanálise", (1938), In: E.S.B., Imago Editora, Vol. XXIII, Rio de Janeiro, 1969.
- FREUD, S.-"Divisão do ego no processo de defesa", (1940), In: E.S.B., Imago Editora, Vol. XXIII, Rio de Janeiro, 1969.
- GARCIA MORENTE, M.- "Lecciones Preliminares de Filosofía", Editorial Losada, S.A., 1977.
- GRIMAL, P. citado In: PIETTE, F. e Duysinx, Fr.-"Dialogues", Dessain, H., Belgique, 1967.
- HYPOLITE, J.-"Comentário hablado sobre la Verneinung de Freud". In: Escritos 2, Siglo XXI, Buenos Aires, 1985.
- LACAN, J.-"El Tiempo lógico y el aserto de certidumbre anticipada. Un nuevo sofisma.", (1945), In: Escritos, Siglo XXI, Buenos Aires, 1985.
- LACAN, J.-"La Agresividad en Psicoanálisis", (1948), In: Escritos 1, Siglo XXI, Buenos Aires, 1985.
- LACAN, J.-"El Estadio del espejo como formador de la función del yo [*je*] tal como se nos revela en la experiencia psicoanálitica "(1949), In: Escritos 1, Siglo XXI, 1985.
- LACAN, J.-"Introdução al comentario de Jean Hyppolite sobre la *Verneinung* de Freud"(1954), In: Escritos 1, Siglo XXI, Buenos Aires, 1985.
- LACAN, J.-"Kant com Sade", (1963), In: Escritos 2, Siglo XXI, Buenos Aires, 1985.
- LACAN, J.-"O Seminário, Livro 1 : Os Escritos Técnicos de Freud", (1953-54), Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1986.
- LACAN, J.-"O Seminário, Livro 2 : O eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise"(1954-55), Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1986.

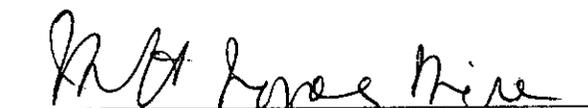
- LACAN, J.-"O Seminário, Livro 3 : As Psicoses", (1955-56), Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1986.
- LACAN, J.-"O Seminário, Livro 7: A Ética da Psicanálise", (1959-60), Jorge Editor Editor, Rio de Janeiro, 1986.
- LACAN, J.-"O Seminário, Livro 11: Os Quatro Conceitos fundamentais da Psicanálise", (1964), Jorge zahar Editor, 1986.
- LACAN, J.-"O Seminário , Livro 20: Mais, Ainda", (1972-73), Jorge Zahar Editor, 1986.
- LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.B.-"Vocabulário da Psicanálise", Editorial Labor, S.A , Buenos Aires, 1974
- LAPLANCHE, J.-"Vida e Morte em Psicanálise", Artes Médicas, Porto Alegre, 1985.
- LASCH, Ch.-"A Cultura do Narcisismo", Imago Editora Ltda., Rio de Janeiro, 1983.
- Poian, C.de.-"Homem-Mulher :Encontro possível?" In: Homem-Mulher, coord. Poian.
- ROUGEMONT, D- "O Amor e o Ocidente", Editora Guanabara, Rio de Janeiro, 1972.
- SOFOCLES.-"Antígona", Edições de Ouro, Coleção Universidade, Rio de Janeiro. 1968.
- VENTURA, Z.-" 1968, O ano que não terminou", Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1988.
- VIDAL, E.-"A questão do objeto no campo freudiano", in: O Objeto na Teoria e na Prática Psicanalítica, Editora Campus, Rio de Janeiro, 1984.
- Vital Brazil, H.-"As estruturas da Sublimação em Psicanálise", In:"Psicanálise e Religião" coord. Moura, J.C., Editora Vozes, Petrópolis, 1988.

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/R.J., fazendo parte da Banca Examinadora os seguintes professores:



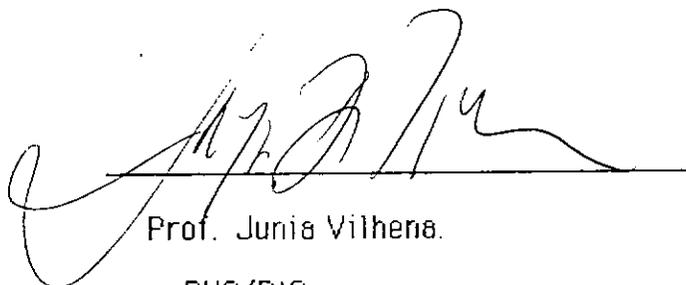
Dra. Circe Navarro Vital Brazil.

Prof. Orientadora. PUC/RIO.



Prof. Maria Helena Novaes Mira.

PUC/RIO.



Prof. Junia Vilhena.

PUC/RIO.

Visto e Permitida a impressão

Rio de Janeiro, 29 de abril de 1991.



Prof. Ana Maria Nicolacci-da-Costa.

Coordenador dos programas de Pós-Graduação do Centro de Teologia e Ciências Humanas